

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

GENIS ALVES PEREIRA DE LIMA

**OS COLÉGIOS POLIVALENTES NA DITADURA CIVIL-MILITAR COMO
MODELO DE EDUCAÇÃO: ESTUDO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL “ANTÔNIO
SOUZA MARTINS” DE ITUIUTABA-MG (1974-1983)**

**UBERLÂNDIA
2018**

GENIS ALVES PEREIRA DE LIMA

OS COLÉGIOS POLIVALENTES NA DITADURA CIVIL-MILITAR COMO MODELO
DE EDUCAÇÃO: ESTUDO SOBRE A ESCOLA ESTADUAL “ANTÔNIO SOUZA
MARTINS” DE ITUIUTABA-MG (1974-1983)

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade Federal de
Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Sauloéber
Társio de Souza

UBERLÂNDIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- L732c
2018
- Lima, Genis Alves Pereira de, 1975-
Os colégios polivalentes na ditadura civil-militar como modelo de educação : estudo sobre a Escola Estadual “Antônio Souza Martins” de Ituiutaba-MG (1974-1983) / Genis Alves Pereira de Lima. - 2018.
275 f. : il.
- Orientador: Sauloéber Társio de Souza.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.551>
Inclui bibliografia.
1. Educação - Teses. 2. Escola Estadual Antônio Souza Martins de Ituiutaba-MG - História - 1974-1983 - Teses. 3. Educação - História - 1974-1983 - Teses. 4. Ensino profissional - Triângulo Mineiro (MG) - Teses. I. Souza, Sauloéber Társio de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

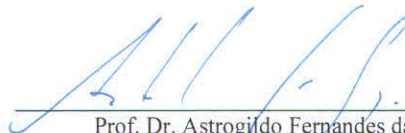
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sauloéber Tarsio de Souza
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dr. Wagner da Silva Teixeira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM



Prof. Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Júnior
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

A todos que acreditaram na sua concretização, dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em tudo.

A minha família, pela incondicional compreensão das horas em que estive ausente, ao incentivo e ajuda sempre concedidos.

Ao meu Orientador professor Dr. Sauloéber Társio de Souza, pelo apoio, confiança, incentivo e força disponibilizados no decorrer dessa caminhada, com certeza me ajudaram a prosseguir frente às minhas limitações. Obrigada de coração prof. Sauloéber, por sua dedicação e orientação em todos os momentos compartilhados deste trabalho!

Ao professor Dr. Astrogildo Fernandes Silva Júnior pela sua atenção desde a qualificação trazendo relevantes contribuições para o aprimoramento deste trabalho e ao professor Wagner da Silva Teixeira, que com certeza, igualmente irá acrescentar relevantes contribuições. Agradeço imensamente por terem aceito o convite em participarem desta Banca.

Aos colegas de caminhada deste processo de formação, amigos e em especial a minha amiga Talita Alves, companheira em todos os momentos e deste percurso! Obrigada de coração pelo apoio de sempre!!!

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a direção, coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFU/PPGED) que contribuíram para com o processo da concretização deste trabalho.

A todos caros entrevistados que muito dedicaram-se em relevantes contribuições para com este trabalho.

A todos os profissionais da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente de Ituiutaba, pelo apoio e acolhimento no decorrer deste processo.

O meu sincero agradecimento mediante o respeito, disponibilidade, apoio, incentivo e atenção dispensada por cada um!

“Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz,
De ser feliz.
Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir.”

(SATER; TEIXEIRA, 1992)

RESUMO

A importância em investigar os processos históricos, é compreendida como princípio direcionador e possibilitador de novos olhares sobre as estruturas da nossa sociedade atual, ao observarmos os modelos econômicos, políticos e sociais pautados em relações sociais em contextos remotos. Neste sentido, a proposta desse trabalho de pesquisa, é a história da Escola Estadual "Antônio Souza Martins" – o Polivalente, na cidade de Ituiutaba-MG, no período que abrange os anos de 1974 a 1983, o ponto de partida foi o contexto de sua criação legal, no período da ditadura civil-militar, sendo este um dos principais fatores para a implantação desse tipo de escola por todo o país. As Escolas Polivalentes surgiram em meio ao momento de difusão da vertente pedagógica tecnicista, a qual foi constituída com base nos acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, por meio das ações entre o MEC e a USAID (Ministério da Educação e Cultura/ United States Agency of International Development). Nesta perspectiva algumas questões foram surgindo tais como: que modelo de educação foi pensado para essas escolas? Quais as condições de criação da Escola Polivalente nesta cidade? Quem eram os atores sociais envolvidos nessa instituição e a que classe social se vinculavam? O que era prescrito em seus estatutos e o que foi praticado no cotidiano das pessoas dessa instituição? Neste intuito, o trabalho visou reflexões dos processos históricos advindos do recorte temporal, eventos esses que deixaram marcas profundas em nossa sociedade, na vida dos atores que participaram das vivências no espaço escolar investigado, na valorização da identidade da instituição, enquanto provedora de educação entendida de “qualidade” para a época. Também ressaltamos a importância da temática no campo da história da educação de nosso país e da região, uma vez que muito pouco se escreveu sobre as Escolas Polivalentes, e, em especial, no Triângulo Mineiro. Metodologicamente pautou-se pela revisão bibliográfica sobre a temática, pelas pesquisas documentais e iconográficas e também pelo uso de entrevistas com ex-diretor, alunos, professores e funcionários que tiveram participação em meio as experiências adquiridas no interior da referida instituição de ensino. Concluiu-se que a Escola Polivalente foi implantada frente ao momento de desenvolvimento e crescimento industrial econômico do município. A expectativa da instalação da Escola foi vislumbrada por meios de comunicação como a imprensa local e rádio. À frente da direção escolar esteve o diretor com concepção e formação freireana de Educação, o qual buscou efetivar ações voltadas para uma formação humanística no intuito de uma escola comunitária; a escola recebeu alunos e alunas de distintas classes sociais. Através dos relatos dos atores, percebemos que a formação propiciada concomitantemente ao ensino regular e vocacional profissionalizante não se limitou a promover a formação voltada para atender a necessidade de mão de obra especializada para a indústria, uma das intenções desse modelo de escola implantada no país, mas efetivou práticas de ensino que contribuíram para a continuidade dos estudos de boa parte dos ex-alunos e alunas desta instituição.

Palavras-Chave: Instituições Escolares. Regime Militar. Ensino Profissionalizante. Triângulo Mineiro.

ABSTRACT

The importance in investigating historical processes, is understood as a driving principle and enabler of new perspectives on the structures of our society today, when you look at the economic, political and social models based on social relations in remote settings. In this sense, the proposal of this research paper, is the story of the State school "Antonio Souza Martins"-Polivalente, in the city of Ituiutaba-MG, in the period between 1974 to 1983, the starting point was the context of its creation, legal civil-military dictatorship, this being one of the main factors for the implementation of this type of school around the country. Multipurpose schools appeared in the moment of dissemination of pedagogical technical aspect, which was constituted on the basis of agreements between Brazil and the United States, by means of actions between the MEC and the USAID (Ministério da Educação e Cultura/ United States Agency of International Development). With this in mind some questions arose such as: what model of education was thought to these schools? What are the conditions of creation of Multipurpose School in this town? Who were the social actors involved in this institution and that social class bound? What was prescribed in their statutes and what was practiced in the everyday life of the people of this institution? To this end, the work aimed to reflections of historical processes arising from the temporal, those events that have left deep scars in our society, in the lives of the actors who participated in the experiences in the school space investigated, in appreciation of the institution's identity, as provider of education understood in "quality" for the season. We also stress the importance of the subject in the field of history of education of our country and of the region, since very little is written about the multipurpose schools, and, in particular, in the Triângulo Mineiro. Methodologically was by literature review on the topic, the documentary and iconographic research and also by the use of interviews with former directors, students, teachers and staff who had participated in the experience gained in the educational institution mentioned. It was concluded that the Polivalente School was implanted before the moment of development and economic industrial growth of the municipality. The expectation of the installation of the School was glimpsed by means of communication such as the local press and radio. At the head of the school management was the director with Freirean conception and formation of Education, which sought to carry out actions aimed at a humanistic formation for the purpose of a community school; the school received students from different social classes. Through the reports of the actors, we realized that the training offered concurrently with regular and vocational education was not limited to promoting training aimed at meeting the need of specialized labor for the industry, one of the intentions of this model of school implemented in the country, but carried out teaching practices that contributed to the continuity of the studies of a good part of the alumni of this institution.

Keywords: Educational Institutions. The Military Regime. Vocational Education. Triângulo Mineiro.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Assuntos referentes aos Acordos MEC/USAID e às Escolas Polivalentes	23
QUADRO 2	Perfil de formação dos ex- professores (as) e ex-diretor da Escola Polivalente	33
QUADRO 3	Perfil dos ex-alunos e ex-alunas da Escola Polivalente	35
QUADRO 4	Perfil dos ex-funcionários da Escola Polivalente e do ex-prefeito	36
QUADRO 5	Escolas urbanas de Ituiutaba (1900-1940)	74
QUADRO 6	Ano de criação das escolas públicas até a década de 1970 em Ituiutaba-MG	76
QUADRO 7	Relação geral do número de Posse dos profissionais da Escola Polivalente de acordo com o livro de Posse e Exercício verificado por sexo (1976-1985)	108
QUADRO 8	Grade Curricular das disciplinas que compunham o ensino de 1º Grau da Escola Polivalente	211
QUADRO 9	Disciplinas de 5ª a 8ª séries da Escola Polivalente	221

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Mapa das Mesorregiões do Estado de Minas Gerais	61
FIGURA 2	Relação das Escolas Polivalentes das 3ª e 4ª etapas em Minas Gerais	65
FIGURA 3	Mapa da cidade de Ituiutaba	69
FIGURA 4	Notícia sobre a conclusão do prédio do Polivalente	87
FIGURA 5	Notícia sobre a inauguração do Polivalente	88
FIGURA 6	Notícia sobre inscrições no Polivalente	90
FIGURA 7	Termo de entrega e recebimento das chaves da Escola Polivalente de Ituiutaba	93
FIGURA 8	Notícia sobre o Centenário de “Antônio Souza Martins”	95
FIGURA 9	Classificação das Escolas Estaduais	97
FIGURA 10	Calendário Escolar da Escola Polivalente	98
FIGURA 11	Desenho da planta da Escola Polivalente	114
FIGURA 12	Desenho da planta do espaço interior da Escola Polivalente	116
FIGURA 13	Manual de Equipamento da Escola Polivalente	118
FIGURA 14	Manual de Equipamento da Escola Polivalente com itens específicos	119
FIGURA 15	Termo de Exame e Recebimento do Mobiliário da Escola Polivalente (capa)	120
FIGURA 16	Termo de Exame e Recebimento do Mobiliário da Escola Polivalente	121
FIGURA 17	Listagem dos setores e Mobiliários da Escola Polivalente	123
FIGURA 18	Máquina de datilografia	125
FIGURA 19	Maca	125
FIGURA 20	Armário com materiais do Laboratório de Ciências	126
FIGURA 21	Notícia sobre as vagas para inscrições no Polivalente	131
FIGURA 22	Diretor da Escola Polivalente	132
FIGURA 23	Atividades desenvolvidas na Escola Polivalente	135
FIGURA 24	Rascunho da síntese escrita pelo ex-diretor	139
FIGURA 25	Notícia sobre o salário e o Curso de Curta Duração para Escolas Polivalentes	150
FIGURA 26	Diploma do Curso de Licenciatura em Artes Práticas, UFMG/PREMEN	152
FIGURA 27	Professores, alunos e comunidade da Escola Polivalente	155
FIGURA 28	Alunos em aula de Jardinagem em Práticas Agrícolas	166
FIGURA 29	Escrita sobre o Polivalente	170
FIGURA 30	Banco com entalhe em madeira	174
FIGURA 31	Alunos em apresentação de trabalhos	175
FIGURA 32	Alunas da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente	177

FIGURA 33	Troféu: Honra ao Mérito. 1º J. E. I. 76. Campeão Futebol de Salão Infanto Juvenil	193
FIGURA 34	Alunos em apresentação de trabalhos	196
FIGURA 35	Troféu: 2º lugar 1ª Feira Micro Regional de Ciências de Ituiutaba	197
FIGURA 36	Troféu: 3º Convívio 79. Polivalente. Campeão Fut. de Grama. Oferta Casas Pernambucanas	199
FIGURA 37	Alunos na Pista de Atletismo	200
FIGURA 38	Organograma da Escola Polivalente	216
FIGURA 39	Conteúdos de Português da 5ª série da Escola Polivalente	222
FIGURA 40	Número de alunos da 5ª série da Escola Polivalente	223
FIGURA 41	Conteúdos da disciplina de Artes Industriais da 6ª série da Escola Polivalente	224
FIGURA 42	Encerramento do semestre de Artes Industriais da 6ª série da Escola Polivalente	225
FIGURA 43	Conteúdos e números de alunos da disciplina de Ciências da 7ª série da Escola Polivalente	226
FIGURA 44	Conteúdos da disciplina de Matemática da 8ª série da Escola Polivalente	227
FIGURA 45	Bilhete de pai de aluno da 8ª série da Escola Polivalente	228
FIGURA 46	Professora em ambiente de aula com alunos da Escola Polivalente	229
FIGURA 47	Anotações da professora no Diário de Classe de Educação para o Lar	230
FIGURA 48	Listagem de conteúdos de materiais MEC/PREMEN	233
FIGURA 49	Evento esportivo na quadra da Escola Polivalente	242
FIGURA 50	Troféu: 1º FEETOLI 1º lugar	244
FIGURA 51	Festa Junina na Escola Polivalente	245
FIGURA 52	Alunos em Desfile da Escola Polivalente	246
FIGURA 53	Alunos em Fanfarra da Escola Polivalente	247

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Quantidade de salas/alunos por série/ano (Polivalente 1975-1981)	100
GRÁFICO 2	Quantidade de alunos por série/sexo. (Polivalente 1975-1981)	103
GRÁFICO 3	Total de aprovação/reprovação por série/ano (1975-1981)	104
GRÁFICO 4	Quantidade de alunos desistentes/transferidos (1975-1981)	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
AI-5	Ato Institucional número cinco
ALN	Aliança Libertadora Nacional
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
CBAI	Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisa Educacionais
CEE	Conselho Estadual de Educação
CFE	Conselho Federal de Educação
CIAP	Comitê Interamericano da Carta de Aliança para o Progresso
COCAP	Comissão Coordenadora da Aliança para o Progresso
CPC	Centro Popular de Cultura
CR\$	Cruzeiro Real
CRPE	Centro Regional de Pesquisa Educacionais
CTPGOT	Centro de Treinamento de Professores para o Ginásio Orientado para Trabalho
DES	Diretoria do Ensino Secundário
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPEM	Equipe de Planejamento do Ensino Médio
ESG	Escola Superior de Guerra
GOTs	Ginásios Orientados para o Trabalho
GPEs	Ginásios Polivalentes
GT	Grupo de Trabalho
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
JK	Juscelino Kubistchek
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação a Ciência e a Cultura
PIB	Produto Interno Bruto
PREMEM	Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio
PREMEN	Programa de Expansão do Ensino
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SEEMG	Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
USAID	United States Agency for International Development (Agência Norte-americana de Desenvolvimento)
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 A IMPLANTAÇÃO DOS POLIVALENTES NO BRASIL: DO GERAL AO PARTICULAR.....	38
2.1 A Política de criação dos Polivalentes no Brasil.....	39
2.1.2 A influência da Pedagogia Tecnicista no Brasil.....	48
2.2 Os Colégios Polivalentes em Minas Gerais e no Triângulo Mineiro	59
2.3 A implantação da educação técnico-profissionalizante em Ituiutaba-MG.....	68
3 A TRAJETÓRIA INICIAL DO COLÉGIO POLIVALENTE DE ITUIUTABA	85
3.1 Etapas do Colégio: a implantação	85
3.2 O Polivalente em números: discentes, docentes e funcionários	99
3.2.1 Discentes.....	99
3.2.1.2 Docentes e Funcionários.....	107
3.3 A estrutura física: arquitetura em questão	110
3.3.1 O Mobiliário	118
4 MEMÓRIAS DA ESCOLA POLIVALENTE: SUJEITOS HISTÓRICOS	129
4.1 Memórias dos Sujeitos Históricos	129
4.1.2 Diretor.....	130
4.2 Docentes	143
4.2.1 Formação inicial e continuada: percurso docente na Escola Polivalente	143
4.3 A Prática docente e suas nuances	155
4.3.1 Condições de trabalho na escola: entre a infraestrutura e o desempenho das atividades docentes	156
4.3.1.2 Concepção de gestão escolar	161
4.4 A origem socioeconômica dos alunos da Escola Polivalente.....	164
4.4.1 Práticas de ensino e aprendizagem: desvelando memórias docentes	165
4.5 Discentes.....	177
4.5.1 Processo de entrada na Escola Polivalente	179
4.5.1.2 Entre o ensino regular e vocacional profissionalizante: considerações discentes	182
4.6 Dificuldades e apreciações no ensino sob diferentes interpretações	191
4.6.1 Concepção de ensino: considerações do processo formativo vivenciado no Polivalente	201
5 O CONTEXTO ORGANIZACIONAL DA ESCOLA POLIVALENTE: AS INTER-RELAÇÕES ENVOLVIDAS.....	206

5.1 O Currículo e suas dimensões pedagógicas.....	206
5.1.2 O currículo no Polivalente.....	208
5.2 Materiais na prática docente.....	220
5.2.1 Diários de Classe.....	220
5.2.1.2 Materiais didáticos recebidos pelo convênio MEC/PREMEN.....	231
5.3 Avaliação.....	235
5.4 Eventos.....	241
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	249
REFERÊNCIAS.....	255
APÊNDICE A – Tabela geral de alunos, aprovação/reprovação/desistentes/transferidos (1975-1981) da Escola Polivalente.....	267
APÊNDICE B – Notas sobre a vida dos entrevistados.....	267
ANEXO A – Decreto nº 16.654, de outubro de 1974, de criação da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.....	271
ANEXO B – Roteiro de Entrevista-ex-professores (as).....	272
ANEXO C – Roteiro de Entrevista-ex-alunos (as).....	274

1 INTRODUÇÃO

I – A Delimitação da Pesquisa

Este trabalho decorre dos estudos advindos do período de formação inicial no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal - UFU/FACIP. O interesse no trabalho de investigação histórica surgiu a partir dos estudos realizados na graduação por meio das abordagens presentes na disciplina de História da Educação que levou ao desenvolvimento de pesquisa de Iniciação Científica, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e assim ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A presente pesquisa intitula-se “Os Colégios Polivalentes na ditadura civil-militar como modelo de educação: estudo sobre a Escola Estadual “Antônio Souza Martins” de Ituiutaba-MG (1974-1983)” e tem como motivação o fato de termos estudado nessa escola em nossa juventude, contudo, em período posterior ao de nossa pesquisa, o que também fomentou o interesse pela investigação acadêmica de tal objeto.

A opção pelo termo ditadura civil-militar respalda-se à nossa consideração que este designa o período governamental brasileiro, sob a articulação de militares e parte de segmentos da sociedade civil que controlaram a esfera dos poderes executivo, judiciário e legislativo. A adjetivação “civil-militar” compreende a visão da ditadura instaurada com o apoio de segmentos civis que estavam diretamente ligados às relações de poder e controle atreladas aos seus interesses quais sejam políticos, sociais e econômicos.

Nesta perspectiva, nos apoiamos em alguns autores que discutem o processo ocorrido no período da ditadura brasileira instaurada em 1964 e que defendem a ideia de que a ditadura não foi apenas uma ditadura militar, mas uma ditadura civil-militar a partir das relações que antes ao golpe envolveram a participação direta de parte da sociedade civil com os militares. Não temos a intenção aqui de aprofundarmos a discussão que envolve tais abordagens relativas ao termo “civil-militar”, mas de uma breve reflexão à relevante importância ao que envolve a consideração e utilização desse adjetivo.

Ressaltamos a discussão feita pelo historiador Demian Bezerra de Melo “Ditadura “Civil-Militar”: controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente” (2012), na qual o autor trata sobre a compreensão e abrangência do emprego do termo “civil-militar”. Segundo ele, a partir da constatação de que tanto na operação do golpe de Estado quanto no decorrer da ditadura, houve a participação

ativa de setores não fardados em posições relevantes, tem-se a ideia como busca da definição para esse processo em utilizar o referido termo. Conforme Melo (2012, p. 1):

“Golpe civil-militar”; “ditadura civil-militar”. O termo “civil-militar” foi apresentado pela historiografia como forma mais precisa para adjetivar o golpe de 1964 e do regime que lhe seguiu. Ao contrário de uma mera ação das Forças Armadas, tal adjetivo visa lembrar que também parte dos civis apoiou o golpe e participou da condução do processo político entre abril de 1964 até 1985, quando a maior parte da historiografia localiza o fim daquela ditadura.

O historiador e cientista político René Armand Dreifuss em sua obra “1964: A conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe” (1987), apresenta o estudo de sua tese que abrange dentre o vasto contexto político-social, as ações relativas ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), este sendo uma organização da sociedade civil, constituída em 1961.

De acordo com Melo (2012) essa organização foi constituída por setores empresariais, executivos de empresas e oficiais das Forças Armadas e desenvolveu uma intensa campanha de desestabilização do governo João Goulart de construção de um programa de poder, passando a atuar juntamente com outras já existentes como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), este desde sua fundação em 1959 tinha importante participação no processo político brasileiro.

Conforme a análise de Dreifuss (1987) ao discutir sobre a ação política no ano de instauração da ditadura civil-militar, a conquista do poder político pela elite orgânica não foi simplesmente um resultado de crise político-econômica do período e a imediata falência do regime, seguida de uma imediata queda do governo, “a quebra da convergência de classe vigente e a ruptura da forma populista de dominação foram alcançadas pelo bloco de poder multinacional e associado através do exercício de sua influência em todos os níveis políticos” (DREIFUSS, 1987, p. 229).

Segundo este autor, o período de ação desta classe organizada estendeu-se no decorrer dos anos de 1962 a 1964, o que politicamente significou uma mobilização conjuntural para o golpe, assim atingindo a estratégia converteu-se em política e por fim em ação militar. Dreifuss (1987, p. 230) afirma:

A ação da elite orgânica empresarial deve ser considerada como a praxe de um bloco burguês de poder, premeditada e cuidadosamente amadurecida durante vários anos. Trazendo à tona a dimensão orgânica e a dinâmica envolvidas (situação, posição e ação de classe), pode-se perceber e revelar a evidência histórica do emergente bloco de poder multinacional e associado forjando a sua própria forma de Estado. O que ocorreu em 1964 não foi um

golpe militar conspirativo, mas sim o resultado de uma campanha política, ideológica e militar travada pela elite orgânica centrada no complexo IPES/IBAD. Tal campanha culminou em abril de 1964 com a ação militar, que se fez necessária para derrubar o Executivo e conter daí para a frente a participação de massa.

Dreifuss (1987) ressalta para o fato de que o golpe de 1964 foi organizado a partir das relações entre setores dominantes com o objetivo de unir o então emergente bloco de poder em vista de um programa específico de modernização econômico e conservadorismo sócio-político, o que pode ser compreendida por uma parcela de segmentos civis da sociedade. O autor traz:

O IPES conseguiu estabelecer um sincronizado assalto à opinião pública, através de seu relacionamento especial com os mais importantes jornais, rádios e televisões nacionais, como: Os Diários Associados (poderosa rede de jornais, rádio e televisão de Assis Chateaubriand, por intermédio de Edmundo Monteiro, seu diretor-geral e líder do IPES), a Folha de São Paulo e o Jornal da Tarde (do Grupo Mesquita ligado ao IPES, que também possuía a prestigiosa Rádio Eldorado de São Paulo). [...] Entre os demais participantes da campanha incluíam-se J. Dantas, do Diário de Notícias, a TV Record e a TV Paulista, ligada ao IPES através do seu líder Paulo Barbosa Lessa, o ativista ipesiano Wilson Figueiredo do Jornal Brasil, O Correio do Povo, do Rio Grande do Sul e O Globo, das Organizações Globo do grupo Roberto Marinho, que também detinha o controle influente Rádio Globo, de alcance Nacional (DREIFUSS, 1987, p. 232).

Neste contexto, o autor menciona que outros jornais do país se puseram a serviço do IPES, como também este instituto mantinha o controle de alguns jornais de menor importância em todo o país.

O historiador ¹Daniel Aarão Reis Filho ao discutir sobre a “Ditadura Militar e Revolução Socialista no Brasil” (2010), traz que apesar da evidencia de que os militares foram os grandes protagonistas da ditadura, tendo sido neste período os cinco presidentes, generais, estes, no entanto, não foram os únicos a terem participação ativa.

Desse modo, Reis Filho (2010, p. 7) destaca sua consideração em vista da utilização do termo “civil-militar”, como afirma:

O que fica evidente aí é que o processo que levou à ditadura não foi um processo que apenas mobilizou os militares, ao contrário, foi um processo que articulou ativamente setores civis consideráveis, justificando-se a partir

¹ Também Aarão Reis Filho concorda com tal posicionamento e afirmou sobre o IPES: “Essa organização realmente foi muito eficiente, na primeira metade dos anos 60 até o golpe de 64. Após a vitória do golpe de 64, saíram dos quadros do Ipes dirigentes importantes que constituíram o primeiro e os sucessivos governos da ditadura. O Ipes elaborou então um projeto de modernização conservadora para o País, transmitido em folhetos e textos de agitação política, em filmes, e todo o tipo de material de propaganda”. (REIS FILHO, 2010, p. 6)

daí, chamar-se a ditadura de ditadura civil-militar, e não mais de ditadura militar, porque esse último nome acaba encobrindo, e fazendo esquecer, os civis que participaram do processo. [...] é que as lideranças civis que foram importantíssimas no período anterior ao golpe, preparando o golpe, e durante a ditadura, os grandes capitalistas deste país, que tiveram extraordinários lucros durante a ditadura, escaparam incólumes do processo, e esse termo ditadura militar encobre completamente a participação dessa gente toda no processo.

Assim, a pesquisa de Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso nos permitiu reflexões sobre a repercussão da implantação da Escola Polivalente em Ituiutaba no que se refere aos aspectos constitutivos e práticos que perpassaram sua criação no período da ditadura civil-militar. Como percebemos, esse modelo de escola teve dentre suas propostas, a de propiciar um maior número de indivíduos aptos para atuarem no mundo do trabalho, tal característica diretamente vinculada em prol do avanço e desenvolvimento econômico do país, que neste período visava o alcance de “Brasil Potência”. Tal objetivo seria alcançado em locais de destaque em desenvolvimento econômico, ou seja, em estados com municípios em desenvolvimento industrial e econômico, e como percebemos, Ituiutaba neste momento destacava-se pelo aumento do número de indústrias implantadas.

Deste modo, o cenário político naquele momento foi um fato marcante para a história dessa escola no município, o marco da criação revela um período em que o país estava em pleno desenvolvimento econômico e a região estava inserida nesse processo, o que foi fator importante para a escolha da criação de um Polivalente em Ituiutaba. O intuito em promover condições favoráveis ao mercado capitalista tinha como requisito a formação técnica e o investimento nesse modelo de escola.

Todavia, mediante a pesquisa e mais especificadamente através dos relatos dos entrevistados, foi visível a consideração de uma escola que buscou acima da formação voltada ao preparo técnico, um ensino de qualidade, onde as duas áreas de ensino- vocacional técnico e regular – integravam-se no interior da instituição.

Sob o desenvolvimento da pesquisa nos deparamos com uma história que nos instigou à busca de procura por saber mais sobre as Escolas Polivalentes, sobre como e em que condições elas surgiram e proporem um modelo diferenciado de ensino e aprendizagem abrangendo determinadas localidades brasileiras onde foram instaladas essas instituições educativas. Neste intuito a intenção em aprofundar o estudo sobre o presente objeto surgiu a partir de tais inquietações em vista do movimento perpassado por este modelo de escola em parte da sociedade brasileira e assim no município de Ituiutaba.

Nesse processo de pesquisa, as fontes jornalísticas foram utilizadas de forma complementar às outras fontes na interpretação dos fatos integrantes do período descrito já que não foi possível localizar nessas fontes muitas informações sobre a escola, mesmo assim, aquelas encontradas possibilitaram uma reflexão decorrente do cruzamento entre os relatos orais e os documentos levantados na instituição.

Sobre a fonte jornalística no município de Ituiutaba, Souza (2010) coordenou estudo sobre as representações do universo escolar veiculadas nos jornais ao longo dos anos de 1950 a 1960. As coleções consultadas constavam do acervo da Fundação Cultural Municipal de Ituiutaba, dentre estas o “Jornal Cidade de Ituiutaba”, de onde retiramos parte das reportagens utilizadas nessa pesquisa e que tratavam da Escola Polivalente.²

A pesquisa revelou que com exceção do Jornal “Município de Ituiutaba” mantido por órgão oficial do município, os demais pertenciam à iniciativa privada e viviam dos recursos obtidos pelos anunciantes e colaboradores. Segundo o autor, a partir das notícias veiculadas por estes jornais foi possível analisar algumas representações relativas ao universo escolar local, destacando-se o fato de que a expansão da rede escolar pública em Ituiutaba foi bastante acelerada entre os anos de 1950 e 1960. Referente a isso Souza (2010, p. 532) afirma:

Um dado que é marcante nesse trabalho, é a relação existente entre a realidade local e a nacional no que tange a criação e expansão de uma rede educacional pública. A fundação de novas escolas era apresentada com destaque pela imprensa, totalizando 58 notícias que em geral, eram publicadas associadas a imagem de alguma liderança política gerando prestígio a essas figuras públicas já que a população tinha expectativa de ter acesso à educação, e os empresários se preocupavam com a necessidade de formar mão-de-obra minimamente qualificada, fator que poderia entrar o desenvolvimento urbano e industrial.

Como demonstrado acima, os interesses políticos perpassavam os processos de criação das escolas públicas neste período, ou seja, havia um discurso nesse município que propunha o avanço da modernização local, e a implantação de mais escolas em Ituiutaba passou a fazer parte desse projeto desejado que almejava o *progresso*. Contudo, segundo o autor, apesar do destaque das notícias sobre a expansão da rede escolar pública ser bastante anunciadas pela imprensa, os jornais também denunciavam as precárias condições infraestruturais dessas escolas, embora tais críticas eram feitas com cautela.³

² As outras coleções de jornais consultadas na Fundação Cultural foram: “Gazeta de Ituiutaba (1949 a 1952); Folha de Ituiutaba (1952-1964); Correio do Pontal (1956-1959); Correio do Triângulo (1959-1965); Cidade de Ituiutaba (1966-1970) e Município de Ituiutaba (1967-1970)” (SOUZA, 2010, p. 531-532).

³ De acordo com Souza (2010) o número de jornais que circulou em Ituiutaba no decorrer do século XX, é cerca de duas dezenas; o surgimento, bem como a extinção destes e curtos períodos de existência, revelam além das

Outros aspectos devem ser considerados pelo pesquisador da história da educação em sua análise do objeto: “é essencial indagar a origem social e o destino profissional dos atores de uma instituição escolar para se definir o sentido social desta; assim como é essencial analisar os currículos aí utilizados para se compreender seus objetivos sociais” (BUFFA e NOSELLA, 2005, p. 5083).

Sobre as várias possibilidades de investigação da história de uma determinada instituição escolar, Sanfelice (2006, p. 23) aponta alguns pontos os quais destacamos:

[...] As instituições escolares têm também uma origem quase sempre muito peculiar. Os motivos pelos quais uma unidade escolar passa a existir são os mais diferenciados. As vezes a unidade surge como uma decorrência da política educacional em prática. Mas nem sempre. Em outras situações a unidade escolar somente se viabiliza pela conquista de movimentos sociais mobilizados, ou pela iniciativa de grupos confessionais ou de empresários. A origem de cada instituição escolar, quando decifrada, costuma nos oferecer várias surpresas.

Ainda segundo este autor, é necessário buscar a singularidade da experiência de cada instituição escolar ao investigar o seu histórico, passando desde seu espaço geográfico até a arquitetura do seu prédio com sua identidade própria, de forma que pode se inferir que cada instituição é única em suas características e especificidades. E, nesta perspectiva, o desafio na investigação histórica de uma escola está posto:

Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca das suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas: é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, do mobiliário escolar que se transformou e de muitas outras coisas. Mas o essencial é tentar responder à questão de fundo: o que esta instituição singular instituiu? O que ela instituiu para si, para seus sujeitos e para a sociedade na qual está inserida? Mais radicalmente ainda: qual é o sentido do que foi instituído? (SANFELICE, 2006, p. 24).

O trabalho de pesquisa historiográfica assim é produzido a partir da interpretação que se faz do sentido que tais instituições escolares propiciaram aos sujeitos enquanto nas formas que educaram, instruíram e contribuíram para a formação ofertada, e que de algum modo estão preservadas na memória dos que vivenciaram práticas no interior dessas instituições.

Neste sentido, afirma Rodríguez (2008, p. 23):

dificuldades de confecção dos jornais, as mudanças de lideranças políticas ou as tentativas de se estabelecer nova hegemonia em oposição à estabelecida (SOUZA, 2010, p. 538).

O estudo histórico das instituições educacionais deve considerar os diversos aspectos envolvidos para podermos compreendê-los nos âmbitos social e institucional. Focalizar as instituições escolares nos estudos da História da Educação, implica também detectar as possíveis vinculações e articulações com a história da política educacional, considerando os aspectos escolares internos e seus condicionantes do contexto histórico, visando a compreensão dos “modelos” sociais, culturais e religiosos presentes nesses contextos.

O sentido social de uma instituição também é determinado pelo contexto que se insere, aqui em específico, trata-se do período da ditadura civil-militar, cujas características são marcadas por movimentos políticos geradores de profundas mudanças que reorganizaram a educação brasileira. As Escolas Polivalentes surgem em meio a esse movimento, sendo criadas como modelo educativo, fomentado pelas relações econômicas entre o Brasil e Estados Unidos, e orientado por meio de acordos entre a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional e Ministério da Educação e Cultura - USAID/MEC⁴, onde os EUA disponibilizaram recursos financeiros. A proposta era que a educação deveria ser polivalente, ou seja, além das disciplinas regulares, abrangeria também as disciplinas de Práticas Agrícola, Industrial, Comercial e Educação Para o Lar, com o intuito de uma iniciação a formação profissional, voltada a suprir as demandas do desenvolvimento industrial necessário à sociedade capitalista.

Como verificado pelo documento “A Coleção temática: Acordos MEC-USAID”⁵, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade – PROEDES, a partir da relação dos títulos dos Assuntos contidos neste documento nos permitiu observar sobre a ampla relação envolvida entre Brasil e Estados Unidos sob a efetivação de tais acordos. Na temática “Assunto” dessa coleção, existe o registro de 172 documentos no período de 1950 a 1993 produzidos por autores ligados a instituições acadêmicas, órgãos governamentais do Brasil e dos Estados Unidos, com destaque para o Ministério da Educação e Cultura – MEC e Agência Norte Americana de Desenvolvimento – USAID. Dentre tais temáticas, limitamos a destacar algumas que remetem a uma aproximação com nosso objeto:

⁴ USAID – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional/ MEC – Ministério da Educação e Cultura.

⁵ Inventário Mec-Usaid, Coleção Temática: Acordos MEC-USAID. Documento disponibilizado por Bittencourt Júnior (2017).

QUADRO 1 – Assuntos referentes aos Acordos MEC/USAID e às Escolas Polivalentes.

Ano/ N°	Assunto/Sigla	Autor	Descrição
1963 - 021	Convênios - CV	MEC/Estado de Minas Gerais/USAID.	“Elementary Education”, Recursos materiais e humanos para o Centro Nacional de Educação Elementar de Belo Horizonte. (21/06/63)
1970 - 058	Estudo - ES	Vicente Umbelino de Souza.	O Planejamento educacional – a EPEM; o Ginásio polivalente (Encontro dos Coordenadores de Curso).
1970 - 059	Estudo - ES	Donald M. Foster – EPEM, Rio.	“Sistema de Organização (tentativa) de grupos de planejamento educacional nos Estados de Planejamento”. (setembro de 1970)
1972 - 062	Estudo - ES	MEC/PREMEM	Fundamentação Teórica da Escola Polivalente (Volume I – Série “A Escola Polivalente”) e Estudo para um Colégio Polivalente (Volume I e II).

Fonte: Dados extraídos do documento Inventário Mec-Usaid, Coleção Temática: Acordos MEC-USAID.

Podemos observar a partir das quatro temáticas destacadas acima, relações entre os referidos países e órgãos governamentais no que se refere aos acordos e planejamentos do setor educacional brasileiro e, refletir sobre as estreitas ligações que se fizeram presentes nestas esferas entre o processo do projeto de implantação e desenvolvimento das Escolas Polivalentes no Brasil durante o período da ditadura civil-militar. Esses acordos foram bastante discutidos na área educacional, Arapiraca (1979), por exemplo, fez severa crítica às relações entre Brasil e Estados Unidos ao efetivarem acordos que segundo ele intencionavam conformar o sistema educativo ao modelo capitalista.

Para consecução da pesquisa nos indagamos: “O que levou essa cidade de pequeno porte do interior mineiro a receber uma escola “modelo”? Que modelo de educação foi pensado para essas escolas? Quem eram os atores sociais envolvidos nessa instituição e a que classes sociais se vinculavam? Quais foram as impressões sob as práticas e vivências dos atores que compuseram esta escola no referido período? Ao buscar respostas para tais questões, buscamos refletir sobre os processos históricos que deixaram marcos nessa sociedade, na vida dos gestores, professores, estudantes, funcionários, além da observação da identidade da instituição enquanto provedora de um tipo de educação que se pretendia polivalente.

A pretensão da pesquisa buscou o estudo do processo de implantação das Escolas Polivalentes e, especificamente, o da Escola Estadual “Antônio de Souza Martins” - o Polivalente, na cidade de Ituiutaba-MG, refletindo sobre sua história e os atores que ali estiveram em parte de sua vivência. Também um movimento no sentido de se contribuir para

a construção de um saber em torno de importantes acontecimentos da história local, valorizando-se a memória histórico-educativa da região. O recorte temporal da pesquisa tem como marco inicial o ano de sua criação em 1974 e sua delimitação é o ano de 1983 que se refere paralelamente ao período de transição das mudanças ocorridas na escola, quais sejam o processo de implementação do ensino de 2º Grau e a descaracterização do Projeto Polivalente no interior da instituição.

O objetivo geral desta pesquisa se pautou em:

- Compreender como ocorreu o processo de criação das Escolas Polivalentes no Brasil e em específico a Escola Polivalente do município do Triângulo Mineiro, no contexto histórico referente à ditadura civil-militar e o propósito de Educação Profissionalizante promovida neste período, buscando valorizar a memória e considerações das vivências dos atores que constituíram parte desta história nesta instituição.

Os objetivos específicos:

- Contribuir para a discussão da História da Educação regional entre educadores e pesquisadores que desenvolvem suas atividades na região do Pontal do Triângulo Mineiro, promovendo a necessária interligação entre o estudo regional e o nacional;
- Entender o processo de institucionalização da legislação sobre educação através da Lei 5.692/71 no âmbito educacional do contexto histórico abrangente da ditadura civil-militar, por meio de revisão bibliográfica;
- Analisar os documentos da escola, artigos de jornais e materiais escolares de acervos particulares, buscando identificar a utilização dos espaços, as normas e o cotidiano dos atores presentes na instituição;
- Colaborar na catalogação e preservação dos documentos de época, por meio da digitalização da documentação levantada nos acervos;
- Promover e valorizar a memória dos atores que vivenciaram experiências nesta instituição, no período desde sua criação ao ano de 1983;

- Discutir o modelo educacional tecnicista institucionalizado no contexto histórico pedagógico da ditadura militar e suas implicações em frente às práticas de ensino e aprendizagem na instituição pesquisada.

Reconhecer a importância do conhecimento histórico, e assim das origens e dos processos de criação e implantação das instituições escolares, é pertinente para compreendermos a constituição e o desenvolvimento dos modelos educativos no Brasil, o que contribui para a ampliação de novos olhares sobre a educação de nossa atual realidade.

II – Fundamentação teórico-metodológica

Nessa busca pelo encontro de uma determinada história educacional, permeada pela relação passado e presente, os significados são manifestos através de inúmeras maneiras de olharmos o objeto. As possibilidades de tal busca são manifestas através das variedades (ou restrições) das fontes que iremos utilizar, nos desdobramentos a serem alcançados através das dimensões do trabalho com a memória (enquanto perpassada pelas inúmeras surpresas e descobertas por ela vindas a tona e entendida na sua amplitude), nas leituras bibliográficas, na objetividade/subjetividade, na sutileza do pesquisador, enfim, a história nos leva a novas visões e percepções do homem e suas vivências no mundo, articulando o global com a experiência local. Como afirma Sanfelice (2016, p. 29):

O trabalho maior do historiador, entretanto, é compreender a relação do singular com o geral, questão imprescindível quando se faz pesquisa histórica. Nenhuma Instituição Escolar tem o sentido da sua singularidade explicitado, se tomada apenas em si mesma. Uma instituição escolar avança, projeta-se para dentro de um grupo social. Produz memórias ou imaginários. Mobiliza ou desmobiliza grupos de pessoas ou famílias; assinala sua presença em comemorações, torna-se notícia da mídia, ou seja, é muito, mas muito mais mesmo que um prédio que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem e aprenderem.

A partir da discussão do historiador Jacques Le Goff (1996) sobre “História e Memória”, observa-se que a relação entre o passado, presente e futuro está sobremaneira implicada sobre diversos aspectos presentes desde o período mais remoto da história, entendendo o passado como permanente construção e reinterpretação. Le Goff (1996, p. 23) menciona Marc Bloch, um dos destacados historiadores que esteve a frente da Escola dos Annales e da renovação historiográfica do século XX, para definir a ciência histórica enquanto “a ciência dos homens no tempo”.

Assim, a história seria pensada a partir das relações entre passado e presente, mas num movimento onde o passado também seria compreendido pelo presente e não apenas o presente por meio do estudo do passado, sem restrições da tradicional cronologia e enfrentando as dificuldades e hesitações consideradas como partes constitutivas nos processos vividos pelo ofício do historiador.

Neste intuito, Michel de Certeau (2002), na obra “A escrita da História”, ao se referir sobre a operação historiográfica, remete para a relação que o historiador tem com as sociedades através das mediações das atividades técnicas, ou seja, o lugar social no qual desenvolve e prática da sua investigação. Para ele, não apenas na História, mas como em outra atividade, uma prática sem teoria eventualmente tende ao dogmatismo de “valores eternos”. O autor neste sentido traz:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática” (CERTAU, 2002, p. 66).

A operação histórica segundo este autor refere-se à disposição de um lugar social, entendido aqui como as instituições; de práticas científicas mediadas a partir da operação com os documentos e de uma escrita, a qual seja a produção do texto, uma vez que toda pesquisa historiográfica se une a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural; implicando assim por meio deste lugar, a instauração dos métodos, documentos e características topográficas de interesses.

É preciso atribuir assim sentido e significado às fontes ao analisar os documentos, uma vez que o trabalho da história é perpassado pela análise reflexiva. Portanto, para este autor, a questão do lugar social é que vai influenciar diretamente o modo de se fazer a pesquisa, o que implica que a arte do trabalho historiográfico seja permeada em vista de colocar as fontes em contato com o objeto, bem como pela compreensão que precisa ser alcançada a partir dos arquivos consultados.

O historiador Peter Burke (1992) ao discutir sobre o novo fazer historiográfico promovido pelos franceses, aponta que esta mudança na escrita da história se originou da insatisfação dos então jovens Marc Bloch e Lucien Febvre ainda nas décadas de 1910 e 1920, relativa à pobreza e superficialidade de análises onde situações históricas complexas eram reduzidas ao jogo de poder entre os grandes homens ou países. O autor destaca:

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, na expressão usada por Febvre, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em realizações históricas. Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiriam ao historiador ampliar sua visão de homem. (BURKE, 1992, p. 4).

Neste intuito, o homem passa a ocupar um novo lugar dentro da história, na qual uma “nova história” passaria não apenas a mudar o tratamento com o uso das fontes e documentos em suas práticas e análises metodológicas, mas, sobretudo, no que se refere aos próprios sujeitos. Estes, antes ausentes deste território de vivências na construção histórica, aparecem neste espaço trazendo juntamente suas vozes, marcas de singularidades e subjetividades, e assim uma nova forma de se fazer história.

A proposta metodológica do trabalho aqui delineado se pautou ao início pela revisão bibliográfica, por meio da qual o pesquisador tem a possibilidade de expandir os seus conhecimentos teóricos, essenciais na investigação histórica, e contribuir para agregar novos pensamentos a determinada subárea de pesquisa.

José D’Assunção Barros (2009) aponta para o fato de que a ideia de uma revisão bibliográfica é expor alguns interlocutores com os quais faremos um diálogo historiográfico e científico, bem como se constituirão em parte da riqueza do nosso trabalho. Ao tratar sobre a distinção entre Bibliografia e Fontes, o autor comenta que é necessário ter sempre em mente a distinção entre ambas, já que é uma confusão frequentemente vista na revisão bibliográfica.

Segundo Barros (2009), a Fonte Histórica que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema, trata-se do material com o qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Em relação à Revisão Bibliográfica Barros (2009, p. 109) pontua:

De modo bem distinto, a “bibliografia” propriamente dita constitui o conjunto daquelas outras obras com as quais dialogamos, seja para nelas nos apoiarmos ou para nelas buscarmos contrastes. Não são obras que funcionam como material direto para o estudo do tema. São obras escritas por outros autores que refletiram sobre o mesmo tema que tomamos para estudo, ou que contém desenvolvimentos teóricos importantes para o nosso trabalho.

Conforme traz o autor, trata-se de estabelecer um diálogo com outros autores e assim comparar pontos de vistas a fim de “buscar apoios e contrastes, de respaldar algumas opiniões

que não queremos emitir sozinhos, de reaproveitar as ideias destes autores no contexto do nosso trabalho para torná-lo mais rico, mais plural, interconectado com a comunidade científica da qual fazemos parte” (BARROS, 2009, p. 109).

Este autor ressalta ainda para o fato de que uma boa Revisão Bibliográfica mostra-se excelente ponto de partida para a realização de uma bem sucedida pesquisa, pois desse modo coloca o pesquisador em contato direto com aquilo que já foi realizado relativamente ao seu tema em demais trabalhos já empreendidos.

A investigação se compôs também em visitas a Escola Polivalente e ao acervo da Fundação Cultural da cidade, para o levantamento de informações a partir dos documentos encontrados.

Nesse movimento nos deparamos com um conjunto de fontes composto por documentos como o Regimento de implantação, caderno de Posse e Exercício de professores, Ata de Resultado final, Diários de Classe, algumas matérias jornalísticas, publicações oficiais e fontes iconográficas.

Corroboramos com Franco e Souza (2013) na afirmação de que embora os jornais tenham sido considerados durante algum tempo fontes suspeitas de pesquisa, como demonstra sua pouca utilização em estudos até a década de 1970, por estarem vinculados a interesses subjetivos, temos a consideração de que a utilização dos jornais como fonte de pesquisa é um rico manancial para os estudos historiográficos. Segundo os autores, o jornal como fonte apresenta o movimento da história de uma forma cotidiana, transmitindo e gerando novos acontecimentos no contexto de suas produções, sendo imbuídos de significações e representações sociais, que devidamente analisadas, funcionam como importantes instrumentos desveladores do contexto investigado.

Marli Brito M. Albuquerque e Lisabel Espellet Klein, pesquisadoras da Casa Oswaldo Cruz, na abordagem “Pensando a fotografia como fonte histórica” (1987), comentam que, para o pesquisador a leitura de qualquer fonte requer um trabalho de reflexão entre as fontes e as hipóteses, uma vez que permitirá estabilizar as perguntas que se pretende fazer aos documentos. Esta relação segundo as autoras leva à necessidade do pesquisador fazer a crítica interna do documento.

Neste trabalho, Albuquerque e Klein (1987) colocam que a preocupação com a utilização da fotografia como fonte histórica demonstrava-se recente, pois pouco tempo antes a fotografia era utilizada mais como ilustração ou mesmo visando cristalizar uma verdade já confirmada pelos textos escritos.

A observação das imagens remete o pesquisador a uma outra problemática, a da interpretação. Neste aspecto, Ivan Lima contribui para o debate do tema, “a fotografia como fonte”, ao colocar com muita clareza que “a percepção visual é uma atividade puramente ótica: os olhos percebem as formas e as tonalidades dominantes, sem as identificar (...). A interpretação é uma ação mental permanente. É nesse estado que se manifesta o caráter polissêmico da foto. De uma forma geral, as pessoas fazem a mesma leitura, mas cada uma interpreta de sua forma, em função de sua idade, do seu sexo, da sua profissão, de sua ideologia, enfim, do seu saber”, e em função de seu objeto de estudo (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987, p. 300).

Ainda tratando-se da fotografia como fonte no trabalho de pesquisa, Rosangela Silva Oliveira e Nilton Ferreira Bittencourt Júnior na discussão da temática “A fotografia como Fonte de Pesquisa em História da Educação: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise” (2013), trazem que no final do século XIX as fotografias eram preteridas, assim desprezadas como documento, possuindo como já descrito, apenas valor ilustrativo, prova ou testemunho. As fotografias nessa compreensão desempenhavam papéis pedagógicos de caráter narrativo e alegórico, usadas intencionalmente para manter a hegemonia das representações dos interesses nacionais, políticos e econômicos.

Nesta perspectiva, o trabalho com a fotografia como fonte histórica nos remete à consideração de que devemos buscar sua análise interpretativa em junção com as demais fontes levantadas e utilizadas na pesquisa, não desconsiderando sua riqueza em torno do seu significado e da leitura que esta nos propõe ao estudarmos o espaço e tempo em que foi produzida.

Também buscamos as fontes orais realizando entrevistas⁶ com dez ex-alunos (2 alunos e 8 alunas), oito ex-docentes (4 professores e 4 professoras), uma ex-funcionária, um ex-diretor, uma ex-secretária, uma ex-supervisora da escola e um ex-prefeito, os quais contribuíram relevantemente com as informações sobre o período em que ativamente estiveram em meio ao interior da instituição e à administração pública no que se refere ao prefeito.

Para a escolha dos entrevistados, buscamos no primeiro momento o contato com ex-professores, ex-alunos, ex-diretor, ex-funcionários e demais participantes através de busca de informações de quem havia estudado e trabalhado na instituição no período investigado e onde os encontrar.

⁶ Todas as entrevistas foram previamente marcadas com data e horários específicos com os participantes. Para os nomes dos entrevistados foi usada a abreviação das letras iniciais. O Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos (CEP) – Plataforma Brasil, e avançou de acordo com o cronograma de etapas, obtendo a aprovação.

Assim, no decorrer do processo, referente aos ex-alunos, não encontramos dificuldade, ao contrário, com a notícia de que se tratava da temática sobre a Escola Polivalente, todos (as) que foram procurados no intuito de concederem a entrevista positivamente concordaram e sempre cada um remetia a colegas e amigos (as) que se lembravam e que também poderiam contribuir. Esse fato nos possibilitou o contato, o diálogo e interação com estes ex-alunos. Contudo, ressaltamos que o percentual inferior relativo ao número de ex-alunos entrevistados em vista do número de ex-alunas trata-se da dificuldade encontrada no que se refere ao contato específico com estes para a entrevista durante o tempo da pesquisa, assim, embora com o contato de alguns ex-alunos não foi possível a realização das entrevistas como previsto, uma vez que a disponibilidade de ex-alunos do período em questão não correspondeu em relação às ex-alunas.

Já em relação aos ex-professores, a procura e o contato se deram de forma um pouco mais lenta, acreditamos que um dos fatores esteja no fato de que já um bom número dos professores que atuaram na instituição no período delineado pela pesquisa não reside mais no município.

Assim, como já descrito, buscando informações sobre eles, chegamos ao contato de alguns que ainda residem no município e gentilmente nos concederam as entrevistas. Em se tratando do ex-diretor, apesar de não residir no município de Ituiutaba, após informações, buscamos um primeiro contato por telefone, e posteriormente, prontamente se dispôs a nos receber para prestar a primeira entrevista no município de sua atual residência.

De modo semelhante, buscamos informações a respeito do conhecimento de ex-funcionários, ex-gestores e ex-prefeito e, após o primeiro contato igualmente nos concederam as entrevistas. Ressaltamos aqui que este processo de trabalho com entrevistas teve início no ano de 2014-2015, quando partíamos da pesquisa de Iniciação Científica, assim, parte mantivemos no presente trabalho, pois consideramos que este consiste do intuito de busca pelo aprofundamento a que nos propomos.

Nesta perspectiva, podemos destacar que as mudanças no campo metodológico da ciência histórica refletiram na produção da história da educação, assim, novas fontes foram agregadas a esse ofício. Nessa pesquisa em específico, a História Oral ocupou espaço expressivo, uma vez que foi possível observar por meio dos relatos a importância da dimensão dessa instituição na vida dos sujeitos, de forma que os relatos revelaram subjetividades a partir da memória dos indivíduos que viveram a experiência da Escola Polivalente de Ituiutaba-MG.

Alberti (2008, p. 166) se refere assim sobre a relevância da História Oral no trabalho de pesquisa:

Essa riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de "histórias dentro da história", que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a "hierarquia de significações historiográficas", no dizer da historiadora italiana Silvia Salvatici. Outros campos nos quais a História oral pode ser útil são a História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); [...] Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc, podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; História de instituições, tanto públicas como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória.

A referida autora ressalta que outra especificidade da História Oral é o fato desta ter como um dos principais alicerces a narrativa, já que “um acontecimento vivido pelo entrevistado não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado” (ALBERTI, 2008, p. 170-171). Assim, o entrevistado ao relatar sobre suas experiências e significados tem a possibilidade de transformar sua vivência em linguagem escrita, mediante a organização dos acontecimentos que dão amplos sentidos a elas. A memória, segundo a autora, tem um papel muito importante neste processo, já que as entrevistas podem ser comparadas com outros documentos de arquivos, possibilitando ao pesquisador analisar deslocamentos e sentidos entre ambos.

Para Meihy (1996) a História Oral remete a uma percepção do passado como algo contínuo no tempo presente, onde o processo histórico não se esgota. Segundo o autor, considera-se que atualmente a História Oral se encontra como parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social, tais características marcam e reconhecem-na como uma história viva.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, ela não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 1996, p. 15)

Nessa perspectiva, Meihy (1996) supõe que a História Oral é mais do que uma prática de interpretação de documentos, ou seja, a história oral é plenamente relevante ao responder à necessidade de compreensão histórica capaz de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais, presenciados por pessoas que herdaram fatos e acontecimentos da vida no presente.

A utilização da História Oral foi um dos reflexos percebidos na renovação metodológica da pesquisa histórica a partir da década de 1990, presentes também no novo fazer histórico da pesquisa educacional, na perspectiva dos princípios investigativos com ênfase na cultura escolar, que passaram a ser articuladas de acordo com Souza e Castanho (2009) em quatro grandes blocos, sendo estes os atores, os discursos e as linguagens, as instituições e os sistemas educativos e as práticas educativas.

Não havia a preocupação com as práticas escolares, isto é, com o que se vivia no cotidiano da escola, a realidade escolar, o ser da escola, os saberes que nela se produziam ou se reproduziam, o currículo escolar, o saber social que os alunos traziam à escola e suas relações com o saber instituído pela escola, a simbologia escolar, as festividades, a disciplina como forma de controle, as disciplinas como organização dos saberes e das carreiras dos professores, a profissionalização docente e seus ritos, a arquitetura escolar como linguagem significativa...[...] Mas foi nos anos de 1990 [...] tendia a analisar de dentro aqueles aspectos - ainda sociais - gerados por essa realidade escolar, entendida agora como uma cultura com seus traços e exigências, com sua própria lógica interna. (CASTANHO, 2006, p.156 apud SOUZA; CASTANHO, 2009, p. 30).

Diante desse novo fazer metodológico sobre as instituições escolares, os estudos temáticos referentes à estas tem se mostrado relevantes fontes de pesquisas, uma vez que propicia o conhecimento relativo à própria identidade da instituição pesquisada, bem como a valorização desta na sociedade, e sobretudo às vivências passadas pelos atores que foram participantes em meio ao processo de construção da sua respectiva historicidade.

Assim, neste exercício sobre a história da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” - o Polivalente, em Ituiutaba-MG, buscou-se a construção de um discurso propiciador de conhecimentos constituintes de parte de nossa história local e também brasileira no período empreendido em que o país se encontrava sob o regime da ditadura civil-militar, o qual se respaldou em um processo de leituras e metodologias adotadas na presente pesquisa.

Diante das breves reflexões aqui expostas que perpassam o amplo e complexo campo do fazer histórico, reiteram-se as considerações de Le Goff (1996) em vista do trabalho historiográfico:

Quero todavia referir aqui o caráter multiforme da documentação histórica. Replicando, em 1949, a Fustel de Coulanges, Lucien Febvre afirmava: “A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem... Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas do campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas

de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser” [1949, p. 428]. Marc Bloch tinha também declarado: “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele” [1941-42, p. 63] (LE GOFF, 1996, p. 107).

III- Os sujeitos da pesquisa

A Escola Polivalente, desde o início de suas atividades, em sua singularidade, contou com professores que demonstraram ter se dedicado intensamente ao processo de consolidação do ensino na instituição. No período aqui delineado, os professores que tiveram participação nesta pesquisa partilharam de lembranças e vivências compreendidas através de suas práticas desenvolvidas no âmbito educacional junto aos que coletivamente construíram parte dessa história no tempo em que atuaram no Polivalente.

Neste intuito, para a presente pesquisa, contou-se com a participação de oito ex-professores - quatro professores e quatro professoras. A partir dos depoimentos dos ex-professores, foi possível a reflexão sobre os significados construídos em meio as suas práticas experienciadas junto aos alunos, podendo também ser observada a consideração desses profissionais ao terem sido partícipes do processo histórico educativo de boa parte da população tijucana.

Apresentaremos abaixo a tabela relativa ao perfil e formação de cada um dos ex-professores e professoras entrevistados, bem como do ex-diretor. Em seguida a tabela referente aos ex-alunos (as). Logo, destacamos a tabela que se refere aos ex-funcionários e ex-prefeito. A abordagem relativa às práticas e saberes dos ex- docentes, discentes, gestores e outros será apresentada na seção 3.

QUADRO 2 - Perfil de formação dos ex- professores (as) e ex-diretor da Escola Polivalente.

Nome	Ano de nasc./ naturalidade	Ano-Idade que começou a atuar no Polivalente	Área de formação	Instituição de formação	Área de atuação no Polivalente
Professor V. C.	1953 – Santa Vitória-MG	1973 - 20	Curso Técnico Práticas Agrícolas. Ciências. Matemática. Biologia.	Escola Técnica Federal – Uberlândia-MG. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Universidade Estadual Paulista	Práticas Agrícolas. Ciências/Matemática. Biologia.

				– UNESP.	
Professora M. C.	1952 – Ituiutaba-MG	1983 - 31	Faculdade de Artes - Curso de Desenho e Artes.	Universidade Federal de Uberlândia – UFU.	Artes Industriais.
Professor H. F.	1941- Ituiutaba-MG	1974 - 33	Curso de Contabilidade. Faculdade de História. Curso Superior de Formação de Professores- Curta Duração.	Instituto Marden. Faculdade do Triângulo Mineiro – FTM. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.	Práticas Comerciais.
Professor J. M.	1947 – Santa Vitória-MG	1981 - 34	Curso de Ciências Sociais. Pedagogia. Extensão Educacional.	Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras em Rio Claro-SP. Faculdade do Triângulo Mineiro – FTM.	História. Educação Moral e Cívica.
Professora M. T.	1952 - Rio Claro	1981 - 29	Curso de Ciências Sociais. Pedagogia. Inspeção Escolar.	Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras em Rio Claro-SP. Faculdade do Triângulo Mineiro – FTM.	História.
Professora M. R.	1959 – Ituiutaba-MG	1979 -20	Letras	Faculdade do Triângulo Mineiro – FTM.	Artes Industriais. Língua Portuguesa. Educação Moral e Cívica. O. S. P. B.
Professor D. C.	1945 – Ituiutaba-MG	1974 - 29	Faculdade de Filosofia. Curso de Curta Duração para a Formação de Professores dos Colégios Polivalentes.	Faculdade do Triângulo Mineiro – FTM. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.	Ciências. Biologia. Química.
Professora S. H.	1953 - Ituiutaba-MG	1978- 23	Ciências. Biologia. Matemática.	Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba – ISEPI.	Ciências. Biologia. Matemática.
Diretor S. N.	1942 – Ituiutaba-MG	1974 - 32	Curso Superior de Filosofia e Teologia. Pós-Graduação. Curso de	Instituto Filosófico e Teológico, Campinas- SP. Universidade de São Paulo – USP. Universidade	Direção.

			Administração Escolar- PREMEM. Mestrado em Filosofia da Educação	Federal de Minas Gerais – UFMG. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - SP	
--	--	--	--	---	--

Fonte: Dados extraídos dos relatos dos entrevistados.

De acordo com informações observadas na tabela, os ex-professores e diretor tinham entre 20 e 30 anos quando começaram a atuar na Escola Polivalente, dos 08 profissionais docentes descritos, 03 passaram pelo Curso de Licenciatura de Curta Duração promovido em parceria com o PREMEN e governos federal e estadual, bem como o ex-diretor.

Os demais eram formados em curso superior e atuavam sob áreas específicas ou afins a formação acadêmica.

QUADRO 3 - Perfil dos ex-alunos e ex-alunas da Escola Polivalente.

Nome	Ano de nasc./ naturalidade	Ano-Idade que começou a estudar no Polivalente
E. A. - aluno	1966- Ituiutaba-MG	1976- 11
T. M. - aluna	1967- Ituiutaba-MG	1978 - 11
I. A. - aluna	1966- Campina Verde-MG	1978 - 12
S. C. – aluna	1965- Ituiutaba-MG	1978- 13
A. C. - aluno	1967- Ituiutaba-MG	1978 - 11
E. P. - aluna	1965- Ituiutaba-MG	1979- 14
L. B. – aluna	1968- Ituiutaba-MG	1979- 11
R. B. - aluna	1966- Ituiutaba-MG	1978- 12
V. M. - aluna	1964- Ituiutaba-MG	1976- 12
E. A. - aluna	1968- Ituiutaba-MG	1979- 12

Fonte: Dados extraídos dos relatos dos entrevistados.

Conforme observado, os ex-alunos e alunas na maioria são naturais do município de Ituiutaba e adentraram a Escola Polivalente na década de 1970, com faixa etária entre 11 e 14 anos para iniciarem o ensino da 5ª série.

QUADRO 4 - Perfil dos ex-funcionários da Escola Polivalente e do ex-prefeito.

Nome	Ano de nasc./ naturalidade	Ano-Idade que começou a atuar no Polivalente
C. S. Serviços Gerais	1950- Canápolis-MG	1980 - 30
S. G. Secretária	1951- Santa Vitória-MG	1975 - 24
C.B. Supervisora	1944- Ituiutaba-MG	Não se lembra ao certo do ano, mas relata que foi no início da implantação da escola. Entre 20 e 30 anos.
F.J.D. Prefeito	1929- Ituiutaba-MG	1973-1976. Administração da Prefeitura de Ituiutaba-MG. -

Fonte: Dados extraídos dos relatos dos entrevistados.

Os ex-funcionários da Escola Polivalente participantes da pesquisa começaram a atuar entre as décadas de 1970 e 1980, com faixa etária entre 20 e 30 anos de idade. O ex-prefeito como visto esteve a frente da administração do município entre os anos de 1973 a 1976.

IV – A organização da dissertação

O presente texto foi estruturado em cinco seções: a primeira refere-se a presente Introdução, na qual apresentamos aspectos relativos ao desenvolvimento do trabalho; na segunda seção, intitulada “A implantação dos Colégios Polivalentes no Brasil: do geral ao particular”, tratamos brevemente do histórico das políticas relativas à implantação dos Polivalentes no Brasil, subdividida em três tópicos: o primeiro refere-se a política de criação dos Polivalentes no Brasil, no qual abordamos o contexto histórico brasileiro, bem como a pedagogia proposta pelo Estado naquele momento⁷, no segundo discutimos a implantação destas escolas no Estado de Minas Gerais e Triângulo Mineiro e o terceiro tópico aborda a implantação da educação técnico-profissionalizante em Ituiutaba-MG.

Tivemos como referência estudos de Luciana Valle de Resende, Nilton Ferreira Bittencourt Júnior, Dermeval Saviani, José Wellington Germano, José Oliveira Arapiraca, dentre outros. O estudo de Luciana Resende revela um amplo contexto e aspectos fundamentais para a compreensão da pesquisa relativa a implantação das Escolas Polivalentes no Brasil. A autora fez o estudo em sua dissertação de Mestrado sobre a Escola Polivalente de Uberlândia-MG (2011) e, posteriormente sua tese de Doutorado “As Escolas Polivalentes do

⁷ Referente a isso Sanfelice (2008) aponta: “A dimensão da identidade de uma instituição somente estará mais bem delineada quando o pesquisador transitar de um profundo mergulho no micro e, com a mesma intensidade, no macro. As instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional. Por mais que se estude o interior de uma instituição, a explicação daquilo que se constata não está dada de forma imediata em si mesma. Mesmo admitindo que as instituições adquirem uma identidade, esta é fruto dos laços de determinações externas a elas e, como já dito, “acomodadas” dialeticamente no seu interior”. (SANFELICE, 2007, p. 14-15).

Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MG): sondagem vocacional no projeto desenvolvimentista civil-militar (1965-1976)” abrangeu a pesquisa sobre oito Escolas Polivalentes implantadas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (2015).

Respaldamo-nos também em Nilton Bittencourt Júnior (2013). O autor em sua dissertação de mestrado “Americanismo e Educação para o Trabalho no Brasil: um estudo sobre os Ginásios Polivalentes (1971-1974)” traz o estudo sobre os Ginásios Polivalentes abordando as relações do americanismo e educação para o Brasil neste contexto, como apresenta características do Projeto Polivalente no Estado de Minas Gerais. Destacamos esses dois autores devido ao fato de ambos discutirem sobre o objeto que temos por pesquisa, as Escolas Polivalentes e assim estarem mais próximos à nossa discussão.

A terceira seção, intitulada “A trajetória inicial do Colégio Polivalente em Ituiutaba-MG”, discute alguns aspectos da trajetória inicial do Colégio Polivalente de Ituiutaba- MG e, como a anterior é compreendida em três segmentos que tratam respectivamente: das fases evolutivas da escola e seu cotidiano, a estrutura física da escola e o mobiliário. Nesta seção utilizamos das fontes documentais obtidas na escola e jornalísticas através do acervo da Fundação Cultural do Município e relato de entrevistados.

A quarta seção, intitulada “Memórias da Escola Polivalente: sujeitos históricos”, trata mais especificamente das práticas e vivências escolares do ex-diretor, ex-docentes e ex-discentes na Escola Polivalente, pelas quais apresentaremos as considerações desses atores históricos sobre o tempo vivido na instituição e é compreendida por três segmentos que tratam do ex-diretor, ex-docentes e ex-discentes, respectivamente estão subdivididos em tópicos que tratam especificamente de categorias relativas ao processo formativo.

A quinta seção intitulada “O contexto organizacional da Escola Polivalente: as inter-relações envolvidas”, está compreendida em três segmentos subdivididos em tópicos, que tratam respectivamente do Currículo da escola, Avaliação e Eventos da escola.

2 A IMPLANTAÇÃO DOS POLIVALENTES NO BRASIL: DO GERAL AO PARTICULAR

O objetivo da Escola Polivalente é oferecer experiência de iniciação humanística, científica e prática, destinada a constituir a base para estudos ulteriores de preparação para a universidade ou para o ingresso imediato em carreiras ou ocupações não universitárias. A síntese entre essas duas áreas de formação baseia-se na ideia de que “nas condições da vida moderna”, em uma sociedade democrática, deve-se pensar numa educação humanística que, necessária como o processo de humanização do homem, supere a oposição clássica entre o mundo da cultura intelectual e o mundo do trabalho. (BARROS, 1980, p. 195. *Fundamentação da Escola Polivalente* apud BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 80).

Nesta seção, compreendida por três segmentos, iniciamos buscando discutir algumas características sobre a constituição desse modelo de escola no país e no município de nosso estudo, os aspectos políticos que delimitaram a base para a concretização e criação da proposta que culminou na Escola Polivalente e assim quais seriam os interesses e critérios de escolha para a instalação dessas escolas em um município. No segundo segmento faremos um breve diálogo sobre a pedagogia tecnicista que esteve presente no contexto educacional neste período, e no terceiro segmento apresentaremos parte do contexto histórico e educacional de Ituiutaba até a implantação da educação técnico-profissionalizante neste município.

Conforme a citação acima, a Escola Polivalente no que consiste em sua fundamentação teórica, tinha como principal proposta o objetivo de oferecer a experiência científica e prática, compreendida como a formação perpassada pelo ensino regular integrado ao profissionalizante, é descrita que esta formação seria destinada a constituir a base para posteriores estudos ou para a imediata ocupação não universitária. A citação traz ainda a questão relativa à educação humanística, a qual compreenderia a superação a oposição entre o mundo do trabalho e a cultura intelectual.

Tal colocação nos incita a reflexão se tal objetivo foi de fato colocado em prática neste modelo de escola onde foi implantado e se alcançou de algum modo essa superação entre a oposição do mundo intelectual e do trabalho. Poderíamos ainda indagar mediante o contexto permeado entre as intenções políticas que visavam o crescimento econômico se a educação nesse momento estaria colocada nesta posição com vista a superar a oposição do lugar de ocupação dos conhecimentos entre as classes sociais.

2.1 A Política de criação dos Polivalentes no Brasil

O estudo da história de uma determinada instituição escolar não pode desprezar os processos que abrangem o contexto político, econômico, cultural e social do período de seu funcionamento. Dessa forma, torna-se importante uma breve abordagem desse contexto, o qual porta estreita relação entre acontecimentos nacionais marcantes da história e às políticas internacionais, com reflexos na organização do âmbito educacional brasileiro, nessa pesquisa, em específico, tratando-se do período da ditadura civil-militar, ocorrida entre os anos de 1964 a 1985.

Em primeiro lugar, destacamos as interferências oriundas do contexto da Segunda Guerra Mundial⁸ ocorrida entre os anos de 1939 a 1945, especialmente nas políticas educacionais, no cenário da “Guerra Fria”, quando os Estados Unidos passaram a ajudar financeiramente alguns países buscando tirá-los do âmbito da influência da União Soviética e seu socialismo. Assim, a educação brasileira sofreria as interferências dessas ações.

Tal período deixou profundas marcas na história da educação brasileira. O sistema educacional foi também submetido a financiamentos e modelos a serem seguidos, sobretudo no período compreendido pela ditadura civil-militar⁹, no qual o autoritarismo e o controle estatal foram bem presentes. Dessa forma, a educação foi usada mais uma vez, como poderoso meio de poder ideológico na empreitada de manutenção das estruturas sociais.

Assim, ao estudar sobre a gênese das Escolas Polivalentes no Brasil nesse período, entende-se que tais instituições são oriundas de um modelo educativo norte-americano e como tal, fundamentado numa perspectiva de princípios característicos daquela sociedade.

Bittencourt Júnior (2013) afirma que foi no século XX que surgiram as principais políticas visando se introduzir o americanismo no Brasil. Segundo ele, no campo da educação, o intelectual Anísio Teixeira¹⁰ desenvolveu importantes ações neste sentido, buscando alinhar

⁸ A Segunda Guerra Mundial, como sabemos, objetivou a busca por conquista de espaços territoriais e poder econômico; desse modo os países envolvidos no conflito deram origem a dois blocos: de um lado estava o “Eixo”, englobando a Alemanha e países seguidores, e do outro o bloco “Aliado”, referente à Grã-Bretanha, e posteriormente outros países aderentes, entre eles a União Soviética, os Estados Unidos e o Brasil. Com a derrota da Alemanha, a União Soviética e Estados Unidos passaram a ser considerados as superpotências mundiais, porém a partir de então vivendo em clima de rivalidade; o que caracterizou a chamada “Guerra Fria” entre os dois países no período de 1945 a 1989, no qual viveram em clima eminente de guerra por 40 anos, o que não veio a acontecer efetivamente de modo radical como era previsto, com um conflito nuclear.

⁹ O início do Regime Militar teve como principal característica a inconformidade por parte dos opositores, as propostas de governo de João Goulart, o então presidente com planos democráticos de reformas, que favoreciam as massas de trabalhadores; seus adversários, em 31 de março de 1964, o destituíram do poder com o Golpe Militar, resultando na permanência de governos militares no poder até o ano de 1985. Neste período, forte repressão dava sustentação ao regime, e a oposição ao mesmo tempo era vista como ameaça nacional (ARAÚJO, 2010).

¹⁰ Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité, na Bahia, em 1900. [...] Sabe-se pelo estudo da biografia de Anísio que ao longo do processo de sua formação ele se deparou com duas opções de carreira profissional, que eram a

a educação nacional à educação norte-americana, após ter passado uma temporada nos EUA na década de 1920, e estudado o sistema norte americano sob a orientação de Jonh Dewey¹¹, filósofo daquele país que fundamentou novos parâmetros de escola para os Estados Unidos (Escola Nova).

Neste sentido, o referido autor aponta que a educação na concepção de Jonh Dewey, não decorreria a partir do treino, pautada no processo exterior, mas a partir do processo interno do indivíduo, através de sua experiência com práticas vivenciadas nas relações estabelecidas em seu meio. Conforme Bittencourt Júnior (2013, p. 9):

Esta teoria se baseia em focar nos interesses das partes para, daí, direcionar a ação. Ela é um auxiliar para o professor no descobrimento das diferenças individuais e o auxilia assim, a um ajustamento mais inteligente da educação. Ela supera a concepção de mente e seu treino da concepção escolástica, que julga que a inteligência tem uma faculdade de conhecimento isolada de qualquer outra atividade. Inteligência ou mente representa somente a habilidade de responder a certos estímulos presentes, com uma percepção de suas futuras consequências, que procuramos modificar ou controlar tanto quanto possível. A instrução verdadeira se processa por intermédio do desenvolvimento de uma atividade – a experiência.

eclesiástica e a política. A carreira eclesiástica ele chegou mesmo a postular quando se formou no Rio de Janeiro em direito, tendo regressado à Bahia, em sua casa, para obter de seu pai permissão para ingressar na Ordem dos Jesuítas. Mas essa permissão não foi dada. A outra possibilidade que se abria para ele em termos profissionais era a carreira política. [...] No entanto, entre essas duas opções, relativamente tranquilas, ele acabou ficando com a carreira de educador, uma opção bem mais difícil, exatamente porque naquela época, no final da década de 1920, a educação não estava ainda caracterizada profissionalmente e, assim como hoje, gozava de muito pouco reconhecimento social. Ao longo de sua trajetória, essa opção foi posta à prova e sempre prevaleceu diante de alternativas mais atraentes. (SAVIANI, 2007, p. 216-218)

¹¹Pereira et al. (2009) ao discutirem sobre a contribuição de Jonh Dewey para a educação apontam: “O filósofo e pedagogo Jonh Dewey, nascido em 1859 em Burlington, uma pequena cidade agrícola do estado americano de Vermont, estudou na Universidade de Vermont, onde sua formação foi fortemente influenciada pela teoria da evolução, percebendo na interação homem e meio ambiente, a relação psicológica e epistemológica, denominada teoria do conhecimento (PEREIRA et al., 2009, p. 157-8). [...] Afirmando esse seu interesse, Dewey enviou um ensaio filosófico para W. T. Harris que era editor do Journal of Speculative Philosophy. A aceitação do ensaio por Harris, especialista conceituado, o levou a aprofundar os seus estudos e a matricular-se no programa de pós-graduação em filosofia na universidade Jonh Hopkins (PEREIRA et al., 2009, p. 156). [...] Dewey foi além da teorização em educação, ele também se identificou, e muito contribuiu pelas causas sociais, como a luta pelo voto feminino e pela criação de sindicatos de professores. Como fervoroso defensor da democracia, ainda chegou a criar uma universidade-exílio para acolher os estudantes perseguidos em países com regime totalitário, por este fato ele chegou a ser confundido como comunista, mas estas acusações logo foram retiradas. Esta postura social adotada o tornou muito conhecido publicamente como analista de temas contemporâneos. Aposentou-se em 1930, mas continuou ativo publicamente em eventos internacionais. Faleceu em junho de 1952, deixando sem dúvida, um legado como um dos mais importantes intelectuais norte-americanos do século XX (PEREIRA et al., 2009, p. 157) . [...] O filósofo americano do último decênio do século XIX ao terceiro decênio do século XX ganhou espaço no campo da teoria sócio-educativa por meio de movimento como a Escola Nova e o movimento ativista. Inseriu uma tendência pedagógica liberal progressista que surgiu mediante “razões de recomposição da hegemonia da burguesia” como resposta ao ensino tradicional que valorizava o ensino humanista, no qual a interação professor-aluno não visava a qualquer relação com o cotidiano do estudante ou com a realidade social. O movimento da escola nova se contrapôs ao modelo tradicional de ensino, mas chegou a representar uma ruptura com o modelo de educação, em termos da relação política entre educação e sociedade. O teórico inovou, no entanto, em termos de método, na forma de trabalhar com o conhecimento” (PEREIRA et al., 2009, p. 157-8).

Como destaca o autor, essa teoria de educação norte-americana foi construída à luz da organização democrática de sua sociedade, assim, Anísio Teixeira, remetendo-se a Dewey, apresentou dois pontos para estabelecer os critérios de julgamento das condições de um grupo social: os interesses partilhados e a cooperação com grupos distintos, sendo estes a base para o desenvolvimento de uma sociedade democrática. Pouco a pouco a sociedade americana tornou-se referência para o mundo, ao se apresentar enquanto estrutura social baseada em igualdade de direitos, e com a efetiva participação governamental com vistas a garantir essa igualdade a partir da formação dos cidadãos através da educação escolar (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 9).

Porém, de acordo com Saviani (2007, p. 209), foi outro importante intelectual - Fernando de Azevedo¹² que era alinhado às propostas da nova educação de Teixeira, que fora o principal divulgador do movimento renovador e teve ativa participação no sistema de ensino integrando ao longo do tempo cargos notórios no campo educacional, atuou, por exemplo, na promoção na década de 1930 da reforma da instrução pública, considerada a primeira a ser integrada ao espírito da Escola Nova.

Dentre os ideais propostos por Fernando de Azevedo, estava o ensino articulado ao trabalho profissionalizante, uma vez que para ele o ideal da nova educação envolveria três aspectos: escola única, escola do trabalho¹³ e escola-comunidade. Nessa perspectiva

¹² Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, no estado de Minas Gerais, em 1894. [...] no ano de 1909 entrou pra a Companhia de Jesus, tendo feito o noviciado em Campanha-MG. [...] Em 1914 decidiu deixar a Ordem dos Jesuítas, ano em que iniciou o curso de direito no Rio de Janeiro, curso esse concluído em São Paulo, em 1918, na Faculdade do Largo São Francisco. Não se dedicou, porém, à advocacia, tendo optado pelo magistério, que já vinha exercendo desde 1914, quando lecionou latim e psicologia no Ginásio do Estado em Belo Horizonte. Em 1920, ao reformar a Escola Normal de São Paulo, Sampaio Dória introduziu a cadeira de latim e literatura, para a qual foi nomeado Fernando de Azevedo. Paralelamente ao magistério, dedicou-se também ao jornalismo, primeiro como noticiário e colaborador no Correio Paulistano, entre 1917 e 1922; depois, como crítico literário no Jornal O Estado de São Paulo, de 1923 a 1926. E foi na condição de jornalista desse diário que organizou um amplo inquérito sobre a situação da educação no estado de São Paulo (SAVIANI, 2007, p. 207-8). Fernando de Azevedo participou também ativamente, assumindo papel de liderança, da organização do campo educacional. Integrou o grupo que criou, em 1922, a Sociedade de Educação de São Paulo (NERY, 1999), que, com a fundação da ABE, em 1924, por iniciativa de Heitor Lira, se constituiu como a secção paulista da ABE. Foi presidente da ABE na gestão iniciada em 1938. No entanto, sua liderança na organização do campo educativo, mais do que por meio das associações, ocorreu por sua ligação com figuras importantes da política; pela ocupação de cargos públicos em que se investiu da condição de reformador do ensino; e como publicista que desenvolveu intensa atividade de divulgação, seja publicando trabalhos próprios na forma de livros e artigos em revistas e jornais, seja dirigindo as coleções de livros da Companhia Editora Nacional. Fernando de Azevedo foi o principal divulgador e apologeta do movimento da Escola Nova no Brasil. (SAVIANI, 2007, p. 208-9).

¹³ Quanto à escola do trabalho, embora se afirme que, por ela, a atividade educativa se transformaria “num instrumento de reorganização econômica” (idem, p. 73), o que está em causa, aí, é o estímulo às observações e experiências da criança, levando-a a desenvolver o trabalho com interesse e prazerosamente, satisfazendo sua curiosidade intelectual: “o aluno observa, experimenta, projeta e executa. O mestre estimula, aconselha, orienta” (idem, p. 74). (SAVIANI, 2007, p. 211).

compreende-se que, à medida que o país foi se industrializando, a educação foi colocada em seu foco para atender ao mercado de trabalho, uma vez que a articulação entre o ensino e a técnica instituía-se integralmente nos sistemas de ensino.

Outro dado importante para o período em debate e que teve a atuação dos reformadores, de acordo com Saviani (2007, p. 303), foi a promulgação da primeira LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 4.024, em 20 de dezembro de 1961, entrando em vigor no ano seguinte, sendo que a primeira providência tomada em sua vigência, foi a instalação do Conselho Federal de Educação (CFE) ¹⁴.

Como destaca Saviani (2007, p. 336) esse movimento de radicalização das ideias renovadoras no campo pedagógico manifestou em um triplo desdobramento: pela esquerda resultou nos movimentos de educação popular e na pedagogia da libertação, sendo estas pautadas nos ideais de Paulo Freire; pelo centro, nas pedagogias não-diretivas e de alguns ensaios de experimentação baseados na pedagogia institucional; pela direita, a articulação da pedagogia tecnicista.

Nessa perspectiva, na medida em que se ampliava a mobilização popular, compreendida por população rural, sindicatos de operários, organizações de estudantes e movimentos de cultura e educação popular, mobilizaram-se também as classes empresariais; assim, dentre as investidas difundidas por empresários através da organização empresarial, especificamente voltada para a ação política em 1959, quando surgiu o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD); a de maior duração e de mais amplas consequências no âmbito da educação, foi o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), fundado em 1961 e permanecendo em atividade até 1971.

Deste modo, o IPES em suas ações ideológica, social e político-militar, desenvolvia doutrinação por meio de guerra psicológica usando meios de comunicação de massa, visando

¹⁴ Anísio Teixeira cuidou da elaboração do Plano Nacional de Educação, previsto no artigo 92 da referida LDB, sendo este aprovado pelo CFE e homologado pelo ministro Darcy Ribeiro neste mesmo ano. Deste modo, Anísio Teixeira esclareceu por meio do relato do PNE – Plano Nacional de Educação – o sentido do preceito legal mencionado no artigo 92 da LDB, concluindo que frente ao estabelecido, a intenção do legislador era a de “situar a União na posição de prestar assistência financeira aos estados e municípios, provendo recursos suplementares para o desenvolvimento dos sistemas estaduais de educação”. (SAVIANI, 2007, p. 304). Outra participação importante de Anísio Teixeira, apontada por Saviani (2007, p. 309), se refere ao surgimento do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros; tendo se originado do Instituto de Economia, Sociologia e Política – IBESP – que foi formado por um grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo em 1953, e teve curta duração, sendo, porém, posteriormente firmado no Rio de Janeiro com a participação de apenas um membro de São Paulo. Assim, o contato do IBESP com o MEC – Ministério da Educação e Cultura – deu-se em virtude de um convênio com a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – a qual era dirigida por Anísio Teixeira, que ocupou este cargo no ano de 1951 e permaneceu neste até 1964, quando teve seus direitos políticos cassados em decorrência da ditadura civil-militar. Como um dos atuantes de maior destaque do Conselho, esteve Anísio Teixeira, um intelectual que ao longo de sua trajetória optou pela carreira de educador, iniciando sua vida pública em 1924, quando ocupou o posto de diretor da Instrução Pública do Estado da Bahia.

desagregar as organizações que defendiam os interesses populares, e para cumprir seu papel de coordenar a oposição política ao Governo Goulart, este Instituto contava com o financiamento de grandes empresas nacionais e multinacionais, sendo nele estruturado setores de trabalhos para a realização de suas atividades, tendo a Educação um desses setores.

Saviani (2007) aponta que dentre as atividades ligadas à educação, destacam-se dois importantes eventos organizados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). O primeiro refere-se ao simpósio sobre a reforma da educação:

O simpósio sobre a reforma da educação foi preparado ao longo de quatro meses (de agosto a novembro de 1964) e realizado em dezembro do mesmo ano, tendo como objetivo discutir as linhas mestras de uma política educacional que viabilizasse o rápido desenvolvimento econômico e social do país. (SAVIANI, 2007, p. 340)

Como orientação para os debates do simpósio, foi também elaborado um documento básico, o qual se pautava em torno do vetor do desenvolvimento econômico, enquadrado na linha dos novos estudos de economia da educação, que consideravam os investimentos no ensino destinados a assegurar o aumento da produtividade e da renda. Referente a isso:

O texto considerava, então, que a própria escola primária deveria capacitar para a realização de determinada atividade prática. Na sequência, o ensino médio teria como objetivo a preparação dos profissionais necessários ao desenvolvimento econômico e social do país, de acordo com um diagnóstico da demanda efetiva de mão-de-obra qualificada. E, finalmente, ao ensino superior eram atribuídas duas funções básicas: formar a mão-de-obra especializada requerida pelas empresas e preparar os quadros dirigentes do país. (SAVIANI, 2007, p. 340)

Neste intuito, a orientação geral traduzida nos objetivos acima descritos no plano educacional, se baseava no respaldo que integraram posteriormente as reformas de ensino do governo militar. Quanto ao segundo evento organizado pelo IPES, foi o Fórum denominado “A educação que nos convém”, ocorrido em 10 de outubro a 14 de novembro de 1968. De acordo com Saviani (2007, p. 340-341), foi neste episódio que ficaram mais explícitos os aspectos constitutivos da visão pedagógica que iria prevalecer na década posterior, vejamos:

Esse sentido geral é traduzido pela ênfase nos elementos dispostos pela teoria do capital humano; na educação como formação de recursos humanos para o desenvolvimento econômico dentro dos parâmetros da ordem capitalista; na função de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho atribuída ao primeiro grau de ensino; no papel do ensino médio de formar, mediante habilitações profissionais, a mão-de-obra técnica requerida pelo mercado de trabalho; na diversificação do ensino superior, introduzindo-se cursos de curta duração voltados para o atendimento da demanda de

profissionais qualificados; no destaque conferido à utilização dos meios de comunicação de massa e novas tecnologias como recursos pedagógicos; na valorização do planejamento como caminho para racionalização dos investimentos e aumento de sua produtividade. (SAVIANI, 2007, p. 342).

Compreende-se que esta foi a concepção pedagógica movida pelo referido Instituto e que veio a ser incorporada nas reformas educativas instituídas de acordo com a lei prevista para cada setor educacional ao longo do governo autoritário. A partir da consideração dos ideais articulados entre o desenvolvimento econômico e o ensino em prol da profissionalização técnica para o mercado trabalho, em torno da intenção de um país industrializado e preparado para a demanda de mão de obra especializada, surgem os acordos entre Brasil e Estados Unidos visando um equilíbrio no modelo social-econômico. Contudo, a educação dos governos ditadores não se baseava na democracia, isso pode ser observado com a assinatura dos acordos MEC-USAID que foram impostos ao sistema educacional em todos os seus níveis.

Germano (2005) destaca que o golpe de Estado de 1964, configurou a ascensão de um novo bloco no poder, envolvendo uma articulação entre o conjunto das classes dominantes, quais sejam a burguesia industrial e financeira, nacional e internacional, o capital mercantil, latifundiários e militares e uma camada de intelectuais e tecnocratas. Germano (2005, p. 21) qualifica esse conjunto enquanto elite, a partir da visão de interesses por ele representados:

O Estado Militar é assim encarado em sua historicidade, enquanto expressão de uma fase do desenvolvimento do capitalismo no Brasil, que ocorre sob a égide dos monopólios e que expressa, sobretudo, os interesses dos conglomerados internacionais, de grandes grupos econômicos nacionais e das empresas estatais, formando um bloco cuja direção é recrutada nas Forças Armadas e que conta com o decidido apoio dos setores tecnocráticos.

Destaca também que durante os vinte e um anos que o Brasil esteve sob o regime militar, o Estado investiu mais no setor econômico e nas ações repressivas do que propriamente em políticas sociais que de fato se preocupassem em amenizar as desigualdades e injustiças, o que levou a prioridade na política educacional, setores já privilegiados da sociedade. No entanto, este fato não significa que o Estado Militar não tenha desenvolvido políticas sociais em diversos setores como na educação, saúde, previdência, habitação, assistência social, emprego, desenvolvimento comunitário etc., mas atuou diretamente na manutenção da desigualdade social e na acumulação do capital, com precárias políticas sociais.

Assim, deve-se destacar que o Estado concorreu decisivamente para o desenvolvimento das forças produtivas do país, ao mesmo tempo em que foi o responsável maior pela perversa concentração da renda e da riqueza verificada no lapso de tempo em apreço (1964-1985), bem como atuou, de forma persistente, no sentido de reprimir, destroçar e aniquilar os setores mais avançados da sociedade civil brasileira. Trata-se de um Estado arbitrário, que viola as suas próprias leis, denominado eufemisticamente de Estado de exceção que, na realidade, se transformou em regra, em Estado de exceção permanente. (GERMANO, 2005, p. 23).

O autor aponta ainda que este período do Regime Civil-Militar, especificamente entre 1964 a 1974 não se caracteriza somente como época de apogeu do autoritarismo, mas também de realização de reformas institucionais, como na área da educação, contudo, essas políticas sociais não contribuíam efetivamente para a erradicação da miséria apesar do crescimento econômico, e como sabemos o país contava com um elevado número de analfabetos.

Ao se referir sobre o desfecho entre as contradições presentes no modelo econômico e político durante o Regime Civil-Militar, Saviani (2007) aponta que com o Golpe de 1964, a ruptura deu-se de fato no nível político e não no socioeconômico, uma vez que a ruptura política foi necessária para a preservação da ordem socioeconômica, compreendendo-se deste modo que também na educação não foi feita a ruptura, mas houve continuidade:

Eis porque não foi necessário revogar os primeiros títulos da LDB (Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961), exatamente os títulos que enunciavam as diretrizes a serem seguidas. Foram alteradas as bases organizacionais, tendo em vista ajustar a educação aos reclamos postos pelo modelo econômico do capitalismo de mercado associado dependente, articulado com a doutrina da interdependência. (SAVIANI, 2007, p. 362).

Deste modo, a política social deste período enfatizou ações que interferiram diretamente ao setor econômico, já que o intuito era o de favorecer o desenvolvimento industrial capitalista e, não obstante alcançou rigorosamente a educação mediante tais reformas empreendidas.

Saviani (2007) aponta que o aprofundamento das relações capitalistas decorrentes da opção pelo modelo dependente, trouxe a compreensão de que a educação jogava um papel importante no desenvolvimento e na consolidação dessas relações, sendo o ano de 1969 o marco de abertura dessa etapa, já que em virtude do Decreto n. 464, de 11 de fevereiro desse ano, entrou em vigor a reforma universitária instituída pela Lei n. 5.540, de 28 de novembro 1968. Tal reforma impactou em todo o ensino superior e no ano de 1971, o tecnicismo chegaria aos demais níveis com a Lei 5692, vejamos:

E, no campo especificamente pedagógico, foi também em 1969 que se deu a aprovação do Parecer CFE n. 252, que introduziu as habilitações técnicas no curso de pedagogia. Com a aprovação da Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, buscou-se estender essa tendência produtivista a todas as escolas do país, por meio da pedagogia tecnicista, convertida em pedagogia oficial. (SAVIANI, 2007, p. 363).

A Reforma Universitária como nos destaca Germano (2005, p. 106), ocorreu num contexto permeado por repressões e mobilizações; já a partir do golpe em 1964, vários movimentos de educação e cultura popular como o CPC (Centro Popular de Cultura/UNE), MCP (Movimento de Cultura Popular), dentre outros, foram fechados e muitos de seus participantes presos e boicotados.

Neste contexto, como destaca este autor, muitas Universidades foram alvo de intervenção militar, a maioria destas passaram a contar com representações advindas do setor militar, nomeadas pelo Conselho Federal de Educação como reitores pro-tempore, no entanto, dentre algumas representações, ao contrário da maioria das Universidades, aderiram ao Regime Civil-Militar, e contribuíram para perseguir os que lutavam contra as formas que eram ideologicamente impostas, intelectuais, professores e alunos foram duramente tirados do meio acadêmico, a exemplo de adesão ao Regime Germano (2005) destaca a USP, tendo assim o reitor a intenção de caçar, afastar e punir os que manifestassem ideias de cunho marxistas e subversivas. Professores sob formas de aposentadorias compulsórias foram obrigados deixar a carreira mediante acusações que posteriormente em abril de 1969 estariam sob o AI-5 em vista de severas punições nele contidos, dentre a repressão a qualquer crítica política.

Como afirma o autor, embora os acordos entre o MEC e a USAID tenham desde 1964 abrangido todos os níveis de ensino, a reforma universitária de 1968 não ocorreu diretamente sob uma imposição da agência norte americana USAID e mediante os grupos de seus assessores que trabalhavam junto ao MEC, uma vez que desde a década de 1940 ocorria um movimento de cunho nacional pela modernização da universidade.

Segundo Germano (2005, p. 118-119), todas as iniciativas das distintas instituições apontavam de certo modo para “a necessidade a extinção do sistema de cátedras; a introdução da organização departamental; a divisão do currículo escolar em dois ciclos, um básico e outro profissionalizante; integração das atividades de ensino e pesquisa e a ênfase na pós-graduação”.

Ao tratar sobre a Reforma de 1º e 2º graus sob a Lei 5692/71, Germano (2005) identifica que, ao contrário da Reforma Universitária, perpassada por vários movimentos

contestatórios, esta ocorreu de modo passivo, ou seja, sem reivindicações de qualquer setor, acadêmico, social ou mesmo político. Assim, não houve espaço para os grupos de pressão, uma vez que o setor privado por meio da referida lei havia sido contemplado em seu interesse e por outro os partidários da escola pública estavam nesse momento desarticulados e incorporados a outras formas de lutas ou aderiam ao Regime.¹⁵

O autor afirma que a Lei 5.692/71 trouxe dois aspectos fundamentais; o primeiro aspecto referia-se à extensão da escolaridade obrigatória¹⁶, compreendendo todo o ensino de 1º grau, com a junção do ensino primário e o ginásio, o segundo consistia na generalização do ensino profissionalizante no 2º grau.

Germano (2005) ressalta para o fato de que, tal democratização no ensino, assumia uma dimensão apenas quantitativa, uma vez que excluía a liberdade de participação política de estudantes e professores, bem como se pautava no uso da repressão e da censura no ensino.

A educação no período da ditadura civil-militar sofreu uma série de impactos que interferiram diretamente no conjunto das políticas educacionais do Estado brasileiro, dentre estas, podemos destacar a grande ênfase dada por meio das mudanças ocorridas anteriormente como a partir da Lei 5.692/71. No entanto, tais políticas implementadas evidenciam um mesmo ideal – o crescimento da produtividade e aumento do capital econômico.

É imprescindível a compreensão de que as políticas de governo neste período empreenderam ações que repercutiram diretamente no contexto educacional, uma vez que mediante as especificidades elencadas por meio da LDB 5.692/71, a educação foi integrada concomitantemente ao ensino técnico-profissionalizante, o que emerge a intenção da expansão da mão de obra ao mercado capitalista vinculada à formação no âmbito educacional.

Todavia, apesar da expansão qualitativa do ensino, elencada por esta lei, bem como da elevação do número de implantação de instituições escolares, foi um período marcado por

¹⁵ Na época, boa parte das lideranças estudantis, dos intelectuais de esquerda e, em escala bem menor, das lideranças operárias e camponesas havia se engajado, notadamente no período 1969-1971, na luta armada contra a ditadura e em favor de uma revolução, entendida como de libertação nacional, popular e democrática ou mesmo socialista, dependendo da organização política em que se militava. Assim, não se tratava mais de lutar por “reformas de bases”, entre as quais a reforma educacional, conforme o ideário pré 1964, mas de empreender de fato uma transformação estrutural profunda na sociedade brasileira. (GERMANO, 2005, p. 161)

¹⁶ Como traz o autor, tal quadro revela que, embora o acesso à escolarização tenha atingido significativos contingentes das camadas populares, a qualidade da educação, no entanto, foi de baixa qualidade, mantendo assim níveis elevados de repetência e evasão. Por outro lado, no ano de 1971, o Regime estava em sua fase de evidência, a economia atingia elevados índices de crescimento econômico ao mesmo tempo em que o clima de repressões causava medo e terror. Germano (2005, p. 163) destaca que o Governo Médici, estava a frente do desenvolvimento de notáveis projetos, como a construção da rodovia Transamazônica e da ponte Rio-Niterói, o que ia de encontro ao slogan propagado na época: “Este é um país que vai pra frente”. No que trata à questão da erradicação do analfabetismo, em 1969 foi criado o MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização, o qual visou o alcance de grande parte da população - efetivando-se em 1970.

restrições a real liberdade de expressão dos indivíduos em todos os aspectos que dizem respeito à oposição do que estava previsto nas formas de implementação e cumprimento das leis e decretos que regeram a ditadura civil-militar no Brasil.

Nesta perspectiva, a educação no contexto do recorte do trabalho aqui delineado sofreu influências que estiveram diretamente ligadas ao trabalho pedagógico escolar. Procuraremos descrever no próximo segmento, alguns aspectos que orientaram essa proposta de ensino, bem como as intenções nela inseridas que permearam o setor educativo neste momento.

2.1.2 A influência da Pedagogia Tecnicista no Brasil

A década de 1970 nos revela um período em que a Pedagogia Tecnicista esteve à frente de um modelo implantado com maior intensidade na Educação brasileira, uma vez que esta se encontrou diretamente vinculada ao trabalho pedagógico escolar.

Assim, como sabemos, o ensino técnico profissionalizante configurou-se com maior ênfase durante a ditadura civil-militar, ocorrendo mudanças consideráveis de ordem política, social e econômica que buscavam expandir o mercado capitalista. O intuito diante dessas mudanças seria o de promover um país voltado para o desenvolvimento econômico, pautado na produção industrial, sendo considerada como uma das mais importantes vias para tal alcance: a educação.

A concepção da Pedagogia Tecnicista, de acordo com Saviani (2007) se baseia no pressuposto da neutralidade científica, sendo inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, e advoga a reordenação do processo educativo de maneira que o torne objetivo e operacional, “daí enfim, a padronização do sistema de ensino a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem se ajustar as diferentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas”. (SAVIANI, 2007, p. 380).

Neste sentido, a Pedagogia Tecnicista subsidiou a educação propondo uma organização racional a fim de dar padronização ao sistema de ensino por meio de planejamentos que deveriam se ajustar as diferentes práticas pedagógicas. Segundo o referido autor, na pedagogia tecnicista o elemento principal era a organização dos meios, ou seja, o professor e o aluno ocupavam posição secundária, em um processo que se encontravam na condição de executores, cuja concepção e controle ficavam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros e imparciais. Neste delineamento:

Nos termos indicados, a educação será concebida como um subsistema cujo funcionamento eficaz é essencial ao equilíbrio do sistema social de que faz parte. [...] Do ponto de vista pedagógico, conclui-se que, para a pedagogia tradicional a questão central é aprender, e para a pedagogia nova, aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer. (SAVIANI, 2007, p. 381).

No entanto, apesar do ensino técnico profissionalizante, como já antes mencionado, ter se acentuado durante o período da ditadura civil-militar, é cabível a consideração de que essa intencionalidade integrada ao setor educacional se fazia presente há décadas, podendo ser vista principalmente após o crescimento industrial que foi se expandindo a partir da Revolução de 1930.

Como vimos anteriormente, muitos dos subsídios teóricos das reformas implantadas no sistema educativo do país, foi obra dos acordos com a USAID. Segundo Araújo (2007, p. 52), este organismo estava ligado à esfera da educação brasileira, com o intuito de legitimar um projeto de transformação e modernização da educação brasileira, na qual a finalidade era o direcionamento a uma racionalidade de modo de produção capitalista e que reforçaria o contexto da sociedade brasileira, dividida em classes.

Desta forma, o modelo de educação adotado, implicaria também no projeto a ser implantado no Brasil por meio da criação das Escolas Polivalentes; houve assim transformações nas etapas do ensino, unificando-se o primário com o ginásio, e profissionalizando-se o colegial, o que resultou na mudança da Lei básica de normalização do ensino; a Lei 5.692/71, a qual orientou toda a educação básica neste período.

A aliança entre a USAID e o MEC levava à orientação quanto aos rumos da educação brasileira a serem definidos e implantados nas Secretarias Estaduais de Educação; a USAID, no âmbito universitário, promoveu a orientação dos profissionais especialistas para os planejamentos do ensino secundário, o que veio a ser a Equipe de Planejamento do Ensino Médio (EPEM) e, a partir de planos racionais sobre o ensino médio para os Estados, resultou na organização do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM)¹⁷; propondo a completa transformação desse nível do ensino, o que, segundo Araújo (2007, p. 53) seriam os principais pontos do processo de modernização brasileira educacional.

¹⁷ De acordo com Araújo (2010): “A Universidade norte-americana “San Diego State College Foundation”-Califórnia foi responsável por nortear os planejamentos da área educacional do ensino secundário, no âmbito federal e estadual. Assim, o governo brasileiro ficou responsável por promover a reprodução em meio à sociedade, sobre a importância deste projeto educativo, e ao mesmo tempo a união com a Aliança para o Progresso, a qual diz respeito ao projeto de educação, desenvolvido a partir de três reuniões realizadas respectivamente no Uruguai, Chile e Colômbia, que objetivaram definir o tipo de educação a ser implantada no Brasil; a fim de estabelecerem metas a serem alcançadas em dez anos seguintes” (ARAÚJO, 2010, p. 7).

Uma importante ação neste contexto político foi a Aliança Para o Progresso; de acordo com Araújo (2010), este projeto foi o resultado de três reuniões com o objetivo de decidir a educação que seria colocada no Brasil, o que resultou na implantação das Escolas Polivalentes, bem como na criação da Lei 5.692/71, a qual como já descrito acima, legalizou e oficializou a educação básica no Brasil durante o período da ditadura civil-militar. Tais reuniões podem ser destacadas primeiramente pela "Reunião Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social em Nível Ministerial, a qual foi realizada em Punta del Este - Uruguai; reunião esta que estabeleceu um plano de metas para a educação, a fim de propor as Metas da Aliança para o Progresso na Educação, as quais deveriam ser alcançadas em dez anos posteriores.

Após destaca-se a "Segunda Conferência sobre Educação e Desenvolvimento Econômico e Social na América Latina", sendo esta realizada em Santiago do Chile, em 1962. Em tal reunião metas e critérios foram criados com vista ao alcance dos objetivos da educação através das estruturas e administração dos serviços educativos, objetivando-se, o máximo aproveitamento dos recursos disponíveis, ficando esclarecida nesta conferência que a educação deveria contribuir para o mundo do trabalho, e assim para o desenvolvimento econômico e social.

A terceira conferência foi considerada como a "Reunião Interamericana de Ministros da Educação", sendo a mesma realizada em Bogotá - Colômbia em 1963; tal reunião teve como principal característica o caráter pragmático, marcado pela democracia e nacionalismo, sendo sua finalidade "avaliar o desempenho do plano decenal de Educação da Aliança para o Progresso, como também propor as correções necessárias à plena concretização daquela proposta" (ARAÚJO, 2010, p. 7).

Segundo o autor citado, nesta conferência foi percebida uma crítica ao Projeto de Educação da Aliança para o Progresso; para os participantes o Homem deveria ser o ponto central e mais importante, e não apenas o Trabalho com vista à produção e ao lucro, uma vez que os ministros que lá estiveram presentes apresentaram propostas visando a um novo projeto, no qual fosse levado em consideração o ser humano como ser crítico em seus direitos individuais e coletivos, o que deixa bem claro a oposição ao projeto com vistas ao capitalismo industrial apresentado, sendo este o que posteriormente foi colocado em prática.

Tais transformações refletiam o resultado de programas político, econômico e ideológico da Aliança para o Progresso a fim de evitar o socialismo na América Latina, de modo que se buscava implantar um modelo de escola que vinha com o intuito de atender aos

interesses das classes dominantes; cabendo assim ao PREMEX, a partir das metas estabelecidas através desta Aliança, colocá-las em prática no Brasil, enquanto vigentes na ditadura civil-militar.

Na América do Sul, Uruguai e Chile apoiaram as metas voltadas para o desenvolvimento educativo visando atender a profissionalização capitalista, enquanto a Colômbia ao avaliar o Plano de metas da Aliança para o Progresso evidenciou a crítica quanto a este modelo, apontando propostas para um novo projeto, no qual o Homem deveria ser o ponto principal e não o trabalho, como era evidente nas metas dos outros países descritos; porém a crítica não surgiu efeito e o plano a ser seguido seria o então de cunho político internacional, o qual buscava aliar ao regime civil-militar, com o intuito de garantir a força das elites dominantes.

Nesta vertente, as Escolas Polivalentes se apresentaram como uma proposta de ensino, com ênfase a promover a qualidade na educação pautada na intenção do ensino profissionalizante, no qual se encontrava elevado grau de prestígio educacional, uma vez que o aparato metodológico e prático contava com um significativo diferencial, diante dos demais modelos em vigor.

Segundo Fonseca (2013), a ditadura se utilizou dos Atos Institucionais impostos à sociedade com o intuito de impossibilitar as manifestações coletivas. A partir de então, o governo militar junto aos americanos concretizaram acordos através das parcerias entre MEC e USAID - os quais deram novos rumos à educação brasileira, tendo em vista a instalação do ensino técnico.

É fato que as repressões causaram grande temor e espanto no decorrer deste período, os cidadãos não tinham direito a manifestarem nenhuma opinião contrária ao determinado pela ditadura. A este respeito Cunha e Góes (1985, p.36) apontam:

A repressão foi a primeira medida tomada pelo governo imposto pelo golpe de 1964. Repressão a tudo e a todos considerados suspeitos de práticas ou mesmo ideias subversivas. A mera acusação de que uma pessoa, um programa educativo ou um livro tivesse inspiração "comunista" era suficiente para demissão, suspensão ou apreensão.

Assim, muitos artistas que procuraram lutar contra esse regime e a forte onda que assolava a sociedade, usaram principalmente das formas de expressões artísticas, ora em linguagem literária, oculta na maioria, em metáforas pelas letras de músicas como também em representações teatrais. O educador Paulo Freire, que neste contexto desenvolvia o trabalho

educativo com os cidadãos no sentido de que tomassem consciência sobre seus direitos e oportunidades, também sofreu consequências pela sua prática.

Cunha e Góes (1985) trazem como exemplo o Programa Nacional de Alfabetização, que utilizava o Método Paulo Freire, o qual foi extinto neste momento; tais práticas foram consideradas como uma afronta pelos ditadores governantes e, em resposta, o exílio foi a ação contra Freire e muitos outros intelectuais e artistas, bem como a prisão e tortura aos que insistiam em tais reivindicações contrárias.

Nesta perspectiva, a sociedade foi se estabelecendo em uma visão global do mundo do trabalho enquanto a educação compulsoriamente ia se tornando fundamental para a promoção das atividades capitalistas, uma vez que a instrução se torna essencial para as práticas profissionais.

O período da ditadura civil-militar tornou mais visível a influência dos Estados Unidos no que diz respeito às formas de controle no reforço dos meios de produção capitalistas; era preciso que o mercado se preparasse para receber trabalhadores técnicos capacitados para a produção industrial na execução das diferentes tarefas presentes no setor industrial. É importante também destacar que as políticas internacionais da USAID, se faziam presentes no Brasil antes ao período da ditadura, uma vez que esta atuava na formação de professores do ensino primário por meio da Universidade de Minas Gerais.

De acordo com Araújo (2010) a partir de tais medidas, a Escola Polivalente foi criada, e com a ajuda financeira, política e ideológica dos EUA, o modelo internacional foi oficialmente estabelecido por meio das Escolas Polivalentes que seriam implantadas no Brasil. A ajuda internacional só se consolidaria para se buscar a solução para os problemas educacionais do país caso se seguisse os princípios da parceria entre o Conselho Federal de Educação (CFE), o Ministério de Educação e Cultura (parte da instituição educacional brasileira), a Diretoria do Ensino Secundário (DES), e a USAID, esta última incumbida de dar o suporte necessário ao processo educativo no que diz respeito ao controle técnico e financeiro, bem como em outras funções como em treinar a equipe técnica brasileira nos planejamentos de ensino, dar assistências às secretarias e conselhos de educação, dentre outros. Araújo (2010, p. 03) afirma:

Neste momento, a USAID contrata os serviços do sistema universitário do Estado da Califórnia (EUA), que, por meio da San Diego State College Foundation, ofereceu os serviços de seus especialistas para atuarem como consultores durante dois anos, tendo eles a obrigação de orientar a área de planejamento de ensino no nível secundário em âmbito federal e estadual.

Segundo o autor, esperava-se destes especialistas: a) Formação de uma equipe integrada por funcionários do Ministério e da Diretoria do Ensino Secundário (DES) devidamente treinados para orientar e assessorar, em caráter permanente, os estados no setor do planejamento do ensino secundário (o que veio a ser a Equipe de Planejamento do Ensino Médio, a EPEM); b) Planos racionais sobre o ensino secundário de âmbito estadual, de grande e pequena amplitude, para um mínimo de seis Estados e para tantos Estados quanto permitissem as condições (resultou no Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio - PREMEM - como sendo o produto do planejamento encomendado à EPEM); c) Circunstanciado relatório e recomendações ao Ministério, a DES e ao Conselho (CFE) acerca das condições e reclamos do ensino secundário no Brasil, decorrente do desenvolvimento de planos estaduais (resultou igualmente na transformação completa do ensino Médio e Primário com a promulgação da Lei nº 5.692/71). (ARAÚJO, 2010, p. 3).

Nesta perspectiva, tais instituições americanas se responsabilizaram em propiciar cursos de formação aos profissionais escolhidos pela USAID na San Diego State University, a fim de posteriormente colocá-los em prática no Brasil.

O PREMEN, de acordo com Araújo (2010) foi o resultado do novo acordo em 1970, entre a USAID/MEC, sendo que a partir de 1972, a EPEM foi incorporada à estrutura do planejamento do MEC, perdendo deste modo sua autonomia e administrativamente implementada a este; a partir de então o PREMEN passou a ser o responsável pelo plano da reforma educacional e pela implementação e organização das Escolas Polivalentes, escolas estas que marcaram o contexto histórico educacional brasileiro.

Segundo este autor, o PREMEN surgiu quando houve a exigência pelo contexto político e econômico de reformular a educação brasileira “por meio dos empréstimos e acordos realizados com a USAID quando esta instituição tinha a finalidade de “ajudar” os países periféricos, que viviam o contexto de Ditaduras Militares, estas, produto da grande potência capitalista do continente americano, os EUA”. (ARAÚJO, 2010, p. 3)

Dessa forma, Arapiraca (1979) aponta que todo o processo de ajuda proporcionado ao setor educativo pela USAID, buscava racionalizá-lo com o projeto político-econômico que se implantava no Brasil a partir de 1964, já mais visivelmente comprometido com o capitalismo internacional, o que segundo ele era a representatividade da noção do Capital ideologicamente inserido no sistema educacional:

Neste sentido, a participação da educação está configurada, na medida em que legitima o capital, proporcionando-lhe meios para sua acumulação, privilegiando assim formas de ensino profissionalizante para atendimento de suas necessidades de mão de obra especializada. (ARAPIRACA, 1979, p. 3)

Nesta perspectiva, o referido autor relaciona o projeto de ajuda da USAID com o sistema de ensino médio brasileiro como uma das fórmulas de utilização da educação para fins econômicos do capitalismo norte-americano. Como já mencionado, ao fazer uma severa crítica ao modelo PREMEN, Arapiraca (1979) aponta que este buscou indevidamente utilizar-se da teoria pedagógica filosófica americana enfatizando o ideal de Escola Única em uma sociedade capitalista, o que nada tem a ver com a sua real intenção, uma vez que esta pressupõe uma sociedade igualitária, contradizendo-se a uma sociedade dividida em classes como a brasileira. O modelo implantado, segundo o autor apoiou-se nas Escolas Polivalentes. Conforme ressalta Arapiraca (1979, p. 153):

Como resultado concreto (no campo específico do nosso problema de estudo –a educação), todo o sistema de ensino primário e médio brasileiro foi radicalmente transformado: unificou-se o ensino primário com o ginásio e profissionalizou-se o colégio. Modificou-se estruturalmente a lei básica de normalização de ensino. E mais especificamente, criou-se um novo tipo de escola, modelada nos EUA, denominado Escola Polivalente. Explicitamente, tomou-se esse modelo de escola como um efeito demonstração para toda a reformulação que se seguiu no sistema escolar.

Arapiraca (1979, p. 223-224) ao tratar dessa questão mediante a implantação das Escolas Polivalentes no contexto educacional brasileiro deixa claro seu posicionamento ao considerar esse modelo como meio ideológico em vista dos interesses capitalistas:

[...] Quer nos parecer, no entanto, que essa tentativa de se apropriar do universo conceitual da educação politécnica e da Escola Única para justificar o modelo da Escola Polivalente implantada, e com isso legitimá-la, como o achado de uma solução universalmente buscada, e que por isso mesmo está além e acima de qualquer suspeição de ideologia de classe, é irresistente conceitualmente, e impraticável socialmente numa sociedade de classe como a nossa.

De acordo com Resende (2011, p. 47) como uma das formas para manter o domínio dos EUA sobre o Brasil, a USAID estruturou planos para todos os níveis de ensino; tais planos se dividiam em subprojetos que articulavam os vários níveis da educação brasileira, buscando assim sistematizá-la. Segundo a autora, para que o ensino médio atingisse o seu objetivo, era necessário que as reformas abrangessem todo o processo de escolarização, “essa articulação foi realizada por meio da Lei nº. 5.540/68, que reformou o ensino universitário, e a

de nº. 5.692/71, que reformou os ensinos de 1º e 2º graus, unificando, no 1º grau o ensino primário e ginasial, e denominando de 2º grau o antigo colegial” (RESENDE, 2011, p. 47-48).

Resende (2015, p. 60) ao tratar sobre a gênese das Escolas Polivalentes neste contexto, aponta que o primeiro acordo MEC/USAID que desencadeou a criação dessas escolas ocorreu em 1969, datando de 1970 a resolução 925, que as estruturam e as normatizam, e a partir do ano de 1971, o início de funcionamento das mesmas, período este de transição entre as décadas de 60 e 70, e perpassado pela consideração de que a relação entre educação e processo produtivo era tida como direta e produtiva, porém desviando-se da positividade para a negatividade.

A Educação, de um lado, era considerada como meio de investimento econômico, ou seja, positivamente veiculada a possíveis avanços na área econômica e industrial a partir da formação técnica que proporcionaria aos indivíduos aptidões necessárias para atender a mão de obra especializada às diversas áreas industriais e, de outro lado, criticamente era vista como meio ideológico, com o intuito de beneficiar o capital e consequentemente estaria a usufruir apenas do lado produtivo do ser humano, com vistas à alienação política, restringindo-o a meramente a desenvolver o que era apazível a demanda da indústria econômica, ou seja, a prática profissional através do trabalho especializado.

De acordo com Resende (2015) o processo de criação das escolas Polivalentes começou a ser pensado quase duas décadas antes da efetiva implementação.

Segundo o documento “Fundamentação teórica da escola Polivalente”, na década de 1950 iniciaram-se estudos e discussões; nos anos 1960, a ideia de polivalência aplicada à educação se materializou nos ginásios orientados para o trabalho, que subsidiaram a reformulação da então escola média e a decorrente criação daquelas escolas alinhadas nas necessidades práticas do trabalho (RESENDE, 2015, p. 73-74).

Neste sentido, as escolas Polivalentes podem ser compreendidas a partir do modelo proposto para os ginásios orientados para o trabalho, no entanto, distinguem-se ao passo que o currículo destas apresenta a proposta de ensino integrado entre o ensino teórico, regular e vocacional profissionalizante, prático, na intenção curricular destas escolas. A essa questão nos respaldamos nos apontamentos de Resende (2015, p. 75) que cita Hilton Salles (1970, p. 62-3) sobre a ideia de ensino polivalente:

De qualquer modo, o ginásio polivalente, ginásio orientado para o trabalho, ginásio pluricurricular, ou simplesmente ginásio de tronco único, na conceituação brasileira é um ajustamento brasileiro à escola compreensiva que existe em muitos países avançados. Poder-se-ia dizer que o ginásio polivalente é um novo tipo de ensino ginasial que se distingue dos tipos

tradicionais: I – porque é um ginásio não diferenciado em termos de formação geral exclusiva ou de preparação imediata e prematura. Vincula a educação vocacional ou pré-profissional à educação geral; 2) porque oferece margem relativamente ampla à análise das tendências individuais para estudos teóricos ou para atividades concretas. Estas atividades não se limitam aos processos práticos próprios, por exemplo, das ciências experimentais; mais que isso abrangem as técnicas elementares relacionadas com a produção industrial, agrícola e comercial. Estas duas características, isto é, (1) o ensino vocacional considerado como parte da educação geral e (2) a sondagem das aptidões dos alunos, nas séries iniciais, para lhes propiciar variadas possibilidades opcionais, nas duas últimas, definem em suas linhas mais gerais a polivalência nesse nível de ensino.

Resende (2015, p. 99) destaca para o fato das nomenclaturas relativas ao PREMEM/PREMEN, uma vez que podem mostrar-se destas duas formas, com a grafia “M” ou “N” no final. Segundo a autora, a sigla PREMEM refere-se ao Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio, criado pelo decreto 63.914, de 26 de dezembro de 1968, período em que a estrutura educacional encontrava-se sob a vigência da lei 4.024/61 e dividida em ensino primário, ensino médio e ensino superior.

Assim, a partir de 1971, quando a lei 5.692 passou a vigorar, a estrutura educacional foi modificada, deixando de existir a denominação ensino médio; em 26 de janeiro de 1972 entrou em vigor o decreto 70. 067, o qual revogou o decreto 63. 914/68, sendo criado o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino – PREMEN. A autora ressalta:

Nas duas versões do programa, os objetivos eram estes “[...] incentivar o desenvolvimento quantitativo, a transformação estrutural e o aperfeiçoamento de ensino médio” (BRASIL, 1968, art. 1º) e “[...] aperfeiçoar o sistema de ensino de primeiro e segundo graus no Brasil (BRASIL, 1972a, art. 1º). A aprovação da primeira versão considerou que o “[...] aprimoramento do ensino médio, no nível ginásial deve ser estimulado com o aumento de escolas polivalentes” e a existência de “[...] diretrizes governamentais fixadas na preparação de recursos humanos necessários ao desenvolvimento” (BRASIL, 1968). Atrelado ao Ministério da Educação e Cultura, o programa era administrado por uma comissão composta por seis membros (segundo decreto 63.914, art. 3º) e por sete membros (segundo decreto 70.067, art. 4º) designados pelo ministro e com dotação orçamentária de recursos “[...] federais e estaduais, e extra-orçamentários de fontes internas e externas” (BRASIL, 1968, art. 2º; 1972a, arts. 2º e 5º). (RESENDE, 2015, p. 99-100)

Nessa perspectiva, Resende (2015, p. 100) destaca duas responsabilidades que competiam à referida comissão do PREMEN:

I – Promover, juntamente com os Estados, a implementação dos planos elaborados pelos mesmos e referentes à expansão e melhoria de sua rede de

ensino médio público, em articulação com uma assistência técnica educacional que assegure a consecução dos objetivos do PREMEX. II – Administrar os projetos de âmbito nacional que visem ao treinamento e aperfeiçoamento de professores de ensino médio geral, à construção de um ginásio polivalente modelo na Capital de cada Estado, ao equipamento e manutenção dos centros de treinamento de professores de ciências, à seleção de bolsistas para aperfeiçoamento no estrangeiro e à organização de serviços de assistência técnica educacional (BRASIL, 1968, art. 6º).

De acordo com a citação acima, podemos considerar que mediante a estas duas responsabilidades prescritas, cabia uma série de organização relativa ao processo de planejamento e estrutura do projeto polivalente, bem como a sua implementação, se incumbiam desde o ato de planejar, até à escolha de municípios com destaques socioeconômicos para a construção de tais escolas, como para formação específica de profissionais que atuariam nas mesmas.

Como aponta Bittencourt Júnior (2013, p. 74) a Lei 4.024/61 definiu as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, estruturando assim a obrigatoriedade de quatro anos na educação primária, concedendo prerrogativas às unidades da Federação de acrescentarem até duas séries, o ensino médio estruturou-se em sete anos, no mínimo, divididos sequencialmente em dois ciclos, o ginasial e o colegial.

Como ressaltado, a Lei definiu também o ensino nos segmentos secundário e profissionalizante, incluindo nestes, disciplinas vocacionais e técnicas (Comercial, Industrial, Agrícola e Normal); o autor comenta que tais propostas não vieram a mudar o status de escola, embora tenha melhorado “o ensino para o público de 07 a 14 anos no Brasil continuava com problemas estruturais, como o ensino médio dualista, com o secundário essencialmente preparatório para o ensino superior e o técnico com caráter de preparação profissional e de natureza terminal” (BITTENCOURT, 2013, p. 75)¹⁸.

Bittencourt Júnior (2013) ressalta que entre os anos de 1960 e 1970, houve um número aproximadamente de 500 acordos entre Brasil e EUA, através da USAID, os quais eram firmados entre a USAID e unidades da Federação Brasileira e em outros entre a USAID e o MEC.¹⁹

¹⁸ Segundo o autor, um dos principais pontos considerados mediante a Lei 5.692/71, trata-se do ensino obrigatório e gratuito dos 07 aos 14 anos, com duração de oito anos, visando a sondagem de aptidões e a iniciação ao trabalho nas séries finais, denominado ensino de 1º grau.

¹⁹ Bittencourt (2003, p. 64-65), ao tratar sobre o convênio entre MEC e USAID, traz que os acordos entre ambos se firmaram após a Segunda Guerra Mundial, dentre eles destacam-se o Inter-American Education (IAEF) e o Ministério da Agricultura do Brasil em 1945, e entre o MEC e esta agência firmado em 1946, sendo a partir da Aliança para o Progresso em Punta Del Este que E.U.A., por meio da USAID, intensificaram a participação em apoio aos países da América Latina, entre eles o Brasil.

A partir deles é que se fez uma reforma do sistema educacional brasileiro, com intervenções no ensino fundamental, secundário, superior, ensino técnico profissionalizante e alfabetização de adultos. Essas intervenções passavam pela construção de prédios, compra de mobiliários, treinamento e/ou aperfeiçoamento de professores e técnicos administrativos nos diferentes setores da hierarquia educacional brasileira, concessão de bolsas de estudo de mestrado e doutorado no exterior, entre outros, em toda a estrutura da educação brasileira (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 66-67).

Tal processo, como antes mencionado, neste período se mostra com maior concretude, trazendo para a Educação essa concepção advinda do objetivo de estreitar a formação dos sujeitos integrada ao ensino profissionalizante, a fim do alcance de uma maior qualificação para o trabalho a ser desenvolvido nas diferentes áreas específicas em meio às indústrias que estavam sendo consideravelmente implantadas no Brasil em prol do crescimento econômico. Neste sentido Saviani (2007) traz apontamentos que melhor salientam para essa questão:

A adoção do modelo econômico associado-dependente, a um tempo consequência e reforço da presença das empresas internacionais, estreitou os laços do Brasil com os Estados Unidos. Com a entrada dessas empresas, importava-se também o modelo organizacional que as presidia. E a demanda de preparação de mão-de-obra para essas mesmas empresas associada à meta de elevação geral da produtividade do sistema escolar levou à adoção daquele modelo organizacional no campo da educação. Difundiram-se, então, ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo, fordismo), ao enfoque sistêmico e ao controle do comportamento (behaviorismo) que, no campo educacional, configuraram uma orientação pedagógica que podemos sintetizar na expressão “pedagogia tecnicista” (SAVIANI, 2007, p. 365-367).

Mediante ao exposto, fica claro que houve um esforço para alinhar totalmente o sistema de ensino ao modelo econômico capitalista, uma vez que a escola era considerada uma instituição capaz de contribuir com as metas esperadas para o alcance da melhoria do processo de crescimento econômico, ao ofertar o ensino preparatório para as classes trabalhadoras que seriam inseridas no mercado de trabalho.

Conforme as intenções relativas à implantação da Pedagogia Tecnicista no país torna-se evidente que a educação esteve estritamente veiculada ao intuito de promover o avanço no setor socioeconômico, considerada a grande ponte que poderia ligar os caminhos do desenvolvimento industrial à produtividade capitalista a partir da formação técnica-profissionalizante capaz de atender as demandas necessárias ao trabalho de mão de obra especializada.

Buscaremos uma reflexão no segmento posterior remetendo-nos a algumas características gerais concernentes ao modo de constituição e organização ideológica dos

primórdios da instituição escolar e de aspectos que integraram a implantação dos Polivalentes no Estado de Minas Gerais e regiões.

2.2 Os Colégios Polivalentes em Minas Gerais e no Triângulo Mineiro

O processo de mudanças ocorridas no Brasil durante o período da ditadura civil-militar, como já descrito repercutiu-se em vários setores, dentre os econômicos, sociais, políticos e culturais; nessa perspectiva, tendo como objeto de estudo a Escola Polivalente de Ituiutaba - MG torna-se pertinente uma breve exposição sobre o percurso desse modelo de escola em Minas Gerais.

Neste sentido, Bittencourt Júnior (2013) ao fazer uma explanação sobre documentos que tratam sobre o Projeto das Escolas Polivalentes verificados no Arquivo Morto da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais - SEEMG, destaca a Resolução ALMG 925/70, pela qual a Assembleia Legislativa de Minas Gerais aprovou o convênio celebrado entre a União e o Estado de Minas Gerais em 19 de fevereiro de 1970.

De acordo com o autor anexa a essa resolução havia uma série de documentos relativos às especificidades do Projeto Polivalente. Em relação à filosofia desse modelo de escola, mediante aos documentos examinados, Bittencourt (2013, p. 80) afirma:

O que se buscava era uma escola que contemplasse as expectativas quanto a uma formação mais eficiente. A superação do modelo dualista teria que ser feita por uma escola que contemplasse as expectativas da população quanto à formação geral e a expectativa dos setores produtivos da sociedade quanto a uma formação para o trabalho. O argumento principal era o de oferecer uma escola que fosse conceitualmente moderna, adequando o conhecimento geral, com referência nas ciências, e um ensino com sondagem de vocações e fundamentalmente como introdução ao mundo do trabalho, uma vez que ela não formava um profissional, mas tratava o profissionalismo e o trabalho como parte da cultura e do ensino humanístico.

Nesta perspectiva, Bittencourt Júnior ressalta ainda para a questão da filosofia das Escolas Polivalentes:

Em resumo, na leitura dos documentos que definem a filosofia dos GPEs, pode-se pois constatar que estes podem ser definidos, em seus objetivos e funcionalidades em três eixos:

- sondagem de vocação orientada, juntamente com educação geral, caracterizando o ensino humanista moderno;
- continuidade de estudo como segundo ciclo do ensino de 1º grau;
- favorecimento de estudos posteriores, democratizando o acesso ao ensino superior. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 84)

Deste modo, o autor comenta que mediante a análise dos referidos documentos que tratam da filosofia dessas escolas, é visível a intenção da proposta de um ensino integrado às áreas humanística e vocacional em vista da superação do então modelo dualista, apresentando-se como uma escola moderna.

Como mencionado, Resende (2015) traz uma ampla e relevante abordagem referente à sua pesquisa desenvolvida sobre as Escolas Polivalentes do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, pela qual demonstra a gênese desse modelo de escola presente no período do Regime Militar, dentre os aspectos constitutivos, estruturais e pedagógicos dessas escolas.

Destacamos as oito Escolas que se apresentam como objeto estudo da tese de doutorado da referida autora: Araguari, Araxá, Frutal, Ituiutaba, Monte Carmelo, Patos de Minas, Uberaba e Uberlândia; a autora ressalta que esta última foi objeto de sua pesquisa de mestrado. Tal abordagem tem assim contribuído para o alargamento da compreensão do processo no qual as Escolas Polivalentes foram planejadas e implantadas em nosso país.

O Estado de Minas Gerais divide-se em doze mesorregiões, de acordo com o estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE²⁰. São as doze mesorregiões que compõem o Estado Mineiro:

- 1- Noroeste de Minas;
- 2- Norte de Minas;
- 3- Jequitinhonha;
- 4- Vale do Mucuri;
- 5- Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba;
- 6- Central Mineira;
- 7- Metropolitana de Belo Horizonte;
- 8- Vale do Rio Doce;
- 9- Oeste de Minas;
- 10- Sul e Sudoeste de Minas;
- 11- Campo das Vertentes e
- 12- Zona da Mata.

²⁰ De acordo com o IBGE, os estudos da divisão regional tiveram início em 1941 sob a coordenação de Fábio Macedo Soares Guimarães. O objetivo principal de seu trabalho foi organizar uma única divisão regional do País para a divulgação das estatísticas brasileiras. Assim, em 1942, foi aprovada a primeira divisão do Brasil em regiões - Norte, Nordeste, Leste, Sul e Centro-Oeste. Em 1945, estabeleceram-se as Zonas Fisiográficas, baseadas em critérios econômicos do agrupamento de municípios e utilizadas até 1970 para a divulgação das estatísticas. Posteriormente, vieram as mesorregiões, fixadas para cada unidade da Federação com base nos seguintes critérios, segundo o IBGE: O processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial. (PORTAL DO GOVERNO DE MINAS, online)

FIGURA 1 - Mapa das Mesorregiões do Estado de Minas Gerais.



Fonte: <http://www.revistaespacios.com/a16v37n06/16370621.html>, online. 2015.

O mapa acima destaca a localização das referidas mesorregiões do Estado de Minas Gerais. A que se refere ao Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, esta é composta por 66 municípios e compreendida por sete microrregiões²¹, a saber: Ituiutaba, Uberlândia, Patrocínio, Patos de Minas, Frutal, Uberaba e Araxá.

²¹ **Microrregião 17: Ituiutaba** (Cachoeira Dourada; Capinópolis; Gurinhatã; Ipiacu; *Ituiutaba; Santa Vitória). **18: Uberlândia** (*Araguari; Araporã; Canápolis; Cascalho Rico; Centralina; Indianópolis; Monte Alegre; Prata; Tupaciguara; *Uberlândia). **19: Patrocínio** (Abadia dos Dourados; Coromandel; Cruzeiro da Fortaleza; Douradoquara; Estrela do Sul; Grupiara; Iraí de Minas; *Monte Carmelo; Patrocínio; Romaria; Serra do Salitre). **20: Patos de Minas** (Arapuá; Carmo do Paranaíba; Guimarães; Lagoa Formosa; Matutina; *Patos de Minas; Rio Paranaíba; Santa Rosa da Serra; São Gotardo; Tiros). **21: Frutal** (Campina Verde; Carneirinho; Comendador Gomes; Fronteira; *Frutal; Itapajipe; Iturama; Limeira do Oeste; Pirajuba; Planura; São Francisco de Sales; União de Minas). **22: Uberaba** (Água Comprida; Campo Florido; Conceição das Alagoas; Conquista; Delta; *Uberaba; Veríssimo). **23: Araxá** (*Araxá; Campos Altos; Ibiá; Nova Ponte; Pedrinópolis; Perdizes; Pratinha; Sacramento; Santa Juliana; Tapira). Site Minas on-line. Meso e Microrregiões do IBGE, 2010. (*) Municípios em que foram implantadas Escolas Polivalentes. Bessa e Soares (2002) ao apresentarem considerações sobre a dinâmica dos números das cidades na região destacam: “O recente aumento do número de cidades na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, ocorreu a partir dos anos 1990. [...] Entre as décadas de 1970 e 1990, não ocorreu um crescimento numérico das aglomerações urbanas, sendo que a região contou, durante esses 20 anos, com 61 cidades. Entretanto, na última década do século XX, tem –se um incremento da ordem de 6,5%, sendo que a região alcançou, em 2000, o número total de 66 cidades (FIBGE, 1970-2000). Com relação a esse incremento no número de cidades, há que se ressaltar que se trata de cidades pequenas, ou seja, com menos de

Resende (2015, p. 28) apresenta mediante documento do acervo da cidade de Ituiutaba – MG, as cidades que receberam as escolas polivalentes em cada etapa do projeto. Destacamos os municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba:

- Na primeira etapa – Belo Horizonte; Divinópolis; Juiz de Fora; Montes Claros; Teófilo Otoni; **Patos de Minas; Uberaba; Uberlândia** (escolas construídas) e Pirapora e Caeté (escolas transformadas);
- Na segunda etapa - Alfenas, **Araguari**, Barbacena, Belo Horizonte (Barreiro), Belo Horizonte (Ressaca), Caratinga, Cataguases, Coronel Fabriciano, Conselheiro Lafaiete, Formiga, Governador Valadares, Ipatinga, João Monlevade, Lavras, Manhuaçu, Nanuque, Ouro Preto, Passos, Ponte Nova, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Timóteo, Ubá e Varginha (escolas construídas);
- Na terceira e quarta etapas (1972–4) - **Araxá**, Itajubá, Itabira, **Ituiutaba**, Oliveira, Poços de Caldas, Sabará, Santos Dumont, Três Corações, Juiz de Fora, São João del Rei, Itaúna, Conselheiro Pena, Muriaé, Curvelo, Nova Lima, Campo Belo, São João Nepomuceno, **Frutal**, Paracatu, Caxambu, Corinto, Guaxupé, **Monte Carmelo**, Mantena e Diamantina (escolas construídas);
- Etapa especial (1975): Leopoldina, São Lourenço e Carangola (escolas construídas) (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1975b).

Como exposto acima, na primeira etapa do projeto, foram criadas nos respectivos municípios, oito Escolas Polivalentes e duas foram transformadas nesse tipo de escola, como podemos observar através do documento que trata da Lei nº 5760/71, disponível na Assembleia Legislativa de Minas²², online:

LEI 5760, de 14/09/1971

Cria oito Ginásios Estaduais Polivalentes e dá outras providências.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Ficam criados 8 (oito) Ginásios Estaduais Polivalentes nas cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba, Uberlândia, Montes Claros, Teófilo Otoni, Divinópolis e Patos de Minas, nos termos do

10.000 habitantes. São elas: Araporã, Carneirinho, Delta, Limeira do Oeste e União de Minas ” (BESSA e SOARES, 2002, p. 23).

²² ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS, ONLINE. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?ano=1971&num=5760&tipo=LEI>.

Convênio aprovado pela Resolução nº 925, de 27 de maio de 1970, da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

Art. 2º - Ficam transformados em ginásio da mesma modalidade o Ginásio Estadual Orientado para o Trabalho de Caeté, criado pela Lei nº 5.660, de 26 de abril de 1971, e o Ginásio Estadual Industrial de Pirapora, criado pela Lei nº 3.708, de 7 de dezembro de 1965, em cumprimento do disposto na alínea a da Cláusula Primeira, do Convênio a que se refere o artigo anterior

Parágrafo único - Em virtude da transformação de que trata o artigo, extinguem-se os cargos criados respectivamente pelos artigos 2º e 3º da leis mencionadas.

Art. 3º - O Poder Executivo fica autorizado a criar ou transformar, outros ginásios e colégios polivalentes, obedecidos os critérios do Anexo I do Convênio de que trata o art. 1º da presente lei, observados os recursos orçamentários próprios e as condições locais para o seu funcionamento, nos municípios para isto indicados.

Art. 4º - A admissão do pessoal administrativo, técnico, docente e auxiliar dos ginásios criados ou transformados por esta lei, bem como dos estabelecimentos que se organizarem nos termos do artigo anterior, far-se-á por contrato, mediante concurso público, obedecidas as normas do Decreto nº 12.863, de 30 de julho de 1970, ressalvada a situação do pessoal efetivo ou estabilizado.

Parágrafo único - O Estado manterá o nível real dos salários dos professores e do pessoal técnico e administrativo dos Ginásios e Colégios Polivalentes, observado o disposto na letra “i” da Cláusula Terceira do Convênio referido no art. 1º.

Art. 5º - As despesas decorrentes desta lei correrão à conta de dotações orçamentárias próprias.

Art. 6º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Dada no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 14 de setembro de 1961.

RONDON PACHECO²³

²³ Natural de Uberlândia (MG), Rondon Pacheco nasceu em 31 de julho de 1919 e faleceu em 04 de julho de 2016. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O período de seu mandato como Governador de Minas Gerais foi de 15/03/1971 a 15/03/1975. Iniciou seus estudos secundários no Ginásio Mineiro de Uberlândia e logo depois foi para Belo Horizonte prestar um curso preparatório para o vestibular de Direito. Iniciou sua vida política sendo eleito para a Constituinte Estadual no ano de 1947. Durante o governo de João Goulart, aliou-se aos movimentos conservadores que apoiaram a deposição do atual presidente. Como deputado federal procurou desenvolver a região do Triângulo Mineiro e em especial sua cidade natal, Uberlândia. Conseguiu autorização para a criação da Escola de Engenharia de Uberlândia e acompanhou o processo de regulamentação das Faculdades de Direito e de Filosofia. No início da década de 70, Rondon foi indicado pelo próprio presidente da República e foi eleito governador de Minas pela Assembléia Legislativa em

Destacamos também outro documento verificado na Escola Polivalente de Ituiutaba. Há neste na parte superior a identificação manuscrita “PREMEN”, datado de 10-11-1975, no qual é possível observar a relação das escolas que foram implantadas nas 3ª e 4ª etapas, neste, consta ainda do orçamento do projeto no que se refere à área do terreno, ao projeto modelo e a sua respectiva área construída em metros quadrados, custo da obra em CR\$²⁴, data de início, data de recebimento provisório, empresas construtoras e data da inauguração. É importante destacar que, no item “data de inauguração” desta escola não há a informação sobre tal dado:

1971. Em sua gestão, deu forte ênfase ao empreendedorismo e a criação de institutos que fomentassem o crescimento econômico em Minas Gerais. (Dicionário Biográfico de Minas Gerais). Online. Disponível em: <http://www.mg.gov.br/governador/rondon-pacheco>.

²⁴ O cruzeiro era a moeda vigente na Quarta República e na Ditadura Militar (1945-1983). A desaceleração do crescimento industrial ocasionado pela Segunda Guerra Mundial não impediu a consolidação da industrialização no Brasil no fim do Estado Novo, em 1945. Já iniciadas as ditaduras militares, o ano de 1967 foi marcado pelo lançamento do cruzeiro novo, unidade transitória que equivalia a mil cruzeiros. Em 1970, sua denominação voltou a ser apenas cruzeiro. De 1968 a 1973, o Brasil passou pelo milagre econômico, com a realização de obras e projetos ambiciosos. O PIB cresceu, em média, 11% ao ano, mas a renda tornou-se cada vez mais concentrada, problema que persiste até hoje. Em 1979, ocorreu a maxidesvalorização do cruzeiro, durante o governo Figueiredo, quando o nosso dinheiro perdeu de uma só vez 30% do seu valor. A partir do governo Juscelino Kubitschek (1956 a 1960) e durante todo o período dos governos militares (1964 a 1985), houve um supercrescimento da dívida externa brasileira, até que, em novembro de 1983, o país informou aos credores internacionais que deixaria de pagar o principal da dívida, honrando apenas os juros. Disponível em: <http://www.aprendebrasil.com.br/reportagens/dinheiro/brasil.asp>.

FIGURA 2 - Relação das Escolas Polivalentes das 3ª e 4ª etapas em Minas Gerais.

C.R. de B. 10.11.75

ESCOLAS POLIVALENTES 3a. e 4a. etapas	ÁREA DO TER- RENO - (m2)	PROJETO MODELO	ÁREA CONS- TRUÍDA(m2)	CUSTO DA OBRA-CR\$	DATA INÍ- CIO OBRA	*DATA DO Recebimen- to Provi- sório	EMPRESAS CONSTRUTORAS	DATA INAÚ- GURAÇÃO
Araxá	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.420.923,37	05/09/73	16/01/75	CONSTRUTIL	
Itabira	26.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.547.235,92	05/09/73	11/11/74	COJAN	
Itajubá	23.432,20	EP2-RMG	2.953,54	2.947.410,16	05/09/73	12/11/74	BPS	13/09/74
Ituiutaba	24.990,00	EP2-RMG	2.953,54	2.884.504,22	05/09/73	19/10/74	SEULAR	
Oliveira	22.256,00	EP2-RMG	2.953,54	2.799.970,48	05/09/73	18/10/74	ANDRADE VALAD.	
Poços de Caldas	25.200,00	EP2-RMG	2.953,54	2.899.727,59	05/09/73	08/11/74	BPS	18/12/74
Sabarã	25.206,21	EP2-RMG	2.953,54	2.733.090,19	05/09/73	11/11/74	COJAN	
Santos Dumont	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.524.452,11	05/09/73	01/12/74	CONGEL	23/10/74
Três Corações	40.591,00	EP2-RMG	2.953,54	2.848.647,79	05/09/73	11/10/74	SELUMA	14/02/75
Juiz de Fora/Teix.	23.476,00	EP2-RMG	2.953,54	2.835.815,83	05/09/73	11/11/74	MONTEC	26/02/75
São João del Rei	23.485,00	EP-13	2.821,50	3.019.713,19	05/09/73	09/12/74	CONGEL	
Itaúna	26.054,00	EP2-RMG	2.953,54	2.818.951,00	05/09/73	11/12/74	MIRANDA CORRÊA	21/02/75
Conselheiro Pena	33.250,00	EP-13	2.821,50	3.489.272,34	05/09/73	16/11/74	COJAN	21/10/74
Muriáe	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.883.227,76	05/09/73	17/11/74	ANDRADE VALAD.	25/02/75
Curvelo	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.813.592,45	05/09/73	25/11/74	ANDRADE VALAD.	18/10/74
Nova Lima	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.757.763,13	05/09/73	05/11/74	MIRANDA CORRÊA	
Campo Belo	27.589,00	EP-13	2.821,50	3.288.130,97	05/09/73	13/11/74	ANDRADE VALAD.	
São João Nepomuceno	25.200,00	EP2-RMG	2.953,54	2.681.114,53	05/09/73	11/11/74	MONTEC	25/02/75
Frutal	25.263,00	EP2-RMG	2.953,54	3.508.303,69	05/09/73	15/11/74	SEULAR	
Paracatu	27.702,00	EP2-RMG	2.953,54	3.373.590,59	05/09/73	05/12/74	CASA MAIOR	
Caxambu	27.198,30	EP2-RMG	2.953,54	2.598.984,04	05/09/73	11/10/74	SELUMA	25/10/74
Corinto	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	3.362.950,08	05/09/73	11/11/74	ANDRADE VALAD.	18/10/74
Guaxupé	25.000,00	EP-13	2.821,50	2.731.702,72	05/09/73	23/11/74	BPS	
Monte Carmelo	25.904,67	EP2-RMG	2.953,54	2.912.560,04	05/09/73	16/01/75	CONSTRUTIL	
Mantena	25.801,00	EP2-RMG	2.953,54	3.254.076,47	05/09/73	04/12/74	COJAN	21/10/74
Diamantina	25.000,00	EP2-RMG	2.953,54	2.970.951,04	05/09/73	08/12/74	ANDRADE VALAD.	

* Liberação ao Governo do Estado para uso das instalações.

/hqs

Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1975.

A essa questão sobre as Escolas Polivalentes que foram construídas no Estado de Minas Gerais, Bittencourt Júnior destacou um dentre os documentos examinados, relativo ao elaborado pelo professor Samuel da Rocha Barros - o qual foi membro estadual do PREMEX e do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais – onde o referido professor especificou: “em fevereiro de 1975 foi assinado o termo de entrega de todos os Ginásios Polivalentes instalados em Minas Gerais, com 58 novos prédios construídos e dois GOTs transformados em GEPs, totalizando 60 unidades em Minas Gerais” (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 99).

Nesta perspectiva, Resende (2015) comenta que, sob a publicação da Lei 5.692/71, houve repercussão e mobilização de ações por parte de municípios da federação, como pôde ser verificado no processo de sua pesquisa. Respalamos desse modo em citação de Resende (2015, p. 55-56), referente a três trechos de manchetes destacadas na imprensa local de

Uberlândia sobre Escolas Polivalentes que abrangem o estudo de sua pesquisa, na qual podemos verificar menção também à cidade na qual encontra-se nosso objeto:

TRÊS cidades [Uberlândia, Ituiutaba e Araguari] escolhidas para a implantação da Reforma do Ensino. [...] A Implantação da reforma vai exigir qualificação de recursos humanos para que estes objetivos possam ser atingidos. Providências já estão sendo tomadas pela 26ª Delegacia de Ensino de Uberlândia no sentido de se formar uma equipe regional de treinamento, à qual competirá o planejamento, a coordenação e orientação de cursos, com a finalidade de aprimorar e atualizar o pessoal docente e administrativo. [...] A Delegacia de Ensino de Uberlândia vai formar uma equipe de planejamento pedagógico a fim de assessorar as unidades de ensino, tanto particular quanto oficial, para a implantação da reforma do ensino recentemente elaborada pelo governo federal”, concluiu o prof. Fenelon dos Anjos (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1972, p. 8).

A REFORMA do ensino. [...] Segundo o secretário de educação, prof. Fernando Barata, a reforma do ensino fundamental, mais do que uma simples reforma “é uma subversão de tudo o que se tem feito em matéria de ensino até aqui. Modifica todas as fórmulas rotineiras e tira a educação do esclerosamento em que se encontrava há décadas. ” [...] Em Minas Gerais, conforme disse esta semana o secretário do governo para assuntos de educação, prof. Layrton Borges Miranda Vieira, entrevistado pelo CORREIO DE UBERLÂNDIA, já estão adiantados os estudos da reforma, a fim de que a Secretaria de Educação possa estar preparada. Um grupo trabalha incessantemente na elaboração de um relatório que será entregue ao governador Rondon Pacheco que deixará Minas preparada para o impacto das novas diretrizes oriundas da reforma (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1971b, p. 3).

ANA LÚCIA [professora técnica do Departamento de Educação] visita escolas para reforma do ensino. [...] Ana Lucia Antunes, do Departamento de Educação, que aqui colherá subsídios essenciais e imprescindíveis a um eficiente planejamento e adequada execução do trabalho a que se propõe o órgão em face à reforma do ensino. Está visitando estabelecimentos de ensino primário e médio, a fim de fazer levantamento de recursos humanos, e condições físicas dos prédios, para implantação da reforma do ensino (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1971c, p. 8).

Contudo, é fato que o Projeto previsto para as Escolas Polivalentes apesar de ter se apresentado no auge como um modelo educacional brasileiro durante parte do período da ditadura civil-militar, teve, no entanto, seu declínio pouco depois de sua implementação nos municípios dos estados onde foi efetivado. Ressaltamos que não iremos aprofundar aqui nesta questão relativa ao declínio dos Polivalentes, uma vez que tal discussão perpassa por vários aspectos que levaram a esse fato, o que nos demandaria mais tempo para o estudo e explanação diante desta ampla abordagem.

Todavia, nos respaldamos em Resende (2015) que bem contextualiza essa questão e ressalta para o fato de que o curto tempo de permanência do Projeto Polivalente pode ser

compreendido a partir de uma série de fatores mediante aspectos nacionais e internacionais que interferiram diretamente no orçamento relativo à essas escolas. Conforme aponta a autora:

A conjuntura de desenvolvimento econômico no fim da década de 1960 e princípio da de 1970 demandou e, ao mesmo tempo, possibilitou ampliar esse tipo de escola. Tal demanda se refletiu nas metas e bases de ação do governo na área educacional para o quadriênio 1970-73, que destinou verba para a expansão quantitativa dos estabelecimentos escolares.

Esse período de crescimento econômico não se sustentou por muito tempo. Após 1974, a inflação voltou a subir. Os acordos de empréstimos entre Brasil e Estados Unidos não foram mais renovados, e os principais objetivos da lei 5.692/71 – profissionalizar no segundo grau e conter a demanda para o ensino superior – não foram alcançados. Percebemos então, fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que fracassaram e arrastaram consigo a proposta de educação que envolvia as escolas Polivalentes. Malogradas essas condições de base, o projeto dos Polivalentes não teria como se sustentar.

[...] Temos – cabe reiterar - questões políticas e econômicas, nacionais e internacionais, como a crise do petróleo deflagrada a partir de 1973 e que afetou a economia mundial, inclusive a dos Estados Unidos, que financiava parte do projeto dos Polivalentes. (RESENDE, 2015, p. 200-201)

Percebemos assim que tais fatores mencionados na citação acima envolveram questões que delimitaram a continuidade do Projeto Polivalente, dentre estas o investimento que era destinado a essas escolas; um dos problemas cruciais enfrentados compreendemos que tenha sido na própria questão salarial dos profissionais, já que tinham um percentual considerável em relação ao de profissionais de demais escolas e, em se tratado do quadro docente, o enquadramento sob o regime estadual supomos ter causado um impacto na vida destes profissionais, uma vez que a remuneração tenha sofrido alterações e, por certo apresentou-se contra o que até então havia sido planejado e previsto para estas escolas e seus profissionais.

É possível refletir a partir da Lei 5.692/71, a nítida intenção de promover o desenvolvimento do ensino técnico sob as bases da educação; como sabemos a industrialização emergia em vários setores, o que demandava mão de obra especializada, e assim um mínimo de qualificação necessária a atender ao mercado.

No entanto, existe um paradoxo relativo a consideração desse modelo de escola polivalente implantado no país neste período ditatorial, ou seja, a Escola Polivalente se limitou a busca em atender ao mercado capitalista, preparando jovens para a prática profissionalizante ou a Escola Polivalente buscou não apenas adequar um currículo formativo voltado para atender a necessidade do capital e procurou integrar um ensino de qualidade com vista a emancipação do educando? Tal paradoxo ainda por vezes incompreendido entre o que

de fato ocorreu no processo de ensino no interior de tais escolas e o que foi prescrito para elas são questões relevantes que ainda precisamos melhor buscar entender.

De um lado, há a crítica acentuada sobre o projeto tecnicista proposto para essas escolas, como exemplo, podemos observar na discussão proposta pelo autor Arapiraca (1979) e, de outro, uma afirmação sobre a contribuição do ensino propiciado nas mesmas, como percebemos pela maioria das pessoas que se referem à escola de nosso estudo, ou seja, a crítica reside no fato das Escolas Polivalentes terem se apresentado como modelo da implantação do ensino integrado ao técnico e voltado para atender a demanda do mercado capitalista no momento em que o país se encontrava no auge do desenvolvimento industrial, e de outro, é perceptível a consideração da maioria dos indivíduos entrevistados, pertencentes a esse convívio educacional, remeterem positivamente ao que vivenciaram na escola neste período, entre as práticas do ensino como um todo.

Nesta vertente, cabe indagar se a Escola Polivalente de Ituiutaba reforçou a educação dualista atendendo a determinado grupo social privilegiado da cidade, ou propiciou a inserção de setores historicamente excluídos do acesso a educação, acentuando a divisão social, o que veremos a partir da terceira seção. Na conclusão dessa seção introdutória, observamos que quando do surgimento da Escola Polivalente nesse município já havia outras experiências de educação técnico-profissional.

2.3 A implantação da educação técnico-profissionalizante em Ituiutaba-MG

A história da cidade de Ituiutaba remete ao contexto relativo à área territorial antes habitada por índios Caiapós, que viviam nos arredores deste município. No primeiro momento, de acordo com o historiador Zoccoli (2013), o espaço do município foi ocupado pelos fazendeiros Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos, ambos vindos do Sul de Minas Gerais no ano de 1820. Nessa perspectiva, essa ocupação constituiu a origem histórica da cidade, como aponta ²⁵Silva (2012):

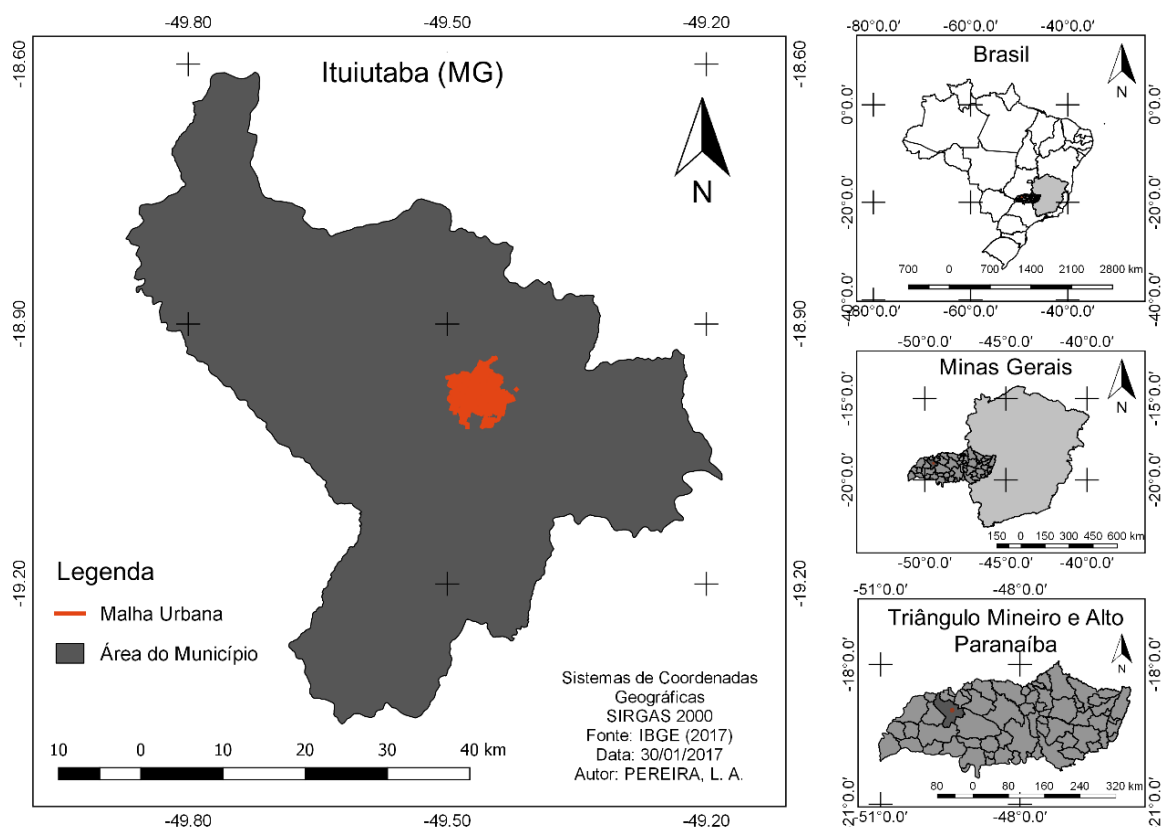
Com o decorrer dos anos, a fama do lugar extraordinário atravessou suas fronteiras e com isso a localidade começou a ganhar forasteiros, trabalhadores, comerciantes, professores, padres, intelectuais que vinham de perto ver São José do Tijuco. O arraial foi progredindo e adquirindo novo

²⁵ Silva (2012) nesta citação referente à abordagem histórica traz a referência de trabalhos dos memorialistas: FERREIRA, A. A. Caminhadas para o amanhã história de Vila Platina, cidade de Ituiutaba e sua Câmara Municipal (anos de 1901 a 1976). Uberaba: Vitória, 1980. pp.13-14. NOVAIS, Aloisio Silva. História antiga de Ituiutaba. Ituiutaba. Edição do Autor, 1974, p. 24.

aspecto, de Vila. [...] Em 1910, Vila Platina recebeu sua primeira escola, o Grupo Escolar João Pinheiro, existente até os dias de hoje. Em 1915, Vila Platina foi elevada à categoria de cidade, recebendo o nome de Ituiutaba, oriundo da língua tupi-guarani, cujo significado é “T” (rio), TUIU (Tijucu), “TABA” (povoação, aldeia, cidade), portando – cidade do rio tijucu. O nome, um neologismo ameríndio, foi escolha do então líder político da região, senador e intelectual Camilo Rodrigues Chaves, um dos envolvidos na emancipação político-administrativa da terra tijuca. (FERREIRA, 1980, p. 15; NOVAIS, 1974, p. 24 apud SILVA, 2012, p. 59-60).

A citação acima torna visível o processo perpassado por mudanças ocorridas nas nomenclaturas do município, desde sua fundação até ao ano de 1915, quando foi então elevada à categoria de cidade e intitulada com o nome de Ituiutaba. De acordo com a figura abaixo, a cidade de Ituiutaba identificada em sua área de localização geográfica, ressaltamos que o mapa apresentado se trata do território atual.

FIGURA 3 - Mapa da cidade de Ituiutaba.



Fonte: IBGE, 2017. Mapa organizado pelo geógrafo Lucas Alves.

Neste contexto relativo aos processos constitutivos de Ituiutaba nos apoiamos na abordagem realizada por Dalva Oliveira Silva em seu trabalho intitulado “Memória: lembrança e esquecimento – trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas

décadas de 1950 e 60” (1997) pela qual a autora traz a relevante discussão histórica sobre a trajetória da vida de trabalhadores nordestinos que migraram em busca de oportunidades para o município de Ituiutaba-MG no decorrer deste período, bem como apresenta parte da constituição histórica social do município.

Conforme nos aponta Silva (1997, p. 24) a região de Ituiutaba nos finais das décadas de 1940 e década de 1950, era rica em recursos naturais, e contava com uma vasta área de terras férteis ainda inexploradas, o município era conhecido como “Vale do Paranaíba” em vista do grande rio, limite natural entre os Estados de Minas e Goiás, esteve um considerável tempo sob o desenvolvimento de atividades como a pecuária, o garimpo e a agricultura.

Segundo a autora, no decorrer do século XIX, criadores de gado vieram de regiões vizinhas formando invernadas e assim se dedicaram a pecuária, sendo essa a principal atividade econômica deste período. Silva (1997) comenta que posteriormente, entre os anos de 1935 e 1945, Ituiutaba viveu o ciclo do garimpo, o que levou à dinamização o comércio da então pequena cidade “a descoberta de jazidas de diamantes no rio Tijuco e em outros rios da região, provocou um movimento sem precedentes na história do município” (SILVA, 1997, p. 25).

Concernente à agricultura, como nos traz a autora, esta se transformou em principal atividade econômica da região, a partir do final da década de 1940, no entanto, no princípio desta década algumas fazendas da região já tinham a agricultura como a principal atividade, o arroz já era um dos principais produtos dessas lavouras. Em meados da década de 50 a agricultura expandia-se em áreas ocupadas por lavouras de cereais e algodão. A esse apontamento Silva (1997, p. 26) traz:

[...] Apesar das condições adversas com relação ao transporte, a ausência de ferrovia e o frete oneroso dos caminhões, em 1950 Ituiutaba já era a maior produtora de arroz e de milho em todo o Estado de Minas Gerais, com cerca de 10.000 alqueires (mineiros) de arroz sendo cultivados, rendendo-lhe o título de “Capital do arroz”.

A autora comenta que nem todos os habitantes de Ituiutaba tiveram a vida alterada em relação a esse movimento, uma vez que muitas pessoas continuaram a viver como sempre, contudo a partir de 1966 com a construção da BR-365, a cidade foi recebendo mais melhorias. Silva (1977) ressalta para o fato ocorrido na década de 1960 relativo ao movimento das pessoas rumo às cidades. Segundo ela, a periferia cresceu em vista do número de famílias que vieram do campo, uma vez que as lavouras diminuíram e não havia mais espaço no campo para tantas pessoas. Como afirma:

As pastagens iam avançando a cada fim de safra. Vários fatores contribuíram para esse movimento, entre eles, as sucessivas secas que assolaram algumas regiões, o baixo custo dos cereais e as leis trabalhistas que passaram a dificultar o entendimento entre patrões e empregados (SILVA, 1997, p. 128).

Compreende-se que o município neste momento sofre influências no setor urbano com o número de famílias que se mudaram do setor rural devido aos fatores ocorridos e que dificultaram a vida dos trabalhadores no campo.

Em meio a esse contexto apresentamos a discussão feita por Ana Emília Cordeiro Souto Ferreira em sua pesquisa “Da centralidade da infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG), 1908-1988” (2007) na qual ao apresentar o quadro histórico educacional de Ituiutaba, destaca que a região do Triângulo Mineiro fazia parte do Estado de Goiás, passando por ela o caminho que ligava São Paulo à Capital Goiânia, nascendo assim como outras cidades triângulinas. De acordo com Ferreira (2007, p. 84):

No início do século XIX, os vários exploradores que passavam pela região a consideravam como fértil e inexplorada, trazendo conseqüentemente várias pessoas de várias regiões do país. O Triângulo Mineiro, considerado como “Sertão da Farinha Podre”, foi, portanto, ao longo dos anos constituindo-se em conseqüência do grande fluxo de pessoas que circulavam em busca do Brasil Central e de suas riquezas. Logo, pequenas vilas foram construídas.

Conforme aponta a autora, com o fim da mineração e a escassez de exploração de minérios, os chamados “geralistas”, habitantes das “Geraes”, foram estimulados a providenciarem outras formas de trabalho e sobrevivência, como a agricultura e a pecuária, precisando para isso, de grandes extensões de terra, e assim foi necessária a migração expressiva, especificamente do Sul de Minas para as terras tijucanas.

Segundo Ferreira (2007, p. 85) a participação do sertanejo no processo de desenvolvimento da cidade de Ituiutaba se fez presente durante a criação de novas terras sobre a paisagem nativa, desenvolvendo atividades primárias, especialmente as de ordem agrárias. A autora ressalta que em 1820 chegaram os primeiros habitantes do município, que foram (como mencionado em parte ao início deste tópico) Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos, vindos do Sul de Minas, vieram assim os Silva Ramos, os Moraes, os Teixeira Alves e os Pereira dos Santos. Ao explicitar o contexto histórico do processo constitutivo de Ituiutaba, Ferreira (2007, p. 85) destaca:

Antes do fracasso da colonização, vivia na região uma tribo de índios caiapós, algumas tribos indígenas, mestiças e semicivilizadas, consideradas nômades porque se deslocavam ao longo das encostas dos rios Tijuco e Paranaíba, em pleno Planalto Central. Cortês e Guimarães, memorialistas da cidade (1991), ao explicitarem a história de Ituiutaba, salientam que os índios caiapós foram expulsos pelos proprietários de terra José da Silva Ramos, proprietário da fazenda São Lourenço e Joaquim Antônio de Moraes, da fazenda do Carmo, que eram vizinhos e cujo patrimônio compreendia uma área entre os córregos Sujo e Piratininga. Pode-se dizer que os primeiros posseiros tinham como objetivo desenvolver a região e deram origem ao então desestruturado lugarejo, que somente em 1839 se estabeleceu como distrito de São José do Tijuco, pertencente ao termo de Vila de Uberaba. Partes das terras doadas pertenciam às famílias Moraes e Ramos e foram destinadas à construção de pequena capela em louvor a São José, o padroeiro do povoado, sendo este um vínculo com a Igreja em que a fé impulsionava o processo de crescimento da região.

Nesta perspectiva, Ferreira²⁶ (2007) comenta que a ação do homem manifestada sobre as terras produtivas e inexploradas, traçou o novo cenário da urbanização na região.

De acordo com Ferreira (2007, p. 86) o distrito de São José do Tijuco passou a ser município com o nome Vila Platina pela lei 319 de 16 de setembro de 1901. A primeira Câmara Municipal dos vereadores tomou posse no início do século XX. Desse modo Ferreira (2007, p. 89) ressalta que no período de 1915 a 1918, Ituiutaba foi elevada a termo judiciário com o nome atual de Ituiutaba e que, de acordo com o relato de Novais (1974), através da lei 663, de 18 de setembro de 1915, a qual alterou a divisão judiciária do estado, a lei foi oficializada pelo decreto 4.759, de 25 de abril de 1917, marcando a data para a instalação do termo, o que se efetivou em 6 de julho de 1917, com a posse do primeiro juiz municipal Luiz Jefferson Monteiro da Silva (ACAICA, 1953, p. 33-4 apud FERREIRA, 2007, p. 89).

Contudo, a autora afirma que mediante aos danos relativos à evolução alcançada quanto à urbanização, surgiram também os primeiros problemas de Ituiutaba, como a seca, miséria, fome, doenças, e que a cidade assim se desenvolveu aos poucos, em seus aspectos econômicos, sociais e políticos, quando seu movimento dependia da zona rural, já com boas perspectivas, pois se notava um movimento social relativamente ativo, em que a indústria praticamente não existia. (FERREIRA, 2007, p. 91)

²⁶ Esta autora comenta que em 1839 foi criada a freguesia de São José do Tijuco, tendo como primeiro vigário o padre Antônio Dias Gouveia, fazendeiro que dentre suas funções cabia cuidar de suas terras como também realizar o trabalho ritual da igreja católica, dedicando sua atenção aos primeiros fiéis do povoado. Segundo Ferreira (2007), o padre fundou a primeira capela, Igreja São José do Tijuco, feita de pau-a-pique e coberta com folhas de buriti; a igreja ficava ao lado do cemitério cercado por paus de aroeira. Posteriormente, em 1862, essa igreja foi substituída por outra com algumas melhorias e denominada de matriz. Na década de 1930 devido ao fato de um incêndio ocorrido nesta, foi necessária a construção de uma nova igreja.

Em relação à expansão da educação escolar em Ituiutaba, Ferreira (2007, p. 100) comenta que o ensino escolar nesta cidade, mediante sua história é cheio de contradições e a instalação de escolas dava-se de forma dispersa.

Neste sentido, o início da escolarização em Ituiutaba ocorreu no século XX e de acordo com a referida autora durante esse período já era prevista a necessidade da criação de um sistema nacional de instrução pública e, bem como a implementação de medidas institucionais de caráter elitista que objetivassem elevar o jovem e a Nação ao rumo das grandes civilizações.

Contudo, no que se refere ao ensino primário, Ferreira (2007) afirma que este não recebeu nenhuma atenção do governo central, uma vez que tal período caracterizou-se pelo desinteresse em favor da instrução pública por parte das autoridades responsáveis.

Acontecia, porém, que a ausência de diretrizes centrais criava uma desorganização completa no sistema, já que cada estado inovava ou abandonava de acordo com sua própria política. Não havia efetivação para cumprimento da lei, o que fica evidenciado no desligamento entre o discurso político e a realidade educacional. Nesse sentido, as primeiras escolas de Ituiutaba – conforme relatos de memorialistas e documentos – se pautavam nos princípios de ensinamento das primeiras letras, que deveriam ensinar a ler e a escrever, as quatro operações de cálculo, as noções mais gerais da geometria, a gramática da língua portuguesa, e o ensino religioso católico. Contudo, havia diferenciação em relação a gêneros, substituindo o conteúdo de geometria pelas prendas domésticas e o ensinamento de agulhas, que era ministrado nas escolas, também por professores do sexo feminino (FERREIRA, 2007, p. 100-101).

Mediante a essa discussão Ferreira (2007) destaca para o fato de que conforme sua pesquisa demonstrada pelo quadro relativo à organização educacional do município houve o predomínio do privado sobre as escolas urbanas de Ituiutaba no período das décadas de 1910 e 1930, conforme destacamos abaixo:

QUADRO 5 - Escolas urbanas de Ituiutaba (1900-1940).

Período	Escolas Públicas	Escolas Particulares
1901-1910	Grupo Escolar João Pinheiro	Escola do Professor José de Alencar; Escola do Professor Afonso José; Colégio Santa Cruz; Externato/Colégio São Luís; Colégio Santo Antônio.
1911-1920	—	—
1921-1930	—	Colégio das Irmãs Belgas; Instituto Propedêutico Ituiutabano; Escola São José (popularmente Escola do Laurindo).
1931-1940	—	Instituto Marden; Colégio Menino Jesus de Praga; Colégio Santa Tereza; Colégio São José.
Total	01	12

Fonte: FERREIRA, 2007, p. 104.

Assim, a autora ressalta o fato de que entre o primeiro Grupo Escolar Villa Platina, criado em 1908, e o segundo Grupo Escolar Dr. Ildefonso Mascarenhas da Silva²⁷ criado em 1947, se apresenta um longo período, ou seja, após 39 anos a cidade recebeu a ²⁸segunda instituição de ensino pública e dessa maneira, a demanda por educação era suprida por instituições privadas.

Ferreira (2007) traz que a instalação do Grupo Escolar Villa Platina representou símbolo de progresso e de modernidade, “de forma imponente, se estabeleceu no cenário Ituiutabano. A inovação representada pelo grupo escolar significou profundas transformações na organização e na constituição do sistema educacional de Ituiutaba. Constituiu-se no grupo central da cidade” (FERREIRA, 2007, p. 139).

²⁷ Conforme aponta Ferreira (2007) este Grupo Escolar foi criado em prédio adaptado pela prefeitura e alugado pelo Estado e, posteriormente, devido às precárias condições estruturais do prédio, o Grupo passou a funcionar anexo ao Grupo Escolar João Pinheiro, permanecendo em suas atividades educacionais nesta instituição por 14 anos. A partir de 1971 mediante Resolução específica a sede própria do Grupo Escolar Dr. Ildefonso Mascarenhas, foi inaugurada, porém adaptada com recursos próprios e alugada pelo Estado em área central da cidade. Este Grupo Escolar recebeu o prédio próprio no ano de 1977, atendendo desde o ensino pré-escolar até a 8ª série.

²⁸ Contudo, ressaltamos para o fato de que no ano de 1937 a cidade de Ituiutaba contou com uma escola noturna criada pela Legião Negra e denominada de “13 de Maio”, a qual teve suas atividades nas dependências da Escola João Pinheiro. A essa temática Vilela (2011, p. 55) traz: “Na Ituiutaba de 1937, durante a gestão do prefeito “coronel” Adelino de Oliveira Carvalho, a Legião Negra criou a Escola 13 de Maio para suprir a necessidade de escolarização da população negra que trabalhava durante o dia, pois à época a cidade não oferecia oportunidade de escolarização a essa parcela populacional. [...] a Escola Noturna 13 de Maio, que começou a funcionar precariamente, com professores voluntários e em espaço cedido pelo Grupo Escolar João Pinheiro” (VILELA, 2011, p. 96).

O terceiro Grupo Escolar de Ituiutaba destacado pela autora trata-se do Grupo Escolar Senador Camilo Chaves, criado em 1955 e instalado em 1956 em prédio alugado na área central da cidade, recebendo prédio próprio no ano de 1966. Todavia, um fato perpassado dentre tais instituições de ensino público evidenciado pela pesquisadora se refere às precárias condições enfrentadas nesses grupos escolares. Destacamos a reportagem do Jornal Folha de Ituiutaba apresentada por Ferreira (2007, p. 112) sobre esse contexto:

A criação, no ano passado e consequente instalação, ou propriamente o início das atividades no corrente exercício, do Grupo Escolar Camilo Chaves, trouxe, como é previsto, grandes benefícios a Ituiutaba, que de há muito se ressentia de unidade escolares em número capaz de atender às necessidades do lugar. [...] Acontece, entretanto, que o Estado até agora não remeteu mobiliário do estabelecimento, que funciona desta forma, por um supremo esforço das professoras, em condições precárias, sendo as crianças obrigadas a se sentarem no assoalho, para assistirem às aulas. [...] Reiterados pedidos à Secretaria da Educação, no sentido de que promova, com urgência necessária, ao envio do mobiliário. [...] Pois os móveis, até agora, não foram recebidos, obrigando as crianças a frequentar as aulas nas referidas condições (1956, p. 1).

É perceptível que os grupos escolares aqui destacados, neste momento não dispunham do mobiliário necessário para atender as necessidades das crianças junto ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, e, consequentemente em favorecer um ambiente adequado às práticas educativas, como exposto por Ferreira (2007, p. 113) a partir de outra reportagem do Jornal Folha de Ituiutaba (1956, p. 3):

Grupos Escolares desprovidos dos móveis e utensílios, indispensáveis e com o material didático arcaico e mingado, como são os casos do Grupo Escolar Camilo Chaves e Grupo Escolar Mascarenhas, nesta cidade; infância desprotegida, mal nutrida, seminua e indolente.

Como observado, até os anos de 1950, havia o predomínio da educação privada na sede do município de Ituiutaba. A partir de então houve um considerável avanço no sistema de educação pública, ao passo que partir desse período a cidade recebeu a criação de escolas que viriam a promover maiores oportunidades de escolarização para a população (SOUZA, 2010). Limitaremos aqui a destacar na tabela abaixo a relação de escolas públicas no município até a década de implantação da escola de nossa pesquisa, ou seja, 1970.

QUADRO 6 - Ano de criação das escolas públicas até a década de 1970 em Ituiutaba-MG.

Ano	Escolas Estaduais	Ano	Escolas Municipais
1908	EE João Pinheiro	1941	EM Machado de Assis
1947	EE Prof. Ildefonso Mascarenhas da Silva	1951	EM Francisco Antônio de Lorena
1955	EE Sem. Camilo Chaves	1966	EM Manoel Alves Vilela
1956	EE Clóvis Salgado	1970	EM Agrícola de Ituiutaba
1956	EE Rotary	1971	Cime Mun. Tancredo P. Almeida
1958	EE Arthur Junqueira de Almeida		
1959	EE Gov. Bias Fortes		
1960	EE Cel. João Martins		
1963	EE Cônego Ângelo		
1965	EE Gov. Israel Pinheiro		
1965	EE Cel. Tonico Franco		
1965	EE Dr. Fernando Alexandre		
1965	EE Dr. José Zoccoli de Andrade		
1968	EE Prof. Álvaro Brandão de Andrade		
1974	EE Profa. Maria de Barros		
Total	15	Total	05

Fonte: Souza (2010).

Podemos observar que até o ano de 1974, quando da criação da Escola Polivalente, existiam na cidade 20 escolas públicas, sendo 15 estaduais e 05 municipais, e um grande impulso na criação de escolas nas décadas de 1950 e 1960. Ainda de acordo com Souza (2010), na década de 1970 a população urbana do município de Ituiutaba era de 47.114 habitantes (73%) e a população rural de 17.542 (23%), o que nos demonstra que a maioria da população neste período já era urbana, cenário diferente da década de 1940 quando o quadro percentual era de apenas 12% da população urbana e 88% rural.

Um considerável movimento ocorrido no Brasil mais precisamente nas décadas de 1960 e 1970 - estritamente ligado às políticas implantadas sob o governo militar - conhecido como “Revolução Verde” pode ser compreendido como uma das maiores causas para o fato do aumento da população urbana neste contexto. Assim, ²⁹Andrades e Ganimi (2007, p. 44)

²⁹ De acordo com estes autores antes do término da Segunda Guerra Mundial, empresas privadas como a Rockefeller e a Ford viram na agricultura boas chances para o avanço do capital e deram início a investimentos em técnicas em vista do melhoramento de sementes no México e nas Filipinas, e posteriormente fundada a Guerra, várias indústrias químicas que abasteciam a indústria bélica norte-americana produziam e incentivavam o uso de agrotóxicos. Os autores comentam que foi mediante este imbricado cenário geopolítico que a ideia para a implantação da Revolução Verde teve argumentação política, social e econômica, e como forte argumento o de exterminar a fome no mundo. Contudo, Andrades e Ganimi (2007, p. 47) trazem que tal argumento tem mais a ver com as intenções ideológicas que condizem ao capitalismo e não efetivamente à busca de resolução do problema da fome, tão pouco à carência de alimentos, pois o planeta produz mais alimentos do que consome, fato este, diretamente ligado à falta de recursos disponíveis das pessoas para comprar alimentos que são ofertados nas grandes redes de supermercados.

Com isso os autores comentam que a Revolução Verde não foi apenas um avanço técnico para aumentar a produtividade no país, mas foi intencionalmente inserida dentro de uma estrutura e de um processo histórico no qual a Segunda Guerra Mundial remete ao momento em que houve a formação de um conjunto de variáveis, de

ao discutirem sobre essa temática relativa à Revolução Verde ocorrida no período da ditadura civil-militar, afirmam que esta se pautou em um modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura, tal processo segundo os autores exigiu uma série de fatores que marcaram a sociedade no momento de seu surgimento.

Não é nossa pretensão aqui a de trazer uma discussão histórica desta temática, mas a de focar brevemente alguns impactos que marcaram mudanças na agricultura e que repercutiram diretamente no modo de vida de boa parte da população brasileira, ou seja, neste período, com a modernização da agricultura no meio rural, compreendemos que a maior parte que se beneficiou de fato com os avanços tecnológicos foram os grandes produtores, uma vez que, os pequenos produtores devido à falta de recursos econômicos e assim que não se adequaram ao modelo proposto por essa modernização ou até mesmo contraindo dívidas que não puderam sanar, venderam suas propriedades e consequentemente migraram para as cidades, o que ocasionou em maior parte o alto índice do êxodo rural no decorrer dessas décadas.

É notável deste modo que o período da ditadura civil-militar, expressou formas de organização governamental que foram marcadamente evidenciadas através de políticas implantadas em distintos setores na sociedade brasileira, a título de exemplificação na abordagem acima, pudemos ver que a expansão industrial abrangeu não somente a área urbana, mas também a rural, uma vez que novas técnicas de produção agrária se fizeram presentes neste processo de desenvolvimento.

Tal fato promoveu ao mesmo tempo um considerável número no aumento da população urbana em vista do êxodo rural desencadeado a partir dos resultados e consequências surgidas, de um lado favoráveis aos latifundiários que concentram maior poder de aquisição de terras e meios de obtenção da agricultura técnica, e de outro lado, desfavoráveis aos pequenos agricultores e famílias que migraram para a área urbana em vista

abrangência técnicas, sociais, políticas e econômicas, que influenciaram no seu desenvolvimento. Outro aspecto apontado pelos autores neste ciclo relativo ao início da Revolução Verde, se refere aos maquinários pesados que eram utilizados na agricultura desde o plantio até a colheita. Assim a base técnica foi complementada a partir das inovações técnicas, o que deu a origem aos “pacotes tecnológicos”, produzidos a partir das relações e sistematização entre os setores interessados, como as empresas e Banco Mundial. Sobre esse processo os autores afirmam: “Ao término da Segunda Guerra Mundial, inicia-se um outro período de tensões no mundo, a Guerra Fria, marcado pela bipolaridade. Nesse novo contexto, duas superpotências disputam, ideológica e economicamente, a hegemonia do mundo. De um lado, a União Soviética, liderando o bloco socialista e do outro, os Estados Unidos, no comando do bloco capitalista. Os demais países, a partir desse cenário, deveriam se alinhar, ou seja, apoiar uma dessas superpotências, o que significava concomitantemente, opor-se a outro, contudo, aqueles países que optaram por não se alinharem ao bloco capitalista denominado de Primeiro Mundo ou ao bloco socialista (Segundo Mundo) formaram o grupo dos países não-alinhados e ficaram conhecidos como países de Terceiro Mundo”. (ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 46).

de não estarem em condições de competir com os demais agricultores que usufruíam de tecnologias e máquinas que levavam a grandes produções agrícolas, e assim muitos buscaram na cidade outros meios de renda e sobrevivência.

A essa temática Silveira (2014, p. 53) ao discutir sobre o processo de migrantes nordestinos que se deslocaram para o Pontal Mineiro entre as décadas de 1950 e 1960, ressalta que no decorrer da década de 1950 apesar de existir ainda indústrias extrativas de mineral e um número maior de pessoas sob o desenvolvimento de trabalho em manufatureira fabril, a indústria de produtos em grãos se apresentava em superior avanço econômico.

A autora comenta que no fim da década de 1960 teve início o êxodo rural no setor urbano, este movimento migratório segundo ela, foi assim perpassado não apenas pelos mineiros, mas contou com famílias nordestinas que também se deslocaram para os municípios. Conforme afirma a autora:

Na década de 1960 [...] significativa parcela da população brasileira se deslocava do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida (saúde, moradia e educação), com perspectiva de empregabilidade no comércio e setor de serviços públicos que se expandiam com velocidade, acompanhando o desenvolvimento nacional. (SILVEIRA, 2004, p. 60)

Neste sentido, as escolas urbanas conseguiram contornar a procura por vagas mediante o elevado número de crianças e jovens que por vez vieram com suas famílias residir no município?

Este fato é importante para refletirmos sobre a possível demanda de vagas para os estudantes, emergidas no município no decorrer dessas décadas. A essa questão Souza (2010, p. 526) afirma:

Outras peculiaridades que devem ser consideradas para se entender a articulação entre a expansão da educação escolar e a forma como a imprensa a registrava em suas páginas, é a observação da taxa de analfabetismo do município que atingia cerca de 57% da população acima de 10 anos (54% dos homens e 60% das mulheres) e para o elevado crescimento populacional entre os anos de 1950 e 1970.

O autor ressalta para o fato de que nesse período a expansão da rede oficial de ensino foi bastante elevada em todo o país, concernente à Ituiutaba Souza (2010, p.528) destaca:

O crescimento do sistema de educação local demonstra que Ituiutaba também estava inserida no novo projeto de nação moderna pensada tanto pelo populismo-desenvolvimentista quanto pelos militares. Pelo elevado crescimento no número de instituições públicas de ensino entre o início da década de 1950 e o começo de 1970 percebe-se a efetivação do projeto de modernização promovido pelo Estado brasileiro que, pelos acordos e associações aos setores externos, visava a conclusão da ocidentalização capitalista também via clientela das escolas, promovendo hábitos de

consumo, ação e pensamento, reforçando-se a dependência cultural em relação aos grandes centros capitalistas, tendências constantes mesmo nos rincões mais distantes dos centros de indústrias e poder, como Ituiutaba por exemplo.

A Escola Polivalente surgiu ao final desse acelerado processo de instalação de escolas públicas que vinham sendo sucessivamente implantadas na cidade de Ituiutaba a partir de 1950.

Houve deste modo um considerável número de escolas públicas criadas no decorrer deste período neste município, dentre elas os grupos escolares. Contudo, um exemplo considerável de precariedade existente no decorrer de implantação deste tipo de instituição educativa pública e que se apresenta como um paradoxo à forma de implantação da Escola Polivalente de Ituiutaba é destacado no trabalho de Souza e Costa (2015), relativo ao processo de criação do Grupo Escolar Cônego Ângelo na década de 1960 neste município; embora com uma diferença temporal de criação entre ambas (Grupo Escolar Cônego Ângelo/1965-Escola Polivalente-1974), é possível verificar as formas opostas em que foram criadas e instaladas tais instituições escolares inseridas no mesmo contexto, sob a ditadura civil-militar.

Segundo os autores, desde o início, as instalações do Grupo foram perpassadas por expressão de luta de professores e diretores em vista de propiciar a escolarização aos filhos da classe trabalhadora, com o intuito assim de mantê-la em funcionamento, uma vez que foi criada desprovida de planejamento e infraestrutura. Souza e Costa (2015, p. 87) afirmam:

[...] Esse grupo escolar (com a lei 5692/71 passou a ser escola estadual) foi criado sem nenhum planejamento infraestrutural o que gerou dificuldades aos gestores, docentes e discentes, não tendo espaço adequado e próprio por muitos anos. Contudo, representou ao mesmo tempo, a oportunidade de escolarização dos filhos das classes populares que até então, estavam excluídas do sistema escolar, muito embora, o fracasso escolar foi o que muitos encontraram.

Entretanto, no que se refere à Educação Profissionalizante no contexto histórico de Ituiutaba, Silva (2012) aponta que nos anos de 1930 foram fundadas duas escolas privadas, as quais ao início não tinham a finalidade de ofertar cursos profissionalizantes, porém no decorrer dos anos vieram a ser instaladas. Tais escolas visavam atender aos anseios da elite urbana e rural a fim de oferecer a educação para os seus filhos no próprio município, já que o ensino ginasial era inexistente na cidade. A primeira escola a oferecer o ensino profissional foi o Instituto “Marden”, fundado em 1933, iniciando em 1934 o seu funcionamento com o

Curso Primário; em 1935 veio a ter início o Curso Normal e em 1942 o Curso Ginásial (SILVA, 2012).

Assim, em busca de atender também aos interesses dos jovens que trabalhavam durante o dia, foi instalado no referido Instituto, o Colégio Comercial “Barão de Mauá”, o qual ofereceu os cursos Ginásio Comercial (1º Ciclo) e Técnico de Contabilidade (2º Ciclo). Silva (2012) destaca que “apesar de ser privado e destinado à elite urbana e rural da cidade, o Marden criou e manteve os cursos comerciais para aqueles que não podiam estudar de dia por conta de não terem outro recurso ou forma de se manter, inclusive na escola, senão pelo trabalho.” (SILVA, 2012, p. 62). Este Instituto exerceu suas atividades educacionais até o ano de 1979, quando então veio a ser extinto.

A segunda escola a ofertar esse tipo de ensino em Ituiutaba na década de 1930, de acordo com este autor, foi o Colégio Santa Teresa³⁰, instituição confessional, a qual atendia moças em regime de internato e externato, formando-as em Economia Doméstica e Artes, nos Cursos Primário, Ginásial e Normal.

Silva (2012) traz que outra escola confessional instalada em 1948, o Ginásio São José, fundado e dirigido pelos padres Estigmatinos, ofertava os Cursos Ginásial e Colegial, bem como os Cursos Profissionais Ginásial de Comércio e Técnico de Contabilidade; este Colégio teve assim seu funcionamento até o ano de 1980.

Outra instituição criada no ano de 1956 em Ituiutaba, conforme aponta Silva (2012), foi o Educandário Espírita Ituiutabano, o qual era particular e mantido pela União das Mocidades Espíritas de Ituiutaba (UMEI), bem como mantenedor de cursos primários e ginasiais gratuitos. Assim sendo, após requerimento do Diretor em prol do Colegial de Comércio, em 1963 a instituição foi denominada de “Colégio Comercial de Ituiutaba”, passando a ofertar o Curso Técnico em Contabilidade, de modo que em 1967 foi oficialmente autorizado pelo Diretor de Ensino Comercial, o funcionamento do Curso de Técnico em Contabilidade na referida instituição.

Como já mencionado, a Escola Polivalente, com seu diferencial pedagógico, veio acompanhada também por um modelo arquitetônico advindo para a construção de seu prédio, com todo um planejamento setorial para o desenvolvimento das práticas educativas a serem realizadas no seu interior. É visto que um amplo espaço geográfico foi destinado para a instalação desta escola em Ituiutaba.

³⁰ A essa temática ver: OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. História e memória educacional: o papel do Colégio Santa Tereza no processo escolar de Ituiutaba, Triângulo Mineiro – MG (1939-1942), 2003.

Podemos refletir a partir dessa perspectiva, que o Colégio Polivalente, antes de tudo se mostrava com o intuito de se apresentar como um diferencial, não apenas ao setor educacional como também ao desenvolvimento cultural e econômico da cidade, uma vez que, os processos advindos das relações econômicas estavam em alta por meio das indústrias que cada vez mais se instalavam no cenário Ituiutabano. Tais características influenciaram grandemente as relações econômicas entre as indústrias e a demanda por trabalhadores nos diversos setores técnicos, necessários para a mão de obra especializada.

É compreendido neste contexto, que este período do recorte temático aqui delineado, destaca-se como um dos mais fluentes no que diz respeito ao desenvolvimento industrial que a cidade vivia até então, ou seja, as grandes indústrias vieram a se instalar em Ituiutaba, consideravelmente no decorrer da década de 1970:

A capital econômica e cultural de uma das mais ricas, prósperas e futuras áreas do opulento Estado de Minas – Ituiutaba -, está completando 74 anos nesta data. Essa idade pode ser provecta para um homem, que ao atingi-la sente o peso de tantos “janeiros” e traz no rosto a marca de tantos anos vividos. Para Ituiutaba, contudo, ocorre um fenômeno interessante. Quanto mais velha, mais jovem, vaidosa e cativante se mostra. Sempre remozada, com roupagens novas e se enfeitando como fazem as moças catitas e de requintado bom-gosto. Ituiutaba é assim. Uma jóia de cidade, que sedia o progresso em ritmo galopante. Cidade que cresce rapidamente nos sentidos horizontal e vertical, com u’a média de construção de três e meia casas por dia. No meio do casario, que se estende por todos os lados, cobrindo uma área superior a 20 quilômetros quadrados, destacam-se edifícios de dois, três, quatro pavimentos e se erguem os oito primeiros “arranha-céus”. Novos blocos, de muitos andares, surgirão brevemente, atestando a pujança desta terra e o quanto pode sua gente arrojada e de incomparável espírito empreendedor. (Jornal Cidade de Ituiutaba, 16 de setembro de 1975).

Nota-se uma ênfase na reportagem do jornal ao que se refere ao enaltecimento da cidade em prol do seu desenvolvimento industrial, tal característica prescrita na notícia remete às intenções de propagação do nível econômico alcançado pelo município até então.

É fato que a implantação das Escolas Polivalentes movimentou vários setores da sociedade brasileira, especialmente na esfera municipal onde chegaram. Ao falar sobre o processo de industrialização pelo qual Ituiutaba se encontrava nesse período, o ex-prefeito relatou alguns dos avanços que o município recebera sob sua administração:

A Nestlé tem aqui em Ituiutaba a única fábrica que ela tem no Brasil que produz leite em pó, é a única, é uma fábrica grande, ela industrializa cerca de um milhão e meio de litros de leite por dia... foi na minha administração que trouxe essa indústria aqui para Ituiutaba, e eu acho que ela tem uma importância muito grande nesse trabalho de ajudar as populações mais pobres a melhorarem a renda, até da família, porque a produção de leite não

exige grandes propriedades, pelo contrário, a produção de leite se faz e se realiza em pequenas propriedades, isso é importante... nós fizemos a primeira canalização de córrego aqui de Ituiutaba, de saneamento básico, que é na Avenida José João Dib, o projeto era mais ou menos 2.900 metros, nós fizemos naquela época 1.500 metros, é a parte que a rua é fechada [...]. (F. D., 2017)

Em relato do ex-prefeito F. D. (2017) - o qual esteve na administração pública do município de Ituiutaba na época da implantação da Escola Polivalente – este colocou que a ³¹área cedida para a construção do prédio foi de acordo com as expectativas que visavam um amplo projeto para a implantação da mesma no município, segundo o ex-prefeito, se o projeto destas escolas tivesse efetivado, a educação poderia ter alcançado um maior nível de qualidade. Para o ex-prefeito:

Era uma escola diferente. Porque tem que ficar claro uma coisa, muito claro, o governo brasileiro nunca se preocupou com a educação do povão, do povo de um modo geral, não vou dizer na colônia, mas não se preocupou no império, na república velha e com a república que veio depois, tanto que um dos gargalos para a industrialização do Brasil hoje é exatamente a falta de mão de obra qualificada. Então quando de repente vem uma escola como o Polivalente, era uma novidade para o Brasil inteiro, não era só pra Ituiutaba, mas principalmente para Ituiutaba que era cidade pequena. Tanto que a prefeitura que doou aquele terreno, com mais de 10.000 m², a esperança da prefeitura era que mais alguma coisa viria depois, e iria precisar de terreno, então já doou para não ter problema no futuro. Infelizmente esse projeto não prosperou. (F. D., 2017)

Conforme o relato do ex-prefeito, a sua consideração era a de que, com a chegada de uma escola dessas no município, os jovens teriam a oportunidade de expandir seus conhecimentos, uma vez que se esperava que quando saíssem do Polivalente estariam melhores preparados para enfrentarem o futuro, segundo ele, a escola poderia promover mais oportunidades para os filhos das famílias menos abastadas, muitos não tinham condições favoráveis aos estudos e com a vinda da escola poderia ser diferente. O ex-prefeito faz a comparação da intenção da proposta de ensino da Escola Polivalente ao que apresentou posteriormente o Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM):

É como o IFTM... hoje, já não é a mesma escola profissionalizante anterior. Ela visava isso, formar a pessoa, para progredir, crescer, e dali já poderia partir para o ensino superior... porque na verdade quanto mais o país desenvolve e progride, o trabalhador também progride junto, porque aqui no Brasil nós cultivamos um hábito estranho, aqui todo mundo que entra na faculdade vira um Doutor, na verdade Doutor é quem defende tese de doutorado, o outro é engenheiro, é médico, é advogado, é arquiteto, no Brasil vira Doutor... Você vai nesses países mais desenvolvidos, o trabalhador tem

³¹ A está questão relativa à área destinada para a construção das Escolas Polivalentes, Bittencourt Júnior (2013, p. 76-77) informa que mediante o projeto dos Ginásios Polivalentes, a previsão para estes terrenos era de 25.000 metros quadrados que seriam doados pelo município.

um nível de conhecimento maior, então ele se torna mais apto a escolher o que é melhor para ele. Infelizmente esse projeto caiu na psammaceira, ele acabou ficando no mesmo nível do resto das escolas, é lógico que teria evoluído, mas na verdade esse projeto que gerou aqui em Ituiutaba, o Polivalente, ele não continuou, não prosperou... (F. D., 2017).

Mediante a esse contexto, podemos refletir sobre algumas características do período da ditadura civil-militar que se apresentavam visíveis mediante a administração pública do ex-prefeito no município; dentre estas, torna-se evidente as consequências enfrentadas por ele uma vez que era membro do partido da oposição da ditadura, e assim como relatado, encontrou dificuldades no apoio de setores da sociedade e até mesmo restrições financeiras de cunho político ao orçamento da prefeitura.

Segundo constatações através de documentos locais investigados, na década de 1970, a cidade vivenciou uma grande expansão de progresso, uma vez que recebeu a criação de importantes obras públicas, como o terminal rodoviário, implementação de rodovias e aeroporto, o parque de exposições, bem como de indústrias de porte agrícola, pecuária, pneus, adubos, cerâmicas, dentre outras, destacando-se dentre elas a Nestlé, sendo sua instalação prevista na cidade, já no ano de 1974, a qual se mantém ativamente no mercado de produção da cidade. Em destaque editorial de jornal da cidade referente à tal crescimento industrial: "Já contamos com mais de 200 unidades industriais, incluindo-se é claro, as máquinas de beneficiar arroz". (Jornal Cidade de Ituiutaba, 16-17/07/1974).

A Escola Estadual "Antônio Souza Martins"- Polivalente, da cidade de Ituiutaba apareceu entre a terceira e quarta etapas de implantação. Este marco constituinte ficou estabelecido por meio do Decreto Nº 16. 654, de Outubro de 1974, de Criação das Escolas Polivalentes de 1º Grau, como verificado na parte descrita do documento abaixo (segue a transcrição do mesmo, conforme o "Anexo A" relativo ao referido documento):

DECRETO N 16.654, DE OUTUBRO DE 1974

Cria Escolas Estaduais de 1 Grau.

O governador do Estado de Minas Gerais, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 76, inciso X, da Constituição do Estado, e tendo em vista o que dispõe o artigo 3º da Lei nº 5.760, de 14 de setembro de 1971, decreta:

Art. 1º - Ficam criadas 26 (vinte e seis) Escolas Estaduais de 1º Grau – 5ª. a 8ª série – construídas, na terceira etapa, em decorrência do convênio celebrado, aos 19 de fevereiro de 1970, entre a União, representada pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC – através do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino – PREMEM – e o Estado de Minas Gerais, aprovado pela Resolução nº 925 de 27 de maio de 1970, da Assembléia Legislativa, nas cidades de Araxá, Campo Belo, Caxambu, Corinto, Conselheiro Pena, Curvelo, Diamantina, Frutal, Guaxupé, Juiz de Fora, Itabira, Itajubá, Itaúna, Ituiutaba, Mantena, Monte Carmelo, Nova Lima, Muriaé, Oliveira, Paracatu, Poços de Caldas, Sabará, Santos Dumont, S. João del-Rei, S. João Nepomuceno e Três Corações.

Art. 2º - As despesas decorrentes deste Decreto correrão à conta de dotações orçamentárias próprias.

Art. 3º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 15 de outubro de 1974.

RONDON PACHECO

Abílio Machado Filho

Corrêa Vianna.

Nesta perspectiva, a Escola Polivalente veio a ser implantada em meio a este acelerado crescimento econômico de Ituiutaba, a qual perpassava por grandes investimentos que foram efetivados em prol do seu desenvolvimento, sendo um fator primordial para novas possibilidades do crescimento do mercado de trabalho, ao passo que as atividades industriais buscavam se expandir neste município:

Novas indústrias estão se implantando, entre elas a maior fábrica de leite em pó da América Latina e 15a da Cia. Nestlé, a ELDORADO –Indústria de Plásticos Ltda., a Cerâmica Tamoio, todas no setor industrial-norte de nossa cidade. Estas se somam às numerosas indústrias em funcionamento, dando-nos a certeza de que a industrialização em marcha não sofrerá solução de continuidade. Todos os setores de nossa comuna estão em pleno desenvolvimento. Indústria, Comércio, Educação, Ensino Superior, Saúde, Comunicação, Transportes, Assistência, Artes, Esportes, Diversões, Turismo, etc., em notável expansão e melhoria. (Jornal Cidade de Ituiutaba, 16 de setembro de 1975).

Deste modo, é visto que a escola, objeto de nosso estudo, se colocava como mais um avanço local, sobretudo no setor educacional, como também na contribuição a ser alcançada no desenvolvimento sociocultural e econômico. Tais objetivos, nesta perspectiva por certo, traziam muitas expectativas aos moradores de Ituiutaba, uma vez que a escola se mostrava com um diferencial desde sua arquitetura, comparando-a com as demais escolas da rede pública da cidade daquele momento.

Algumas questões procuraremos responder nas próximas seções, tais como: quem eram seus idealizadores? E seus professores e alunos a que estrato social pertenciam? Qual o projeto pedagógico implantado no contexto de autoritarismo? O tecnicismo prevaleceu a concepção crítica do ensino? Quem financiou esse empreendimento educacional modelo para a região?

3 A TRAJETÓRIA INICIAL DO COLÉGIO POLIVALENTE DE ITUIUTABA

A instalação do Polivalente é de grande significação para nossa comuna. É a concretização de um ideal, para a qual contribuíram a administração anterior e atual e os homens do governo ligados ao setor da instrução pública. Ele virá ajudar a resolver um dos grandes problemas da nossa terra, qual seja o da falta de vagas para todos os que desejam estudar (JORNAL *CIDADE DE ITUIUTABA*, 21-ago-1974).

A citação acima torna-se pertinente ao refletirmos sobre os caminhos perpassados pela educação pública no município de Ituiutaba; como apresentamos na seção anterior, o ensino público até a década de 1940 contava com apenas uma instituição de ensino (excetuando-se as escolas rurais), fato que nos leva a refletir sobre o grande número de crianças, jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de acesso à escolarização durante esse tempo, e assim relegados ao mundo letrado.

O aumento de criação de escolas públicas ocorreu em maior número na década de 1960, nesta perspectiva, a Escola Polivalente implantada na década de 1970, como descrita na citação, apresentava-se no momento em que o município ainda demonstrava problemas com a oferta de vagas no ensino público.

Nesta seção apresentamos a discussão sobre a trajetória inicial da implantação do Polivalente em Ituiutaba-MG, assim no primeiro segmento trataremos dos processos oriundos da sua criação até sua implantação e dos quadros percentuais relativos aos discentes, docentes e funcionários. Após destacamos a estrutura física da escola e por último no terceiro segmento destacaremos parte do mobiliário que constituiu e caracterizou o modelo da Escola Polivalente no país.

3.1 Etapas do Colégio: a implantação

A história de uma instituição escolar não se restringe apenas ao seu fazer burocrático, pedagógico e prático, ela vai muito além disso uma vez que todas as relações que a envolvem são advindas de processos interativos entre os atores que a compuseram em determinado período. Sanfelice (2016) ressalta para o significado de se pesquisar uma Instituição Escolar:

Muitos de nós talvez aqui nos surpreendamos. Qual é o significado de instituir? O Dicionário Houaiss (2001) nos informa: dar formação; educar;

instruir; criar; fundar... Então, podemos dizer que se produz um trabalho historiográfico das Instituições Escolares para interpretar o sentido daquilo que elas formaram, educaram, instruíram, criaram e fundaram, enfim, o sentido de sua identidade e de sua singularidade. (SANFELICE, 2016, p. 29)

Com o intuito de descrever o processo constituinte da Escola Polivalente de Ituiutaba, esta seção apresenta alguns dos importantes aspectos advindos do seu desenvolvimento, respaldando-se em análises de fontes composta por bibliografias, histórico e regimento escolar, livro de exercício e posse de professores e funcionários, ata de resultado final de alunos, fotografias, jornais do contexto pesquisado, bem como de relatos dos entrevistados, através das quais foi possível obter consideráveis informações sobre as práticas cotidianas que permearam o interior desta instituição.

Iniciamos este segmento apresentando parte do contexto da criação da Escola Polivalente de Ituiutaba utilizando-se de reportagens de jornais do arquivo da Fundação Cultural de Ituiutaba, tratando em específico do Jornal Cidade de Ituiutaba. Tais reportagens evidenciaram que a implantação dessa escola teve uma significativa repercussão no município, foi destaque em várias matérias durante todo o seu processo de construção e consolidação neste período.

A implantação desta instituição foi anunciada quando ainda se previa sua criação, como podemos observar na reportagem do Jornal Cidade de Ituiutaba³², quando em 1971 a prefeitura já almejava a Escola para a cidade:

Reivindicações da Prefeitura

O gabinete do chefe do executivo, dr. A. O. M. A, expediu na última semana, os seguintes expedientes: [...] Ao sr. Secretário da Educação, reivindicando a criação de um ginásio polivalente em Ituiutaba (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 1º de Abril de 1971).

Em outra matéria do referido jornal datado de 19 de dezembro deste mesmo ano, foi possível identificar que esta reivindicação foi atendida; a reportagem intitulada “Construção de cinco prédios escolares”, informava sobre esses prédios que foram construídos na zona rural e, que, além disso, outras escolas e conquistas haviam sido trazidas para o município.

[...] Além dessas (sic) dos tão significativos, a criação do MOBREAL, do Setor Regional da Merenda Escolar, da Livraria do MEC, da representação do Instituto Nacional do Livro, o funcionamento do Ginásio Municipal e do Ginásio Agrícola Municipal, **a conquista do Ginásio Polivalente**, de dois grupos escolares da CARPE e da reforma do G. E. “João Pinheiro”, a par de

³² De acordo com Franco (2015) o Jornal Cidade de Ituiutaba foi criado em dezembro de 1965 como forma de substituir o Correio do Triângulo. Para maiores aprofundamentos ver: FRANCO, Isaura Melo. Estudantes Tijucanos em cena: História de suas organizações políticas e culturais (Ituiutaba-MG, 1952 – 1968), 2014.

outras atividades importantes a que deu assistência no setor cultural [...] (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 19 de dezembro de 1971).

Através das reportagens destacadas no jornal, verificamos parte do seu processo de implantação e a expectativa promovida em torno desse modelo de escola que a cidade receberia. Durante o tempo da construção do prédio até o início de suas atividades a novidade educacional foi anunciada por este jornal.

A reportagem relativa ao ano de 1973 já quando o prédio se encontrava em processo de construção trazia em destaque: “Obras do Colégio Polivalente em ritmo acelerado”, e em sua redação expectativas de que esse seria um diferencial para a sociedade tijucana: "O Ginásio Polivalente será sem sombra de dúvidas, uma nova arrencada (sic) de Ituiutaba no setor educacional e haverá de contribuir muito para com o nosso desenvolvimento sociocultural e econômico". (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 4 de novembro de 1973).

Pelo visto a construção se deu em “ritmo acelerado” (pois apesar de não termos uma data específica do início da obra, supomos pelos registros datados das reportagens aqui descritas, que esta aconteceu em menos de um ano), em julho de 1974, o Jornal anunciava a finalização da construção do prédio, como destacado na imagem abaixo:

FIGURA 4 - Notícia sobre a conclusão do prédio do Polivalente.



Fonte: Acervo Cultural do município, 1974.

Podemos observar como destacado no anúncio, o prédio da escola concluído, tendo seu espaço delimitado por tela em alambrado apoiadas em colunas de concreto e, por calçadas; desse modo permitia uma visão do seu espaço interno pelo lado exterior, já que não era cercada por muros, característica esta comum às demais escolas da cidade.

Neste mesmo mês de julho o Jornal destacou a notícia sobre a previsão do funcionamento da Escola Polivalente:

Polivalente de Ituiutaba funcionará em agosto

A Inspetora seccional de Ituiutaba, segundo fomos informados já tomou todas as providências para funcionamento da Escola Polivalente de Ituiutaba, a partir de agosto. O prefeito Fued Dib que esteve em Belo Horizonte na semana passada, providenciou junto ao PREMEX a remessa para Ituiutaba, da biblioteca do ginásio. Poderão se inscrever para a Escola Polivalente de Ituiutaba todos os concluintes do antigo 4º ano primário e ainda os candidatos a 6ª e 7ª série do primeiro ciclo (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 17 de julho de 1974).

Assim, conforme verificamos, a inauguração desta Escola foi noticiada no Jornal em 01 de agosto de 1974:

FIGURA 5 - Notícia sobre a inauguração do Polivalente.



Fonte: Acervo Cultural do Município, 1974.

É importante destacar que a notícia acima descrita traz informações a respeito da espera do mobiliário que era aguardado para o início das atividades na Escola Polivalente, o que veio a ocorrer como veremos, um pouco adiante do previsto. Outra informação era de que não havia uma data para a inauguração, no entanto estava prevista para o mês de agosto.

A fotografia da escola nos parece tratar da mesma destacada nas reportagens sobre as notícias, como verificado pelas duas referidas imagens acima, assim não tivemos acesso a outro documento que retratasse a imagem desta escola neste período inicial.

Podemos observar que o jornal destacou dias após, a notícia da data prevista para a inauguração, segundo informações prestadas pelo diretor da instituição:

Deverá ser inaugurada no próximo dia 02 de setembro a Escola Polivalente Estadual de Ituiutaba. Os pavilhões e praça de esportes já estão concluídos. O mobiliário, material didático, etc., deverão chegar a qualquer momento, acreditando-se mesmo que estejam a caminho desta cidade, procedendo da capital mineira. A informação foi prestada pelo diretor da Escola, Prof. Silvio Neves., através de entrevista à Rádio Difusora (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 21 de agosto de 1974).

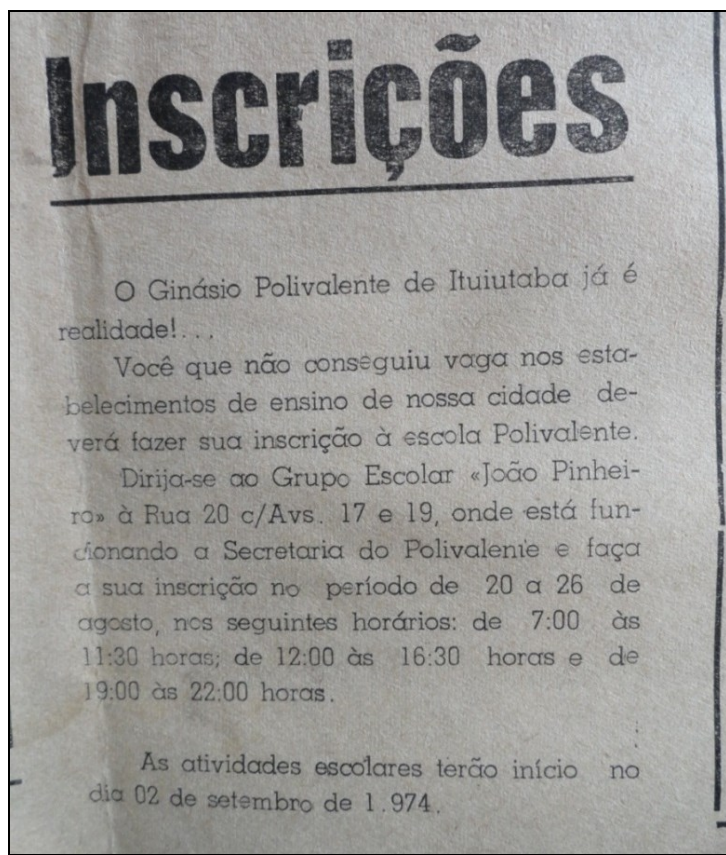
Verificamos através da reportagem que outro meio de comunicação utilizado para propagar a notícia sobre essa escola foi o rádio, o diretor prestou entrevista a rádio destacada, e mais adiante outra reportagem mencionando o diretor da escola também nos informa o mesmo fato ocorrido, supomos assim que o rádio era um meio de acesso da maioria da comunidade, ao contrário do Jornal, no entanto a notícia vinculava de modo a agregar toda a população tijucana.

Esta reportagem destacou também a colocação do diretor à sua consideração sobre o início do processo educativo na Escola:

O prof. Silvio Neves informou, também, que está sendo realizado um levantamento geral, que responda à realidade, com base no que foi feito há algum tempo atrás. Fez sentir a necessidade da colaboração de todos nesse trabalho, para que seja obtido o desejado êxito. É imprescindível o apoio de toda a comunidade, pois a autorização para o funcionamento da escola dependerá desse cadastramento, de planejamento e capacidade prévia a serem submetidas à apreciação do órgão competente antes do fim deste mês. (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 21 de agosto de 1974).

A reportagem revela que a instituição escolar era ansiosamente aguardada pela comunidade local, carente de oportunidades educativas, especialmente no momento de acelerada urbanização do município. O referido jornal trazia ainda informações sobre as inscrições para a escola:

FIGURA 6 - Notícia sobre inscrições no Polivalente.



Fonte: Acervo Cultural de Ituiutaba, 1974.

Como destacado na notícia, as inscrições neste primeiro momento foram destinadas aos alunos que não estavam estudando pelo motivo de não terem conseguido vagas em outras escolas do município³³, assim, ao início essas inscrições foram realizadas em outra instituição escolar, uma vez que a escola ainda não contava com equipamento mobiliário, no entanto, a data como já mencionado, estava prevista.

Em reportagem posterior, também relativa às inscrições destacava-se: “Finalmente terão início as atividades do Polivalente de Ituiutaba! [...] As atividades escolares terão início no dia 02 de Setembro próximo” (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 22 de agosto de 1974).

³³ É preciso ter como ponto de partida a singularidade desse município no que tange a questão educacional, constatando-se o lento processo de institucionalização da escola pública na cidade no período que compreende as primeiras cinco décadas de sua história (1901-1950). Nos anos de 1950, inicia-se forte expansão do sistema público, movimento que se manterá nas décadas seguintes com a criação de outras instituições, entre elas, o Colégio Agrícola e a Escola Normal, de forma que no ano de 1970, a educação escolar na cidade já era marcadamente pública, rompendo como o predomínio das instituições privadas e/ ou confessionais que diminuíram em número. (SOUZA, 2010, p. 526)

As demais reportagens referentes às inscrições e data prevista da inauguração permaneceram constantemente ativas nesse jornal, no entanto, acompanhando essas reportagens, vemos que a inauguração não aconteceu no dia previsto.

Assim, já posteriormente a suposta data prevista, no dia 04 de setembro o Jornal destacou como primeira notícia da página inicial, a matéria sobre uma nova data para a inauguração da Escola, como também a explicação sobre o fato de não ter acontecido na data antes prevista:

ESCOLA POLIVALENTE - INAUGURAÇÃO NO PRÓXIMO DIA 9

A Escola Polivalente de Ituiutaba, já tem autorização para iniciar suas atividades. Sua inauguração estava marcada para o dia 2 p. p., todavia como o material indispensável para o seu funcionamento ainda não havia chegado, foi adiada para o próximo dia 9, segunda-feira. A informação foi prestada pelo prof. Hellis Ferreira da Silva, chefe do Departamento de Educação e Cultura na reunião do legislativo, segunda-feira e confirmada, pelo rádio, pelo diretor da Escola, prof. Silvio Neves. A Escola Polivalente constitui uma das grandes conquistas de Ituiutaba. (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 4 de Setembro de 1974).

Em meio às expectativas demonstradas por meio do jornal, relativas à inauguração, outra reportagem se refere ao início das primeiras atividades nesta instituição e, como podemos ver, a inauguração com a nova data marcada, descrita na reportagem anterior, mais uma vez não ocorreu no tempo previsto, ou seja, no dia 9 de setembro.

Pela reportagem destacada abaixo, vemos que a escola apesar de não contar ainda com o mobiliário, promoveu um primeiro contato com os alunos, uma vez que a notícia menciona que houve atividades de acolhimento e apresentação de professores e funcionários:

Atividades preliminares do Polivalente

Tiveram início as atividades preliminares do Colégio Polivalente de nossa cidade, com acolhimento e apresentação de professores e pessoal técnico. As aulas somente serão iniciadas depois de recebido e montado o equipamento destinado ao seu perfeito funcionamento. O período de planejamento vem sendo realizado, na sede social da Associação Comercial e Industrial, gentilmente cedida pela sua diretoria. O novo Colégio, que terá dois períodos escolares já conta com mais de 300 candidatos inscritos. Os que tiverem idade superior a 15 anos poderão efetuar sua matrícula na 5ª série, os demais deverão aguardar comunicado da direção do estabelecimento de ensino. (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 25 de Setembro de 1974).

Desse modo, como verificado, o comunicado relativo ao processo de realização de matrículas para o início das atividades na Escola Polivalente neste ano de 1974, foi destacado


na reportagem de outubro deste mesmo ano, quando consideramos ter sido instalado o mobiliário e assim iniciado de fato as aulas nessa escola.

Como descrito na reportagem “[...] amanhã serão iniciadas as matrículas naquele estabelecimento de ensino, abertas aos alunos que cursarão a 5ª série da Escola Estadual Polivalente de Ituiutaba [...]” (JORNAL CIDADE DE ITUIUTABA, 16 de outubro de 1974).

No entanto, referente a inauguração oficial da escola não encontramos nenhum registro ou reportagem sobre esse fato. Porém, em seu acervo tivemos acesso ao documento pelo qual observamos o registro sobre a sua implantação e refere-se ao “Termo de Entrega e Recebimento 013/75 Escola Polivalente de Ituiutaba MG 188. GC 72”, datado de 27/fev/1975, no qual há a descrição da entrega das chaves da referida escola ao Governador de Minas Gerais na cidade de Belo Horizonte:

FIGURA 7 - Termo de entrega e recebimento das chaves da Escola Polivalente de Ituiutaba.

C. R. Pacheco
16.11.75

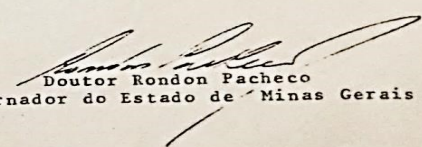


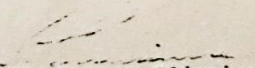
TERMO DE ENTREGA E RECEBIMENTO Nº 013/75
ESCOLA POLIVALENTE DE ITUIUTABA
MG.188.GC/72

Aos 27 dias do mês de *fevereiro* do ano de 1975, no Palácio dos Despachos, em Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais, presentes os Excelentíssimos Senhores Governador do Estado e Presidente do PREMEN-MG, este representando o Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação e Cultura, procedeu-se a entrega pelo segundo, em nome do MEC, ao primeiro, em nome do Estado, das chaves da Escola Polivalente construída nessa cidade, de acordo com o Convênio MEC/ESTADO, datado de 19 de fevereiro de 1970, tendo o Excelentíssimo Senhor Governador declarado no ato que, ressaltados os procedimentos previstos no Manual de Construção do PREMEN para o recebimento dos prédios, foi construída de acordo com os respectivos projetos aprovados, e se achava completamente equipada para atender às necessidades do Ensino Fundamental e com os seus quadros técnico e administrativo e corpo docente devidamente habilitados, nos termos do Convênio acima referido.

Recebidas as chaves da Escola Polivalente pelo Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, lavrou-se, a seguir, este termo, em cinco vias de igual teor, que vai assinado pelos representantes do Estado e do MEC.

Palácio dos Despachos, em Belo Horizonte, 27 de *fevereiro* de 1975


Doutor Rondon Pacheco
Governador do Estado de Minas Gerais


Prof. Cel. Ulysses de Oliveira Panisset
Presidente do PREMEN-MG

Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1975.

Em meio a este contexto histórico, a cidade de Ituiutaba recebeu assim, através do PREMEN (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio) em convênio com o Estado e Governo, a implantação do Polivalente, denominada Escola Estadual “Antônio de Souza Martins”, situada em área central desta cidade.

Verificamos no acervo da escola pesquisada um documento referente a lei que trata da denominação desta escola, conforme nos parece o mesmo consta de uma cópia da

publicação do documento em Jornal, pois neste há a seguinte informação: “Publicado no Minas Gerais do dia 17-12-74”. Abaixo o texto com a transcrição do referido documento:

GOVERNO DO ESTADO

LEI N. 6.531. DE 16 DE DEZEMBRO DE 1974.

Da a denominação de “Escola Estadual Antônio de Souza Martins” à Escola Estadual da cidade de Ituiutaba. O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes decretou, e eu, em seu nome sanciono a lei:

Art. 1.º - Dnominar-se a (sic) “Escola Estadual Antônio de Souza Martins” a Escola Estadual de Ituiutaba.

Art. 2.º - Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

Art. 3.º - Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Dada no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte aos 16 de dezembro de 1974.

RONDON PACHECO.

Abilio Machado Filho

Agnelo Corrêa Vianna

No documento anteriormente destacado que trata da entrega das chaves da Escola datado do ano 1975 há a identificação de: “Escola Polivalente de Ituiutaba”, o que difere da denominação já determinada pela referida lei acima do ano de 1974 que a denomina “Escola Estadual Antônio de Souza Martins”.

Todavia, consideramos importante este aspecto relativo a denominação de uma instituição; é fato que na maioria esta se refere a nomes de pessoas que de algum modo destacaram-se na sociedade, em meio a ações específicas prestadas ao Município, Estado e País. A Escola Polivalente de Ituiutaba recebeu assim o nome de “Antônio Souza Martins³⁴”. Conforme verificado, Antônio Souza Martins esteve à frente da administração pública de

³⁴ Antônio Souza Martins nasceu no ano de 1900 na área rural do município de Ituiutaba. Em 1954, por meio da coligação partidária do PSD e o UDN, elegendo-se então, prefeito municipal de Ituiutaba, para o período de 1955 a 1959. Verificou-se um progresso econômico importante no município, passando de sua fase primária, a pecuária, para imediatamente superior, a agricultura, quando nos tornamos a Capital Brasileira do Arroz (ARROZCAP). O administrador preocupou-se em dotar a cidade de um recurso imprescindível para a terceira fase da economia, a eletricidade. É no seu governo, que se subscreveu parte do capital da ELFISA, para que a usina do Salto de Moraes pudesse continuar com suas obras. Porém, posteriormente, contatou a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais). O setor público deve a sua administração: Construção de galerias fluviais em algumas ruas e avenidas; perfuração de poços artesianos; pavimentação de ruas; redes de esgoto sanitário; criação da Escola de Tratorista, junto ao Posto Agropecuário; instalação do 5º Distrito Florestal de Minas Gerais; termino do prédio dos Correios e Telégrafos; construção do prédio da Escola Estadual Clóvis Salgado; melhoramento das estradas vicinais; criação da Banda Municipal (José Castanheira); funcionamento do Aéreo Clube; início da construção da Praça Getúlio Vargas; construção de Escolas Rurais; incentivo a instalação de Universidade; implantação e Urbanização da Vila Platina; implantação da Moto Ituiutaba Revendedor Oficial da Volkswagen (Maude); fundação da Agromac. Disponível em: <http://www.portalituiutaba.com.br/site/site/indexInst.aspx?acao=prod&id=58840&usuid=363&conteudo=ANT%C3%94NIO%20S.%20MARTINS>.

Ituiutaba no período de 1956 a 1959, destacando-se na atividade política do município, dentre outras.

Foi destaque no jornal “Diário Regional de Ituiutaba – MG/ outubro de 2000”, como verificado no acervo da Escola Polivalente, a notícia sobre o referido político; nesta observamos que no ano de 2000 foi realizada pela Fundação Educacional de Ituiutaba – FEIT e pela Câmara Municipal de Ituiutaba – MG uma homenagem em comemoração ao “Centenário de Antônio Souza Martins”.

FIGURA 8 - Notícia sobre o Centenário de “Antônio Souza Martins”.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 2000.

Como percebido pela notícia acima destacada no referido Jornal, “Antônio Souza Martins”, o Nicota, ocupa um lugar na memória do município, no qual atuou em posições da administração pública, empreendendo ao longo de sua vida ações políticas e sociais à comunidade tijucana e como já antes apontado, seu nome intitula a escola aqui pesquisada.

Assim, mediante pesquisa documental da referida instituição, pôde-se constatar através do seu histórico, que esta teve sua instalação no ano de 1971, por meio do disposto na Lei nº 5.760/71, sob o Artigo 76, inciso X da Constituição do Estado, o qual dispõe da criação das 26 (vinte e seis) Escolas Polivalentes implantadas no país, em decorrência do convênio celebrado em 1970, entre a União, representada pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC- através do PREMEX, e o Estado de Minas Gerais.

As Escolas Polivalentes como consta no referido documento foram pensadas minuciosamente através de estudos que foram realizados pela EPEM - Equipe de Planejamento do Ensino Médio, ao se buscar partir para uma concepção de escola polivalente que estivesse sintonizada com a realidade brasileira; sendo também ressaltado neste documento (1987) que as Escolas foram ao início definidas como Ginásios, estando naquele momento denominada "Escola Polivalente".

Este marco constituinte ficou estabelecido por meio do Decreto Nº 16. 654, de Outubro de 1974, de Criação das Escolas Polivalentes de 1º Grau, como já apresentado na seção anterior.

Outro aspecto que verificamos através do documento “Decreto nº. 19.472, de 17 de outubro de 1978”, no acervo da escola pesquisada, se refere às características presentes na denominação e classificação tipológica das escolas estaduais. Para uma melhor compreensão destacaremos parte do documento que trata desta classificação:

[...]

Art. 2º - As escolas estaduais são classificadas segundo os níveis e tipos de ensino e número de alunos, na forma do Anexo II.

§ 1º - A classificação tipológica é composta por 4 (quatro) símbolos sendo 3 (três) dígitos, em algarismos arábicos, que representam os níveis de ensino e uma letra, que representa o número de alunos.

§ 2º - O primeiro dígito é o algarismo 1 (um) e indica a existência do ensino pré-escolar ou o 0 (zero) que indica a ausência do ensino pré-escolar.

§ 3º - O segundo dígito poderá ser o algarismo 2 (dois), 3 (três), 4 (quatro) ou 5 (cinco), e indica a existência do ensino de 1º grau ou o 0 (zero) que indica a ausência do ensino de 1º grau.

§ 4º - O terceiro dígito é o algarismo 6 (seis) e indica existência do ensino de 2º grau ou o 0 (zero) que indica a ausência do ensino de 2º grau.

Nesta perspectiva, podemos observar a classificação específica contida no “Anexo II” deste documento e inferir que a Escola Polivalente de Ituiutaba enquadrava-se na classificação “050C”, referindo-se respectivamente: ao algarismo 0 que indica a ausência do ensino pré-escolar, o algarismo 5 que indica a existência do ensino de 1º grau – 5ª a 8ª séries, o algarismo 0 que indica a ausência do ensino de 2º grau e a letra “C” relativa ao número de alunos ao qual a escola se inseria. Abaixo a figura, pela qual podemos distinguir a referida classificação das escolas estaduais:

FIGURA 9 - Classificação das Escolas Estaduais.

ANEXO II
CLASSIFICAÇÃO DAS ESCOLAS ESTADUAIS

Nível e Tipo de Ensino	NÚMERO DE ALUNOS						
	CÓDIGO	Z *	A	B	C	D	E
Pré-escolar	1	até 239 alunos	de 240 a 459 alunos	de 460 a 759 alunos	de 760 a 1059 alunos	de 1060 a 1999 alunos	à partir de 2000 alunos
1º grau:							
1ª à 4ª série	2						
1ª à 6ª série	3						
1ª à 8ª série	4	até 239 alunos	de 240 a 689 alunos	de 690 a 1139 alunos	de 1140 a 1589 alunos	de 1590 a 2999 alunos	à partir de 3000 alunos
5ª à 8ª série	5						
2º grau	6				1984		
Educação Especial		até 239 alunos	de 240 a 344 alunos	de 345 a 569 alunos	de 570 a 794 alunos	de 795 a 1499 alunos	à partir de 1500 alunos
Conservatório Estadual de Música		até 239 alunos	de 240 a 459 alunos	de 460 a 759 alunos	de 760 a 1059 alunos	de 1060 a 1999 alunos	à partir de 2000 alunos

* OJS.: Nas escolas estaduais classificadas tipologicamente com a letra Z, a função de diretor será exercida por um coordenador de escola.

tas/

Fonte: acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1978.

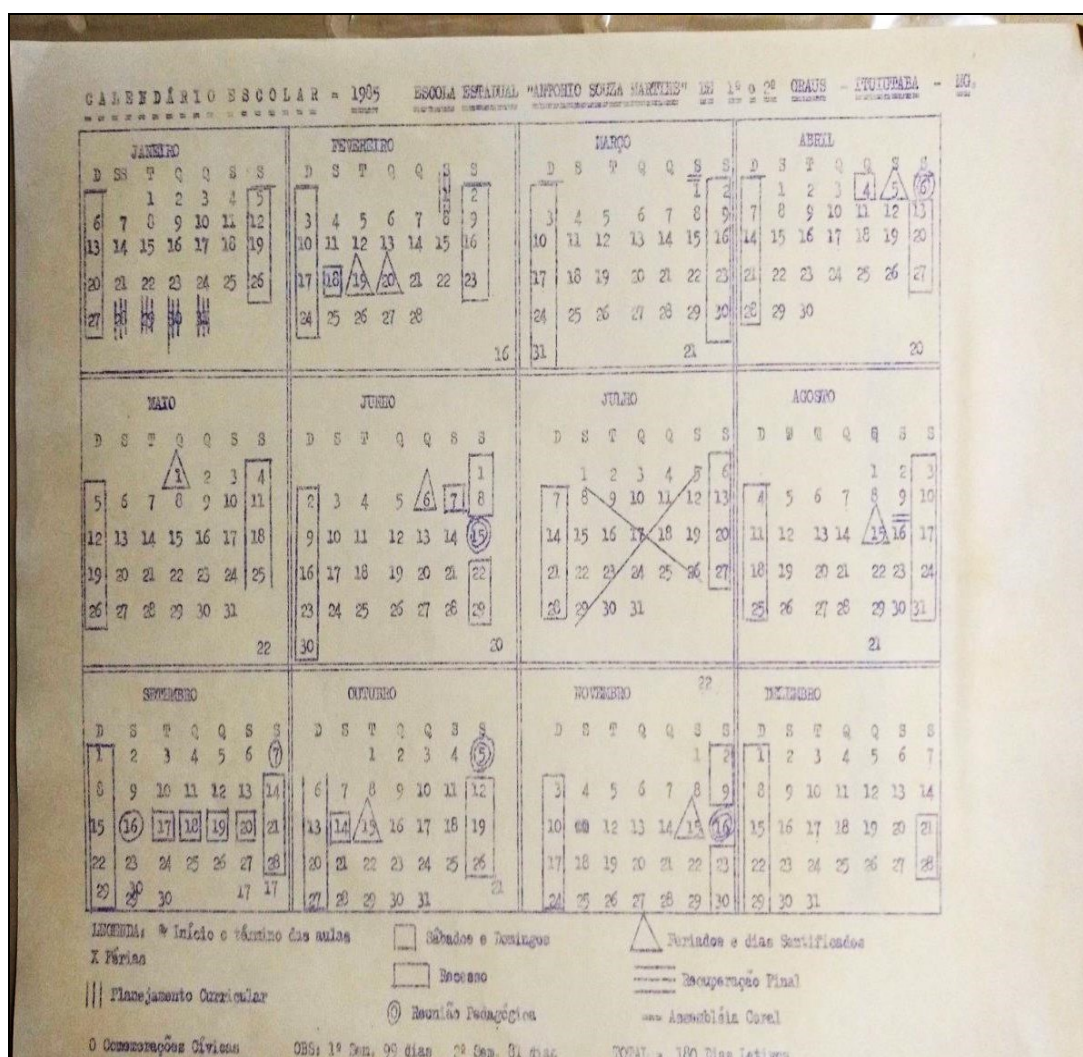
As características identificadas relativas ao Currículo da Escola Polivalente serão aprofundadas na seção quatro (4), onde trataremos da discussão relativa à organização curricular das disciplinas integradas entre o ensino regular e o ensino vocacional técnico

profissionalizante, bem como às possíveis formas que este currículo foi desenvolvido e trabalhado pelos profissionais e alunos neste estabelecimento de ensino.

Quanto ao calendário anual, foi possível verificar apenas um documento que data do ano de 1985, no entanto, supomos que tal cronograma possa remeter ao modelo utilizado pela escola nos anos anteriores, uma vez que apresenta características concernentes à organização pedagógica escolar das demais escolas.

De acordo com a Legenda, podemos ver a organização do calendário escolar relativo aos meses do ano com os seguintes itens: início e término das aulas, planejamento curricular, comemoração cívica, sábados e domingos, recessos, reunião pedagógica, feriados e dias santificados, recuperação final e assembleia geral e total de dias letivos. Como demonstra a imagem abaixo:

FIGURA 10 - Calendário Escolar da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola Estadual "Antônio Souza Martins" – Polivalente, 1985.

3.2 O Polivalente em números: discentes, docentes e funcionários

3.2.1 Discentes

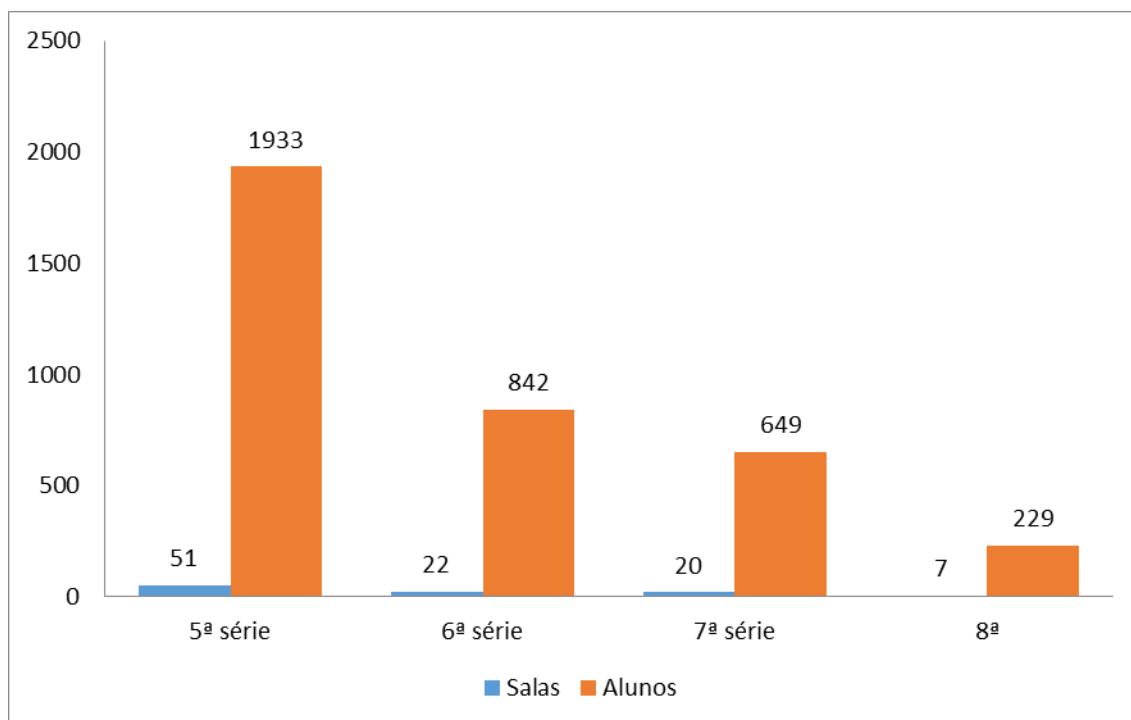
Como já descrito, a Escola Polivalente iniciou suas atividades no ano de 1974, tendo assim neste ano recebido as primeiras turmas no segundo semestre; quanto a informações acadêmicas dos estudantes, o único documento que tivemos acesso se refere ao livro de “Ata de Resultado Final”, relativa ao ano de 1975 a 1979, no entanto, além do resultado do período descrito, há também o registro de três salas de 5ª séries relativo ao ano de 1981.

O livro consta de 100 folhas prescritas das notas finais obtidas pelos alunos das 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries, quais sejam aprovados e reprovados.

Conforme verificado, a grade curricular neste documento era compreendida por disciplinas do ensino regular e parte prática, a saber: “Português- Inglês – Francês – Educação Artística – Educação Física – Matemática – Ciências F. Biologia – Geografia – História – Educação Moral e Cívica – Orientação Educacional; Prática: Educação para o Lar – Práticas Agrícolas – Práticas Comerciais – Práticas Industriais”.

Apresentamos a partir de quatro gráficos - conforme informações demonstradas no “Apêndice A” - a descrição de alguns aspectos observados, como o número de salas e de alunos e alunas, caracterizados pelas informações “Alunos -Homem/Mulher”, bem como o índice de aprovação e reprovação e de desistentes e transferidos que evidenciamos no referido documento.

GRÁFICO 1 - Quantidade de salas/alunos por série/anos (Polivalente 1975-1981).



Fonte: Ata do Resultado Final de Aproveitamento 1975 a 1979/81.

O gráfico acima, de acordo com as informações verificadas na “Ata de Resultado Final” nos demonstra a quantidade de salas e de alunos que frequentaram as séries do ensino de 1º Grau no Polivalente aos anos de 1975 a 1979 e, como já mencionado apenas três salas das 5ª séries no ano de 1981. É importante destacar o número elevado das salas da 5ª série, já que é bem maior do que às demais séries; no entanto há o fato de que, no ano de 1974 já havia sido iniciadas as aulas com as primeiras turmas no segundo semestre.

Assim, observamos o registro final de junho de 1975 com um número de 10 salas de 5ª séries, as quais respectivamente denominadas: “5ª A, B, C, D, E, F, G, H, I e J” e, consoante ao resultado final de dezembro deste mesmo ano, as outras 10 salas de 5ª séries respectivamente denominadas, o que totaliza um número de 20 salas com registro de resultado final relativo ao ano de 1975.

Tal informação remete para o possível fato de terem sido iniciadas no segundo semestre de 1974 as 10 turmas das 5ª séries que teriam o resultado final registrado no primeiro semestre de 1975. Relativo ao ano de 1976 há o registro de 10 salas de 5ª séries, e nos anos posteriores um percentual inferior de número de salas dessa série.

Contudo, no livro de Atas não há o registro dos turnos (matutino-vespertino) das salas do ano de 1975, relativo ao ano de 1976 há a descrição do turno apenas de uma sala da 6ª série, essa informação como verificado, passou a ser registrada neste livro de atas a partir de

1977. Porém, como só tivemos acesso a esse referido livro de Atas de Resultado Final pela secretaria da escola, não sabemos com maior precisão se houve o registro de outros livros referentes ao período delineado por nossa pesquisa, assim ressaltamos para o fato de que diante da restrição de algumas informações relativas até a este livro, possa haver lacunas quanto ao percentual de alunos e séries que foram concluídas na escola no decorrer deste período.

Em entrevista com S. G., ex-secretária da Escola Polivalente, esta relatou que sua atuação nesta instituição foi durante o período de 1975 a 1984, e que, ao início foi contratada como Auxiliar de Secretaria e posteriormente fez o curso específico em Secretaria em Belo Horizonte, promovido pelo PREMEN para atuar nas Escolas Polivalentes, passando assim a atuar como Secretária e, após concluir a graduação atuou também como Professora de Ensino Religioso nesta Escola.

Eu fui contratada como auxiliar de secretaria, mas com a carteira registrada, depois de um tempo eu passei a ser Secretária, e depois eu estava fazendo faculdade... deixei a secretaria e comecei a trabalhar com Ensino Religioso. Mas volta e meia eu estava de volta na secretaria, por causa do pessoal que não sabia do Regime, então muita coisa eu tinha que resolver, pois eu fui treinada quando eu fui passar para Secretária, teve o curso em Belo Horizonte, fiquei mais de um mês aprendendo a trabalhar o Regime chamado Polivalente. (S. G., 2017)

Assim sendo, foi a responsável pelo preenchimento do livro de “Ata de Resultado Final” aqui descrito; de acordo com seu relato todos os procedimentos necessários para trabalhar na secretaria de acordo com o Regime da Escola foram apreendidos por ela no referido curso realizado em Belo Horizonte. Sobre o processo do seu trabalho de registro nos livros de atas de resultados finais:

Todo final de semestre registrava esse aproveitamento dos alunos, no livro próprio, era junho e dezembro registrado, dois registros para ver o aproveitamento do aluno, ele não passava de série, mas de semestre. Não era seriado, era semestral o aproveitamento do aluno. Registrado, fornecido no final do ano o aproveitamento de cada semestre para a família ou qualquer que solicitasse. Para dar os 100% tinha que dar os 60 e 40. (S. G., 2017)

Neste sentido, prosseguindo com as informações relativas ao gráfico acima, é visível o registro de turmas da 6ª série com um número reduzido de salas comparado ao da 5ª série, ou seja, inferior a 10 salas por ano, o que evidencia que a Escola Polivalente não tenha iniciado suas atividades no segundo semestre de 1974 com salas de alunos da 6ª série. Já referente à 7ª

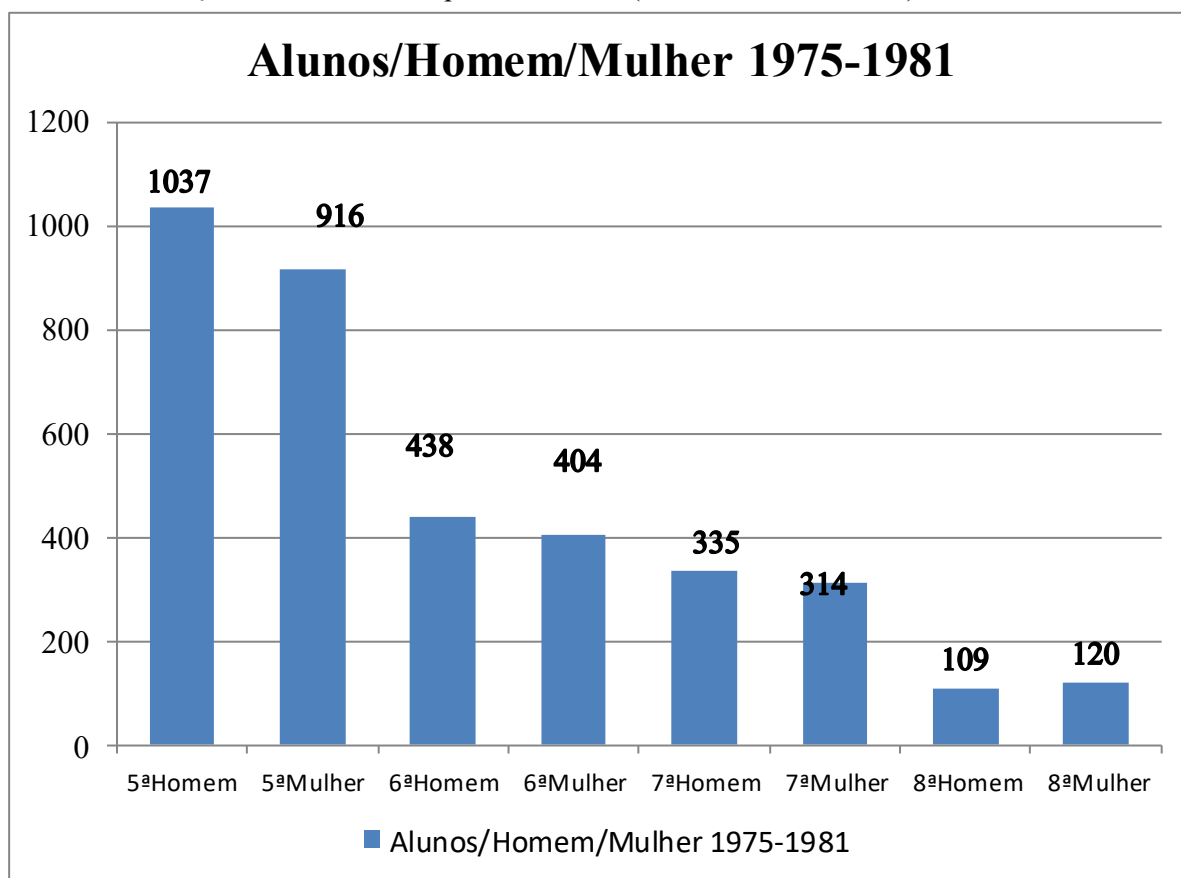
série, no ano de 1975 há o registro de 3 salas, duas com o registro de resultado final de junho e uma com o registro de resultado final de dezembro do ano de 1975.

Aos anos de 1976 e 1977 não há registro neste documento de 7ª séries, remetendo-se mais informações sobre essa série aos anos de 1978 e 1979 e como observado houve um número maior de salas no ano de 1978 sobre 1979. Quanto a 8ª série, podemos verificar que há o registro de salas somente nos anos de 1978 e 1979, com um número bem reduzido de salas em relação as demais séries.

Assim, conforme observado pelas informações do gráfico, o número de alunos gradativamente diminuía conforme o segmento das séries e, como vemos, o maior número de alunos registrados neste documento se refere às 5ª séries, o grande gargalo da educação na época.

No entanto, como mencionado, não tivemos acesso a outro documento relativo aos discentes e não podemos afirmar que não existiram outras salas de aula de outras séries referente aos anos que não se encontram registros nesta ata, como por exemplo às turmas das 8ª séries que apresentaram o registro final apenas nos anos de 1978 e 1979, ou seja, num período específico de 5 anos, uma vez que a ata como apontado trata do ano de 1975 a 1979, com a ressalva de três turmas de 5ª séries de 1981 que foram registradas nesta ata. Destacamos outro gráfico que trata da quantidade de alunos por sexo (Homem/Mulher), relativa às séries do ensino de 1º Grau, de acordo com a Ata de Registro Final:

GRÁFICO 2 - Quantidade de alunos por série/sexo. (Polivalente 1975-1981).

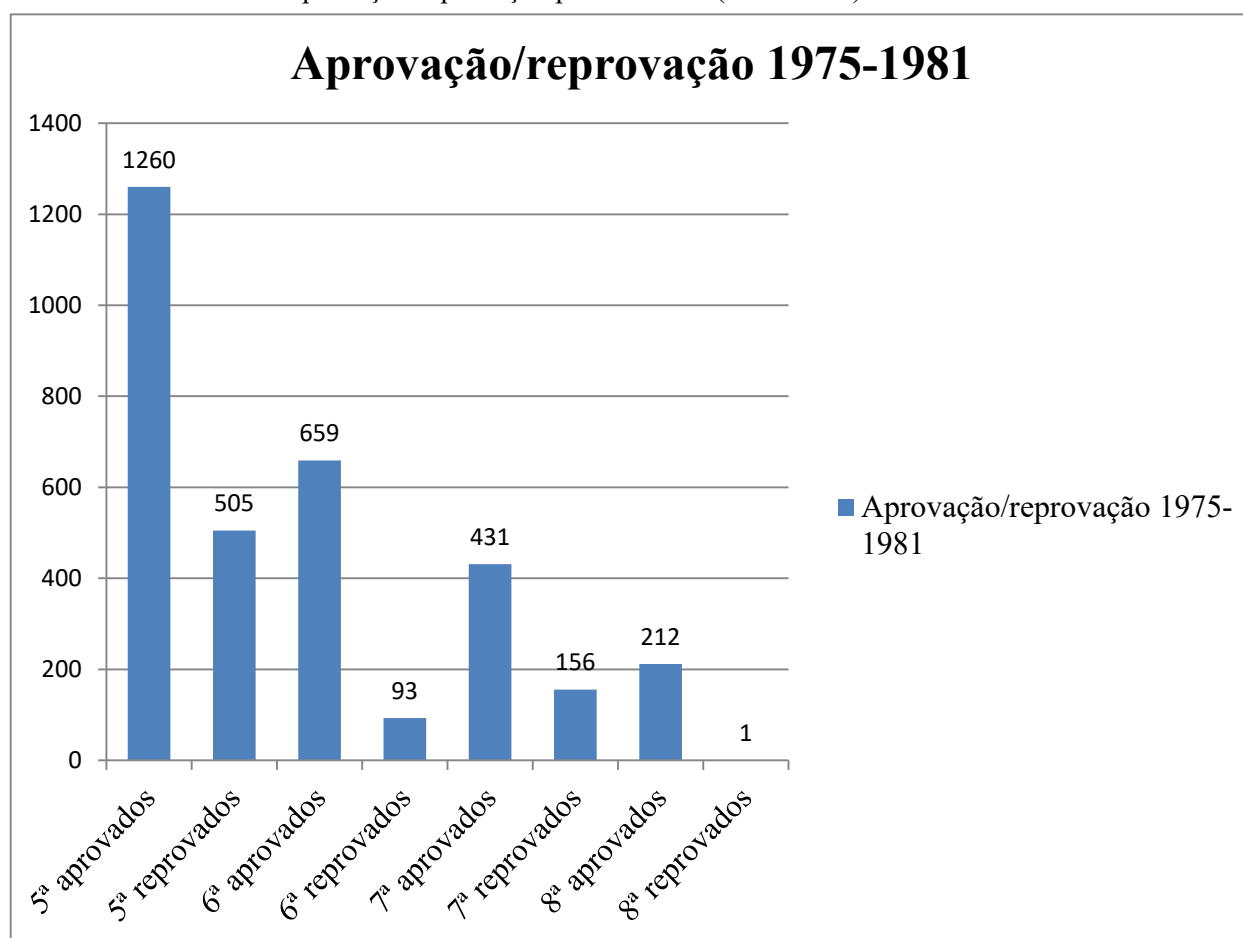


Fonte: Ata do Resultado Final de Aproveitamento 1975 a 1979/81.

Como podemos verificar, havia mais alunos (homens) do que alunas (mulheres) na 5ª, 6ª e 7ª séries, fato presente aos anos de 1975 a 1979 e, embora na 8ª série o total de alunos demonstre um considerável índice de redução, o número de alunas foi maior que o de alunos demonstrando terem mais sucesso no prosseguimento dos estudos. Contudo, há o fato da prevalência no quadro geral, da maior quantidade de alunos.

Outro gráfico que tratamos se refere à questão da aprovação/reprovação por série/ano deste período compreendido pela Ata de Resultado final, como pode ser observado.

GRÁFICO 3 - Total de aprovação/reprovação por série/ano (1975-1981).



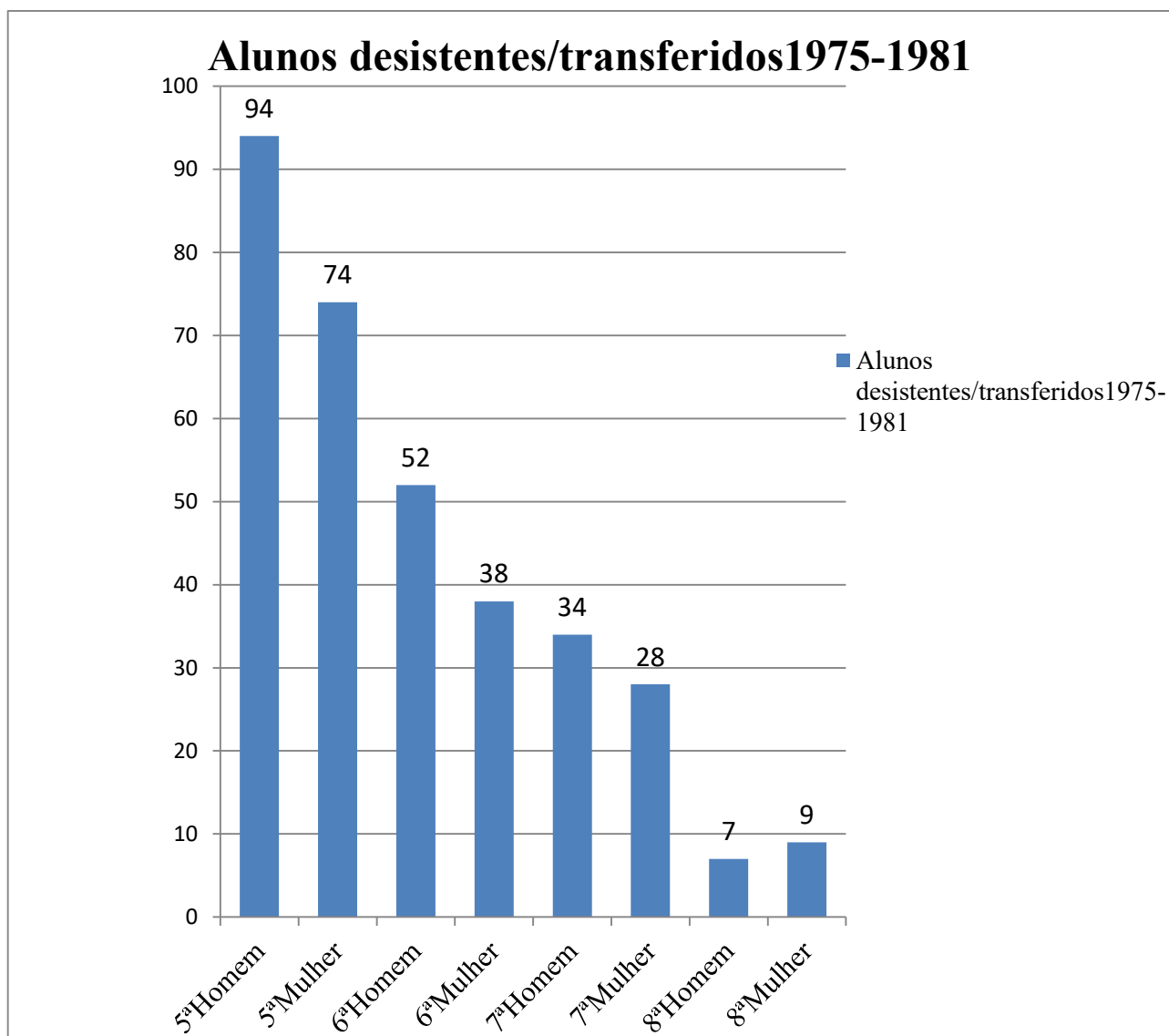
Fonte: Ata do Resultado Final de Aproveitamento 1975 a 1979/81.

Como verificado, em relação ao número total de aprovações, esta se destaca nas 5ª séries, contudo há um expressivo número de reprovações, embora inferior a média total nessa série, como se tem o fato de neste período o maior número de salas e alunos serem da 5ª série. A 6ª série apresenta uma grande diferença ao que trata do número de aprovações sobre as reprovações.

A 7ª série apresenta também um maior número de aprovação sobre a reprovação. Assim, a 8ª série demonstra que apesar de contar com um menor número de salas e de alunos foi a que obteve o menor número de reprovações.

Apresentamos ainda o gráfico relativo ao número de alunos e alunas que desistiram ou foram transferidos da escola, conforme verificamos na Ata pesquisada deste período.

GRÁFICO 4 - Quantidade de alunos desistentes/transferidos (1975-1981).



Fonte: Ata do Resultado Final de Aproveitamento 1975 a 1979.

Podemos ver que as desistências e transferências foram maiores no que se refere aos alunos, e acentuando em maior parte na 5ª série, contudo o número de alunas desistentes e transferidas foi também expressivo nesta série, do total 28% de alunos e 22% de alunas. A 6ª série também expressa um bom número de alunos e alunas desistentes e transferidos, 16% de alunos e 11% de alunas. Na 7ª série houve um número menor de desistências às séries anteriores, com o percentual de 10% de alunos e 8% de alunas, e no que se refere a 8ª série, o percentual foi mínimo, 2% de alunos e 3% de alunas. Apesar da maioria dos relatos dizerem que não havia evasão na escola, os dados demonstram que quanto mais se ampliava a escolarização, menos alunos avançavam, não sabemos se evadiam, se reprovavam ou se abandonavam a escola para trabalharem.

A partir das informações demonstradas pelos gráficos acima, é possível verificar que as reprovações se acentuaram mais na 5ª série, tal característica, compreendemos que pode estar ligada a alguns fatores, dentre estes, aos aspectos associados à própria adaptação dos alunos ao que se refere a inserção destes ao novo nível de escolaridade, ou seja, ao número maior de disciplinas estudadas na 5ª série em relação ao ensino que antecede esse nível e consequentemente maior exigência nas formas de avaliações. Conforme relatou a ex-secretária S. G. (2017), ao se referir sobre a questão da reprovação:

Existiam muitas reprovações porque às vezes os alunos não levavam muito a sério, apesar de que a turma era muito boa, esforçada, mas tinha muitas dificuldades...trabalhávamos muito com alunos carentes, o aluno não aparecia na escola a gente ia atrás para ver o que estava acontecendo, esse aluno carente por várias razões o aproveitamento dele... com raríssimas exceções tem que ressaltar, é menor que o outro que tem mais condição, isso é até hoje. Lá era exigente com os alunos, porque o pessoal foi treinado, eles estudaram para trabalhar na própria escola, o regime, então foi bem preparado. Nós tivemos aqui professores muito bem preparados, que deram uma grande contribuição na época para a escola ter o nome que já teve. (S.G., 2017)

Observa-se que a ex-secretária expõe sua consideração de que as reprovações poderiam estar ligadas a própria falta de interesse dos alunos, ao não levarem muito a sério os estudos, como também expôs o fator socioeconômico e ressaltando para a questão do aproveitamento, que na maioria era menor em comparação com o aluno de condições mais abastadas. Outro aspecto apontado por S. G. se refere às exigências por parte dos docentes para com seus alunos.

É importante atentarmos a reflexão para os diversos fatores que poderiam estar presentes no que se refere a essa questão das reprovações terem sido mais acentuadas na 5ª série. Dentre eles a própria dificuldade desses alunos em acompanharem a dinâmica pedagógica a qual estariam, ou seja, muitos talvez não tiveram acesso à uma formação primária que já os preparassem para um estudo mais aprofundado, e assim, de outro lado, poderiam se deparar com um corpo docente que talvez exigiam mais do que poderiam naquele momento. Outro fato pode estar ligado às condições socioeconômicas, uma vez que muitos dos alunos poderiam passar por dificuldades financeiras em casa e terem de trabalhar para ajudar, comprometendo de algum modo a relação entre a aprendizagem destes. Contudo, são vários fatores que remetem para essa questão.

Em depoimento de C. B., ex- supervisora na Escola Polivalente, ela relatou que atuou na Escola Polivalente por cerca de dez anos, o ano exato do início ela não se lembra, no

entanto colocou que foi pouco depois da implantação da escola e que esta ainda se encontrava nova. Segundo ela, na época era concursada e houve a oportunidade de ir desenvolver o trabalho como supervisora nesta instituição. Ao comentar sobre esse aspecto da reprovação na 5ª série, a ex-supervisora considera que este era um fator preocupante, como traz em seu relato:

A questão dessas 5ª séries, ela é um pouco até dramática, porque se a criança estivesse na escola desde a alfabetização, ela não iria sentir esse drama de sair da 4ª série de uma escola e ir para outra escola, um mundo novo, um professor para cada disciplina... alguns alunos tiravam de letra, mas outros tinham muita dificuldade. E o conteúdo da 1ª à 4ª série, ficava “aquém” daquilo que se exigia na 5ª. E aí a gente depara também com outra história, porque às vezes nem sempre o professor da 5ª série queria ter aquela paciência de esperar o aluno alcançar, então havia mesmo a repetência. Mas normalmente quem repetia, no outro ano dava certo, deslanchava. (C.B., 2017)

Tal temática nos leva à reflexão de que há nesse processo um movimento perpassado por distintos fatores, entre o ensino e aprendizagem, entre professores, alunos, gestores, entre práticas e assimilações, bem como entre a subjetividade de ambas as partes, dentre outros. Propomos um aprofundamento em torno dessa discussão na seção seguinte pelo fato de buscarmos uma reflexão a partir das vozes dos sujeitos participantes dessa pesquisa.

3.2.1.2 Docentes e Funcionários

Mediante o constatado no livro de “Posse e Exercício” do Acervo da Escola Polivalente, os registros datados das entradas dos profissionais referentes aos “termos de Posse e Exercício do pessoal nomeado, enquadrado, reenquadrado ou removido para o referido estabelecimento de ensino” (Ituiutaba, setembro de 1976), a partir do ano de 1976, restringindo-se ao ano de 1985, considera-se que houve um bom número no quadro dos profissionais que estiveram inseridos no interior dessa instituição, como professor (a), supervisor pedagógico, orientador educacional, inspetor de alunos, servente, servçal, auxiliar de secretaria e auxiliar de biblioteca.

É possível identificar através da tabela que segue abaixo, a relação das Posses registradas no recorte temático aqui delineado:

QUADRO 7 - Relação geral do número de Posse dos profissionais da Escola Polivalente de acordo com o livro de Posse e Exercício verificado por sexo (1976-1985).

Função	Mulher	Homem	Total
Supervisor Escolar/ Pedagógico	02	-	02
Orientadores Educacionais	05	-	05
Docentes	47	24	71
Inspetores de alunos	01	01	02
Serventes	05	01	06
Serviçais	02	-	02
Auxiliares de Secretaria	06	-	06
Auxiliares de Biblioteca	03	-	03
TOTAIS	71	26	97

Fonte: Livro de Posse e Exercício (1976-1985).

Em relação ao total de funcionários, houve um percentual considerável de mulheres com 73%, e homens de 27%, no qual 25% destes referem-se aos docentes e 2% ao cargo de inspetor de alunos e servente. Já em relação às mulheres, o percentual abrange todos os cargos em destaque.

É visto mediante o recorte temporal do referido documento, especificadamente ao quadro de professores, a existência de um significativo percentual em relação a questão do sexo (Homem/Mulher), ou seja, a maioria dos (as) docentes que atuaram no Polivalente neste período determinado, constituía-se por professoras; uma vez que sob o total de 71 contratados, havia 47 professoras e 24 professores, com vista aproximadamente de 66% de diferença quanto às professoras em relação aos professores.

Entretanto é necessário considerar também que alguns desses professores no decorrer do tempo contaram com novas contratações mediante processos seletivos, fato que não será aprofundado nesta contextualização.

Todavia, a questão do sexo³⁵ remete para a importância da reflexão sobre a atuação das mulheres na docência no contexto histórico educacional, uma vez que a atuação profissional no magistério foi primeiramente perpassada pela atuação de homens, sendo aos poucos modificada por razões socioeconômicas e culturais que foram sendo estruturadas no âmbito educacional. Como vimos, na Escola Polivalente de Ituiutaba a docência era predominantemente de mulheres, muito embora, prevalecesse um percentual de homens quando o recorte eram os discentes, como vimos nas tabelas anteriores.

Nessa perspectiva, Soares (2008) aponta que foram surgindo vários aspectos para que a carreira docente ocupada por homens no Magistério fosse sendo aos poucos superada por mulheres; tais aspectos segundo a referida autora, dizem respeito a questões relativas à própria condição econômica salarial, bem como ao crescimento do número de mulheres que adentrou as Escolas Normais, uma vez que houve nesse contexto a oferta do ensino público secundário para a formação de professoras e assim a partir de então as mulheres foram se inserindo na carreira docente, acarretando deste modo a feminização mais acentuada desta profissão:

Para que se compreenda o trabalho docente atual, é de extrema relevância compreender e refletir historicamente sobre o início da feminização dessa profissão. Michael Apple (1998) foi o primeiro a definir a categoria de gênero como um elemento indispensável para a compreensão do trabalho docente. Para o autor, classe, sexo e ensino são indissociáveis. O autor sugere que o magistério feminino está diretamente relacionado a “um processo de trabalho articulado às mudanças, ao longo do tempo na divisão sexual do trabalho e nas relações patriarcais e de classe” (SOARES, 2008, p. 3 apud APPLE, 1998, p. 15).

Neste sentido, compreende-se que a questão do sexo relativa à ³⁶profissão docente pode ser entendida a partir de processos advindos e permeados por relações e mudanças em

³⁵ Para entender tal processo concorda-se com as colocações de Almeida (1998), que afirma que a atribuição do desprestígio da profissão ao “sexo” do sujeito, se constitui num discurso que contribui para a desvalorização da profissão docente. Tal conotação apresenta uma forma contraditória, pois no início a docência era uma função realizada sumariamente por homens. Então podemos inferir que sua desvalorização antecede à feminização. Inicialmente, eram os homens que frequentavam em grande maioria o magistério. Mas, aos poucos essa situação ia mudando em decorrência de salários diminutos e a presença de mulheres que aceitavam esses parcos rendimentos, se tornou maciça nas escolas normais. Esse fenômeno foi registrado em todas as Províncias do Brasil. (SOARES, 2008, p. 1).

³⁶ A essa abordagem Souza e Ribeiro apontam que: “Em princípio, a feminização do magistério, especialmente na formação de professoras e nas escolas primárias, colocaria as mulheres a serviço da difusão de normas morais dominantes. Mais tarde, esse discurso de moralidade vai assumindo significados diferenciados sob influência dos

meio a sociedade, as quais se constituíram historicamente sob os aspectos socioculturais, políticos e econômicos e foram sendo reconstruídas na esfera social e educacional.

3.3 A estrutura física: arquitetura em questão

A arquitetura da Escola Polivalente revela parte das intenções pedagógicas envolvidas em seu processo de criação. Sobre isso, Dórea (2013, p.161) ao tratar sobre a arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação, aponta que:

[...] eleger o espaço escolar como objeto de estudo configura-se como uma possibilidade de diálogo entre a Arquitetura e a Educação, ambas responsáveis pela organização e ocupação do espaço físico da escola, bem como com a sua utilização, além de tudo, como espaços educativos (DÓREA, 2013, p. 161).

Dessa forma, a autora destaca que no contexto da recente produção historiográfica, sob o novo olhar e interrogações às fontes disponíveis, observa-se um maior interesse pelo estudo da escola no que se refere a sua arquitetura e que modifica a materialidade das práticas, dos objetos e aos seus usos no cotidiano escolar. Esse novo olhar levou a:

[...] uma nova leitura de fontes tradicionais – estatutos, regulamentos, discursos, memórias... – e o recurso a outras fontes até agora menos utilizadas, como autobiografias e diários, os relatórios das visitas de inspeção, as descrições do edifício, das salas de aula ou da vida escolar em geral, as memórias de arquitetos, fotografias e plantas, cadernos e diários de classe, exames, mobiliário e material de todo tipo, calendários e horários escolares, inventários e um longo etc. de restos da realidade social e cultural das instituições educacionais (FRAGO; ESCOLANO, 1988, p. 14).

Cavaliere (2009) ao discutir sobre a inter-relação entre espaço e currículo escolar, destaca que a educação ao ser uma atividade humana, precisa de lugares e tempos determinados, a escola assim não fugindo a essa premissa ao promover o ensino institucionalizado cumpre o papel com sua função social, esta esboçada através das políticas educacionais. Cavaliere (2009, p. 2-3) ressalta para o fato do espaço escolar em suas relações que permeiam o processo educacional:

O locus de aprendizagem, a arquitetura do prédio e seus elementos simbólicos, a localização das escolas nas cidades e sua relação com a ordem

discursos higienistas, de forma que a imagem feminina na escola vai sendo associada ao lar, à criança e a regeneração de uma sociedade “sadia””. (SOUZA e RIBEIRO, 2011, p. 4)

urbana, o tipo e a disposição das salas de aulas e de outras instalações, o tipo e a disposição das carteiras e dos móveis escolares e os tempos alocados a cada disciplina também não são elementos neutros na educação. Todos esses aspectos, desde a estrutura arquitetônica do prédio ao mínimo detalhe decorativo, devem ser considerados como também fazendo parte do currículo escolar, uma vez que correspondem a “padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende” (ESCOLANO, 2001, p. 45 apud CAVALIERE, 2009, p. 2-3).

Dentre documentos que tratam sobre o Projeto das Escolas Polivalentes verificados no Arquivo Morto da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais - SEEMG, Bittencourt Júnior (2013) destaca ainda o que se refere à Arquitetura dos Ginásios Polivalente, ele nos informa que neste documento verifica-se também diretrizes fixando referências para o projeto arquitetônico dos GPEs. De acordo com Bittencourt Junior (2013, p. 96):

Essas diretrizes contemplavam, entre outros espaços, salas adequadas para aulas e para funcionamento dos serviços técnicos e administrativos. Para outras atividades escolares, as diretrizes definiam que o projeto arquitetônico deveria garantir os seguintes espaços e recursos: a) oficinas de Artes Práticas com espaço adequado e de acordo com os padrões adaptados às condições das áreas urbanas ou rurais; b) laboratório de ciências; c) biblioteca; d) equipamento e material de ensino adequados. A definição de *ginásios modulares* referia-se a uma escola com a quantidade de, no mínimo, oito salas de aulas comuns, além dos espaços e áreas para serviços técnicos e administrativos e recreação, oficinas de artes práticas e outras instalações. Quanto à orientação geral, nas artes práticas, cada escola modular deveria ter quatro oficinas em padrões diferenciados conforme sua clientela. Os centros urbanos em regiões de economia predominantemente agrária teriam uma oficina de técnicas agrícolas, uma de artes industriais, uma de técnicas comerciais e uma de educação para o lar. Nos centros urbanos de economia predominante não agrária teriam duas oficinas de artes industriais, uma de técnicas comerciais e uma de educação para o lar. Se houvesse necessidade, a escola poderia ampliar sua capacidade respeitando o conjunto modular, ou seja, ela poderia ampliar seu espaço de um para dois ou três módulos.

Conforme comenta o autor, as discussões sobre os problemas na área educacional que perpassavam o ensino brasileiro estiveram polarizadas por distintos setores da educação entre 1948 a 1960, quais sejam os conservadores e progressistas, já a partir de 1960 mediante a grande demanda pelo ensino secundário bem como à discriminação por parte da população aos ginásios profissionalizantes quanto a dualidade do ensino, foram problemas considerados entraves ao desenvolvimento do país. Tais problemas segundo o autor, foram discutidos e, posteriormente a partir de Conferências Federais de Educação realizadas nesta década de 1960, educadores e representantes de governos chegaram ao acordo da necessidade de mudanças relativas a dualidade do ensino médio e assim visaram a estruturar a extensão do ensino básico.

O autor ressalta que essas Conferências foram a base para um plano da reforma do ensino, o que levou ao anteprojeto de atualização do ensino fundamental e médio e posteriormente a Lei 5692/71. Bittencourt Júnior (2013) aponta que mediante a esses problemas, o Governo Militar já trabalhava em ações concretas com o PREMEN através do acordo entre o MEC e a USAID, tal Programa foi destinado a estabelecer uma rede de ginásios e colégio tipo Polivalente, dentro do objetivo de melhorar a qualidade do ensino médio.

Este referido autor destaca as propostas elencadas pelo PREMEN na intenção do novo modelo de escola na educação brasileira:

Pelo desenvolvimento qualitativo, o PREMEN propõe alternativas de reformulação da estrutura da escola média, através da implantação em larga escala de um modelo de escola do primeiro grau – a Escola Polivalente – na crença de que este representará um impacto renovador no quadro rotineiro e inadequado do ensino no nível em questão. Uma vez atingido esse novo modelo de escola fundamentado numa filosofia de educação consoante com as novas necessidades da juventude, da comunidade e do país essas escolas localizadas em cidades polos de desenvolvimento, esperava-se que a experiência se irradiasse, estendendo sua influência renovadora a toda a rede escolar. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 71-72)

Bittencourt Júnior (2013, p. 76) ao discutir sobre as características do projeto destinado às Escolas Polivalente traz que:

O projeto previa a instalação de uma escola polivalente, de caráter modelar, em cada capital de Estado e no Distrito Federal. Nos Estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, a previsão era de montagem de uma rede de escolas no quadriênio de 1970-1974. Estas escolas deveriam servir de modelo para irradiar a experiência de forma a influenciar e estimular a renovação de toda a rede escolar em cada unidade da Federação. Em Minas Gerais, a Assembleia Legislativa aprovou a resolução nº 925/70, que tratou do convênio entre o Estado de Minas Gerais e o MEC. Nesta resolução constava a transformação da rede de ensino estadual visando adequá-la aos moldes da escola Polivalente. Nestes termos, na cláusula primeira, que definia os objetivos do programa, estava escrito: “adoção, no sistema de educação pública, dos ginásios polivalentes, e a gradual transformação dos ginásios existentes em ginásios daquela modalidade”. (RESOLUÇÃO ALMG nº 952/70 in: MINAS GERAIS - DIÁRIO DO LEGISLATIVO, 04 de junho de 1970, p. 5).

Nessa perspectiva, Bittencourt Júnior (2013, p. 76-77) informa que mediante o projeto dos GPEs, havia as seguintes previsões para a estrutura dessas escolas: “terrenos de 25.000 metros quadrados doados pela municipalidade; 8 salas de aula; salas de serviço técnico

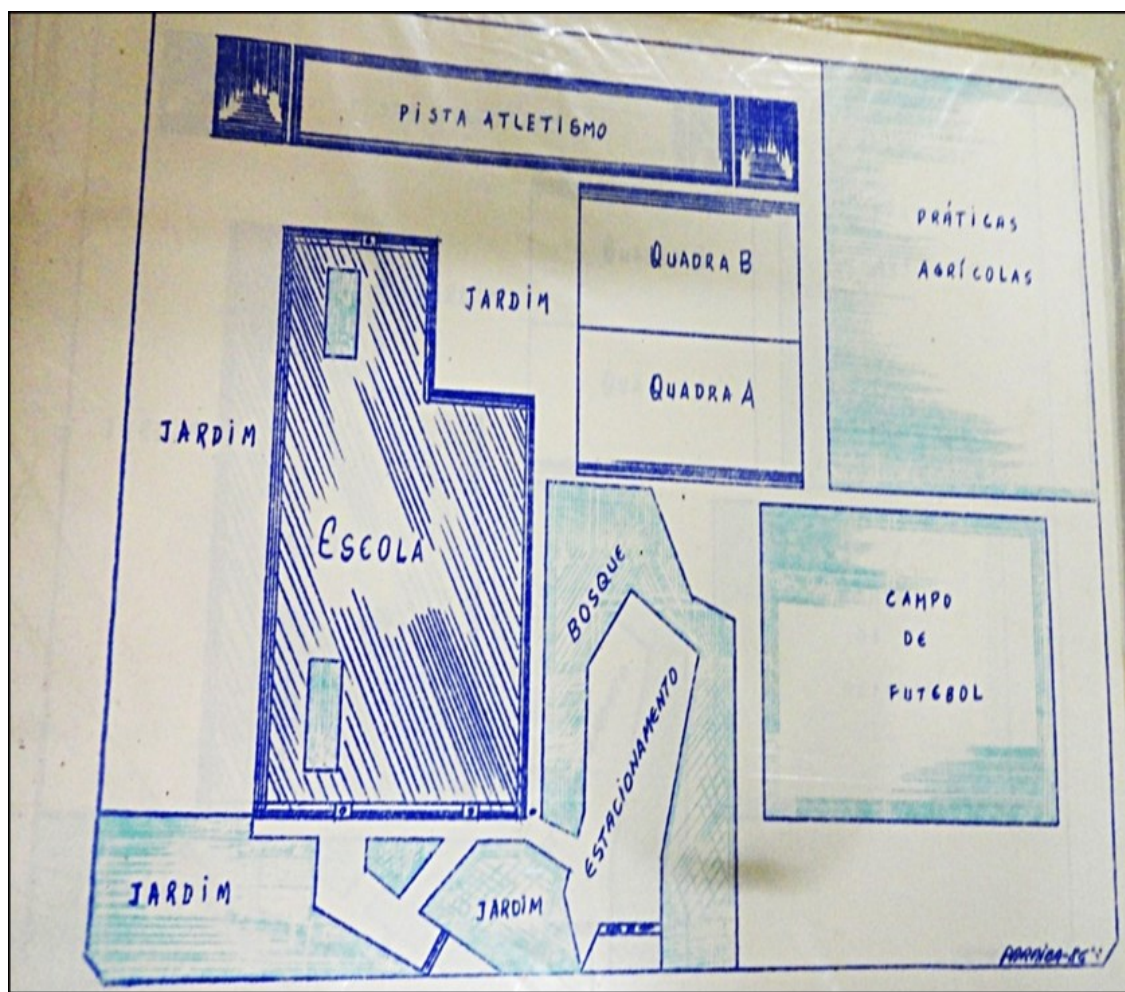
administrativo; oficina de Artes Industriais; oficina de Técnicas Agrícolas; oficina de Técnicas Comerciais; sala ambiente de Educação para o Lar; laboratório de Ciências; cantina; área para a prática de Educação Física e Desportos; sala para biblioteca, com capacidade para 5.000 volumes; capacidade de lotação de 800 alunos: 40 alunos em cada turma para as disciplinas intelectuais e 20 alunos para as Artes Práticas e Práticas de Laboratório; cada escola teria um quadro com 35 professores; funcionamento em dois turnos; instalações disponíveis para atividades e iniciativas de cunho comunitário no período noturno, tais como educação de adultos, conferências, etc.”.

Conforme o previsto neste projeto buscamos identificar se a escola pesquisada contou com as especificidades dessa estrutura proposta. Como vimos a partir da ênfase dada pelos meios de comunicação, essa Escola se mostrou à população tijucana como uma nova expectativa de instituição pública que viria ser instalada na cidade, sendo já considerada uma Escola Modelo, a qual viria possibilitar um ensino de qualidade aos alunos que ali a adentrasse para os estudos. A Escola Polivalente foi deste modo instalada na Rua 18 entre Avenidas 31 e 33, atendendo inicialmente aos alunos da 5ª a 8ª séries do 1º Grau.

É possível identificar a partir de sua arquitetura a ampla construção destinada a suas atividades, bem como ao espaço de sua área física. A construção dessa Escola se constitui em um avanço de modernidade educacional da época, uma vez que esta apesar de contar com todas essas especificidades era pública e visava atender aos anseios da comunidade tijucana por mais oportunidades de escolarização, especialmente na esfera pública.

Mediante documentos consultados, é possível observar o registro da planta da área compreendida pela Escola Polivalente, pela qual se pode notar os espaços interno e externo da mesma.

FIGURA 11 - Desenho da planta da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” – Polivalente, (s. d.).

É visível a identificação das partes constituintes do espaço da Escola Polivalente, bem como de suas respectivas áreas externas, compostas por jardins frontais e laterais, estacionamento, campo de futebol, duas quadras paralelas, pista de atletismo e o espaço reservado às atividades de Práticas Agrícolas.

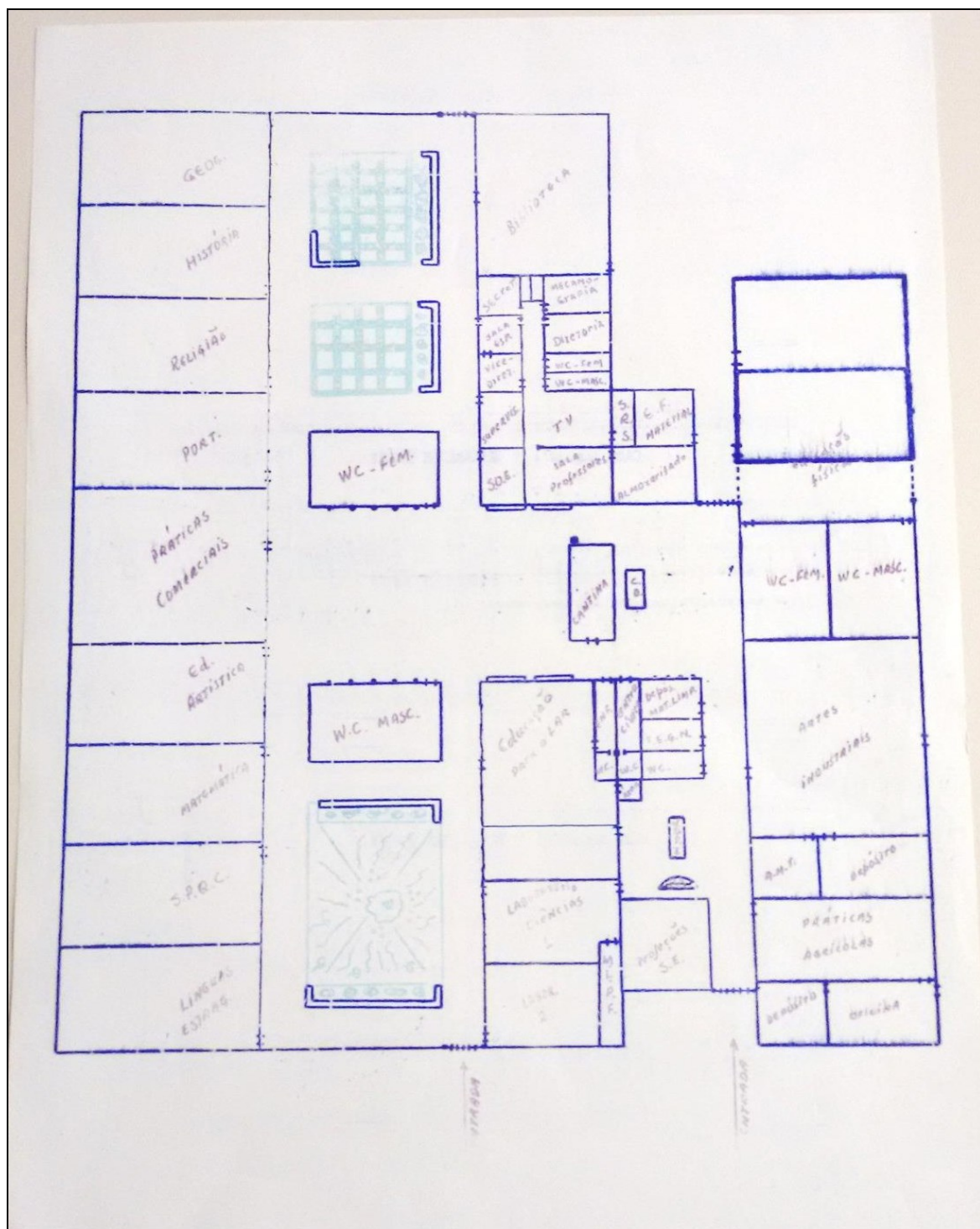
Torna-se evidente que essa escola iniciou suas atividades de forma bastante diferente das demais escolas públicas desta cidade, com uma boa infraestrutura e amplo espaço para o desenvolvimento das atividades. A arquitetura revela o impacto da sua particularidade, ou seja, um conjunto de três prédios específicos para cada área e salas do trabalho pedagógico.

Consideramos que os estudantes que a adentraram vindos das demais escolas da rede pública, sentiam essa diferença, uma vez que como sabemos boa parte das escolas públicas desse município passavam por dificuldades e precárias condições infraestruturais (SOUZA, 2010).

Outro fato se refere à própria classe docente, esta com uma remuneração salarial acima dos outros professores das demais escolas públicas e assim inseridos numa posição um tanto oposta ao contexto educacional público da realidade tijucana e, o diferencial pode ser observado também pelo aspecto relativo à própria formação específica que esses profissionais receberam para atuar na Escola Polivalente. Tais características permitem compreender a mudança gradativa do perfil dos discentes que pouco a pouco foi sendo ocupado pelos filhos da classe mais abastada.

Destacamos a seguir outra planta da instituição, pela qual podemos observar a organização dos espaços internos da escola, ou seja, os ambientes destinados às salas específicas do trabalho pedagógico nela inseridos:

FIGURA 12 - Desenho da planta do espaço interior da Escola Polivalente. (s. d.).



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins”. Polivalente, (s. d.).

Como visto pela figura da planta da Escola Polivalente, esta conta com dois portões de entrada, ao seu lado esquerdo podemos observar nove salas de aulas e, cada uma nomeada pela sua específica área de estudo. A contar do início da entrada, as nove salas eram

respectivamente apresentadas por “1 - Línguas Estrangeiras; 2 - SPQC; 3 – Matemática; 4 – Educação Artística; 5 – Práticas Comerciais; 6 – Português; 7- Religião; 8 – História; 9 – Geografia”. No espaço central, logo posterior à entrada o canteiro com um jardim e banheiros masculinos, seguindo adiante, os banheiros femininos e mais dois jardins. À direita do último jardim podemos ver o amplo espaço destinado à Biblioteca, como as demais salas da Secretaria – contando com a sala da direção e equipe pedagógica inserida neste ambiente, estando a Cantina entre esse espaço e às Salas de Laboratórios de Ciências, Sala de Projeção, Sala de Educação para o Lar, Enfermagem, Centro Cívico, Banheiros, Depósitos, Sala de Oficina, Sala de Práticas Agrícolas, Sala de Artes Industriais, Sala de Educação Física e espaço dos banheiros para as aulas de Educação Física.

Como verificado, as salas de aulas contaram com vidraças nas duas laterais, e assim com uma ampla visão para a paisagem do lado exterior da escola como para o seu interior, o espaço destinado a direção e coordenação pedagógica, como mencionado, localizando-se em frente à parte das salas de aula também eram com vidraças, contudo, algumas não tinham essa ampla visibilidade, já que ficavam em espaço interior desse ambiente, como a sala da direção, que ficava em espaço interior da secretaria.

Nesta perspectiva, a partir da seção 4 apresentamos a abordagem relativa ao diálogo com os atores que participaram de vivências entre o ensino e aprendizagem na escola, e assim poderemos observar um fato interessante relatado por boa parte dos entrevistados, o qual trata-se de um aspecto que ocorria durante as aulas nesta escola; como apresentado acima, as salas de aula eram específicas em cada área de estudo, e desse modo, a cada troca de horário os alunos é que mudavam de sala e não os professores, a dinâmica perpassava pelo movimento dos alunos no decorrer das aulas circularem pela escola.

Como pudemos verificar a estrutura física da Escola Polivalente ainda continua na maioria sem alterações, as salas de aula continuam com as vidraças, como também o espaço da direção e coordenação pedagógica que se mantém no mesmo espaço, no entanto, como visto a Biblioteca passou a ocupar outro espaço, dando a esse lugar o refeitório.

De acordo com o constatado, suas atividades iniciaram-se com todas as dependências citadas acima, ou seja, com todos os setores já finalizados e em condições de funcionamento e conforme a previsão do projeto para essas escolas.

Quanto a rotina da escola, de acordo com o pesquisado através dos documentos e relatos, contava ao início com dois períodos de aula, matutino e vespertino, não tivemos

acesso a documentos específicos que tratassem dos horários de entrada e saída, mas de acordo com a grade curricular verificada, a carga horária diária era de 4 horas e 30 minutos.

3.3.1 O Mobiliário

Em relação ao mobiliário, a partir do “Manual de Equipamento” contido no acervo da escola foi possível ter o conhecimento das áreas sob as quais esses materiais eram planejados e organizados a fim de serem utilizados nas Escolas Polivalentes. Segundo consta neste documento, este tinha por finalidade apresentar a distribuição do “Mobiliário e Equipamento Escolar” pelos Ambientes e Unidades Espaciais que compunham uma Escola Polivalente, os quais se caracterizavam pela oferta do ensino de 1º Grau de 4 séries (5ª a 8ª) e o ensino de 1º Grau de 8 séries (1ª a 8ª).

Desse modo, o livro apresenta detalhadamente as partes acima mencionadas. Abaixo destacamos a capa do referido documento:

FIGURA 13 - Manual de Equipamento da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1974.

Como visto pela referência destacada sobre as possíveis diferenças dos mobiliários a serem recebidos pelas distintas áreas de atividades que seriam desenvolvidas nesses dois níveis de ensino nessas escolas, havia a distinção de acordo com modelo arquitetônico sob sua estrutura de ensino:

Vale assinalar que nem todos os Ambientes e Unidades Espaciais são encontrados, obrigatoriamente, na Escola Polivalente de 4 séries (5a. à 8a. Série), dependendo a sua existência do projeto arquitetônico relativo a cada modelo. (PREMEN, Manual de Equipamento, 1974).

Foi possível também verificar a listagem de espaços prescritos neste documento, para os Ambientes e as Unidades Espaciais em um número total de 84 setores, destacando-se entre estes as áreas destinadas para as atividades com o trabalho de práticas esportivas, agrícolas, jardins, biblioteca, cantina, laboratórios, salas diversas para o trabalho pedagógico, sanitários, vestiários, zeladoria, dentre outros.

Como descrito em parte do referido documento, as especificidades que acompanhavam cada unidade eram descritas em outros documentos que tratavam dessas características, como materiais e itens tratados por categorias, dentre outras.

Fato que pudemos verificar através de outros documentos presentes no acervo da escola pesquisada, os quais demonstraram essa característica conforme observada no “Manual do Mobiliário” e demais documentos relativos ao recebimento do Mobiliário nesta escola.

FIGURA 14 - Manual de Equipamento da Escola Polivalente com itens específicos.

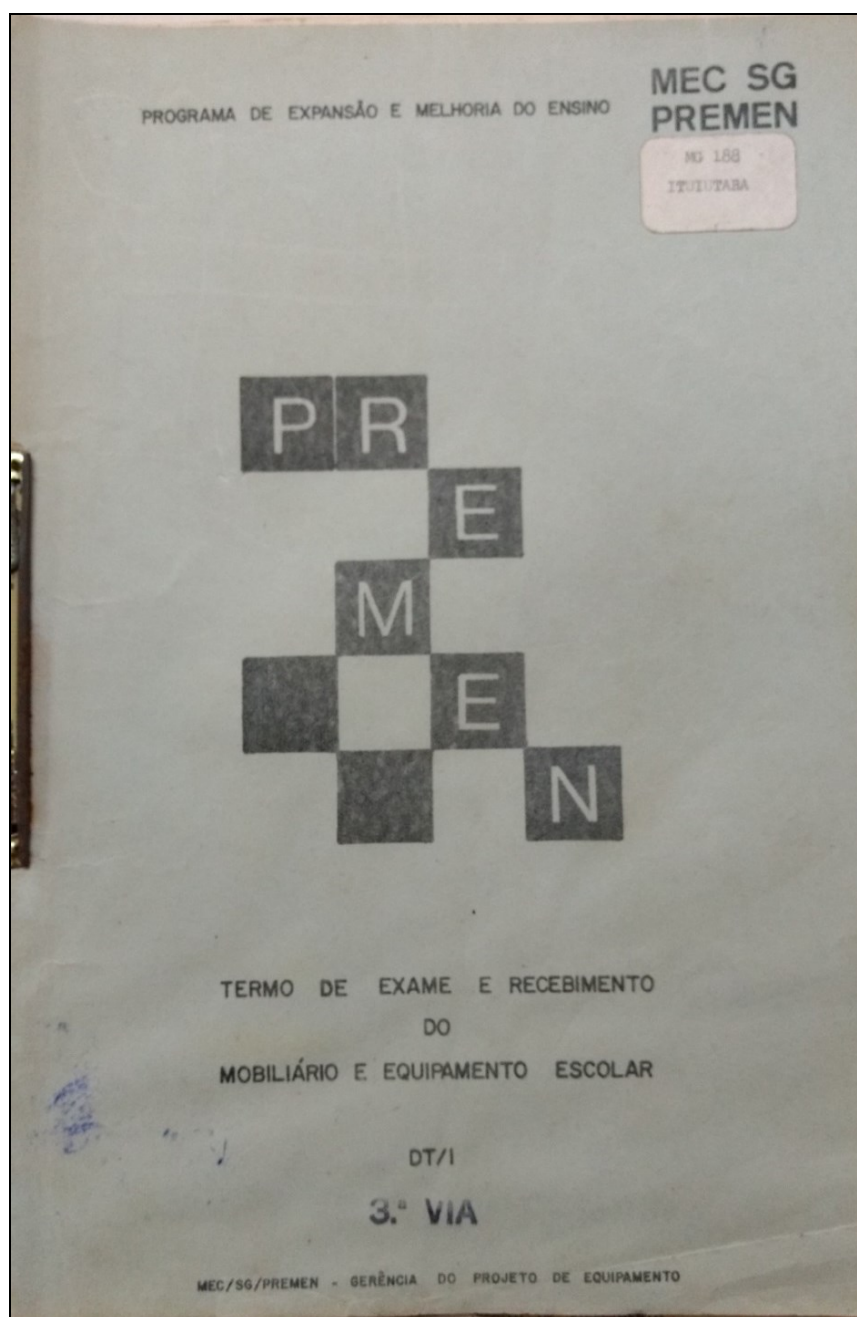
AMBIENTES E UNIDADES ESPACIAIS	CÓDIGO	SEQUÊNCIA	Folha
Setor Metal da Sala da Oficina de Artes Industriais	OIME	2.4.1.1.3	31
Setor Pessoal da Sala de Técnicas Comerciais	TCPE	2.4.4.6	104
Setor Vendas a Crédito da Sala de Técnicas Comerciais	TCVC	2.4.4.5	103
Setor Vendas da Sala de Técnicas Comerciais	TCVE	2.4.4.7	105
Setor Vestiário da Sala de Educação para o Lar	ELVT	2.4.3.5	93
Vestiário Feminino para Alunas	VEAA	2.4.18.2	135
Vestiário Masculino para Alunos	VEAO	2.4.18.1	134
Zeladoria	QAZL	4.2	155

OBSERVAÇÕES	<p>Na coluna "DISCRIMINAÇÃO" constam somente os dados essenciais à identificação dos artigos listados. Para a obtenção das especificações técnicas, consultar o 2º VOLUME (ESPECIFICAÇÕES GERAIS) e o 3º VOLUME (LISTAGEM DO "MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTO ESCOLAR" POR CATEGORIAS).</p> <p>Na coluna "Nº/CÓDIGO" constam os Números de Código/GEQ, que individualizam cada artigo discriminado, e os Números de Código/AE, que referenciam os artigos plotados nas Plantas de Arquitetura e Engenharia relativas ao Equipamento das Escolas Polivalentes.</p>
-------------	--

Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1974.

Deste modo, o Mobiliário e Equipamento Escolar destinado às Escolas Polivalentes acabavam por determinar as características do modelo arquitetônico que estas possuíam mediante o ensino ofertado. A Escola Polivalente pesquisada, como constatado, recebeu o seu mobiliário no ano de 1974, pelo Programa de Expansão e Melhoria do Ensino – PREMEM, mediante o Termo de Exame e recebimento do Mobiliário e Equipamento Escolar. Conforme nos demonstra as fotografias do documento a seguir:

FIGURA 15 - Termo de Exame e Recebimento do Mobiliário da Escola Polivalente (capa).



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1974.

FIGURA 16 - Termo de Exame e Recebimento do Mobiliário da Escola Polivalente.

PROGRAMA DE EXPANSÃO E MELHORIA DO ENSINO MEC SG
PREMEN

ESCOLA POLIVALENTE

.....188.....
(Nº de Código da EP)

ITUIGUATABA - MG
(Cidade e Estado)

TERMO DE EXAME E RECEBIMENTO DO
MOBILIÁRIO E EQUIPAMENTO ESCOLAR

Aos 8 (oito) dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e setenta e quatro, presente o Sr. pelo PREMEN e a Comissão designada pelo (a) Diretor (a) da Escola, Sr (a), composta pelos Professores, todos reunidos na sede da Escola, à Rua 18 nº 2444, passou a proceder ao Exame e Recebimento do Mobiliário e Equipamento Escolar, destinado a esta Escola, adquirido e distribuído pela Gerência do Projeto de Equipamento do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino, seguida a discriminação do Manual de Equipamento, conforme segue:

CATEGORIA A - MOBILIÁRIO	
A 1/01.1.A - MESA DE MANICURE - Firma: Malucelli - Preço Unit: Cr\$ 110,00 - NF Nº: 669 - Obs: Novo - Quant 1	
A 1/02.1.A - MESA DE TRABALHO - 0,80 x 0,60 x 0,74 m - Firma: Malucelli - Preço Unit: Cr\$ 112,00 - NF Nº: 670 - Obs: Novo - Quant 2	
A 1/02.2.A - MESA DE TRABALHO - 1,00 x 1,00 x 0,74 m - Firma: Malucelli - Preço Unit: Cr\$ 164,00 - NF Nº: 670 - Obs: Novo - Quant 5	

2 R

Em 13.12.74

A COMISSÃO DE EXAME E RECEBIMENTO:

Representante do PREMEN: [Assinatura] Professor

Diretor: [Assinatura] Professor

Professor: [Assinatura] Professor

MEC/SG/PREMEM - GERÊNCIA DO PROJETO DE EQUIPAMENTO

Fonte: Acervo da Escola Estadual "Antônio Souza Martins" – Polivalente, 1974.

Outro documento verificado no acervo da escola que trata do “Mobiliário”, conta com 30 páginas e traz a descrição do mobiliário destinado a todos os setores das Escolas Polivalentes. Há na margem superior esquerda de cada página a identificação “MEC - SG / PREMEN – MG”. Neste sentido, devido à extensão do documento nos deteremos a destacar abaixo apenas os setores das Escolas Polivalentes e os Mobiliários que deveriam receber:

- Sala do Diretor;
- Sala do Vice-diretor;
- Sala de reuniões da direção;
- Sala de espera;
- Secretaria;
- Gabinete Orientador Pedagógico;
- Sala de Professores;
- Recursos Didáticos;
- Gabinete Orientador Educacional;
- Biblioteca;
- Área de Recreação;
- Oficina de Artes Industriais;
- Oficina de Técnicas Agrícolas;
- Educação para o Lar;
- Salas de Aula;
- Oficina de Técnicas Comerciais;
- Laboratório de Ciências;
- Sala de Arte e Desenho;
- Sala de Educação Física;
- Almoxarifado;
- Zeladoria;
- Depósito de material de Limpeza;
- Sala de Enfermaria.

De acordo com o documento, percebemos que os setores acima descritos totalizam um número de 23 áreas específicas das Escolas Polivalentes. Conforme a listagem específica de cada setor com seus respectivos itens percebe-se o destaque em alguns itens, ora por um (X), ora por marca texto (em cor amarela), o que nos leva a supor que sejam mobiliários contemplados pela Escola Polivalente de nossa pesquisa. A título de exemplificação:

FIGURA 17- Listagem dos setores e Mobiliários da Escola Polivalente.

21.

SALAS DE AULA - (7)

CÓDIGO AF	CÓDIGO LAY-OUT	D I S C R I M I N A Ç Ã O	QUANT.	OBSERVAÇÕES
M 39	M 34	Cadeira fixa sem braços - 0,42 x 0,57 x 0,79	41	empilhável
F 56	M 45	Estante para projetores e modelos - 0,80 x 0,40 x 0,90	1	com rodízio
M 73	M 61	Mesa de trabalho (alunos) 0,60 x 0,40 x 0,71	40	-
M 75	M 62	Mesa de trabalho para professor - 1,10 x 0,60 x 0,74	1	-
M 45	M 79	Cesta para papéis - 0,35 x 0,35	1	cilíndrica
E 108		Eletrola elétrico - 110/220V - 50/60Hz	1	Próximo a M 62
E 109		Gravador de fita/elétrico - 110/220V - 50/60Hz	1	Próximo a M 62
E 162		Episcópio elétrico - 110/220V - 50/60Hz - 1000W	1	Próximo a M 62
E 163		Projetor de diafilme - elétrico - 110/220V - 150 W	1	Próximo a M 62
E 164		Projetor de filme sonoro/elétrico - 110/220V - 1000 W	1	Próximo a M 62
E 165		Projetor de diapositivo/elétrico - 110/220V - 150 W	1	Próximo a M 62
E 166		Retroprojetor/elétrico - 110/220V - 650 W	1	Próximo a M 62

Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1974.

Consoante a essa questão, outro documento, que nos remete aos materiais recebidos pela Escola Polivalente no ano do início de suas atividades, se refere ao “Levantamento de Material e Equipamento Escolar” datado de 1989 no qual há a identificação dos materiais em suas condições de uso ou desuso, relativo ao “Recebimento do Mobiliário” datado de 23 de setembro de 1974.

Observamos que este documento trata-se de uma cópia e não se encontra bem legível, no entanto, foi possível a verificação de materiais recebidos e que podem ser identificados nos documentos anteriormente citados relativos ao “Mobiliário das Escolas Polivalentes”.

Desse modo, como analisado neste documento, os materiais são listados por categorias representadas respectivamente por “A – Mobiliária”; “E – Aparelhos Elétricos”; “D – Aparelhos”; “C – Instrumentos”; “B – Ferramentas”; “6 – Utilidades Domésticas”; “H – Equipamento Especializado”; “I – Diversos”, conforme podemos observar pela imagem já anteriormente descrita que se refere ao “Termo de Exame e Recebimento do Mobiliário da Escola Polivalente”.

Mediante também a outro documento intitulado “Estimativa de material de consumo, expediente e limpeza a ser empregado no funcionamento mensal da Escola Polivalente”,

podemos observar a descrição específica de itens, materiais, unidades e quantidades relativas a cada setor presente na referida escola, perfazendo um total de 248 itens. Neste documento há a descrição dos seguintes setores com os respectivos itens acima mencionados:

- Secretaria, Matérias Acadêmicas e Educação para o Lar (55 itens) - álcool; bobinas; Bombril; borrachas; lápis; etc.;
- Artes Industriais e Técnicas Agrícolas
Eletricidade (56-94 itens) – fios - rígido, flexível, níquel-cromo; pilhas; interruptores; campainhas; solda; etc.;
- Artes Industriais e Técnicas Agrícolas
Madeira (95-115 itens) – compensados; colas; tintas; pregos; lixas; etc.;
- Metal (116-136 itens) – Folhas – flandres, galvanizada, cobre; graxa; torneira; luvas; etc.;
- Cerâmica (137-147) – gesso; tinta para cerâmica; álcool, verniz; estopa;
- Artes Gráficas (148-161) - papel - apergaminhado, kraft, jornal; gasolina; anilina, etc.;
- Laboratório de Ciências (162-222) – acetona; ácidos; butanol; éter; formol; etc.;
- Técnicas Agrícolas (223-242) – fungicidas; fertilizantes; inseticidas; sementes; fósforo; etc.;
- Educação Física (243-248) – bolas- futebol, basquetebol, futebol de salão; voleibol; handebol; estojo pronto-socorro.

Como constatado no acervo da Escola Polivalente de Ituiutaba, resta uma parte dos equipamentos e materiais recebidos no período de sua implantação. Contudo, tais materiais constituem parte da história dessa instituição e contribuem para nos fornecer reflexões da sua dinâmica experienciada há mais de quatro décadas. Essa escola contava com um amplo aparato de materiais utilizados no desenvolvimento das aulas, cuja formação para atender ao projeto pedagógico dependia de muitos recursos, o que demandava altos custos, como nas aulas de Práticas, por exemplo, que precisava contar com distintas matérias primas para o bom funcionamento das aulas.

Destacaremos a seguir algumas fotografias desses equipamentos e materiais que se encontram nesta Escola.

FIGURA 18- Máquina de datilografia.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente. 2017.

As máquinas de datilografia conforme constatado, eram utilizadas nas aulas de Práticas Comerciais, como poderemos ver mais adiante na próxima seção, o relato de uma aluna sobre sua experiência com esse equipamento durante as aulas.

Como verificamos no acervo da escola, vários objetos do período em que a escola iniciou suas atividades ainda são preservados, como panelas, balança, materiais dos laboratórios, dentre outros.

FIGURA 19- Maca.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente. 2017.

A foto acima destaca a Maca, já corroída pela ferrugem, se encontra em um canto no espaço exterior de um dos pátios da escola. De acordo com relatos, ao início a escola contava com uma enfermaria e por determinado tempo contou com a assistência de um médico, assim a Maca era utilizada nestes procedimentos em atendimento aos alunos.

A partir desta imagem podemos observar também que em parte, o prédio ainda conserva sua arquitetura original, como nas paredes construídas com “tijolinho a vista”, no piso de concreto que nos parece não ter passado por reforma, na bancada de concreto que apresenta corrosões afetadas pelo tempo, detalhes que, por mais que pareçam mínimos nos dizem muito do que ainda a instituição guarda de sua história.

A fotografia demonstrada anteriormente - e objetos mencionados - a saber, a máquina de datilografia, segundo constatado, é a única do acervo da escola, a balança como relatado pelo funcionário que nos auxiliou neste processo de pesquisa do mobiliário, recentemente foi pintada, já que se encontrava um tanto enferrujada e restam 03 panelas e 01 caçarola que eram utilizadas na preparação dos alimentos. Em demonstração, um dos armários com materiais relativos ao “Laboratório de Ciências” e que se encontram preservados em espaço específico para os mesmos, parte guardados em armários próprios do mobiliário recebido pela Escola à época de sua implantação.

FIGURA 20 - Armário com materiais do Laboratório de Ciências.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente. 2017.

Rosa de Fátima Souza (2007, p. 11) ao organizar um dossiê sobre a cultura material na História da Educação, destaca para o fato de que falar em cultura material escolar implica em:

[...] desviar o olhar para dimensões do universo educacional – edifícios, mobiliário, utensílios, materiais pedagógicos, manuais didáticos, etc. – quase sempre tomados como um dado natural, evidentes por si mesmos, sem maior relevância, ainda que sejam suportes de práticas, instrumentos mediadores da ação educativa e elementos estruturais para o funcionamento dos estabelecimentos de ensino. Mas o pesquisador interessado em efetuar esse deslocamento enfrentará, necessariamente, os desafios diuturnos daqueles que se aventuram a seguir caminhos poucos trilhados, tendo que se haver com as dificuldades teórico-metodológicas de tomar os artefatos como objeto e fonte de pesquisa.

A autora ressalta que mediante os trabalhos de pesquisa apresentados no Dossiê, que tiveram como objeto de estudo materiais da cultura escolar, estes revelaram riquezas de interpretações apresentadas pelas pesquisadoras bem como a diversidade de artefatos emergentes nas análises, “é tanto perceptível as representações sobre os objetos quanto o significado simbólico que eles instauram pela sua visibilidade” (SOUZA, 2007, p. 12).

Nesta perspectiva, Gisele Souza (2012) ao discutir a organização dos espaços e do mobiliário de uma escola pública do estado de São Paulo, destaca que o estudo da cultura material escolar pode constituir-se em ferramenta de investigação histórica das práticas escolares, bem como das suas representações e apropriações. A autora traz:

[...] entende-se que o conjunto variado de materiais e utensílios presente na organização da instrução pública primária, aqui expresso uma parte dele, é revelador da fertilidade investigativa da cultura escolar, na busca de dar significado histórico-cultural-pedagógico a esse repertório que os gestores, inspetores, professores e crianças lidaram, cada um ao seu modo e diante das possibilidades que lhes foram possíveis. Entende-se que é instigador examinar os propósitos e as orientações que foram dirigidas às escolas públicas brasileiras, atentando para (continuação) cultura escolar material na história... as relações e especificidades de cada estado e localidades. Todavia, parece mais tentador ainda poder compreender os usos, as estratégias e práticas de professores, autoridades de ensino, crianças na realidade educativa, como eles se movem entre si, como se vêem e como atuam no cenário das disputas e tensões das práticas cotidianas escolares – prática aqui entendida como formula Certeau (2000) “enquanto enunciadoras de sentido” (SOUZA, 2012, p. 154).

Dessa forma, o conjunto de materiais utilizados quando da criação da escola representava certamente, um grande diferencial da instituição, com estrutura física que fomentava uma educação pública de qualidade no município, certamente, uma novidade no histórico educacional local.

Como constatado, no espaço em que tais equipamentos e materiais se encontram preservados há outros além dos que aqui foram apresentados, porém, devido a alguns se encontrarem sobre difícil acesso, não foi possível obter mais informações sobre esses materiais. Em relação ao mobiliário que foi utilizado nas aulas de Artes Industriais, o ex-diretor nos informou que anos após, em decorrência de tais mobiliários e equipamentos se encontrarem em desuso, foram doados a uma instituição da rede municipal do município, a qual desenvolveria atividades de cunho profissionalizante.

Assim, na seção seguinte buscaremos apresentar através dos relatos dos ex-docentes e discentes, parte do contexto formativo vivenciado por estes atores nesta instituição, bem como suas considerações quanto ao que estas práticas significaram e ainda remetem em suas vidas.

4 MEMÓRIAS DA ESCOLA POLIVALENTE: SUJEITOS HISTÓRICOS

Memória implica em cuidado e formação, ela é dinâmica, produz movimentos, articulações entre o presente e o passado. Memória não é “guardar intocado”, apartar, mas retomar, atualizar, preservar e submeter vivências, emoções, lembranças a novas significações. Trabalhar a memória individual, de alguma maneira, oportuniza a recuperação da memória coletiva e de identidades institucionais. Historiar a memória institucional é atribuir poder à memória social, é trabalhar no cruzamento entre lembranças pessoais, grupais e institucionais. (WERLE, 2004, p. 114)

4.1 Memórias dos Sujeitos Históricos

A memória, respaldando-nos à consideração da autora acima citada, compreende um movimento constitutivo de significados através das lembranças e vivências trazidas à tona. Nessa perspectiva, os sujeitos ao discorrerem sobre o tempo vivenciado na instituição de nossa pesquisa, propiciaram a contribuição para a escrita e, sobretudo atribuíram sentido para suas próprias vivências experienciadas neste contexto educacional, e assim constituem-se sujeitos fazedores de história.

Neste intuito, a presente seção, compreendida por três segmentos busca apresentar parte dessa história em meio às ações vividas na Escola Polivalente entre os anos de 1974 a 1983. No primeiro segmento apresentamos o contexto relativo ao ex-diretor, parte de sua história vivida como educador nessa instituição. Assim de início, buscamos observar algumas questões relativas ao processo educacional perpassado pelo ex-diretor e as influências de sua concepção pedagógica para com as relações que foram efetivadas nesta escola. Como compreendido, o ex-diretor teve uma formação sob teorias teológicas e filosóficas e posteriormente aprofundou os estudos sob a base de sua concepção freireana de educação.

Tal aspecto nos levou a reflexão do que poderia ter refletido sob sua prática educativa nesta escola, uma vez que neste contexto o fato do período tratar-se da ditadura civil-militar já nos indica o suposto indício de repúdio às ideias vinculadas a tendência progressista crítica com pressupostos freireanos no âmbito educacional.

Assim, a partir da disponibilidade do ex-diretor em nos receber durante alguns momentos do desenvolvimento da pesquisa, foi possível um diálogo no intuito de uma melhor compreensão sobre as relações que estiveram envolvidas entre a gestão e as práticas ocorridas nesta instituição. Neste sentido, procuramos discorrer sobre parte do que pode nos levar a uma

melhor percepção das práticas ocorridas na Escola Polivalente no decorrer de sua atuação como gestor.

No segundo segmento, apresentamos a partir da subdivisão dos tópicos, algumas categorias de análises como o percurso do processo de formação dos ex-docentes, as práticas e condições de trabalho na escola, as concepções de gestão e da origem socioeconômica dos ex-discentes, e ainda, considerações sobre as práticas de ensino e aprendizagem desenvolvidas na escola.

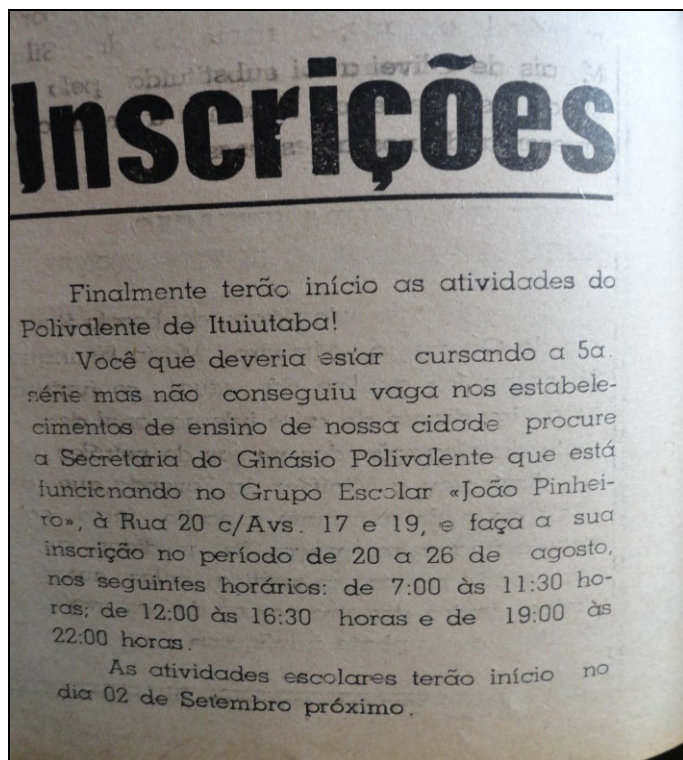
No terceiro segmento, semelhantemente apresentamos categorias relativas ao processo de entrada na escola dos ex-discentes, considerações sobre a formação vivenciada sob o ensino regular e vocacional profissionalizante, dificuldades e preferências nas áreas estudadas, e por fim, as considerações sobre o ensino propiciado na Escola Polivalente durante o tempo de formação nesta instituição. Nesta seção utilizamos fontes como os documentos do acervo da escola e do município, documentos pessoais dos entrevistados e relatos destes atores, bem como bibliografia.

4.1.2 Diretor

O ex-diretor da Escola Polivalente de Ituiutaba iniciou suas atividades com o regime semestral no 2º semestre, em Setembro de 1974, o que segundo ele veio a ser uma surpresa, uma vez que foi um drama em relação a conseguir alunos e, o que propuseram foi procurar e oferecer vagas para os alunos evadidos das escolas existentes, bem como para quem não havia ainda se matriculado “então nós fizemos uma proposta para 400 alunos e tivemos um atendimento para mais de 700 alunos, passavam pelo exame de seleção, especificamente Matemática e Português”. (S. N., 2015). No entanto, neste primeiro semestre o ex-diretor relatou que não foi exigido o exame de seleção para esses alunos.

Referente ao exposto pelo ex-diretor S. N. (2015) foi notícia em destaque do jornal da cidade o anúncio sobre as vagas disponibilizadas na escola, como demonstra a imagem abaixo:

FIGURA 21- Notícia sobre as vagas para inscrições no Polivalente.



Fonte: Acervo Cultural do Município, 1974.

Nesta perspectiva, o ex-diretor colocou que ao início a escola recebeu muitos alunos que não haviam conseguido acesso as principais escolas de Ituiutaba, dando-se atendimento a um grande número de alunos moradores de distintas áreas da cidade, segundo ele, os alunos buscavam também o acesso a uma escola nova, bonita e atraente.

Em relação à merenda, segundo ele, em sua fase inicial a escola produzia muitos alimentos, que em parte era consumida na escola e parte era para os próprios alunos, conforme relatou a escola também criou uma granja para a criação de aves:

Houve época no começo do Polivalente em que nós almoçávamos na escola, porque o trabalho era 44h, então os professores ficavam e muitas vezes nós produzíamos as refeições, mesmo com a merenda escolar que depois veio, vários professores almoçavam na escola e eu cheguei a um ponto de com as Práticas Agrícolas produzir alimentos para os alunos, que eles mesmos trabalhavam e produziam, eles podiam levar para casa, podiam comercializar dentro da escola e fazia parte também da merenda, então nós tivemos colheita de arroz, colheita de soja, de amendoim na escola, criamos uma granja de produção de frangos e galinhas de postura, quando fazia-se aquilo, o cheiro... era terrível segurar o aluno até o horário do recreio, da merenda, então tinha tudo isso, mas tudo era devolvido para eles e depois quando ficou toda a merenda por conta do Estado, era toda programada, sempre saudável, sempre gostosa... (S. N., 2017.)

Foi possível verificar no álbum de fotos da escola, a fotografia abaixo do ex-diretor na referida granja comentada por ele na citação acima:

FIGURA 22 - Diretor da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1976.

A imagem da fotografia acima nos mostra o ex-diretor no espaço da granja, ao lado de uma mulher que desconhecemos, no entanto, é visível que ambos estão com uma ave em mãos no referido lugar.

Ao se referir sobre o ensino ofertado na escola, considerando que o mesmo contava com o diferencial do curso profissionalizante integrado ao ensino regular, o ex-diretor relatou que este visava a uma preparação inicial para o aluno se apropriar de uma futura descoberta, como relatado:

Esse programa na época do PREMEM, ele deveria ser o que hoje aspiram a formação técnica, começamos com uma iniciação profissional, então ela funcionava de 5ª a 8ª série, e nós trabalhávamos com o aluno o ensino acadêmico, com as disciplinas comuns, o currículo comum e mais as de iniciação profissional, de Artes Industriais, Educação para o Lar, Práticas Comerciais e Práticas Agrícolas, para nível de 5ª série era simplesmente uma iniciação ou uma apropriação para a pessoa descobrir uma

profissionalização, um futuro educacional, então era semestral, como que funcionava; em dois anos os alunos passavam por semestre para uma dessas práticas de iniciação profissional e na sétima série ele definia por dois anos o que ele queria fazer, a cada semestre ia passando por uma dessas práticas e depois na 7ª e 8ª ele definia. (S. N., 2015)

No entanto, segundo ele, apesar da grade curricular contar com um número determinado para cada disciplina que compunha o currículo do Polivalente, a preponderância era para as áreas de Português e Matemática. Assim, conforme verificado na documentação da escola, a carga horária anual deste período, restringindo-nos no momento às mencionadas acima pelo ex-diretor, a área de Língua Portuguesa era de 180 h enquanto para Matemática era 150 h, já para as disciplinas vocacionais a carga horária era de 60h anuais. Na próxima seção aprofundaremos mais sobre essa temática relativa ao currículo da escola.

Desse modo, o ex-diretor relatou que sempre houve uma certa competitividade entre outras escolas da cidade, ou seja, havia as escolas consideradas as melhores para prepararem os alunos para o vestibular, e assim começaram a descobrir que no Polivalente também isso era viável, já que o ensino deste dava possibilidade para os alunos passarem nos vestibulares também.

Ao fazer considerações sobre a relação estabelecida entre os docentes quanto à organização do trabalho pedagógico realizado no Polivalente na época, o ex-diretor relatou que não enfrentou dificuldades, já que eles sabiam sobre sua visão pedagógica, bem como da sua intenção de ação educativa naquela escola, e ressaltou que essa postura desenvolvida por ele é destacada ainda entre os que conheceram sua forma de atuação como educador:

Todo mundo entendia a proposta, que por trás havia uma proposta, isso é interessante, eu tive elogios aqui em Uberlândia de professor que trabalhou lá, aqui mesmo na UFU em uma palestra que nós tivemos, em que eu fui falar sobre Paulo Freire, do meu trabalho, da minha visão de educação, teve um professor que levantou-se lá e havia trabalhado comigo, e ele falou que lá tinha uma proposta e que ele só conhecia um diretor que toda vez que tinha reunião, todo mundo tinha a pauta e sabia a direção do que se passava, então foi muito gratificante ouvir isso também, então eu tinha uma proposta sim, tinha um trabalho e eles aderiam, mesmo a contratempo como podiam rejeitar, mas no todo endossavam a ideia... (S. N., 2015).

O ex-diretor, nessa perspectiva, ao falar sobre o conceito de educação ofertada na escola durante o período de sua gestão, relatou que sempre procurou desenvolver um trabalho coletivo com todos da escola, pois segundo ele, em primeiro lugar ele tinha uma proposta

pedagógica para esta escola mediante sua concepção de educação, a qual foi pautada nos ideais do educador Paulo Freire, seu professor e orientador no Mestrado.

O ex-diretor comentou que ao início das atividades na escola por algum tempo contaram com um médico, segundo ele, não concordava em apenas o médico ir na escola para fazer os exames de aptidão para as aulas de Educação Física, e assim buscou apoio junto aos pais dos alunos para contribuírem no intuito de terem o médico a disposição da escola, o que segundo ele, propiciou ações positivas no interior da mesma.

S. N. (2017) relatou uma situação a qual se referiu a um aluno que foi atendido pelo médico ao passar mal com o diagnóstico de apendicite, o ex-diretor ressaltou que este aluno já havia passado para outra escola, no entanto, foi atendido pelo médico desta escola:

E tivemos o A., que já estava no Israel Pinheiro, já tinha prestado processo seletivo, e nas férias ele teve um problema de apendicite, e teve que fazer uma cirurgia urgente, e como ele não tinha recursos chamei o Doutor C., fizemos a cirurgia na enfermaria da escola para depois ele ir para o Hospital. E tivemos várias outras situações... (S. N., 2017).

Assim o ex-diretor comentou que a assistência médica na escola trouxe várias contribuições para os alunos, pois a qualquer sinal apresentado pelo exame médico havia possibilidades de encaminhar os alunos para o tratamento adequado. Podemos refletir a partir dessas ações relatadas pelo ex-diretor que a escola se mostrava aberta a comunidade, uma vez que ao realizarem tais procedimentos mostravam-se dispostos em atender necessidades das famílias do ambiente escolar que lhes sobrevinham. Apresentamos abaixo uma imagem que demonstra alguns momentos vivenciados na escola:

FIGURA 23 - Atividades desenvolvidas na Escola Polivalente.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, (s. d.).

De acordo com a imagem acima, é possível identificar momentos de convívio entre professores e alunos e comunidade no interior da escola, conforme relatos de alguns entrevistados havia na área da Educação Artística o desenvolvimento de atividades relativas à música e teatro, o que pode ser verificado tratando-se de aulas de música em diários de classe da referida disciplina, no qual há o registro da professora sobre conteúdos teóricos e práticos

relativos a essa área. Neste sentido o ex-diretor relatou que a escola buscava conciliar a harmonia entre as relações praticadas e ensino e a aprendizagem dos alunos:

A nossa maneira de ser, sobretudo como uma escola onde propunha-se atraente, agradável, simpática ao público, simpática aos alunos e ao mesmo tempo com o rigor; mas o aluno era o dono da escola, ele intencionava as intenções da escola, a direção e os professores procuravam encaminhá-los para o rigor do saber, para a seriedade. (S. N., 2015)

Deste modo, o ex-diretor colocou que aprendeu muito nos estudos que realizou sobre o pensamento de Paulo Freire, como também na qualidade de aluno deste autor, tendo assim se identificado com a educação proposta por este educador, sob a qual pensou em uma escola aberta para todos, alunos, professores, funcionários e comunidade:

Eu tinha uma proposta, inclusive a proposta pedagógica do Polivalente, a partir de 1974 era uma experiência que eu sonhava, que eu visualizava muito o trabalho de Paulo Freire e me encantei e estudei muito Paulo Freire e fui aluno dele depois no Mestrado em Campinas, então a minha proposta era uma escola aberta, uma escola franca oficial com o aluno sendo o dono do saber, dos interesses, das necessidades, tudo isso, mas uma escola atraente, agradável, tanto é verdade que a fanfarra era aberta, era o xodó da escola, tinha 115 instrumentos na época, o esporte era outro atrativo mas ao mesmo tempo o aluno sabia que era rigorosa e lá era lugar de estudo mesmo, que ela fosse aberta para o esporte aos sábados a vontade, para os pais, para a família, nós tínhamos um convívio, todo semestre os pais participavam e iam lá para a escola, chamava-se “Um dia na escola de seu filho”, então nós descobrimos coisas fantásticas... era um processo tremendamente saudável, agradável e moderno. (S. N., 2015)

Nesta perspectiva, o ex-diretor comentou que sua intenção foi em trabalhar de modo integrado com a família e comunidade, segundo ele, sua relação com os funcionários da escola também era forte, e zelava para com o respeito de todos na escola. Deste modo, compreendendo os funcionários como parte constitutiva do processo da educação escolar, contamos nesta pesquisa, com a participação de C. S., ex-funcionária da Escola Polivalente, a qual nos concedeu uma entrevista. Em seu depoimento ela relatou que a escola na época promovia interações com a comunidade “era muito bom, lá tinha o dia do convívio, com a participação dos pais, alunos e professores, nesse dia tinha almoço, recreação, lanche”... (C. S., 2015).

Temos ainda o relato da ex-funcionária S. G. (2017) já apresentada na segunda seção deste trabalho, e como antes mencionado, teve uma participação dinâmica na escola, uma vez que iniciou como auxiliar de Secretaria, após passou a atuar como Secretária e mais adiante

após concluir o curso de Pedagogia atuou como professora de Religião na escola. Como comentou, a relação foi amigável com todos durante o tempo em que trabalhou nessa escola

Era uma relação muito boa, tinha o dia do convívio, era todo mundo na escola, os pais, a família, e tinha várias atividades, da área esportiva, tinha até leilão, faziam os pratos na Educação para o Lar e leiloavam para os pais... no dia do convívio tinha o almoço, era muito bom, foi muito importante como pessoa e profissional, um grande aprendizado... (S. G., 2017).

Como vimos as funcionárias mencionaram o bom convívio na escola e ressaltaram o “dia do convívio”, o que demonstra ser o evento mencionado acima pelo relato do ex-diretor ao se referir ao evento realizado com a participação das famílias.

Mediante a essa concepção de Educação com vistas de uma escola aberta à participação e ao convívio entre as partes, o ex-diretor em depoimento nos expôs alguns dos momentos vividos durante seu período de formação no Curso de Mestrado e como relatado, foi o que ainda mais lhe propiciou o incentivo a continuar acreditando na proposta de uma Educação de qualidade em escola pública.

Como exposto pelo ex-diretor a ideia de fazer o Curso de Mestrado surgiu a partir de sua complementação pedagógica em Filosofia da Educação realizada na USP, contudo, como era professor na Faculdade do município tinha a opção de fazer o Mestrado em Belo Horizonte com o custeio desta, o que não foi a sua escolha, uma vez que procurou com seus próprios recursos fazer o curso no Estado de São Paulo.

Segundo ele, todos os seus professores lhe ajudaram a incorporar e colocar em prática a sua proposta de uma educação pautada nos ideais de Paulo Freire, o qual como já mencionado, foi seu orientador no Curso de Mestrado. S. N. (2017) apontou que:

A princípio, a minha formação pedagógica vai depender muito da minha formação inicial, da minha formação de graduação, primeiro porque eu fui seminarista onde tive toda uma formação filosófica e teológica, até que quando eu saí, percebi que o meu sacerdócio não era aquele sacerdócio religioso, era um sacerdócio de trabalhar com a juventude, com educação, voltada para educação. Então foi quando voltei-me todo para uma perspectiva de administração escolar, de lecionar em escola, mas trabalhar com a juventude... Então daí eu fiz complementação filosófica na USP em Mogi das Cruzes em Filosofia, posteriormente me veio a ideia de fazer o Mestrado por conta de Filosofia de Educação (...), eu escolhi exatamente São Paulo, a PUC ou a própria UNICAMP, aí eu descobri que na PUC estavam o Moacir Gadotti, Rubem Alves, Regis de Moraes, uma série de professores, Tarcísio Moura, irmão do José Moura e além disso o Paulo Freire que trabalhava também na UNICAMP..... Então eu me apaixonei pela ideia dele e consegui fazer um trabalho com ele, direcionado por ele e... Então me apaixonei pela proposta do Paulo Freire e incorporei todinha, tanto é verdade que os aspectos filosóficos e antropológicos do meu trabalho são

fundamentados na proposta transformadora e todo mundo conhece a proposta de Paulo Freire..... (S. N., 2017).

Como relatou, a ideia central do seu trabalho foi orientada sob a consideração de levar o ser humano a “ser mais” em todos os aspectos, e em torno dessa proposta se pautou sua carreira como educador e como diretor da Escola Polivalente. Segundo ele, sua pesquisa de Mestrado foi exatamente em torno dessa temática, em propor uma escola transformadora, a qual foi intitulada “Educação transformadora e humanizadora na escola pública”. Como ressaltou, a formação que teve com os professores durante o curso lhe ajudou ainda mais a aprofundar o estudo e conhecimento que vinha buscando e os colocar em prática através das ações propostas na escola que atuava como diretor.

Nesta perspectiva, o ex-diretor afirmou que a sua formação foi perpassada pela proposta humana e transformadora de Paulo Freire, segundo ele as leituras das obras deste autor foram constantes, como também destacou os fundamentos cristãos na constituição de sua formação:

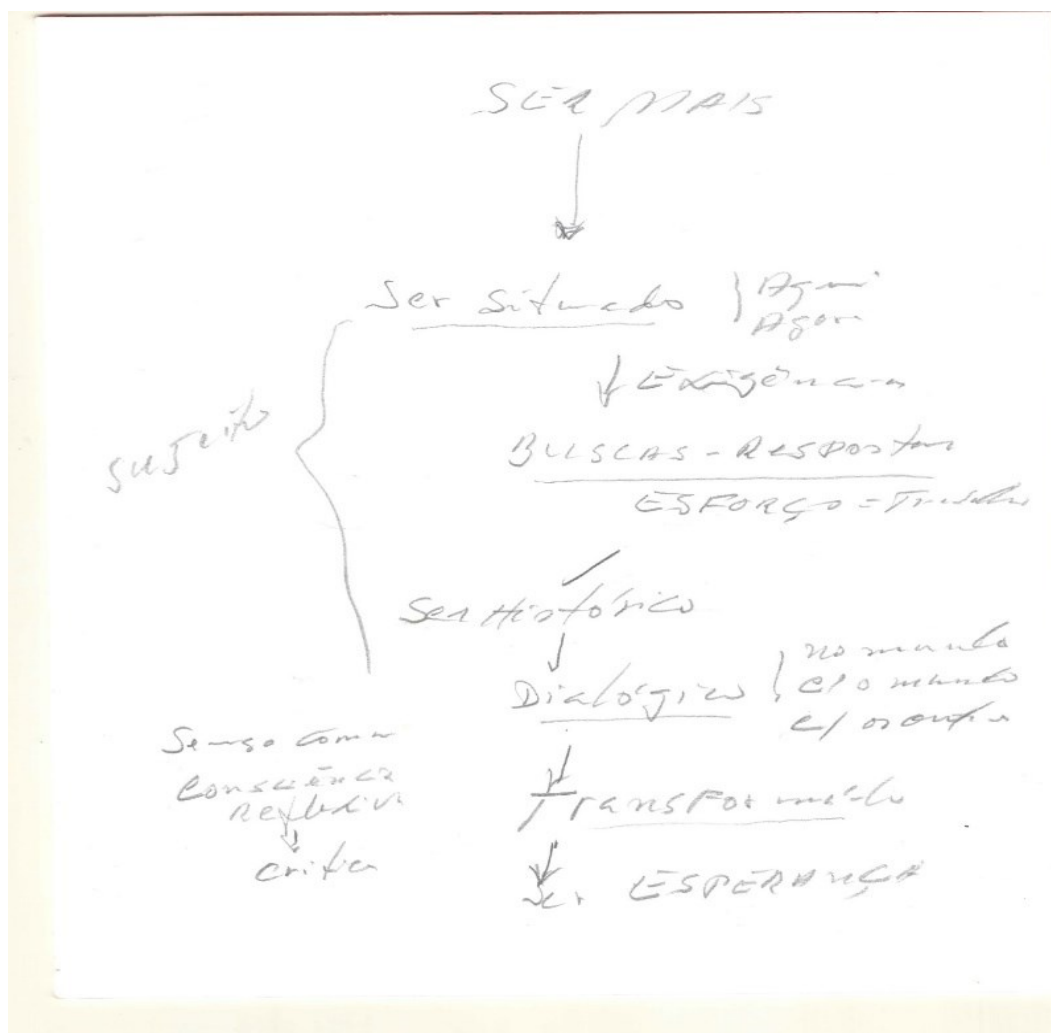
Li todos os livros de Paulo Freire, todos, todos, inclusive minha proposta de trabalho na escola é toda pautada nos livros dele, claro que os fundamentos para isso fôra minha proposta também cristã, não chega a ser do existencialismo cristão, mas do Merleau-Ponty, de Kierkegaard, uma mistura muito forte, onde eu fui encontrar que com o Paulo Freire, era possível ver sua antropologia a partir dessa proposta de ser mais, ser mais por que? Porque toda proposta, seja cristã, esse chamamento vocacional de ser mais é para todo ser humano, não tem ninguém chamado a ser menos, então meus alunos jamais podiam ser menos, eles tinham que ser grandes e tinham que trabalhar por aí... então fui ler Pedagogia do Oprimido, todos, todos os livros, tenho paixão por todas as obras... (S. N., 2017)

Em meio a essa discussão relativa ao período de formação no Curso de Mestrado, S. N. (2017) nos relatou que em um determinado dia junto ao seu orientador Paulo Freire, o qual lhe chamava de “Mineirinho”, apresentou-lhe em uma folha de rascunho uma síntese do que compreendia pela proposta em “ser mais”, para que ele fizesse suas colocações, segundo ele, o Professor Paulo Freire se surpreendeu e ficou emocionado, ao ver a sua própria proposta de Educação sendo a sua proposta também, assim insistiu pedindo-lhe para ficar com o rascunho. Conforme relatou:

Ele ficou surpreso quando viu isso aqui sintetizado; no dia que eu mostrei para ele, falou “posso? Você me dá seu rascunho?” Então falei “nossa, não brinca não...”, “não mineirinho, me dá esse rascunho, eu nunca pensei que tinha tudo isso aí dessa forma, com os meus livros tudo aí dentro...” eu falei “nossa Paulo Freire...”, eu tremia... “não, mas você quer mesmo?...”, aí ele pegou, ficou com ele... (S. N., 2017).

Assim, durante a conversa o ex-diretor fez a escrita e nos ofertou o rascunho com a síntese semelhante a que, segundo ele apresentou ao seu orientador Paulo Freire, como também nos relatou a exposição da ideia representada no rascunho. Destacamos abaixo o rascunho da síntese:

FIGURA 24 - Rascunho da síntese escrita pelo ex-diretor.



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores. 2017.

Conforme nos relatou essa foi sua proposta filosófica de Educação pautada nos ideais de Paulo Freire:

Ser mais

Todo ser humano é chamado a ser mais, ora, isso faz de todo ser humano, esse ser mais, ele descobrir-se que ele é um ser situado, então ele tem que descobrir o seu aqui e o seu agora, aqui acontece todas as buscas e respostas para ser mais, o meu aqui é aqui tão exigente, ele é exigente que me faz buscar respostas, então aqui exigências, buscas e respostas. Então essas buscas e respostas aqui, elas tem que ser dadas em esforço, significa

trabalho, ora, isso faz do homem, faz dele um ser histórico, ele produz história (...), então ser dialógico, e ao mesmo tempo você vai descobrindo que a consciência crítica está surgindo e você vai trazer o senso comum para chegar nisso aqui... a rebeldia pedagógica ela é isso, é você romper mas sabendo o que está fazendo, ter consciência... Agora aí vem, ele é um ser que além de ser dialógico, um ser situado, é um ser que passou a ser sujeito da história... esse problema do Paulo Freire, da rejeição política gerava consciência crítica porque aí o sujeito vai se descobrir no mundo com os outros para transformá-lo, transformar o que significa? Tornar aquilo que não é naquilo que deve ser, como para Paulo Freire. Nesse sentido de transformar, ele se descobre que é um ser situado, histórico, dialógico, transformador, que ele vai se implicar na história, para isso ele tem que conhecer o seu mundo, criticá-lo, assumi-lo e comprometer-se com ele e transformá-lo. E ao mesmo tempo ele é um ser de esperança, por que? Porque está sempre acreditando no novo, é um ser inconformado com a situação, e esperança do verbo esperar, não do esperar porque se você ficar esperando os outros lhe dão pronto... aqui está o contexto de todos os livros dele, Paulo Freire e a sua proposta... (S. N., 2017).

O ex-diretor ressaltou ainda que diante deste intuito e de sua formação humana e acadêmica ele exerceu seu trabalho como educador, sempre buscando levar a consciência crítica aos alunos a fim de que alcançassem a transformação a partir das ações conscientes no aqui e agora no qual estavam inseridos:

Então aqui agora, você descobre na Pedagogia do Oprimido, o que é o oprimido? Esse que não tem essa consciência, porque então você vai descobrir que ele sai da consciência do senso comum à uma consciência reflexiva, crítica... por que crítica? Porque ele vai poder contextualizar esse universo todo onde ele está, um ser situado, então ele tem que ter consciência do seu mundo e do seu universo, das suas coisas para se implicar nelas, para transformá-las, para tornar aquilo que não é naquilo que deve ser... Então o que eu fiz... a escola, a educação não podia ser aquela brincadeira de fazer escola, diretor ser aquele cara que ficava com as chaves da escola e fechava nos fins de semanas e tal... pelo contrário, é deles, então devolvo... então fim de semana, era alunos que tinham dificuldade em Matemática ir para lá com outros para aprender, entregava as chaves e nunca tive problema...está aqui, o princípio básico de todo o meu trabalho... você pode pegar todos os livros dele, tudo sintetizado... e eu justificava nas minhas palestras tudo isso, em todas elas eu situava. E tudo isso aí é viável dentro de uma escola prazerosa, alegre, aquilo que eu utilizava... (S. N., 2017).

Como vimos no relato, S. N. (2017) expressou alguns aspectos do que propôs em seu trabalho como diretor da escola, como a questão de deixar a escola disponível para os alunos desenvolverem práticas de estudos e esportivas.

Francisco Filho (2006, p. 76-77) ao discorrer sobre as posturas do Administrar Escolar diante das tendências e práticas pedagógicas, apresenta a divisão a partir de cinco tendências de acordo com a epistemologia que fornece os alicerces teóricos que dá fundamentação

filosófica a cada uma delas, a saber: Pedagogia Liberal; Pedagogia Socialista; Pedagogia Libertária; Pedagogia Crítica da Reprodução e Pedagogia da Leiturização e Escrita.

Segundo este autor, cada uma delas é explicada considerando os principais temas que envolvem o processo produtivo escolar, quais sejam: papel da escola, conteúdos de ensino, métodos de ensino, relacionamento professor-aluno, pressupostos da aprendizagem, manifestações na prática escolar, bases epistemológicas, marginalidade e sua superação e avaliação.

Como observamos, as concepções do ex-diretor nos ideais de Paulo Freire estariam sob a Pedagogia Socialista destacada por Francisco Filho (2006), abarcando esta: a Pedagogia Socialista de Paulo Freire, a Pedagogia da Escola e Trabalho de Makarenko e a Pedagogia da Transformação pelo Conteúdo, de Libâneo, Saviani e de outros. Ao se referir sobre a Tendência Socialista de Paulo Freire, ele aponta que este educador iniciou fazendo uma profunda reflexão sobre a educação tradicional, assim pensou em uma pedagogia que fosse libertadora, engajada politicamente a fim de contribuir para com o modo de produção. Como expõe a concepção desta tendência:

Criou uma filosofia de trabalho baseada na realidade do aluno. [...] Num segundo momento, trabalha-se o contexto histórico e o social enfocando a consciência de classe. Veja a síntese de estruturação da escola nessa linha de pensamento. O papel da escola é de questionar a realidade social provocando as transformações e superando o modo de produção capitalista, criar consciência de classe e levar à cidadania. Os conteúdos de ensino devem ser extraídos da prática social e têm caráter político. O relacionamento do professor com o aluno deve ser feito de maneira horizontal e integradora, todos devem ser sujeitos da aprendizagem. Quanto aos pressupostos da aprendizagem, considera-se que se aprende pela análise crítica, interação e conscientização, colocando a educação como um ato político. No que se refere à manifestação na prática escolar, Freire trabalhou nos anos 60 no Nordeste Brasileiro na alfabetização de adultos, depois no Chile, África e Europa. A educação brasileira também foi influenciada nas três últimas décadas pelo trabalho e idéias de Paulo Freire, inclusive a Administração Escolar. As bases epistemológicas estão amparadas pelo Marxismo e pelo Interacionismo. Quanto à marginalidade e sua superação, é pensada a substituição do modo de produção capitalista pelo socialista. Para essa corrente, o marginal é aquele que não possui capital. A Avaliação é sempre diagnóstica, contínua, subjetiva e deve estar no contexto pedagógico. (FRANCISCO FILHO, 2006, p. 85)

Como visto, a tendência apresentada acima nos informa características que podem ser assimiladas às propostas do ex-diretor, quais sejam dentre elas, propor uma escola integrada com os princípios de transformação a partir do trabalho com a realidade dos alunos, tal

tendência segundo o autor teve influências na educação brasileira bem como na administração escolar.

Contudo, mediante a concepção compreendida pela formação do ex-diretor nos princípios freireanos frente a proposta do Projeto para as Escolas Polivalentes nos remete a percepção para um intrincado paradoxo entre tais intenções, uma vez que como mencionamos ao início deste trabalho, dentre as intenções do referido Projeto estava a de promover a preparação profissional de indivíduos para a inserção no mundo do trabalho visando atender a demanda de mão de obra provocada pelo aumento do número de indústrias a fim de reforçar o capitalismo; e como nos pontua o ex-diretor sua intenção foi a de trabalhar a consciência crítica dos alunos do Polivalente a fim de levá-los a uma formação humana e transformadora. Essa é uma discussão que acreditamos estar aberta a novas análises e significações, visto que envolve relações contraditórias e ao mesmo tempo importantes para a reflexão dos enfrentamentos oriundos dos processos que perpassavam o ato educacional em seu contexto histórico deste período.

O ex-diretor ao falar sobre o tempo em que atuou no Polivalente, ressaltou que embora o seu sonho de atuar em uma escola profissionalizante talvez não tenha se concretizado como almejou, foi nesta escola que ele vivenciou processos marcantes de sua vida ao sentir que colocou em prática aquilo que acreditava alcançar no processo educacional enquanto educador:

O Polivalente foi o meu lar, foi lá que eu me realizei como educador, foi lá que eu realizei um processo que eu acreditava de educação, onde as matrizes que eu criei com Paulo Freire, com Moacir Gadotti, com Rubem Alves que foram meus professores também de Mestrado, com todo esse pessoal eu senti que a educação que eu acreditava, eu conseguia passar para frente. No aspecto profissional ficou evidente que foi uma realização tremendamente forte e eu consegui passá-la para frente com muita maturidade, com muita confiança e com muita segurança e os resultados, hoje você recebe do pessoal que passou pela escola, que amadureceu com a gente que conviveu com a gente, que assumiu com a gente, então eu não posso esquecê-los, como jamais vou esquecer todo aquele pessoal que se envolveu comigo, acreditou que ali tinha uma proposta que era diferente e nós fizemos uma escola diferente, essa foi a minha gratificação... (S. N., 2015).

Como demonstrado, tal experiência remete para uma história que tem sido construída e constituída a partir de vínculos afetivos que foram vivenciadas em meio a Escola Polivalente, os quais remetem os significados dessas vivências que se encontram vivas na memória dos sujeitos envolvidos.

Deste modo, em torno desta proposta de Educação apresentada pelo ex-professor, respaldamos ao pensamento de Paulo Freire (1981) que nos permite fazer uma reflexão sobre sua proposta nos ideais deste autor e a sua prática enquanto educador nesta escola:

Por isso repetimos que esta mudança de percepção não é outra coisa senão a substituição de uma percepção distorcida da realidade por uma percepção crítica da mesma. Esta mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrelaço de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica admirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a admirá-la, ganhando assim uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não a condiciona. Implica uma “apropriação” do contexto; uma inserção nele; um não ficar “aderido” a ele; um não estar quase “sobre” o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante. Implica, finalmente, o ímpeto de mudar para ser mais. (FREIRE, 1981, p. 60)

4.2 Docentes

4.2.1 Formação inicial e continuada: percurso docente na Escola Polivalente

A construção e reconstrução do passado é importante para avaliar o papel social de cada um, inclusive dos professores como profissionais, naquele momento, uma vez que esse papel se transforma, assim como a sociedade que está em constante mutação. Essa construção e, por vezes, “desconstrução” de cada um leva um tempo para ocorrer ou, provavelmente, leva toda a nossa vida. É uma obra inacabada. Envolve o eu profissional e o eu pessoal, indissociavelmente, não se sabendo ao certo em qual momento qual o eu se destaca mais. (BELLO, 2002, p. 44)

No intuito de apresentar uma contextualização sobre a formação dos ex-professores e professoras, bem como do ex-diretor que atuaram na Escola Polivalente no decorrer do período aqui delineado, este segmento busca apresentar alguns aspectos sobre o processo do início de atuação de cada um dos entrevistados nesta escola.

Conforme apresentado na primeira seção pelo quadro 2, a pesquisa contou com a colaboração de oito ex-professores – quatro professores e quatro professoras e um ex-diretor - que atuaram na referida escola no decorrer do período delimitado (1974-1983).

Referindo-se ao aspecto formativo dos ex-professores e professoras e ex-diretor que atuaram na Escola Polivalente, foi possível verificar que todos contavam com curso superior, ressaltamos que dos oito ex-professores e professoras de nossa pesquisa, três ex-professores

tiveram formação no Curso de Licenciatura de Curta Duração específico para as Escolas Polivalentes realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Conforme aponta a autora Isabel Melero Bello (2002), a partir de documentos verificados que estão agrupados na obra de Valnir Chagas “Formação do Magistério”, de 1976, ela buscou analisá-los visando observar características que antecederam e deram origem aos currículos mínimos obrigatórios dos cursos superiores de licenciatura surgidos em consequência da Lei nº 5692/71, a qual instituiu o ensino de 1º e 2º graus. Nessa perspectiva, considerando que dentre os professores aqui entrevistados passaram por cursos de licenciaturas sob a legislação de tais currículos, torna-se pertinente um apontamento de características relativas ao contexto educacional que estiverem presentes nos currículos estabelecidos neste período.

Assim, Bello (2002) destaca que os documentos por ela analisados relativos a essa temática, tiveram na sua elaboração, a participação efetiva de Valnir Chagas, o qual foi membro do Conselho de Educação no período das reformas do ensino superior e posteriormente no ensino de 1º e 2º graus e um dos responsáveis pela atualização desse nível de ensino mediante a Lei 5692/71 em sua fundamentação doutrinária e técnica, bem como foi também o responsável pela proposta introdutória que culminou no núcleo comum do nível desses graus de ensino.

Bello (2002) apresenta ainda, trechos do trabalho de Valnir Chagas, pelos quais verificaram-se algumas concepções relativas ao âmbito educacional. Limitaremos a destacar aqui a citação trazida pela autora de um dos trechos relativo à formação de professores feita por Valnir Chagas:

Na parte da formação pedagógica, cumulatividade do exercício profissional imporá uma capacitação mais nítida e intencional do professor para ajustar-se às diferenças individuais dos alunos, seja dentro da mesma faixa de idade-desenvolvimento-escolarização, segundo ocorria com o mestre preparado para um só “grau”, seja em faixas diferentes. É o que, no artigo 30 da Lei, se denomina propriamente “habilitação específica”. Em consequência ampliar-se-á nos currículos plenos e nos programas o alcance da Psicologia Evolutiva, ao tempo em que a relação ensino-aprendizagem terá de ser revista. Cada vez mais, no mundo atual, avulta a necessidade daquela “disciplina mental”, a emergir dos conteúdos encarados em sentido lato... (CHAGAS, op. cit., p. 22 apud BELLO, 2002, p. 70).

Percebemos que o educador propunha dentre as especificidades apresentadas, que a partir das áreas acumuladas na formação docente, os professores se empenhassem mais na intencionalidade ao conhecimento dos alunos em suas diferenças individuais no processo de

ensino e aprendizagem, como ressalta para o fato do estudo na área da Psicologia a fim de repensar tal temática.

Como pudemos verificar a partir das qualificações dos ex-professores e professoras entrevistados, o processo de formação de ambos foi perpassado por cursos de licenciaturas curtas e plenas, bem como por complementações em especializações em áreas afins, tais aspectos são demonstrados na abordagem de Bello (2002) sobre as características dos cursos de formação de professores promovidos no decorrer das décadas de 1960 e 1970.³⁷

Em relação ao referido Curso de Licenciatura de Curta Duração destinado aos profissionais que atuavam nas Escolas Polivalentes, Resende (2015) aponta que a questão sobre os recursos humanos com perfil compatível à proposta para essas escolas começou a ser pensada na EPEM. Nesta perspectiva, Resende (2015, p. 163) apresenta mediante o documento 10-069-ES-SD, a caracterização do processo de seleção e contratação de profissionais para as Escolas Polivalentes:

1) O Programa [de criação de ginásios Polivalentes] procura recrutar o pessoal docente, técnico e administrativo na área geoeeducacional da Escola Polivalente que vai ser implantada. 2) O recrutamento é feito mediante EDITAL de chamada onde são participadas aos candidatos todas as condições para inscrição, participação nos cursos e contratação. 3) A chamada é feita primeiro para os cursos de “reciclagem”, isto é, visando o pessoal que já possui licenciatura plena das Universidades. Em seguida são chamados os candidatos para os cursos de “curta duração”, a fim de completar as vagas existentes nas escolas de uma determinada etapa do Programa. 4) O recrutamento é realizado sob a responsabilidade de uma Comissão composta de um representante do PREMEN um da Secretaria de Educação do Estado e um da Agência de Treinamento. 5) A seleção é feita pela Agência de Treinamento, observando determinadas condições pré-estabelecidas, de comum acordo, com o PREMEN e a Secretaria de Educação do Estado. 6) O candidato aprovado escolhe a Escola onde deseja trabalhar, de acordo com sua classificação no Exame de Seleção, e se compromete a servir nela no mínimo por dois anos. Em contrapartida, a Secretaria Estadual de Educação assegura a sua contratação para a escola escolhida (MEC, s. d., p. 16).

Resende (2015) comenta que em razão do escasso número de professores habilitados em curso superior, bem como da impossibilidade de formar um número bastante para prover a demanda foram autorizados pelo Conselho Federal de Educação, através dos pareceres 912/69 e 255/70, os cursos de “Licenciatura de Curta Duração, em Regime Intensivo, para

³⁷ Bello (2002, p. 62) destaca ainda para o fato de que mesmo após o fim do governo militar, a educação brasileira continuou sendo guiada pela Lei nº 5540/68, referente a Reforma Universitária e a Lei nº 5692/71 que regulamentou o ensino de 1º e 2º graus, as quais foram revogadas só a partir da homologação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96.

Disciplinas Acadêmicas" (MEC, s. d.). (RESENDE, 2015, p. 165). Assim, de acordo com o parecer 912/69, a autora destaca o projeto geral de tais licenciaturas que foi enunciado pela administração do PREMEX:

a) Cada licenciatura terá a duração de 1.400 a 1.600 horas, a serem cumpridas em regime intensivo de trabalho diário no período letivo de 180 dias; b) O currículo compreenderá matérias de conteúdo e disciplinas de formação pedagógica distribuídas nas seguintes proporções: conteúdo da matéria – 50%; métodos e prática de ensino – 30%; teoria da educação – 20%. Esta última incluirá fundamentos de psicologia educacional e estrutura e fundamento do ensino médio; c) Em virtude de sua curta duração as licenciaturas não podem ter o caráter de polivalência. Assim, por exemplo, em vez de uma só licenciatura para formar um mesmo professor de matemática e de ciências físicas e biológicas, uma licenciatura preparará o professor de matemática e outra o professor de ciências; d) Serão concedidas bolsas de estudo aos alunos a fim de que possam dedicar-se integralmente ao regime de estudos intensivos. Em contrapartida os alunos assumiriam, desde o ingresso, o compromisso de aceitar sua designação para qualquer das escolas criadas pelo programa bem como as condições de trabalho estabelecidas pelo órgão incumbido da supervisão das mesmas, por um prazo a ser fixado na ocasião do recrutamento; e) As licenciaturas serão realizadas mediante convênios firmados entre a Comissão de Administração do “PREMEX” e as Universidades ou Faculdades com interveniência ainda da Secretaria Estadual de Educação e da Comissão Estadual do “PREMEX”; f) Os convênios preveem recursos para remuneração dos professores mobilizados pela Universidade ou Faculdade, encarregada da ministração dos cursos, bem como para outras despesas com eles relacionadas (coordenação, material didático, etc.); g) Os convênios para a realização dos cursos obedecerão a diretrizes gerais, fixadas em documento a ser elaborado pela Administração do “PREMEX”. Para cada licenciatura haverá um documento pormenorizado que servirá de base às negociações entre o “PREMEX” e a Universidade ou Faculdade. Estas poderão sugerir modificações, as quais, no entanto, não poderão contrariar as diretrizes gerais (BRASIL, 1969b).

Em relação aos cursos da área prática, Resende (2015, 166) aponta que estes foram tratados sob o parecer 74/70, sendo Artes Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas e Educação para o Lar, segundo a autora, a princípio esses cursos teriam a carga horária de 1.600 horas, a serem cumpridas em nove meses, no entanto, a carga teria uma redução para 800 horas aos candidatos que possuísem formação específica em nível técnico ou superior nessas áreas.³⁸

³⁸ Referente aos currículos dos referidos cursos, Resende (2015, p. 166) comenta que havia quatro disciplinas de conteúdo, conforme a arte da prática formativa, e oito disciplinas de formação pedagógica comuns às quatro áreas de formação, assim ela apresenta o currículo relativo a esses cursos, abaixo as disciplinas da parte pedagógica: “a) Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Grau (especialmente o ginásio polivalente); b) Psicóloga [sic] [Psicologia] da Adolescência Educativa e Vocacional; c) Fundamentos de Orientação Educativa e Vocacional; d) Princípios da Didática e Metodologia; e) Planejamento de Curso; f) Técnicas Audiovisuais; g) Seminários (problemas gerais de Educação e questões didáticas); h) Prática de Ensino (com estágio supervisionado em situação real).”

Em relação às disciplinas da parte da formação específica Resende (2015, p. 166) destaca:

- a) Técnicas Comerciais: a. Práticas de Técnicas Comerciais, b. Desenho Aplicado, c. Organização e direção da sala-ambiente de Técnicas Comerciais, d. Noções de Economia (relacionadas com o processo comercial, visitas orientadas a empresas);
- b) Artes Industriais: a. Práticas de Técnicas Industriais, b. Desenho Aplicado, c. Organização e direção da sala-ambiente de Artes Industriais, d. Noções de Economia Industrial;
- c) Técnicas Agrícolas: a. Práticas de Técnicas Agropecuárias, b. Desenho Aplicado, c. Organização e direção da oficina e das atividades de campo, d. Noções de Economia Agrícola;
- d) Educação para o Lar: a. Práticas de Educação para o Lar, b. Desenho Aplicado, c. Organização e direção da sala-ambiente de Educação para o Lar, d. Economia Doméstica e atividades profissionais relacionadas com a matéria.

Outro aspecto apresentado por Resende (2015, p. 172) se refere a admissão de pessoal para os ginásios Polivalentes, normatizada pelo decreto 12863, de 30 de julho de 1970 de Minas Gerais, contudo, destacamos aqui um dos itens relativo ao art. 5^a desse decreto, o qual trata sobre as normas e condições obrigatórias para a efetivação dos contratos e regime de trabalho do pessoal que atuaria nessas escolas:

VIII – a carga horária do trabalho do professor será fixada em não menos de 20 (vinte) e não mais de 24 (vinte e quatro) horas por semana e por turno, das quais 4 (quatro) a 6 (seis) horas serão destinadas à preparação de aulas no próprio estabelecimento, às reuniões, ao aconselhamento de alunos e outras tarefas extra-classe; IX – em situações de necessidade crítica, poderão ser admitidos professores de tempo parcial e número que não exceda de 20% (vinte por cento) do corpo docente de cada unidade escolar; X – os professores de práticas educativas ou de artes aplicadas poderão ter suas horas de trabalho distribuídos em 2 (dois) turnos, da manhã e da tarde; [...] XIII – haverá incentivos salariais especiais e suficientes para atrair a metade ou mais de todos os professores de cada unidade escolar para o regime de tempo integral, em dois turnos sucessivos, na mesma unidade, escolar, caso em que é vedada a regência por professores em que lecionem em dois turnos.

Concordamos com Resende (2015) no fato de que tais condições de trabalho propostas constituíram diferenciais para os profissionais que atuaram nessas escolas, conforme afirma esta autora:

Em primeiro lugar, pela destinação de tempo para a preparação das aulas dentro da carga horária de trabalho. Essa possibilidade eximia o professor de levar para fora da escola atribuições do trabalho, permitia o planejamento conjunto com os demais profissionais e facilitava o agendamento de reuniões e encontros de estudo. Em segundo lugar, no início das atividades da escola,

os “incentivos salariais” foram, realmente, atrativos para os professores. (RESENDE, 2015, p. 173)

Resende (2015) ressalta para a característica de que a questão salarial aos profissionais da Escola Polivalente foi um fator de destaque nesse modelo de escola, uma vez que verificado, o salário de um professor da Escola Polivalente em agosto de 1971, em regime de tempo integral era de Cr\$ 1,6 mil em face do salário mínimo nacional de Cr\$ 225,60, o equivalente em torno de sete salários mínimos, o que segundo ela, tal característica ainda contando com uma carga horária que não se restringia ao trabalho na sala de aula.

Iniciamos deste modo, apresentando os três ex-professores que fizeram o Curso de Licenciatura de Curta Duração específica para os professores que iriam atuar nas Escolas Polivalentes, neste sentido um dos três ex-professores, V. C. (2015; 2017) relatou que seu processo de contratação na Escola Polivalente, assim como os outros dois ex-professores - H. F. e D. C., se deu por meio de seleção através de vestibular, mediante a formação no Curso de Licenciatura para Formação de Professores destinado aos profissionais que atuariam nas Escolas Polivalentes, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Conforme relatou, se especializou na área de Práticas Agrícolas. Referindo-se ao seu processo de formação o ex-professor expôs:

Lá na Universidade Federal de Minas Gerais eu fiz Licenciatura em Técnicas Agrícolas, depois na Unesp eu fiz Licenciatura em Práticas Comerciais, estudei em São José do Rio Preto, ligada a Unesp, então eu tenho a licenciatura para lecionar Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Matemática, Ciências, Biologia, tenho os registros e diplomas aqui (...) depois que fiz comecei lecionar Biologia, era mais interessante, os alunos do 2º Grau eram mais interessados do que os de 5ª a 8ª nessa área das Ciências...(V. C., 2017).

V. C. (2017) se lembra de todos os professores que ministraram as aulas no Curso de Licenciatura na UFMG, dentre estes, o ex-professor comentou sobre o Professor de Língua Portuguesa e a Professora de Psicologia. Segundo ele, houve uma interação maior com o Professor de Português, o qual ficou seu “fã” e achava suas ideias um tanto diferentes dos demais colegas da turma.

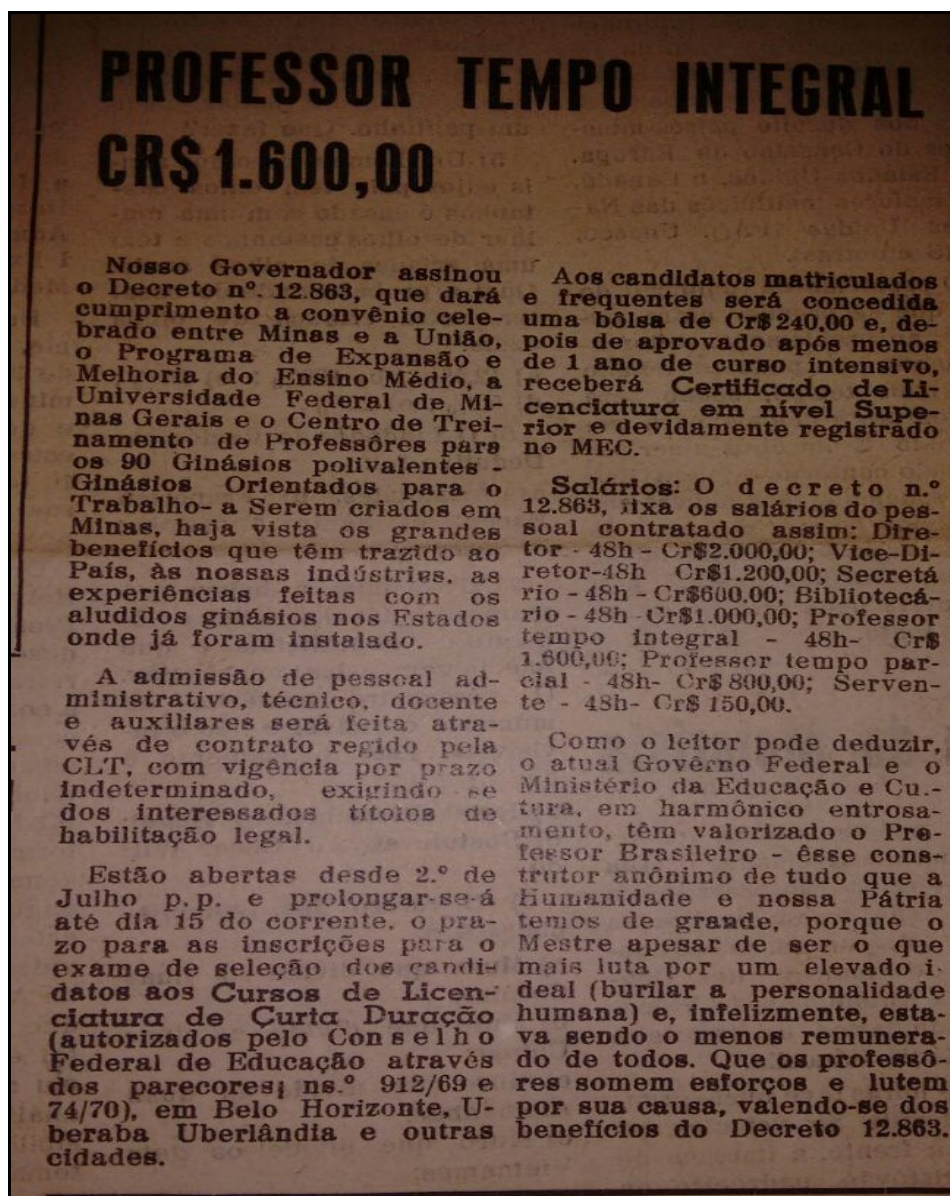
Segundo ele, o curso teve a duração de um ano, por um determinado período foi realizado na UFMG e após finalizou em Betim em um centro de treinamento - Centro Educacional Técnico e Artes Profissionais (CETAP), contudo, V. C. (2017) comentou que apesar de ter tido a duração de um ano apenas, contou com uma carga horária extensa, já que as aulas aconteciam em período integral, “o curso era de manhã, a tarde e as vezes tinha aula a

noite, nos dias de sábados... teve gente que pirou a cabeça, não aguentou, teve de tudo durante aquele curso, era puxado e cansativo demais...” (V. C., 2017).

Um fato interessante relatado pelo ex-professor se refere ao salário recebido na Escola Polivalente, o qual apresentava um diferencial dos profissionais das demais escolas, como mencionou, era um valor que sobressaia-se expressivamente “o nosso salário era, quando eu comecei a trabalhar eu ganhava uns 15 salários mínimos por mês, o salário mínimo era parece uns 72 cruzeiros, eu ganhava 1.600, vê que é uma diferença grande fora do comum...” (V. C., 2017)³⁹. Em referência a essa questão salarial destacada pelo ex-professor, foi possível verificar tal notícia divulgada no Jornal Cidade de Ituiutaba, 1971, evidenciando o valor recebido de 1.600 cruzeiros equivalentes ao trabalho integral com uma jornada de 48 semanais:

³⁹ Contudo, como havia inflação nesse período, há uma diferença entre o valor do salário mínimo mencionado por Resende (2015 que época correspondia a Cr\$ 225,60), e o valor apontado pelo ex-professor, porém, em ambos os casos, o salário pago pela escola era expressivo.

FIGURA 25 - Notícia sobre o salário e o Curso de Curta Duração para Escolas Polivalentes.



Fonte: Acervo Cultural do Município. Jornal Cidade de Ituiutaba, 1971.

Outro aspecto sobre o Curso de Licenciatura destinado aos professores que iriam atuar nas Escolas Polivalentes mencionado pelo ex-professor V. C. (2017) se refere às práticas das aulas, segundo ele, o Português era bastante cobrado em todas as áreas de formação, pois instigava os futuros professores a terem um diálogo geral com todo o pessoal abrangente da escola. A supervisão por parte dos professores da UFMG durante o tempo em que estavam ministrando aulas preparatórias também era constante, como afirmou:

Tinha lá o Português, porque eu acho que antes de tudo, o professor tanto se fosse de Educação para o Lar, ou de Práticas Agrícolas ou Práticas Comerciais ou Práticas Industriais, sobre todos os aspectos ele tinha

primeiramente que ter diálogo, saber conversar o Português de maneira mais correta, então o Português era muito cobrado... para nós de Práticas Agrícolas, como tinha muitos cálculos a Matemática também foi cobrada bastante durante o curso, e todas as outras matérias eram cobradas assim e, principalmente aquelas da educação profissional que eram Estrutura e Funcionamento do Ensino, Didática de Ensino, Psicologia de Ensino, isso tudo aí... eram formas de você encarar o aluno, a relação professor e aluno e toda a turma da escola... E lá no centro de treinamento era desse jeito, e quando você estava dando uma aula por exemplo, tinha uma Psicóloga te acompanhando, tinha um professor da matéria, professor específico da matéria que você estava lecionando, tinha o Professor de Estrutura e Funcionamento de Ensino, então assim, as vezes a gente perdia até o rebolado lá na frente... então dentro da sala de aula e depois quando a gente estava fazendo aula prática também tinha professores acompanhando, todos eles da UFMG. (V. C., 2017)

Como comentado pelo ex-professor, as aulas práticas do referido curso eram constantemente assistidas por uma equipe de professores que avaliavam o desempenho dos alunos, fato que segundo ele, até os levavam a constrangimentos. Conforme apresentado na citação acima de Resende (2015) ao informar sobre o currículo do referido curso, percebemos que essas aulas mencionadas por V. C. (2017) se tratavam das aulas que tinham o acompanhamento do Estágio Supervisionado.

O ex-professor relatou que todos os professores que atuaram nas Escolas Polivalentes ao início das suas atividades haviam realizado o Curso de Curta Duração em Belo Horizonte. Assim, V. C. (2107) nos disponibilizou seu diploma do referido curso, como pode ser observado pela imagem abaixo:

FIGURA 26 - Diploma do Curso de Licenciatura em Artes Práticas, UFMG/PREMEN.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-professor V. C., 1975.

Conforme relatou o ex-professor, durante o curso ele fez muitas amizades com professores e alunos, e sempre nas ocasiões de reuniões em Belo Horizonte e demais lugares se encontravam. Contudo, ele comentou que com o decorrer do tempo, mediante a necessidade de mais profissionais - uma vez que um dos motivos era que alguns professores pediam transferências para as cidades mais próximas de suas residências, bem como a demanda para novas salas de aulas - as Escolas Polivalentes foram contratando professores que não tinham essa formação específica para preencherem as vagas e assim perdendo a característica de professores exclusivos destas escolas.

O ex-professor H. F. nos expôs que quando começou a trabalhar na Escola Polivalente em 1974, não encontrou nenhuma dificuldade, pois já conhecia os professores e o diretor, uma vez que estes juntos haviam realizado o Curso de Formação de Professores na UFMG.

Semelhantemente o ex-professor D. C. (2015) afirmou que começou a trabalhar na Escola Polivalente no ano em que foi inaugurada, em 1974, onde atuou até se aposentar, não encontrando assim nenhuma dificuldade no ambiente desta escola, já que as aulas eram bem

distribuídas e os professores trabalhavam apenas com 20 alunos na sala, como relatado: “eu dava aula de Ciências no laboratório com 20 alunos, eram dois laboratórios e dois professores de Ciências, cada um ficava com 20 alunos, todas as aulas práticas da escola eram com 20 alunos” (D. C., 2015).

Conforme observamos, os três ex-professores acima apresentados, tem em comum o processo formativo realizado através das licenciaturas de curta duração destinadas aos professores que atuavam nas áreas específicas das Escolas Polivalentes, outro aspecto visível foi o fato de que não encontraram nenhuma dificuldade ao adentrar o trabalho docente na escola, uma vez que a escola era nova e contava com todas as partes necessárias ao bom desenvolvimento da prática pedagógica e ainda apresentam em comum a remuneração diferenciada que recebiam como profissionais desta escola.

Quanto as demais licenciaturas que estes professores concluíram além da específica para as Escolas Polivalentes, observamos que na maioria foram realizadas em instituições privadas, no município e em demais cidades e estados.

Em referência aos demais ex-professores e ex-professoras - M. C., J. M., M. T., M. R. e S. H., ressaltamos que estes começaram a atuar nesta escola mediante processo de contratação e efetivação em concurso público. A ex-professora M. T. mencionou que apesar de ter trabalhado pouco tempo nesta escola, este foi marcante em sua vida, e logo ao adentrar a outra instituição sentiu a diferença entre vários aspectos, uma vez que a escola que administrava era perpassada por dificuldades, fato que não acontecia no Polivalente. Conforme relatou:

O Polivalente era uma escola atípica porque ela já tinha uma própria formação física diferente, não igual a todas as outras escolas estaduais, tinha sala para tudo, a própria parte física, então os alunos sentiam isso, uma escola boa, campo de futebol, horta, tudo, uma escola atípica para melhor... (M. T., 2017)

Em relação à questão da entrada na escola a partir de contratações a ex-professora S. H. (2017) afirmou sobre esse processo:

Em 1978 o Governador do Estado já não mais se comprometia com o Curso de Aperfeiçoamento para Professores das Escolas Polivalentes em Belo Horizonte, dados pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Assim, abriu-se vagas para a contratação, obedecendo aos critérios da Legislação vigente e Aval do Diretor S. N. S., o mesmo era meu professor de Filosofia no ISEPI e já possuía a formação acadêmica em Ciências, Licenciatura Curta, e no mesmo ano, 1978, concluiria a Licenciatura Plena em Biologia, mais tarde, 1982, em Matemática. (S. H., 2017)

Portanto, diante desta apresentação relativa aos ex-professores e professoras, como já mencionado, vimos que três dos ex-professores aqui entrevistados passaram pelo Curso de Licenciatura Curta Duração na UFMG específico de preparação para as áreas de ensino que seriam ministradas nos cursos profissionalizantes integrados ao ensino regular e, mediante a este eram capacitados para atuar nessas escolas sob tais áreas.

Foi possível também observar o processo perpassado pelos referidos cursos de licenciatura de curta duração propostos para os profissionais da Escola Polivalente e verificar que se tratou de uma filosofia específica, com currículo próprio ao modo de ensino preparatório que objetivava esse modelo da escola. Os demais ex-professores e professoras que colaboraram na pesquisa adentraram a instituição a partir de contrato ou concurso público e, como mencionado, conforme a formação específica, os docentes atuaram também em áreas afins.

O ex-diretor S. N. (2015; 2017) ao falar sobre seu percurso acadêmico, relatou que no decorrer de sua carreira docente lecionou em Goiânia as disciplinas de Filosofia e Psicologia no 2º Grau, no entanto sua ambição educacional sempre foi a de gerir uma escola técnica, até que foi convidado a criar uma Escola Normal em Magistério em uma cidade do interior, através da qual ele considera que o fez gostar e se identificar com a área da gestão.

[...] me aventurei e me apaixonei pela gestão administrativa escolar; porque o que eu encontrei; um pessoal que não tinha visão nenhuma, com uns costumes muito elementares de educação e mesmo de família, fiquei surpreso, mas falei aqui é o meu lugar, vou dar um salto nisso. (S. N., 2015)

Relatou que esta foi sua primeira experiência como gestor na área educacional, na qual ele atuou até quando prestou concurso para o Polivalente, no qual passou e posteriormente foi realizar o Curso de Administração Escolar em Belo Horizonte, como aponta em seu depoimento:

[...] o processo seletivo foi o seguinte, uma seleção onde tinha mais de 400 pessoas concorrendo a 76 vagas, que eram para as novas escolas que iriam abrir, então eu consegui, daí tivemos que fazer o curso específico para as escolas Polivalentes na Universidade Federal de Belo Horizonte, fiz o curso de Administração Escolar. (S. N., 2015)

Como relatado pelo ex-diretor a partir de sua formação acadêmica atuou como professor universitário e como diretor na Escola Polivalente. No intuito de uma reflexão sobre o vivido e experienciado nas relações entre sujeitos e as práticas pedagógicas no ensino e

aprendizagem, bem como nas considerações pessoais e o que significou tais vivências nesta instituição apresentamos parte dessa história no próximo segmento.

4.3 A Prática docente e suas nuances

FIGURA 27 - Professores, alunos e comunidade da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, (s. d).

O cultivo da memória institucional implica rearticular relações, emoções vividas em um certo espaço numa perspectiva individual e grupal. Merece destaque a importância da base material ao ser mesclada com o real subjetivo que emerge em processos de preservação da memória. Recuperar a memória com referência à base material pode significar se recolocar naquele lugar e, a partir de fotos e imagens, revisitar, pela recordação os espaços subsequentes e contíguos ao fragmento presente na imagem, retomando afetos e acontecimentos que ali ocorreram, recuperando os fatos vividos sob a forma de narrativas. (WERLE, 2004, p. 113)

Conforme a citação acima, considerar o cultivo da memória institucional remete à relevância da preservação da memória enquanto importante fonte a partir de lembranças que foram vividas em determinada instituição e que, ao serem retomadas se tornam significados propiciadores de conhecimentos relevantes à história da educação.

Essa importância é manifesta na compreensão de que a memória dos sujeitos ao mesmo tempo que individual remete a memória coletiva, uma vez que, ao trazerem relatos de momentos vividos, trazem a memória do que foi vivido em meio a demais sujeitos que também vivenciaram das mesmas experiências educativas.

Nesta perspectiva, destacamos a imagem 27, pela qual nos permite observar o evento em que professores, alunos, gestores e demais participantes da Escola Polivalente se encontravam em apresentação em Desfile na Praça central “Cônego Ângelo Tardio Bruno”, supomos que no momento da fotografia eles estivessem cantando o Hino Nacional, em função da posição corporal que se encontravam. Observamos também que havia um grande número de alunos em apresentação, com a presença da fanfarra do lado esquerdo, rodeada pelo público que assistia ao evento.

Neste intuito, considerando também que o estudo da história de uma instituição escolar ultrapassa os processos constitutivos e estruturais e que pode ser ampliada e enriquecida ao buscarmos o movimento de trazer os sujeitos que participaram desse contexto, propomos uma reflexão ao ouvirmos suas vozes e parte da história vivida por estes atores, “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, 1992, p. 337).

Deste modo, neste segmento apresentamos algumas questões relativas às práticas e considerações do cotidiano escolar dos ex-professores e professoras entrevistados e assim, através de seus relatos orais foi possível identificar algumas categorias de análises relativas às condições de trabalho na escola, a concepção de gestão, a origem socioeconômica dos alunos, e às práticas de ensino e aprendizagem.

4.3.1 Condições de trabalho na escola: entre a infraestrutura e o desempenho das atividades docentes

Como aponta Bittencourt Júnior (2013) a proposta dos Ginásios Polivalentes foi expressão direta da presença americana na educação brasileira, tendo em vista que os documentos contendo os fundamentos filosóficos da proposta evidenciaram que estas escolas foram uma tentativa de transposição do modelo norte-americano para o Brasil. O autor

destaca o fato de que havia a intenção de tal modelo ser implementado à toda rede de escolas brasileiras, bem como constatou que um dos aspectos americanos presente no projeto para estas escolas era o de promover a escolarização universal como direito social, conforme afirma:

Levando-se em conta que o projeto tinha status de modelo programado para substituir progressivamente todas as escolas ginásiais brasileiras, e, portanto status de projeto nacional para a educação, foi possível constatar na proposta dos Ginásios Polivalentes, que um dos aspectos americanistas presentes era referente à garantia do direito à escolarização universal, como direito social de todos os membros da sociedade de receber uma herança cultural. Esse é um aspecto que evidencia uma inspiração americanista, na medida em que os EUA foram um dos pioneiros no início do século XX, na implantação de um sistema primário e secundário de escolarização universal como projeto de nação e direito do cidadão. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 100)

O autor pontua ainda que os documentos que definiam a filosofia dos Ginásios Polivalentes sinalizavam para a estruturação de uma escola baseada em eixos da escola americana, com o mesmo aspecto esboçado nas primeiras décadas do século XX sob a inspiração do pragmatismo:

- Sondagem de vocação orientada para o trabalho, juntamente com educação geral, caracterizando o ensino humanista moderno;
- Continuidade de estudo como Segundo Ciclo de ensino de Primeiro Grau;
- Favorecimento de estudos posteriores democratizando o acesso ao ensino superior;
- Modelo de escola única, ou seja, sem estruturas específicas para determinadas classes ou setores sociais. (ibidem, 2013, p. 101)⁴⁰

A partir dos relatos dos ex-professores e professoras pudemos observar que todos faziam referências à boa estrutura física que propiciava o Colégio Polivalente de Ituiutaba, condições favoráveis ao desempenho da prática docente, bem como contava com equipamentos e materiais necessários ao trabalho pedagógico, conforme afirmou também a ex-professora M. C. (2015).

De acordo com o relato do ex-professor V. C. (2015) o aspecto físico da Escola Polivalente na época em que atuou nesta escola, era excelente, capaz de atender alunos e

⁴⁰O autor ressalta ainda que em relação aos aspectos sintetizados por Anísio Teixeira em parte do livro “Aspectos americanos de educação”, ele identificou nos documentos analisados referentes à definição dos Ginásios Polivalentes, referências que se identificam com a educação norte-americana, conforme traz a essa questão: “Entre estes aspectos podem ser citadas a valorização do professor e a construção de prédios escolares modernos e equipados com salas ambientadas e vasta biblioteca. Estes dois aspectos foram enfatizados por Teixeira em seu relato de 1927 acerca da estrutura escolar dos Estados Unidos, quando ele descreveu a visita a várias escolas americanas (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 101)”.

professores em todos os aspectos, uma vez que contava com uma ampla estrutura tanto no ambiente interior, com salas e laboratórios adequados ao trabalho pedagógico, quanto ao ambiente exterior, o qual dispunha de vasta área para as práticas efetivadas com os alunos, como a sua disciplina de Práticas Agrícolas, a qual no momento das aulas práticas era realizada no espaço específico destinado às mesmas, como também quadras de esporte, dentre outros.

O ex-professor H. F. (2015) ao se referir sobre a situação física da Escola Polivalente quando começou a atuar na mesma, relatou também que:

Naquela época era espetacular, o prédio e tudo era novo, com toda a estrutura capaz de atender bem os alunos, contando inclusive com um número de 20 banheiros que ficavam em local próximo ao espaço das atividades esportivas, os quais eram usados para os alunos tomarem banho após as aulas de Educação Física, a escola contava também com a presença de um médico e um psicólogo. (H. F., 2015)

Também o ex-professor D. C. (2015) destacou que esta contava com tudo, biblioteca, sala para filmes, laboratórios, quadra, campo de grama, banheiros com chuveiros, vestiário feminino e masculino. Segundo ele, depois das aulas de Educação Física os alunos voltavam suados e iam para o banho e lá os alunos é que mudavam de sala, os professores não.

A essa característica dos alunos mudarem de sala, observamos que foi um fato relatado pela maioria dos entrevistados em sentido geral, o que nos leva a consideração de que se mostrou como um aspecto interessante no interior desta escola, veremos assim, no decorrer dos relatos que as lembranças sobre essa dinâmica se fazem presente na memória destes e condiz com a proposta americana de “salas ambientes” para cada disciplina.

Sobre a infraestrutura da escola, o ex-professor J. M. (2017) colocou que esta não apresentava nenhuma dificuldade:

[...] inclusive o campo de futebol montadinho com alambrado e tudo, fisicamente era perfeita porque a Escola Polivalente é uma escola que segundo relatos, foi construída com um pouco de verba internacional vinda dos Estados Unidos, era um plano que tinha, um projeto não sei bem, os Estados Unidos mandou dinheiro para esses Polivalentes, então tinha dinheiro do Estado e dinheiro dos Estados Unidos, então tinha muita verba e foi construída uma escola bem ampla, você vê, arborizada em volta, pista de corrida, ampla, nossa... (J. M., 2017)

Como visto, o ex-professor identifica a informação sobre a influência americana que culminou na implantação e construção das Escolas Polivalentes, e na estrutura organizada do espaço compreendido pela escola sob as verbas que foram investidas através das relações

políticas da criação deste modelo. E deixa claro sua consideração em apontar que a estrutura física contava com um espaço amplo e estruturado.

A ex-professora M. R. ressaltou que esta não contava com nenhuma dificuldade, mas se mostrava distinta das demais, ela relembra que em referência às aulas de Ciências, os alunos ao desenvolverem as pesquisas solicitadas envolviam de certo modo os pais na escola:

Sempre foi muito chique, muito chique porque a gente pegou a escola novinha, zero bala, era tudo muito bonito, aquelas cadeiras muito bonitas, banheiros bonitos, a estrutura física sempre foi de tirar o chapéu, cartão postal, nenhuma dificuldade, pelo contrário, as aulas de Ciências nos laboratórios eram com 40 alunos, iam 20 para um professor e 20 para outro, porque tinham aulas nos laboratórios, os meninos faziam pesquisas, eu lembro um dia, de um aluno desesperado botando os pais desesperados atrás de folhas porque iriam analisar no microscópio as rugas das folhas e, outro dia, madeira, era para irem para as serrarias pegar cavacos com espécies de madeira, o cheirinho que tinha a madeira sabe, então era assim, despertar, os meninos envolviam a família inteira nas atividades que a escola propunha, então sempre foi assim, diferenciado, muito diferenciado... mas porque tudo que era envolvido para eles fazerem, eles faziam com amor... (M. R., 2017).

Desse modo a ex-professora mencionou que a escola contava com uma estrutura física atraente e inclusive as atividades que eram propostas nesta levavam a participação dos pais, como foi evidenciado por ela. Nessa fala fica bastante evidente a ideia de educação americana pragmática, apoiada na visão de Dewey, onde a aprendizagem deveria ocorrer por meio da prática.

Temos ainda o relato da ex-professora S. H (2017) que ao comentar sobre aspectos da escola, relatou que esta contava com uma infraestrutura distinta das demais escolas do município, característica comum a todos os relatos dos ex-professores:

A Escola Polivalente foi criada com uma estrutura física jamais vista, escola de 1º Mundo. Quadras para as práticas esportivas do sexo masculino e feminino com todo o material; banheiros masculinos e femininos com azulejos, local de troca de roupas, cabides e chuveiros elétricos, sendo vários chuveiros; sala de professores com mesas com gavetas para cada professor e no segundo ambiente, TV, sofás, escaninhos, para cada professor, mesa ampla com cadeiras almofadadas e geladeira; sala dos professores de Educação Física com armários para guardar bolas, redes, cordas, balanças e cartões específicos para cada aluno com nome, série, peso e altura; sala de Artes com trabalho de pintura em quadros, trabalhos manuais; salas de Laboratório com cinco mesas e quatro cadeiras em cada, pias longas com torneiras para a prática de Laboratório e no segundo ambiente, os armários com todo o material e substâncias químicas necessárias. O modelo de Escolas Polivalentes foi importado dos Estados Unidos, escola de 1º mundo... (S. H., 2017)

Deste modo, a ex-professora expressa o conhecimento de que o modelo de tais escolas tenha advindo da proposta americana (“Primeiro Mundo”), comentando que diante de todo aquele aparato, as condições de trabalho eram favoráveis para os professores como para os alunos da escola. Uma característica comum em todos os relatos se refere ao processo de entrada dos ex-professores na escola, sob a qual não encontram nenhuma dificuldade.

A essa característica da arquitetura apresentada pelas Escolas Polivalentes Bittencourt Júnior (2013) comenta que foi um dos aspectos verificados na proposta americanista. O autor pontua:

Também há sinais da inspiração americanista no projeto arquitetônico dos Ginásios Polivalentes. A definição de “ginásios modulares” referia-se a uma escola com a quantidade de, no mínimo, oito salas de aulas, além dos espaços e áreas para serviços técnicos e administrativos e recreação, oficinas de artes práticas e outras instalações. Se houvesse a necessidade, a escola poderia ampliar sua capacidade respeitando o conjunto modular, ou seja, poderia ampliar seu espaço de um para dois ou três módulos. Teixeira, em 1927, visitou várias escolas norte-americanas e fez descrições referentes aos aspectos de imponência, de estética e do caráter de escola em construção em que os prédios eram apresentados com a possibilidade de transformação e modificação de sua estrutura, dentro do conceito de escola dinâmica. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 101)

Como pudemos observar, a boa estrutura física da escola foi um dos aspectos considerados pelos ex-professores e professoras como importante característica da escola no que se refere à própria organização do trabalho nas distintas áreas das práticas pedagógicas, bem como percebemos o estreito vínculo entre o modelo proposto por tal arquitetura e as influências oriundas da intenção de uma educação baseada sob o modelo americano. Tal infraestrutura impactou na clientela do colégio que foi atraindo pouco a pouco a classe média local fazendo com que seu público fosse gradativamente elitizado.

Assim, no próximo segmento buscaremos refletir sobre algumas considerações apontados pelos docentes sobre a gestão desta escola.

Considerar a dimensão subjetiva na qual as instituições existem, previne uma abordagem coisificante e objetivista da instituição, pela qual os prédios, propostas pedagógicas, planos, regimentos, relatórios, apresentariam a instituição como realidade objetiva dada, captável percebida em sua completude e universalidade. (WERLE, 2004, p. 113)

4.3.1.2 Concepção de gestão escolar

Durante o processo de nossa pesquisa, uma das características que buscamos verificar em face da consideração desses ex-professores refere-se à concepção de gestão da Escola Polivalente, tendo em vista que esta categoria mostra-se como aspecto fundamental ao que envolve o desenvolvimento organizacional das atividades pedagógicas em meio ao trabalho escolar.

Ressaltamos que embora referindo-nos no contexto do presente trabalho ao termo “gestão escolar”, temos a percepção de que o termo específico designado à direção escolar no período aqui delineado por nossa pesquisa (1974-1983) tratava-se de “administração escolar”. Neste sentido, compreendemos que o conceito de “gestão democrática” veio a se difundir a partir da Constituição de 1988, ou seja, a partir de quando na década de 1980 o país começou a caminhar na expectativa de relações com mais liberdades democráticas.

Nesta perspectiva Silva (2007) em seu trabalho “Um olhar histórico sobre a gestão escolar” apresenta questões importantes para a compreensão inicial a respeito da gestão pública educacional, abordando pontos como definições e argumentos sobre a ideia geral de gestão, os grandes paradigmas da administração, as especificidades da administração escolar, a legislação educacional vigente e a gestão da escola, democracia e participação, bem como as formas de escolha do diretor da escola, presentes na literatura e prática das instituições de ensino do contexto atual. Assim, de acordo com Silva (2007, p. 22), os termos Gestão e Administração têm origem latina (*gerere* e *administrare*); o primeiro termo significa governar, conduzir, dirigir. O segundo tem um significado mais restrito- gerir um bem, defendendo os interesses daquele que o possui- constituindo-se em uma aplicação do gerir.

Segundo o autor, de acordo com Andrade (2001), a palavra portuguesa, gestão, em seu sentido original, vem do termo latino “*gestio*”, que expressa a ação de dirigir, de administrar e de gerir a vida, os destinos, as capacidades das pessoas e as próprias coisas que lhes pertencem ou que delas fazem uso; assim ele coloca que uma parcela da sociedade compreende gestão como sendo umas funções burocráticas, destituídas de uma visão humanística, como ação voltada à orientação do planejamento, da distribuição de bens e da produção desses bens; sendo relevante perceber também que a prática administrativa não se dá de forma isolada, descontextualizada e individual, ela acontece no grupo e para o grupo, implicando decisões coletivas e organizadas.

Como aponta Silva⁴¹ (2007, p. 22), gestão nos lembra gestação, gerir, dar a vida, e, como tal, nos agrada, porque, em se tratando da escola, nosso objetivo principal é fazer com que a vida dos seres humanos que passam por ela (escola) se torne mais promissora, mais digna, mais justa, mais humana. Isto para nós, é mais viver, mais gerir, é mais felicidade. Nesse sentido, gestão vai além do seu conceito primeiro que diz respeito à ação de dirigir, administrar.

Albuquerque (2007, p. 1) ao discutir sobre “As lutas em torno da institucionalização do princípio da Gestão Democrática da Educação⁴²”, aponta que o marco inicial do processo de institucionalização do princípio da gestão democrática do ensino público, constituiu-se na promulgação da Constituição Federal de 1988, quando a gestão democrática foi estatuída como princípio constitucional e, portanto, como categoria de percepção e apreciação legítima do campo da política e da gestão educacional.

Deste modo, referindo-nos ao contexto relativo à gestão da Escola Polivalente, como percebemos, em todos os relatos, os ex-professores se referiram em consideração de que a gestão desta escola era participativa e contribuía para com o trabalho pedagógico. Assim, apresentaremos parte dos relatos dos ex-professores que salientam essa questão.

⁴¹ Este autor comenta que são muitos os questionamentos levantados sobre o fenômeno educativo, em busca de algumas respostas que ajudem a resolver problemas complexos da nossa atualidade, pois na era do conhecimento, a educação é o baluarte da evolução da humanidade e, como tal, tem um considerável papel no auxílio da melhoria de vida das pessoas, na diminuição das desigualdades e, conseqüentemente, na inserção social daqueles que se encontram às margens das riquezas e da distribuição de bens do nosso planeta; assim, conforme a linha de pesquisa e outras questões de cada estudioso e pesquisador, aos poucos vai se montando o “quebra-cabeça” do ato educativo, dentro dos seus vários focos que se referem ao sistema escolar.

⁴² Ao se referir sobre o processo histórico da institucionalização do princípio de gestão democrática a autora pontua: “Os consensos democráticos oriundos da Constituição Federal de 1988 encontraram um cenário adverso por conta das orientações de cunho neoliberal que vigoravam na conjuntura mundial. Embora os embates travados no processo constituinte configurassem na promulgação da Constituição de 1988, a tradução de seus princípios em políticas públicas encontrou uma conjuntura adversa a ponto de se quase desfazer, por meio de revisões e medidas provisórias. No âmbito do poder Legislativo, em suas três produções que institucionalizaram o princípio da gestão democrática, Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 9394/96, e o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 10. 172/2001, uma longa luta se travou em torno da gestão democrática da educação e que perdurou e se manteve contínua durante as duas décadas em que se buscou institucionalizar o princípio. Entre as várias divergências, os grupos representados divergiam em relação à gestão democrática. A disputa ocorria em torno da qualificação de democracia a ser atribuída à gestão. Durante o embate, delinear-se duas posições: uma preconizava a exclusão da gestão democrática; a outra propunha a gestão democrática como princípio constitucional. O resultado alcançado foi o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino. Conforme afirma Albuquerque (2007, p. 2), a inclusão do termo foi uma conquista por haver inscrito, entre os princípios constitucionais, a gestão democrática como um referencial a ser seguido pelos sistemas públicos de ensino e um novo valor a ser afirmado, perseguido e concretizado nas administrações públicas federal, estaduais e municipais. Todavia, a autora ressalta que por outro lado, a inclusão do princípio constitucional também encerrou uma limitação, sobretudo, à proposição inicial de gestão democrática para todos, para todas as escolas e sistemas de ensino; não exclusiva ao ensino público, que foi a proposta original do Fórum Nacional de Defesa da Escola Pública, com raízes nos movimentos sociais de democratização da sociedade brasileira, recém-saída do período autoritário 1964-1985” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 1- 2).

Nessa perspectiva, o ex-professor D. C. comentou que a gestão era participativa no sentido de envolver toda a comunidade escolar, destacou também a relação da escola com os funcionários, a qual segundo ele era bem interativa “os funcionários eram muito amigos, muitas vezes ajudamos funcionários e alunos que passavam por dificuldades, arrecadávamos dinheiro, alimentos, comprávamos roupas, sapatos, fazíamos campanhas, a gente ajudava”. (D. C., 2015)

A essa consideração, a ex-professora M. T. (2017) relatou que apesar do pouco tempo que trabalhou nesta instituição, teve a oportunidade de conhecer um pouco sobre a dinâmica da escola. Segundo ela, um dos aspectos que fazia com que a comunidade estivesse em interação com a escola diz ao fato da gestão buscar essa integração, pois isso facilitava o diálogo com a família e escola:

Os pais participavam de tudo, até do desfile, eles vibravam com os filhos e o S. conseguia pôr a comunidade dentro da escola, ele conseguia, porque os pais têm um certo receio de chegar na escola e ouvirem coisas de seus filhos que não querem ouvir, e de modo geral os pais não gostam de ir para a escola, mas lá no Polivalente na época era bem razoável... No domingo ele promovia, ele dava um nome, e aí nós, a família ia, lógico não era uma adesão total e nunca vai ser, mas ele conseguia pôr a comunidade dentro da escola e tinha o dia o especial, mas eu esqueci o nome, a grande maioria dos professores iam, sempre tem aqueles que são do contra... (M. T., 2017)

Neste sentido, pelos relatos observarmos que as considerações relativas à gestão da escola percorridas pelos ex-professores e professoras remetem que esta demonstrou ser participativa, o que contribuía para o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico na escola. Outra questão mencionada pelos ex-professores e professoras se refere a de que a gestão buscava um trabalho coletivo com todos os profissionais da escola.

Esse aspecto é importante para refletirmos sobre o contexto político pelo qual o país passava naquele momento, sobre uma ditadura civil-militar e, como compreendemos, o administrador escolar estaria diante da hierarquia deste regime, ou seja, mediante restrições à liberdade de expressão, bem como de certas ações que poderiam ser consideradas subversivas e, como sabido essa foi característica comum à distintas áreas e segmentos sociais, o âmbito educacional talvez tenha sido um dos maiores alvos de tais restrições.

No entanto, há o fato de que o cargo da administração escolar historicamente foi perpassado pelo aspecto de se apresentar no centro das decisões na instituição de ensino, uma vez que a ideia de um trabalho integrado coletivamente entre as partes envolvidas em vista de

uma educação pública de qualidade foi se constituindo ao longo do tempo mediante embates entre as distintas concepções das tendências pedagógicas do ensino.

Como observamos pelos relatos, o ex-diretor da escola, objeto de nosso estudo, não foi mencionado pelos docentes sob este papel central controlador das relações de poder na escola. Mediante às considerações de Francisco Filho (2006, p. 73) a essa temática:

No entanto, a pessoa que exerce o cargo de administrador escolar tem pela frente não só as teorias referentes à administração, mas também teorias econômicas, sociológicas, psicológicas e particularmente as principais tendências e práticas pedagógicas. Se por um lado o administrador escolar é um gestor, por outro é um professor, exercendo as funções na sua escola de coordenador pedagógico em última instância. Esse trabalho de difícil execução deve levar em consideração as variáveis internas e externas, que atuam sobre o processo de ensino e por extensão à administração, como um todo.

4.4 A origem socioeconômica dos alunos da Escola Polivalente

Em se tratando da ideia que se concebeu sobre a origem socioeconômica dos ex-alunos e alunas da Escola Polivalente, conforme pudemos perceber pelos relatos dos ex-professores e professoras, esta escola recebeu desde a classe menos favorecida até a mais abastada. Foi possível compreender que ao início a escola recebeu um número maior de alunos oriundos de famílias dos bairros mais próximos da escola, alguns da periferia, porém aos poucos passou a receber também filhos de fazendeiros da região como também de famílias tradicionais da cidade conforme relatou o professor V. C. (2015). Sobre o perfil dos alunos, a maioria, em sua consideração quanto o nível socioeconômico, eram da classe média. O ex-professor comentou ainda que não havia casos de evasão desses alunos e quanto a transferências, estas ocorriam apenas por motivo de mudança de família, já que quem começava na 5ª série sempre terminava o curso que abrangia até a 8ª série.

Para o ex-professor H. F., conforme nos relatou, havia muita demanda de vagas na escola; sua consideração quanto o nível socioeconômico dos alunos, é de que esta permeava todas as classes, sendo comum aos alunos darem continuidade aos estudos e assim mantinham a permanência na mesma “casos de evasão no Polivalente não eram comuns, reprovação era, mas por falta do aluno estudar, então fazíamos reunião, chamávamos os pais e conversávamos sobre a situação dos filhos”. (H. F., 2015)

O ex-professor D. C. (2015) que atuou na área de Ciências, ao comentar sobre a entrada dos alunos na escola, relatou que estes também passavam pelo processo de exame de

seleção (mencionados pela maioria dos depoentes da pesquisa), o qual era baseado em conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, e desse modo era exigida uma pontuação para o aluno adentrar esta escola. Quanto a origem socioeconômica dos alunos mencionou que era da classe média e baixa, como relatou “tinham alunos que vinham da periferia, apresentavam muitas dificuldades, tinham alunos que ficavam na escola em tempo integral, vários alunos...” (D. C., 2015). Segundo ele, havia muita demanda de vagas na escola, casos de evasão não aconteciam frequentemente e a reprovação não era em grande número, em sua consideração este fato se deve em vista das aulas serem atrativas para os alunos.

Pudemos deste modo observar que os ex-professores remeteram suas considerações em relação a origem socioeconômica dos ex-alunos perpassada pelas classes baixa, média e alta; quanto ao aspecto da evasão os ex-professores também na maioria mencionaram que esta não ocorria na escola, colocaram ainda que havia demanda de vagas para essa escola.

Em relação ao aspecto da evasão e transferência, como demonstramos na segunda seção pelo gráfico 4, através da verificação da Ata de Resultado Final relativa aos anos de 1975 a 1981, houve um percentual de evasão com maior índice na 5ª série, de um total de 1933 alunos desta série houve um número de 168 relativo à desistências e transferências, cerca de 9% dos alunos, nas demais séries como vimos, este índice diminuiu respectivamente.

Assim, em seguida, poderemos a partir dos relatos dos ex-professores e professoras conhecer algumas das suas práticas e experiências docentes vivenciadas em meio aos alunos e alunas nesta instituição.

4.4.1 Práticas de ensino e aprendizagem: desvelando memórias docentes

Nesta abordagem, a partir dos relatos dos ex-professores e professoras buscaremos apresentar algumas considerações sobre as práticas e atividades que por eles foram efetivadas junto aos alunos na Escola Polivalente. Mediante a esses relatos nos torna possível observar significados constituídos durante o tempo de atuação enquanto educadores nesta escola.

De acordo com o ex-professor V. C. (2015), sua atuação no Polivalente sob as áreas vocacionais profissionalizantes que compunham o ensino integrado foi em Práticas Agrícolas; segundo ele, as suas aulas sempre aconteciam de forma dinâmica e com uma considerável participação dos alunos. Abaixo destacamos a imagem da fotografia dos alunos na aula de Práticas Agrícolas em atividade de Jardinagem:

FIGURA 28- Alunos em aula de Jardinagem em Práticas Agrícolas.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1976.

Como visto na imagem da fotografia, um dos alunos se encontrava em manuseio de ferramenta específica aparando gramas, enquanto os demais observavam a tarefa. A partir da imagem é possível refletir ainda que esses alunos mediante esta atividade prática estavam em aprendizagem de técnicas necessárias para trabalhos com jardinagem, as quais por certo se estendiam às técnicas e cuidados específicos a essa área. As atividades práticas eram o diferencial dessas escolas de inspiração norte-americana. Quanto a rotina das aulas, ele apontou que embora trabalhasse o mesmo conteúdo teórico com as diferentes turmas, ele sempre contextualizava variando os tipos das abordagens, buscando interagir com os alunos de modo a fazer com que eles se interessassem pelo exposto e assim pela participação mediante uma aprendizagem significativa “sempre gostei de quebrar essa rotina a cada aula”. (V. C., 2015).

O ex-professor relatou que sempre se preocupou com a relação estabelecida entre seus alunos, segundo ele, na prática docente é fundamental que exista um relacionamento dialógico entre professor e aluno para que o processo de ensino e aprendizagem realmente ocorra. Assim, ao ministrar a disciplina de Matemática na área do ensino regular, ele apontou que sempre buscou levar seus alunos a reconhecerem essa área com simplicidade e não com a

apreensão e tensão nervosa que muitas vezes perpassa a vida de muitos alunos. Conforme apontado pelo ex-professor:

A primeira coisa... o aluno, tanto durante a aprendizagem na sala de aula, ele não pode ficar tenso, ele tem que ter atenção, concentração, mas ele não pode ficar nervoso com a própria aula, com o próprio caso da aprendizagem porque tem aluno que só de pensar assim “eu tenho, preciso aprender”, ele já fica tenso e essa tensão nervosa não deixa ele aprender, então o que o professor tem que fazer é quebrar essa tensão nervosa do aluno, porque às vezes a matéria de Matemática é assim, porque todo mundo fala que é uma matéria difícil, o aluno já fica pensando “eu vou ter dificuldade em aprender”, então a primeira coisa que o professor deve fazer é quebrar essa marginalização da Matemática entendeu?... (V. C., 2017).

O ex-professor comentou ainda que sempre buscava trazer a atenção dos alunos de acordo com a decorrer das aulas de Matemática, ou seja, se ele percebesse que de um modo não estava alcançando a compreensão do aluno, procurava explicar de outra forma. Neste processo ressaltou a importância da interação entre professor e aluno.

Temos o relato do ex-professor H. F. (2015) que ao nos falar sobre a área do ensino profissionalizante, comentou que os cursos técnicos que compunham o ensino integrado, não eram bem cursos profissionalizantes, mas vocacionais, já que havia diferentes áreas com as quais os alunos podiam se identificar.

A área de atuação deste ex-professor na Escola Polivalente foi em Práticas Comerciais; de acordo com seu relato, as aulas eram sempre dinâmicas, os alunos aprendiam na interação com a prática:

Minha sala de aula era muito gostosa, era dividida em três momentos de atividades práticas: tinha uma “Bomboniere”, de verdade, se comprava e vendia, e os alunos ganhavam salário com o próprio dinheiro que era obtido no decorrer das vendas. Tinha o Banco, os alunos trabalhavam com talão de cheque, tudo como o funcionamento de um Banco mesmo... e uma Escola de Datilografia. Todo o lucro da loja era revestido no salário deles, na Bomboniere a gente mudava a diretoria da loja a cada 15 dias, mudávamos também a diretoria da loja de Datilografia e do Banco, mudávamos tudo... quanto a rotina das aulas, lá no Polivalente os professores não mudavam de sala de aula, os alunos é que mudavam; os alunos tinham 5 minutos para mudarem de sala na troca de horários. Os alunos interagiam muito nas minhas aulas... na minha área os próprios alunos cuidavam da organização da sala e dos materiais. (H. F., 2015)

No relato do ex-professor D. C. (2015) ele expôs que as aulas do ensino vocacional profissionalizante que compunham o currículo escolar, eram bem dinâmicas e interativas, os alunos aprendiam nessas aulas por interesse mesmo, pelo próprio movimento das aulas, como demonstra em seu relato:

Na Educação par o Lar, fomos os primeiros a trabalhar com a soja, em 1974 estavam começando com o plantio na região, então ensinava-se nessas aulas a preparação de alimentos com a soja, como bolo, torta, leite de soja, farinha, carne de soja, tudo de soja, e eles aprendiam a fazer. Na época, os alunos estranharam um pouco os alimentos de soja, o sabor... mas todos os alunos participavam dessas aulas de Educação para o Lar e aprendiam muitas técnicas com os alimentos. Na Prática de Comércio, eles aprendiam a trabalhar com crédito, com débito, a preencher um talão de cheque... Nas Artes Industriais eles aprendiam muitas coisas, como trabalhar com madeira, cerâmica, tinha o forno de cerâmica, tinha até o torno para o metal... (D. C., 2015).

Quanto às suas aulas de Ciências, o ex-professor comentou que os alunos sempre se interagiam e tinham interesse “as aulas eram muito prazerosas, eram muito práticas, no laboratório, eles gostavam da aula de Ciências, para trabalharem com o microscópio, eles ficavam loucos por essas aulas...” (D. C., 2015).

Em relação à inspeção escolar, ele relatou que havia a presença desta na escola uma vez por mês, a qual vinha de Uberlândia, já que não havia ainda na cidade uma unidade da Secretaria do Estado. A Escola Polivalente segundo ele, buscava sempre a participação dos pais e da comunidade “os pais eram bem presentes, fazíamos as reuniões e os pais sempre iam” (D. C., 2015).

O ex-professor trouxe em seu relato que a escola promovia muitos eventos, como festas que visavam a integração dessas partes, como mencionado em seu relato a fanfarra era uma das atividades de mais destaque “a escola promovia muitos eventos, um dos principais era a fanfarra, o Polivalente possuía 120 instrumentos de fanfarra, ela ganhou em primeiro lugar em vários concursos que teve aqui, o professor de Educação Física treinava a fanfarra” (D. C., 2015).

Ao falar sobre sua atuação docente na Escola Polivalente, o ex-professor J.M. (2017) relatou que além da disciplina de História, a qual sempre ministrou no decorrer de sua carreira, na época em que iniciou suas atividades nessa escola, ministrou também as disciplinas de Organização Social Política Brasileira – OSPB, Educação Moral e Cívica e chegou a lecionar também Ensino Religioso. Atuou nessa escola no ensino de 5ª a 8ª séries e posteriormente no ensino de 2º Grau do 1º ao 3º ano do Ensino Científico, nos períodos matutino e vespertino.

Em relação à sua prática docente, J. M. (2017) relatou que sempre ao início do trabalho com as turmas, colocava um conceito básico sobre o estudo da História:

Eu dava até uma definição bem básica para eles de História, o que é História... na primeira aula eu falava “sou professor de História, o que é História gente... História é a ciência que estuda o passado para melhor compreender o presente...” bem chão mesmo, definição para todos compreenderem de imediato e daí desenvolver o estudo, estudar o passado para compreender o presente. (J. M., 2017)

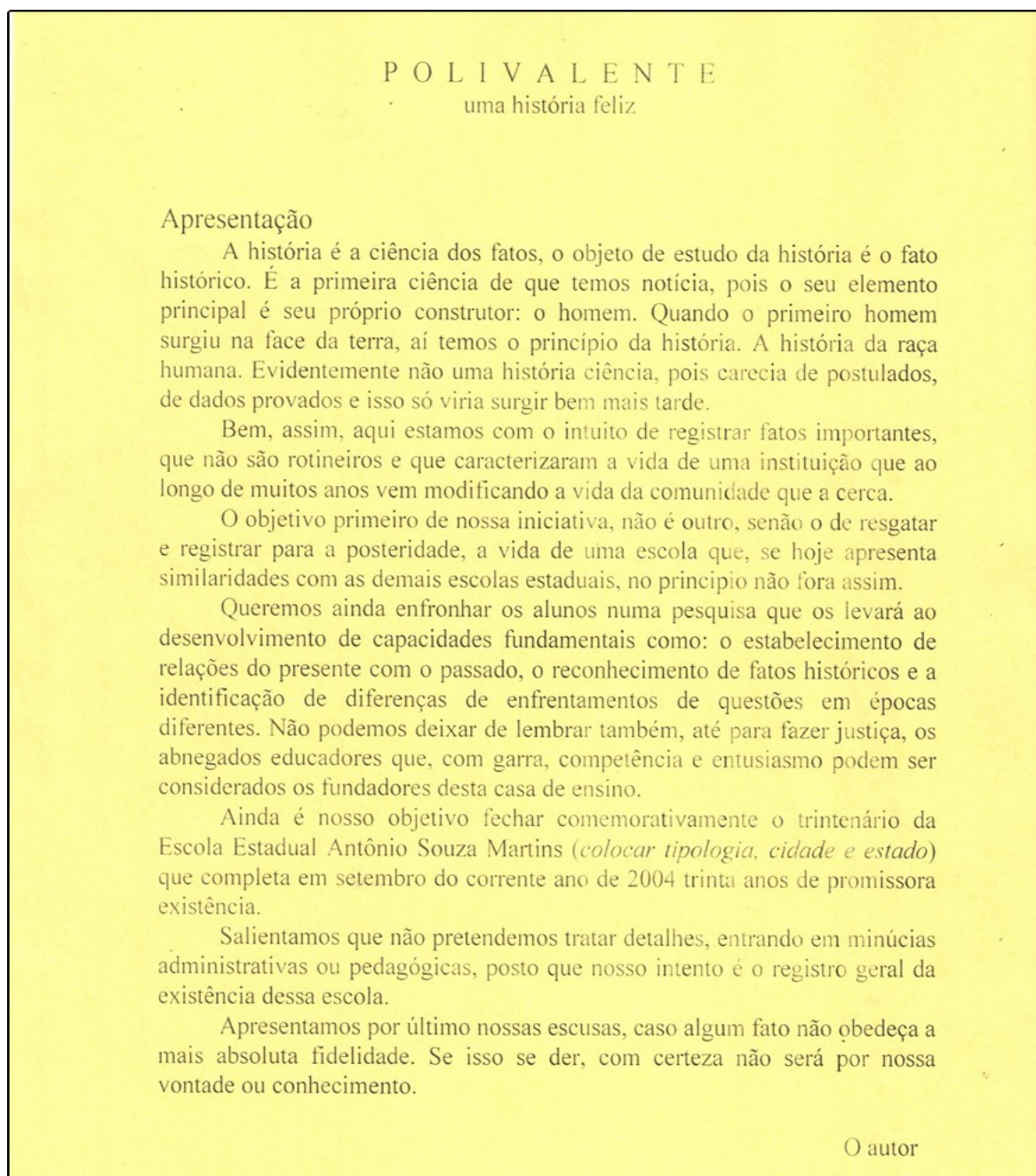
Dessa forma, o ex-professor comentou que durante toda sua carreira docente sempre teve um rito ao ministrar suas aulas. Ainda em relação à sua prática na sala de aula, ao falar sobre o estudo dos conteúdos, J. M. (2017) relatou que buscava instigar os alunos para a importância da compreensão histórica no contexto contemporâneo:

Eu priorizava sempre trazer a História para o hoje, para o atual, para fazer o aluno sentir como ele é o escritor da sua história, falava isso para eles, explicava para eles e procurava fazer eles entenderem bem a importância da História como Ciência... eu começava falando para eles que cada um de nós tem a sua história “se você está aqui hoje no Polivalente é porque alguma coisa aconteceu tal e tal... se acontecer um acidente, por exemplo, se você bater a cabeça e ficar com amnésia... uma pessoa sem história, o que é uma pessoa sem história... não conhece os parentes, não conhece pai e mãe, não conhece ninguém... então a História é muito importante, para o país também, um país sem história...” então procurava fazer eles perceberem o valor da História e Ciência, e que ele, o aluno é o autor da história dele, nós somos os autores da nossa história, isso eu frisava sempre nas minhas aulas... (J. M., 2017)

Nesta perspectiva o ex-professor em seu depoimento relatou que um dos seus objetivos era o de escrever um livro sobre a história da Escola Polivalente e assim, quando a escola completou seu 30º aniversário no ano de 2004 ele deu início a escrita, na “Apresentação” descreveu qual seria seu intuito neste trabalho.

No entanto, ele comentou que acabou não realizando este trabalho, e ao achar importante o presente trabalho aqui proposto nos disponibilizou o documento escrito do que seria sua intenção. Apresentamos abaixo a escrita do ex-professor na qual podemos observar sua intenção em discorrer sobre a história da Escola Polivalente de Ituiutaba:

FIGURA 29- Escrita sobre o Polivalente.



Fonte: Acervo pessoal do ex-professor, 2004.

J. M. (2017) apontou o conhecimento exposto no documento, em relação ao fato da Escola Polivalente naquele momento, no ano de 2004, se apresentar semelhante às demais escolas estaduais e, ao início de sua implantação com características distintas.

Como descrito no segmento anterior J. M. e sua esposa M. T. concluíram a graduação juntos no Estado de São Paulo e posteriormente vieram residir em Ituiutaba e assim atuaram na Escola Polivalente. A ex-professora M. T. (2017) assim ao falar sobre sua atuação nesta

escola, nos relatou o fato de que quando deixou a Escola Polivalente para ir atuar como diretora em outra escola estadual, foi visível algumas dificuldades que não foram vividas nesta instituição e que sentiu na escola em que foi atuar. Mediante ao comentário da ex-professora, a Escola Polivalente apesar de ser bem procurada atendia a demanda de vagas, ao contrário da referida escola em que ela foi atuar como diretora.

Ao ser referir sobre a prática de suas aulas, ela comentou que assim como seu esposo J. M. também tinha o intuito de levar os alunos a pensarem sobre o estudo da História relativo entre passado e presente numa perspectiva contemporânea. Como relatou sobre suas aulas:

A História para eles era uma coisa muito distante... eu tentava relacionar o dia a dia como um dia em que a gente está fazendo história, qualquer evento faz parte da história, um evento dentro da escola vai fazer parte da história da escola, então a História é uma Ciência que a gente tem que estudar o que já aconteceu para a gente entender o hoje, mostrava muito para eles “como é que você entende o hoje? Hoje você vai entender um foguete por exemplo, então você tem que entender que começou muito tempo atrás, com muitas e diversas invenções até chegar nisso... e toda família tem uma história e você tem que relacionar também...” então relacionava sempre o passado com o presente porque a partir daí a gente entendia o presente e estávamos nos preparando também para o futuro, para entender o futuro.... (M. T., 2017)

Ainda ao falar sobre o processo de ensino do Polivalente relatou que neste período em que começaram a atuar nesta escola, considera que os professores se dedicavam em assumir esse compromisso.

Em conversa com a ex-professora M. R. (2017), ao nos falar sobre sua prática docente, ela expôs que iniciou sua carreira na Escola Polivalente no primeiro momento contratada em cargos substitutivos, segundo ela, ministrou aulas de Educação Moral e Cívica e Religião, posteriormente em decorrência da mudança do professor de Práticas Industriais, surgiu a vaga nessa área e ela acabou assumindo essa disciplina e, após dois anos de trabalho na escola, com uma Lei Estadual que efetivou todos os professores que estivessem ativos dois anos a ex-professora foi efetivada com o cargo de professora em Artes Industriais.

Conforme comentou, paralelamente a efetivação deste cargo ela se graduou em Letras e obteve o cargo em Língua Portuguesa, exercendo os dois cargos nos turnos matutino, vespertino e posteriormente no noturno. M. R. (2017) mencionou as áreas que integravam o ensino profissionalizante e, segundo ela, sempre se empenhou no desenvolvimento das atividades práticas durante as aulas. Como relatou sobre sua atuação na área de Artes Industriais:

Eu era a professora de Artes Industriais dos dois turnos da escola, só eu que abria a oficina de artes Industriais. Nós mexíamos com corda, fazíamos

artesanal de corda, nós trabalhávamos a madeira, confecção de caixinhas, fazíamos as caixinhas, depois íamos para a pintura das caixinhas, trabalhávamos com boneca de pano, trabalhávamos com tapete, cachepos, cerâmica, pintura em cerâmica, pintura em tela, pintura em tecido, de tudo a gente fazia, de tudo, tinha as habilidades manuais e tinha as habilidades das máquinas aonde nós tínhamos que desenvolver as esculturas, formão, desenvolvíamos a lapidação em madeira, aí de acordo com os talentos dos alunos era a produção, tudo isso voltado para talentos manuais...” (M. R., 2017).

Ao se referir sobre a rotina da sala de aula, relatou sobre o fato dos professores que não mudavam de sala na troca dos horários e sim os alunos. Quanto a essa característica das salas específicas e a troca feita a cada horário pelos alunos, percebe-se que havia uma organização do ambiente que refletia diretamente no trabalho dos professores, uma vez que não saíam da sua sala a cada mudança de horário, aguardavam a nova turma que se seguia a cada horário, assim seus materiais de trabalho ficavam na sala específica, o que poderia de certo modo até contribuir para com desenvolvimento e rendimento das aulas.

Nesta perspectiva, Pimenta (1993, p. 79) ao discutir esta temática relativa a organização do trabalho no ambiente escolar, traz que a finalidade da escola é a de possibilitar que os alunos adquiram o conhecimento da ciência e da tecnologia a fim de desenvolverem habilidades para operá-los, revê-los, transformá-los e redirecioná-los em sociedades a partir de atitudes sociais como de solidariedade e ética, visando sempre colocá-los aos avanços da civilização a serviço da humanização da sociedade.

Sendo assim, a autora comenta que o trabalho coletivo tem sido apontado por pesquisadores e estudiosos como o caminho mais profícuo para o alcance das novas finalidades da educação escolar, uma vez que segundo ela, a natureza do trabalho na escola, que é a produção do humano mostra-se distinta da natureza do trabalho em geral em outro tipo de produção.

Compreendemos deste modo, que a base da didática e da prática do ensino esteja pautada na organização do processo de ensino e aprendizagem, o que torna-se fundamental no caminho com vistas de possibilidade da melhoria da qualidade do ensino, no entanto a autora ressalta para o fato de que “as escolas, partícipes da mesma problemática civilizatória, não são, entretanto, iguais. Por isso, não se trata de encontrar uma única forma nova de organizar o trabalho nela” (PIMENTA, 1993, p. 79).

Esta questão é importante para refletirmos sobre os impactos que a organização do trabalho pedagógico pode vir a causar nas práticas de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. No entanto, a autora ressalta para a complexidade da organização escolar:

A (s) escola (s) é (são) múltipla (s), conjuntos, sistemas – o que requer competências administrativas para traduzir essa complexidade dos sistemas em benefício ao atendimento da finalidade que a Escola tem. Contudo, a Escola em si é complexa. A finalidade que busca não é simples de ser conseguida. Precisa de contribuição de vários profissionais especializados- professores/equipe pedagógica/direção/coordenação/orientação/equipe de apoio. A organização da Escola é competência de todos – dentro e fora da sala de aula. A sala de aula é determinada pelo que a circunda para além de suas paredes. (PIMENTA, 1993, p. 80)

Neste sentido, esta metodologia de organização do espaço na Escola Polivalente no que se refere à dinâmica de mudança dos alunos às salas de aula durante os horários, se apresenta como um dos diferenciais observado pelos relatos dos entrevistados.

Temos o relato da ex-professora M. C. (2015) que semelhantemente a ex-professora M. R. também atuou como professora de Artes Industriais na escola. Assim, ao falar sobre o início de sua atuação na Escola Polivalente, ocorrida já nos primeiros anos da década de 1980, relatou que embora ela fosse formada em Artes e assim trabalhasse na área de Práticas Industriais, havia alguns materiais que exigiam maiores conhecimentos, como habilidades em algumas máquinas, o que foi sendo trabalhado e apreendido gradualmente junto aos alunos:

No Polivalente eu lecionei Artes Industriais, embora não tinha a especialização da Arte Industrial... trabalhávamos com argila...com argila os alunos trabalhavam com a alma, com a sensibilidade; os vasos eram feitos na máquina, eram peças criativas e decorativas, lembro-me que os alunos faziam vasos em forma de orelha, nariz, eles criavam as peças..., com sisau os alunos faziam suporte para plantas, trabalhavam com moldura de espelho, lá eles trabalhavam muito com couro – molhava-se o couro, frisando o trabalho artístico, fazíamos também carteiras com o couro, bancos... trabalhávamos com cerâmica, madeira, entalhe, os alunos fizeram vários banquinhos usando o entalhe, suportes de vasos trançados com sisau... O entalhe é feito na madeira com formão, os meninos assim gostavam bastante, e o entalhe para ser feito depende de muita habilidade, muita paciência, para ele ficar bonito tem que trabalhar muito, aproveitar a veia da madeira, lixar muito bem lixado para dar um acabamento bonito... então eles faziam, eles gostavam, faziam quadros... Na minha aula quem gostava, gostava, quem não gostava, aprontava, mas eu tinha vários alunos que gostavam muito... (M. C., 2015) .)

Foi possível ter o acesso a alguns objetos pessoais da ex-professora, os quais ela guarda como lembrança, estes foram construídos junto aos alunos na época em que ela ministrava a disciplina de Práticas Industriais, dentre estes, bancos, suporte para vasos de sisau e suporte para chaves de madeira, como demonstrado pela fotografia do banco com entalhe em madeira:

FIGURA 30 - Banco com entalhe em madeira.



Fonte: Acervo Pessoal da ex-professora, 1983.

Como pode ser visto pela fotografia, os trabalhos desenvolvidos pelos alunos demonstraram que a habilidade era algo essencial para a produção artística dos objetos, como a ex-professora relata ao falar que “o entalhe na madeira é a arte manual, na qual a pessoa desenvolve a habilidade, a paciência e a intuição... a beleza dele é a execução do trabalho, feito com a alma, é um trabalho longo que exige paciência”. (M. C., 2015)

Em entrevista com a ex-professora S. H. (2017) ela relatou que durante o tempo de atuação na Escola Polivalente foi um período de boas vivências que traz ainda nas lembranças. Dentre os eventos que a escola promovia, S. H. (2017) destacou que havia confraternizações como o “Dia do Convívio na Escola”, com a participação dos pais, alunos, professores, pessoal que trabalhava na cozinha, na limpeza, na secretaria, na biblioteca, e assim todos passavam o domingo na escola, em sala de Jogos, jogos na quadra poliesportiva e assim participavam do almoço e lanche comunitário.

Segundo ela quanto a rotina das aulas de Ciências, esta contava com o diferencial de 20 alunos para cada professor desenvolver as atividades, conforme relatou:

As salas eram arejadas, com 40 mesas e cadeiras, mesinhas de ferro com fórmica branca e cadeiras de fórmicas de cor laranja e com assento anatômico. As aulas eram com apresentação no quadro de giz, atividades para resolução em classe e Batalhas de Matemática em cada Bimestre, uma série, tipo “6ª C” com “6ª D”, os alunos iam à frente e resolviam a questão proposta... Nas aulas de Ciências tinha a prática do Laboratório, uma sala com 40 alunos, se dividiam e ocupavam as salas de Laboratório com 20 alunos em cada, do 1º ao 20º com um professor e do 21º ao 40º com outro professor... tinha prazer em trabalhar tais conteúdos... (S. H., 2017).

Relatou ainda que havia a “Feira de Ciências” com mostras de Trabalhos de Laboratórios, os “Desfiles” com a fanfarra e outros pelotões, dentre outros.

Destacamos abaixo a imagem de alunos em momento de apresentação de trabalhos, nos parece poder tratar da exposição em Feira de Ciências, contudo não há especificações relativas a isso, porém apesar da foto não contar com uma boa nitidez é possível observar a frente, o grupo de alunos com algum instrumento ao lado, por certo o material produzido, e no fundo da imagem podemos ver demais alunos e alunas em mesas no corredor da escola.

FIGURA 31 - Alunos em apresentação de trabalhos.



Fonte: Arquivo da Escola “Antônio Souza Martins” – Polivalente, (s. d.).

Outro aspecto mencionado pela ex-professora trata-se do contexto político em que a Escola Polivalente foi implantada e conseqüentemente sobre o curto período de tempo exercido nessas atividades diversificadas. Conforme destacou em seu relato:

As políticas públicas do Estado para a Educação não contemplavam o modelo pedagógico das Escolas Polivalentes, após implantação e

implementação. As Escolas Polivalentes fugiam ao perfil das escolas estaduais da época. Construção rica, numa extensa área, com uma infraestrutura jamais vista, a escola era provida de professores capacitados em Cursos de Aperfeiçoamento pela Secretaria Estadual do Estado de Minas Gerais, por um ou dois anos e a remuneração também era diferenciada. À medida que a Escola precisou ampliar o quadro de funcionários devido ao aumento do número de turmas, esses profissionais foram contratados seguindo a legislação vigente para qualquer escola estadual, foram abolidos os Cursos de Capacitações e os novos professores admitidos seguiam o Projeto Pedagógico apresentado pela Direção e Equipe Pedagógica. (S. H., 2017)

Como relatado pela ex-professora, a Escola Polivalente ao início se distinguia em vários aspectos das demais escolas estaduais da época, aspectos até então jamais vistos no município, como os da própria estrutura física e formação específica dos profissionais. Todavia, ela ressaltou também para a questão da descontinuidade desse projeto implementado ao fato das políticas públicas não terem contemplado esse modelo de escola.

Como vimos, os ex-professores e professoras por meio de seus relatos evidenciaram alguns aspectos sobre o que constituiu suas metodologias e práticas de ensino. Pudemos perceber essas práticas entrelaçadas entre o ensino tradicional e características da tendência progressista, no entanto não propriamente dissociadas, uma vez que os alunos mostravam-se de algum modo em participação interativa nas atividades, no entanto, não estamos aqui identificando especificamente uma ou outra prática de cada ex-professor, os relatos evidenciam algumas características que nos levaram a essa reflexão. Nesta perspectiva, no próximo segmento apresentaremos o contexto por meio dos relatos dos ex-alunos e alunas da Escola Polivalente.

4.5 Discentes

FIGURA 32- Alunas da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Antônio Souza Martins – Polivalente, (s. d.).

O tempo constantemente age sobre a base material e documental da instituição, mas também sobre os espaços institucionais construídos nas subjetividades daqueles que registram, em suas memórias e guardados, histórias de instituição. Entretanto, o objetivo da consideração dos diferentes espaços em que a instituição vive - objetivo e subjetivo -, não é a recuperação exata, exaustiva e minuciosa dos fatos como se fossem coisas captadas em sua essência. Visitar variadas vezes os espaços subjetivos e objetivos da instituição possibilita diversificados e não necessariamente convergentes e completos entendimentos acerca da história institucional. Justamente pelo fato de que o tempo age, cada tempo constrói uma história, suas histórias acerca da escola. (WERLE, 2004, p.113)

A imagem da fotografia acima nos mostra à frente a palavra “POLIVALENTE”, representada por letras nas camisetas ou blusas das 11 alunas, unindo-se destacando o nome da escola, e como observamos o uniforme era padrão, camiseta branca com as letras verdes, saia verde com pregas, meias e sapatos brancos e penteado dos cabelos semelhante. Nesse momento, supomos a partir do álbum de fotografias do acervo da escola, que alunos, professores, direção e demais participantes estavam se preparando para apresentarem-se no Desfile de 7 de setembro.

Neste segmento, buscamos expor algumas reflexões a partir dos relatos dos ex-alunos e ex-alunas entrevistados, assim conforme demonstramos na introdução, pelo quadro 3, contamos com a participação de dez ex-alunos - dois ex-alunos e oito ex-alunas - que prontamente nos concederam os depoimentos e assim contribuíram para que pudéssemos refletir um pouco mais sobre as práticas e vivências nesta instituição de ensino no período delimitado à nossa pesquisa.

Deste modo, através dos relatos destes ex-discentes foi possível identificar algumas categorias que nos interessam, como o processo de entrada na escola, concepção do ensino e da aprendizagem mediante o ensino regular e vocacional profissionalizante, dificuldades e preferências encontradas nas áreas de ensino e a consideração quanto ao conceito de ensino ofertado pela escola no período formativo.

Conforme os relatos dos ex-alunos e ex-alunas, quanto à situação socioeconômica destes, pudemos observar que com a exceção de uma ex-aluna, filha de fazendeiros da região, os demais demonstraram ser oriundos de famílias de baixa renda.

Quando remetemos ao passado nos colocamos entre o vivido e o significado de vivências que se fazem presentes na nossa memória, na nossa vida. Contudo, o estudo de uma determinada temática é enriquecido a partir de relatos dos sujeitos que vivenciaram tal contexto histórico e que guardam na memória lembranças de acontecimentos passados. Tais relatos nos ajudam na reflexão e interpretação de fatos e significados constituintes de uma história. Neste intuito apresentaremos algumas considerações destes ex-alunos e alunas da Escola Polivalente que lá estudaram entre os anos de 1974 a 1983.

Le Goff (1996, p. 146) ao discutir a consideração relativa à história contemporânea e sua renovação enquanto prática científica afirma:

Todo o esforço para racionalizar a história, oferecer-lhe melhores pontos de vista sobre o seu desenvolvimento, se choca com a incoerência e a tragicidade dos fatos, das situações e das evoluções aparentes. Sentimos necessidade de repetir com Lucien Febvre [1947]: “A história historicizante pede pouco. Muito pouco. Demasiado pouco para o meu gosto e também para o dos outros”. Pertence à própria natureza da ciência histórica, estar estritamente ligada à história vivida, de que faz parte. Mas pode-se e deve-se – e, em primeiro lugar, o historiador – trabalhar, lutar para que a história nos dois sentidos da palavra, seja outra. [J. Le G.].

4.5.1 Processo de entrada na Escola Polivalente

No intuito de uma breve exposição relativa ao processo de entrada dos ex-alunos e ex-alunas que colaboraram nesta pesquisa através de seus relatos, apresentamos abaixo alguns aspectos apontados por estes em relação a essa experiência. Como visto, os dez ex-alunos e alunas iniciaram os estudos na Escola Polivalente na década de 1970, entre os anos de 1976 a 1979, o que nos leva a compreensão de que participaram da formação escolar proposta pelo projeto inicial para as Escolas Polivalentes, qual seja o ensino regular relativo às disciplinas do núcleo comum concomitantemente às disciplinas das quatro áreas do ensino profissionalizante.

Dos dez ex-alunos e ex-alunas entrevistados, sete possuem formação superior, assim, das três ex-alunas que não possuem esta escolaridade, uma concluiu o ensino médio anos após ter terminado a 8ª série, outra iniciou o 2º grau logo após ter terminado a 8ª série, mas pouco depois parou e ainda a outra ex-aluna após ter parado na 7ª série nesta escola não mais retomou aos estudos. Em relação a reprovação, dos dez entrevistados, três ex-alunas tiveram reprovações na 5ª série.

Neste sentido, em relato o ex-aluno E. A. (2017) comentou que o processo de sua entrada na Escola Polivalente ocorreu em 1976 após concluir a 4ª série na Escola Estadual Cônego Ângelo, segundo ele, iniciou seus estudos nesta escola após ter passado pelo exame de seleção, concluindo de 5ª a 8ª série nesta instituição:

Eu fiz de 5ª a 8ª série no Polivalente, não tive reprovação, nunca fui aluno bom, mas um aluno médio, tinha minhas dificuldades porque a Escola Cônego Ângelo era uma escola de periferia e a gente as vezes pela natureza de, pelo sentimento de ser menos favorecido que outros, meu pai pedreiro, minha mãe do lar, então a gente achava que era inferior a muitos, isso aí, até durante a participação nossa durante as aulas, a gente sentia isso... (E. A., 2017).

Assim, conforme nos falou E. A. (2017), ao adentrar a Escola Polivalente sentiu a diferença entre a escola que havia estudado e as mudanças neste novo ambiente:

Para mim foi um marco importante na minha vida porque eu saí de uma escola de periferia, que era até uma escola muito perseguida por vândalos, e de repente encontramos a Escola Polivalente, uma escola novinha com as salas tudo bem arrumadas, e ali os professores muito atenciosos, como o professor diretor, professor S. N. S., a vice-diretora V., e os demais professores que sempre nos tratou muito bem, ali tivemos muitos momentos interessantes... (E. A., 2017).

A ex-aluna T. M. (2017) ao falar sobre o tempo em que estudou na Escola Polivalente, relatou que adentrou a escola no ano de 1978 na 5ª série após fazer o exame de seleção, tendo concluído nesta escola da 5ª a 8ª séries e como nos relatou, teve uma reprovação na 5ª série.

A ex-aluna I. A. (2017) conforme nos relatou, iniciou seus estudos na Escola Polivalente no ano de 1978 quando então veio da zona rural para iniciar a 5ª série do ensino de 1º Grau. Uma informação colocada por I. A. que se distingue dos demais dos ex-alunos, diz respeito ao exame de seleção, o qual conforme nos relatou, não foi exigido para que ela o fizesse, uma vez que a escola dispunha de vagas. Segundo ela, esse processo de mudança não foi fácil pois teve que deixar sua casa na zona rural e vir morar em casa de pessoas que não eram familiares, bem como realizar o trabalho de afazeres domésticos na residência.

Em 1978 sai da zona rural, mesmo com toda dificuldade eu vim para a zona urbana, meu pai me trouxe para a zona urbana, aqui eu comecei a trabalhar em troca da comida, de doméstica, trabalhava e estudava, estudava a tarde e trabalhava de manhã, em troca da comida e do pouso, foi em 1978, fazendo a 5ª série, porque para o meu pai era a única forma de manter a gente aqui, e ele não abria mão disso, então ele vinha, arrumava o emprego para gente, voltava e já trazia a gente com a malinha... (I. A., 2017).

Diante desse fato, I. A. (2017) relatou que sua intenção era a de voltar para sua casa na zona rural, para isso pensou em reprovar pois sua mãe lhe dizia que se tivesse uma reprovação voltaria para casa, assim não se dedicou completamente aos estudos pensando na suposta reprovação, contudo, mediante as aulas de recuperação, ela relembra da professora que a ajudou a aprender a matéria de Matemática:

[...] a professora S. me marcou, de Matemática na 5ª série, porque para mim era assim, a minha mãe falava para mim que se eu fosse reprovada, eu iria voltar para a roça, e eu não queria morar aqui, eu queria voltar para a roça, eu não queria ficar longe deles, aí eu pensava assim, agora na 5ª série eu vou pegar recuperação em tudo porque eu vou ser reprovada e minha mãe vai me levar para a roça... e eu peguei recuperação naquilo que podia e naquilo que não podia na 5ª série e para minha surpresa eu fui aprovada, e naquela época exigia 50%, fiquei até com mais de 50%, consegui aprender Matemática com a professora S. na recuperação e não voltei para a roça (risos)... (I.A., 2017).

A partir disso a ex-aluna prosseguiu os estudos e não teve nenhuma reprovação no período em que estudou na Escola Polivalente, de 5ª a 8ª séries.

A ex-aluna S. C. (2017) comentou que não se lembra ao certo quando iniciou seus estudos na Escola Polivalente, mas acredita que foi no ano de 1978; segundo ela, residia próximo à escola e tinha o desejo de estudar nesta instituição, conforme relatou:

O Polivalente foi muito importante, eu gostava muito de lá, eu tinha vontade de estudar lá, quando eu saí do Camilo Chaves eu já fui direto para lá, eu morava na 18, aí eu via os alunos todo dia descenderem às 11, 17:30, e eu sempre falava “eu vou estudar lá...” fiz o exame de seleção, só entrava lá quem passasse, se não passasse não entrava, legal né, hoje em dia não tem mais isso lá... (S. C., 2017).

Assim S. C (2017) relatou que iniciou a 5ª série na Escola Polivalente, onde concluiu as 5ª e 6ª séries, como nos falou teve uma reprovação na 5ª e no decorrer da 7ª série deixou os estudos, o motivo segundo ela, foi devido ao trabalho; durante o tempo em que estudava primeiramente trabalhou como babá no período da manhã e no período vespertino estudava, posteriormente começou a trabalhar em uma fábrica de roupas e mediante ao cansaço parou os estudos, mas com a intenção de retornar, porém depois de um tempo começou a namorar e se casou, não retornando aos estudos até o momento atual.

O ex-aluno A. C. (2017) relatou que iniciou seus estudos na Escola Polivalente provavelmente no ano de 1978 na 5ª série, concluindo nesta até a 8ª série, não tendo nenhuma reprovação neste período. Segundo ele, começou a trabalhar com a idade de 11 anos em uma farmácia, porém por sua própria opção uma vez que sabia que seu pai não podia arcar com além do necessário para a família, assim trabalhou neste emprego até 16 anos e posteriormente foi trabalhar na marcenaria de propriedade de seu pai.

A ex-aluna E. P. (2015) ao falar sobre sua trajetória escolar relatou que após concluir a 4ª série do ensino de 1º Grau na Escola Cônego Ângelo, iniciou a 5ª série na Escola Polivalente no ano de 1979 no período vespertino, onde concluiu até a 8ª série, não possuindo nenhuma reprovação durante este período. Mesmo antes de iniciar os estudos ela colocou que pensava em como seria estudar no Polivalente “eu via contar maravilhas, a minha irmã mais velha já tinha estudado lá, eu fui com muitas expectativas...” (E. P., 2015). Ela relatou que nesta época trabalhava fora, de doméstica para uma tia no período da manhã, e logo que terminava os afazeres se dirigia para a escola.

A ex-aluna L. B. (2015) conforme nos relatou iniciou seus estudos no Polivalente no ano de 1979, após fazer o exame de seleção, concluindo nesta da 5ª a 8ª série, não sendo reprovada no decorrer deste período.

A ex-aluna V. M. (2015) ao falar sobre sua trajetória acadêmica relatou que começou a estudar na Escola Polivalente no ano de 1976 na 5ª série, concluindo nesta até a 8ª, o que de acordo com ela, era o que a escola oferecia até àquele momento, não possuindo nenhuma reprovação neste período.

Ao falar sobre sua trajetória acadêmica, R. B. (2015) relatou que começou a estudar no Polivalente em 1978 na 5ª série, concluindo neste até a 8ª série, não tendo nenhuma reprovação durante este período.

Ainda a ex-aluna E. A. conforme nos relatou, iniciou seus estudos na Escola Polivalente em 1979 na 5ª série concluindo nesta até a 8ª, assim nos falou que teve uma reprovação na 5ª série. E na intenção de uma breve abordagem referente ao que estes ex-alunos e alunas relataram sobre suas experiências formativas, o próximo segmento busca apresentar parte do que exporamos sobre o vivenciado na escola.

4.5.1.2 Entre o ensino regular e vocacional profissionalizante: considerações discentes

Buscamos neste segmento apresentar parte do que estes ex-alunos e ex-alunas através de suas lembranças nos relataram sobre o processo de formação durante o período que estudaram e vivenciaram práticas nesta instituição.

Neste sentido, esses ex-alunos e ex-alunas nos falaram de suas experiências enquanto alunos, colegas, amigos, das suas preferências por áreas disciplinares como também das suas dificuldades em algumas dessas áreas, atividades pedagógicas e esportivas realizadas, as práticas avaliativas dos professores, considerações e emoções sobre o que foi vivido e apreendido nesta escola. Como nos traz Meihy “A história joga luzes nas lembranças objetivadas em documentos. A história oral busca excitar o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (MEIHY, 2002, p. 66).

Neste intuito, partimos do relato do ex-aluno E. A. (2017) que ao referir-se às aulas do ensino vocacional profissionalizante integrado ao ensino regular, comentou que não considera ter sido um curso profissionalizante, mas compreende que foram disciplinas que propiciaram momentos de aprendizagens distintas. Conforme o comentário do ex-aluno:

Na verdade esses cursos não eram profissionalizantes, eles eram disciplinas que tinham durante nosso ensino que hoje é chamado de fundamental, naquela época de 5ª a 8ª série nós tínhamos as disciplinas de Educação para o Lar, de Práticas Comerciais, de Práticas Agrícolas, de Práticas Industriais e eram disciplinas, tinham os professores específicos, de maneira que a gente pôde ter uma noção de várias profissões né, era um ensino de 5ª a 8ª série onde a gente não tinha tanta maturidade para entender aquilo como curso técnico mas como alguns momentos de atividade profissional, mas nada que pudesse fazer-nos profissionais ou sair dali dizendo eu conheço isso profundamente... a gente tinha momentos (...). Essas aulas eram divididas, metade da sala ia para a Educação para o Lar e a outra metade ia para Práticas Industriais, então a gente tinha isso alternado, eu não tenho muita lembrança, mas parece que um semestre a gente tinha Educação para o Lar,

no semestre seguinte a turma mudava e ia para Práticas Comerciais ou então Práticas Agrícolas, mas sempre era dividida a turma... (E. A., 2017).

Como compreendemos pelo relato do ex-aluno, o estudo nas áreas do ensino profissionalizante proporcionava a consciência dos alunos sobre o conhecimento de várias profissões, no entanto não propriamente uma preparação concreta para a inserção no trabalho, uma vez que não tinham a maturidade suficiente para entenderem o curso como técnico profissional.

Ao se referir sobre as aulas do ensino vocacional profissionalizante a ex-aluna T. M. (2017) relembrou momentos vividos nas quatro áreas, destacou assim que uma de suas áreas preferidas era a Educação para o Lar, ela comentou que as Práticas Comerciais também foi uma área com a qual se interessou, conforme nos relatou sobre as atividades realizadas nesta área:

E ali na parte de Educação Comercial, por exemplo, a gente, eu pelo menos gostava muito da datilografia, então tinha a parte que você iria aprender a datilografar, porque naquela época eram máquinas datilográficas né, então tinha aquela parte... tinha a parte de vendas, aquela parte onde tinha as balinhas, os chicletes e tudo mais que você iria aprender a vender aquilo ali, como entrava, como você dava o dinheiro, como iria pagar, o troco, tinha todos aqueles vidros, parecia um armazém mesmo, lá na parte da datilografia, mesas, parecia mesmo que você estava dentro de um escritório... tinha a parte também onde você iria aprender como escrever uma carta para um presidente, porque era práticas comerciais, então precisava aprender tudo, excelentíssimo, digníssimo, toda aquela parte como escrever para alguém, como tratar alguém, como estar perto de alguém, como falar com aquela pessoa, como colocar as palavras diante daquela pessoa que você estava conversando...então tinha essa parte também, tudo dentro das Áreas Comerciais, como trabalhar com o comércio em si (T. M., 2017).

T. M. (2017) relatou que a aprendizagem nessa área das Práticas Comerciais lhe instigou posteriormente a iniciar um curso de datilografia, uma vez que gostou da experiência com essas aulas, segundo ela, esta aprendizagem contribuiu e contribui ainda para com o seu trabalho no comércio, já que seu primeiro emprego foi em uma loja do município:

Eu vejo que a aprendizagem ficou, me abriu muito, a parte comercial foi uma das coisas que me marcou muito, porque eu já trabalhei bastante com essa área, em termos de comércio (...) e eu lembro e sinto que isso me marcou... trabalhei vendendo roupas, trabalhei em loja, porque assim que eu saí, logo depois eu entrei em uma loja e trabalhei como caixa e crediaria, dentro dessa área, mexia com datilografia, isso com 17 anos, então já fui entrando nessa área e lembrava de muitas coisas que foram ensinadas lá no Polivalente, e como disse, logo que saí de lá fiz o curso de datilografia porque eu gostei e já quis fazer e já entrei em uma loja onde eu era crediaria e caixa, e a comunicação, o como falar, o como tratar, isso, de lá, dessa técnica comercial eu sinto que me ajudou muito até hoje, porque a gente trabalha (...) (T. M., 2017)

Vimos no relato da ex-aluna que sua consideração sobre o estudo das áreas vocacionais profissionalizantes e especificamente tratando-se das Práticas Comerciais lhe proporcionou conhecimentos colocados em prática logo após a conclusão da 8ª série. É possível fazer uma relação entre as atividades profissionalizantes na escola e as escolhas dos alunos ao seguirem determinada profissão.

No que se refere a disciplina de Matemática, T. M. (2017) nos falou sobre o incentivo do professor para a participação das Batalhas que aconteciam aos sábados na escola, quanto às demais disciplinas a ex-aluna comentou que foram também agradáveis e apreciadas por ela. A ex-aluna ainda ressaltou a questão dos alunos mudarem de sala na troca de horários, pois para cada disciplina havia uma sala específica.

Enfim, era tudo muito diferente e gostoso também a parte da gente estar mudando de sala, História estava aqui, Matemática estava de lá, dava o sinal, a gente saía e ia para a sala de História, de Geografia para Matemática, de Matemática para Português, então estava sempre assim, e parece que aquela parte que você ficava andando e depois assentava era gostoso porque você não ficava o tempo todo sentado na cadeira, de quase hora em hora em movimento, os alunos que mudavam de sala... (T. M., 2017).

A ex-aluna comentou ainda que gostava também das aulas de Educação Moral e Cívica, lembrando sobre uma atividade dinâmica que era o “correio elegante” que gerava uma certa expectativa na intenção dos relacionamentos entre os alunos, de amizade ou namoro, certamente, tal atividade fugia aos objetivos proposto pela ditadura para essa disciplina, vejamos:

Até nessa parte de Moral e Cívica, tinha uma coisa, tinha uma brincadeira também, onde as pessoas se socializavam, toda sexta feira tinha os bilhetinhos de amizade, ou até de amor mesmo... a pessoa que estava interessada na outra, naquela época calmo como os namoros de antigamente, chamava Correio Elegante. Aí toda sexta feira tinha a caixinha, ficava na hora do recreio, quem quisesse escrever alguma coisa, colocava direcionado a pessoa, em um papelzinho e colocava alguma coisa que queria falar para o outro... aí quando terminava o recreio, geralmente eram alunos que já estavam na 8ª série, aqueles alunos que organizavam, uns três, até foi de comum acordo da escola em colocar eles ali, eles pegavam a caixa e separavam os bilhetinhos para cada um, e antes da aula terminar, porque ainda tinha dois horários depois do recreio, tipo no quarto horário eles chegavam na sala e falavam que iriam entregar os bilhetinhos daquela sala. Tudo direcionado, separavam e iam na sala entregar... Tinha até a sala de Moral e Cívica separada, perto da cantina, com uma mesa, que normalmente esses três alunos ficavam lá responsáveis (T. M., 2017).

A ex-aluna em sua entrevista expôs que foram somente bons momentos vividos na Escola Polivalente, ressaltou que gostava de todas as disciplinas e atividades propostas, desde as do ensino regular até às do vocacional profissionalizante e apesar de ter tido uma reprovação na 5ª série ela considera que esse fato talvez tenha ocorrido pela própria questão de adaptação ao iniciar os estudos, uma vez que se diferenciava da formação obtida até a 4ª série, tendo a característica de uma série de disciplinas e cobranças que até então não estava acostumada, foi visível a emoção da ex-aluna ao se expressar sobre os momentos vividos no decorrer naquela escola.

Já pelo relato da ex-aluna I.A. (2017) percebemos que ela deixou claro seu ponto de vista no que se refere ao pensar nos dias atuais sobre o ensino proposto na Escola Polivalente na época em que estudou lá, segundo ela, havia uma distinção entre o ensino profissionalizante e o ensino regular, no que se trata à própria intenção destes. Como comentou, ela considera que a área que integrava o ensino profissionalizante não foi trabalhada de modo semelhante ao ensino regular, pois apesar de ter sido importante ela não via o real sentido dessas aulas profissionalizantes, porém, em relação ao ensino regular I.A. (2017) ressaltou que foi sem dúvida um ensino de boa qualidade:

Do ensino regular posso te atestar que foram bons momentos, enquanto base nacional comum os professores nota 10, mas o que a gente percebia, com o conhecimento que eu tenho hoje, o que eu percebo é que, a parte profissionalizante não era integrada à base nacional comum, não havia essa integração, era uma coisa assim, nós víamos a parte profissionalizante como até um momento de lazer entendeu... a parte da base nacional comum, a formação básica, os professores eram muito bons, eles eram assim, muito empenhados, muito focados e tinha alguns projetos que eram desenvolvidos pela escola bastante interessantes... eles tinham um projeto lá que eles integravam família e escola, então no final de semana sabe, no sábado assim, cada um levava, fazia piquenique na escola, a direção trazia os pais e a gente levava cestinha com alimentos e passava o sábado na área verde da escola, ela foi constituída de uma área verde grande, então assim, era um momento que a gente curtia o ambiente escolar, aquelas árvores ali foi a gente que plantou, aqueles ipês, aquelas coisas tudo foi a minha turma... Os professores cobravam muito, muito...a base nacional comum era muito forte, ela era diferente, eu não conhecia o contexto, porque eu tinha acabado de sair da zona rural, de uma sala multiseriada no município de Campina Verde, com professora desqualificada, não tinha habilitação mas era autorizada a ministrar aula e cheguei aqui de 5ª a 8ª série e tive a oportunidade de ter aula com professores que além do domínio do saber tinham essa consciência da importância da formação, o que não havia era uma conexão entre a base nacional comum e a parte profissionalizante, isso realmente você não sentia, mas enquanto base nacional comum era muito forte. Hoje eu vejo assim, que a gente poderia ter tido maior clareza em qual era o objetivo de ter aquelas quatro áreas dentro da escola, qual era? para que? por quê? Isso realmente deixou a desejar... (I. A., 2017).

Diante do relato da ex-aluna podemos observar que ao contrário de sua consideração no bom desempenho e professores do ensino regular o mesmo não ocorreu nas áreas do ensino profissionalizante, contudo ela destaca o fato de que isso poderia ocorrer também pela questão de naquele momento o projeto não estar contando com as condições financeiras necessárias ao desempenho destas áreas práticas. Como mencionou:

[...] o que eu identifiquei nessa época, com o meu contexto de hoje, fazendo analogia daquela época, apesar de ter sido importante, muito importante, mas a escola já começava a ter dificuldade, dificuldade financeira para manter essas aulas práticas, porque já eram os alunos que mantinham, então por exemplo, a Educação para o Lar qualquer atividade prática que tínhamos, éramos nós que tínhamos que levar os produtos, nas Práticas Agrícolas éramos nós que levávamos as sementes, tinha os equipamentos, mas quem mantinha era os alunos, nas Práticas Industriais a gente trabalhou muito com madeira, então assim, a escola mantinha, não sei se tinha parceria ou não, mais mantinha, e nas Práticas Comerciais, eu não percebi assim, era papel, máquina, preencher cheques... mas assim, todas essas práticas apesar da importância, hoje eu vejo que poderia ter sido melhor (...) no meu caso por exemplo, estudar no Polivalente não foi uma opção, foi porque quando meu pai chegou aqui não havia vaga em outra escola, a escola era nova e era o único lugar de Ituiutaba que tinha vaga para 5ª série, porque naquela época tinha exame de seleção, como lá sobrava vaga, não tinha exame de seleção, na 5ª série quando eu cheguei lá não tinha porque a escola tinha mais vagas do que procura, porque a escola era distante, era fora da cidade, praticamente fora, muito longe, a cidade era bem reduzida né... (I. A., 2017)

De acordo com a ex-aluna, a Escola Polivalente foi a única em que o pai encontrou vaga para a 5ª série e não precisou fazer exame de seleção pois havia vagas para adentrar a escola. Contudo, como observamos, uma parte dos ex-alunos aqui entrevistados que adentraram a escola no mesmo período relataram ter passado pelo exame de seleção na escola.

Em relação ao relacionamento com os colegas, I.A. (2017) comentou que havia a evidente distinção entre a classe social dos alunos, segundo ela, entre os professores e funcionários tal fato não era presente mas entre a turma era visível essa característica, conforme relatou, a maioria dos alunos da Escola Polivalente era da classe economicamente mais abastada:

A sala era dividida por classe social e obviamente eu ficava na classe dos mais humildes né, mesmo porque, eu tinha um sapato para ir para a escola, uma meia e assim, naquela época exigia uniforme, era uma blusa branca com uma tarja verde, era uma saia, não podia usar calça, era uma saia verde com um sapato preto e a meia cano alto preta, então é... eu tinha, o papai comprava esse uniforme para mim, comprava os livros tudo, mas era o que eu tinha, então eu levava meus objetos na mão, não tinha... as vezes levava num saquinho de arroz e, dentro da sala a gente tinha, apesar do bom relacionamento, existia na sala uma divisão de classe muito grande entre

quem tinha o poder econômico maior, até as meninas eram as mais bonitas, e quem tinha um poder aquisitivo menor, isso era muito evidente, até inclusive nas filas da escola, sempre assim, a gente mesmo que se organizava... isso na escola com os professores, com os trabalhadores, com os servidores não, mas a sala mesmo se dividiu com questões econômicas... (...) então assim, ficou sabe, porque a escola tinha por tradição não misturar alunos, então assim por exemplo, quem começou na 5ª série “A”, no ano que vem era 6ª série “A”... a maioria era da classe mais abastada, a Escola Polivalente era elitizada, poucos eram os humildes, muito pouco, muito pouco, devíamos ser, não me lembro, uns 35 na sala por aí, os humildes, eu me conto assim provavelmente... entendeu, eu devia ser realmente assim dos mais humildes, eu e outro colega meu, nós dois, daquela turma era, mas ela recebia elite, elite, elite, mesmo porque até o prédio dela era imponente, o prédio dela na época era imponente, eu chegando da roça não tinha outra escola que tinha a mesma rede física que eu conhecia até então, eu acho que isso perdura até hoje... salas, fanfarra, tudo, biblioteca, era muito bem equipada. (I. A., 2017)

Assim, esta ex-aluna demonstrou sua consideração não somente em aspectos positivos sobre o tempo em que estudou na instituição, pois como vimos a partir dos relatos, embora tenha uma satisfação quanto ao ensino regular e aos professores desta área, não considera que as aulas do ensino vocacional profissionalizante tenham sido produtivas, bem como as de Educação Física (veremos o seu relato sobre essas aulas mais adiante), evidencia também a divisão entre as classes sociais dentro da própria sala de aula com a turma, uma vez que a maioria segundo ela era da classe mais abastada, contudo apesar dessa diferença ela aponta que havia um bom relacionamento.

Ao falar sobre o ensino na escola, a ex-aluna S. C. (2017) relatou que apesar das dificuldades de aprendizagem nas disciplinas, gostava muito de estudar. Em relação ao ensino vocacional profissionalizante a ex-aluna comentou que as aulas eram atrativas e interativas. No entanto, ela ressaltou que havia cobrança nas aulas por parte dos professores “eles cobravam, eram bons professores, era uma escola, assim, para época era uma das melhores da cidade...” (S. C., 2017).

O ex-aluno A. C. (2017) relatou não esquecer momentos vividos durante sua formação na referida escola, onde participou do ensino vocacional profissionalizante integrado ao regular, segundo ele gostava das quatro áreas práticas, mas principalmente das Práticas Agrícolas e Industriais.

Assim, durante o relato sobre essas aulas e ao recordar sobre os ex-professores A. C. (2017) se emocionou “lembrança boa, F., o P., V., S.... nós jogávamos bola quase todo dia, depois do horário... (pausa...choro...) tempo que não volta mais... lembrança boa só, de ruim

nada...” (A. C., 2017).⁴³ Sendo assim, A. C. ao expor suas experiências vividas na escola, evidencia suas considerações às práticas de aprendizagens que segundo ele foram boas e importantes na sua vida, ressaltou que não se identificou e não se identifica com a área de Português, contudo, as demais áreas foram importantes no processo de sua formação nessa escola.

Referente às práticas pedagógicas, apresentamos o relato da ex-aluna E. P. (2015), como ela nos falou, foi uma boa experiência o estudo nesta escola junto às disciplinas que compunham o ensino profissionalizante, já que as aulas eram sempre dinâmicas. Dentre os relatos referentes às disciplinas vocacionais profissionalizantes estudadas na Escola Polivalente ela expôs:

Tinha as aulas de Práticas Agrícolas, que ora a gente estudava a parte teórica e depois a gente descia lá para a horta, a gente plantava hortaliça; tinha o Professor V. que lecionava essa disciplina, Práticas Agrícolas... a gente media os canteiros, preparava a terra, semeava sementes, aguava todo dia e quando começavam a nascer as hortaliças era uma beleza só... a gente podia até levar um pouco para casa, e isso era bom porque para mim que tinha os irmãos, chegava em casa com verduras, fazíamos a comida e ficava muito bom... nessas aulas não ficávamos só sentados, só na teoria, escrevendo como nas outras disciplinas... Tinha também uma disciplina muito boa que era a Práticas Comerciais, a gente simulava compras e vendas, e isso era tudo anotado, era muito bom... para mim era mais difícil porque eu tinha dificuldade com os números, em fazer contas, mas eu via que quem saía bem, achava o máximo essas aulas... Tínhamos também outra disciplina chamada Educação Moral e Cívica, que nos ensinava mais o preparo para o civismo, era o amor a Pátria, era o respeito à Escola, para com as pessoas, a reverência ao Hino Nacional, o hasteamento a Bandeira, então na aula de Educação Moral e Cívica a professora sempre lia e a gente sabia muitas coisas que não podíamos fazer, porque foram ensinadas nessas aulas... (E. P., 2015)

Como percebido a partir do relato acima, a ex-aluna destacou na sua fala as aulas de Práticas Agrícolas pois saíam para o ambiente exterior e tratavam das plantas, as quais poderiam levar parte para casa, contribuindo com o sustento da família. A dificuldade era com as Práticas Comerciais que, apesar de considerar essas aulas boas, tinha dificuldade com a Matemática. Em relação à disciplina de Educação Moral e Cívica seu depoimento reforça a proposta do civismo e amor à Pátria típico da época.

⁴³ Neste momento, o silêncio foi marcante, foi possível observar a emoção do ex-aluno e como as lembranças lhe causaram sentimentos expressos pelas lágrimas. Neste sentido, Thompson (1992, p. 272) ressalta que “falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas que, por sua vez, despertam sentimentos intensos [...]”. Contudo, após um espaço de tempo e por sua espontânea vontade continuamos a conversa.

A ex-aluna L. B. (2015) lembra que vivenciou grandes momentos ao estudar nesta escola, uma vez que todas as atividades, tanto as teóricas quanto as práticas advindas da integração do ensino regular e técnico profissionalizante, eram em sua consideração devidamente bem planejadas; segundo seu relato os professores se mostravam empenhados e acompanhavam a aprendizagem dos alunos, sendo este um dos maiores motivos para que ela se lembre com carinho dessa escola, como traz ao relembrar sobre um dos professores que deixou marcas em sua vida como estudante:

Na verdade, a gente, eu mesma, gostava de todos, mas um que marcou, acho que para a maioria dos alunos, foi o professor V. que na época era professor de Práticas Agrícolas... porque ele era uma pessoa muito amiga, muito alegre, ele conversava assim com a gente, não parecia ser um professor, parecia ser um amigo mesmo, um colega de sala, não tratava a gente com indiferença... (L. B., 2015)

Como visto pelo relato da ex-aluna, ela também destaca o professor V., dado comum em boa parte dos relatos. Ao falar sobre as aulas que integravam o ensino vocacional profissionalizante, L. B. (2015) relatou que não se esquece do tempo em que estudou participando dessas aulas, já que elas faziam com que o ensino se tornasse mais dinâmico, pois haviam várias práticas diferenciadas e isso tornava a escola mais interessante.

A ex-aluna V. M. (2015) ao se referir sobre o ensino que a Escola Polivalente ofertava, bem como sobre disciplinas que compunham o currículo, nos relatou a forma como estas eram organizadas mediante as práticas ali vivenciadas no período em que lá estudou, como mencionou, o diferencial da escola era a característica do ensino regular integrado às disciplinas de caráter profissionalizante. Ainda sobre as práticas docentes, aponta que a escola primava pela disciplina, pelo dever de cumprir, da moral e do civismo, características que segundo ela eram próprias do período do regime militar em que estavam vivendo no país. Quanto a marcas deixadas pelos professores, a ex-aluna relata que “todos de alguma forma foram muito marcantes, o ensino era muito intenso, os professores eram extremamente dedicados, não sei se era a visão de criança adolescente, mas consegui sentir que o ensino era ministrado com muita paixão...” (V. M., 2015).

De acordo com V. M. (2015), as aulas práticas eram muito estimulantes, uma vez que as diferentes áreas possibilitavam dinâmicas interessantes no processo de aprendizagem:

Era tudo de bom... plantávamos, colhíamos, pintávamos quadros, cozinhamos, costurávamos, comprávamos, vendíamos, participávamos de olimpíadas, gincanas e feiras de ciências; fazíamos exposição de artes, organizávamos recitais de poesias, entre outros. O cunho político do ensino tecnicista e militar que caracterizava o momento não era sentido no interior da escola, sobretudo na visão dos alunos. Pelo contrário, era o ensino visto como de excelente qualidade, que oferecia um currículo rico e diversificado,

que nos dias de hoje se oferecido, garantiria uma formação bem menos enfadonha, reprodutivista desestimulante como testemunhamos. (V. M., 2015)

Neste sentido, a ex-aluna relata que não considera que o ensino integrado ao vocacional profissionalizante ofertado na Escola Polivalente tenha sido de fato com caráter profissionalizante, uma vez que não certificava os alunos enquanto habilitados para exercer uma profissão, porém, é preciso lembrar que alguns dos ex-alunos acabavam influenciados para ingressarem precocemente no mundo do trabalho. De acordo com V. M. (2015) apesar das políticas educativas da época terem uma intenção com os Polivalentes, ela teve outra percepção sobre a escola:

Não considero que a escola tenha oferecido um ensino técnico profissionalizante, embora esse fosse o objetivo não declarado por conta do momento político que estávamos vivendo. Digo que não era profissionalizante porque não havia certificação específica para esse fim. Concluímos na oitava série o primeiro grau sem especificações de caráter profissional, a formação que recebemos não se restringia apenas a instrução conteudistas, característica das demais escolas públicas, embora ela existisse. Além do conteúdo eram trabalhadas formas diferentes e ensino que para mim foi significativa a aprendizagem. (V. M., 2015)

Também a ex-aluna R. B. ao nos falar sobre a experiência formativa vivenciada nesta escola, mencionou sua consideração afetiva presente na relação entre professor e aluno, constituída neste processo: “Foi a melhor escola que estudei... havia um professor, o V., de Práticas Agrícolas, que era muito amigo da turma, muito alegre, ele chamava todos pelo nome, e se lembrava de todos os alunos, quando mesmo nem éramos mais seus alunos... até hoje somos amigos... (R. B., 2015)”. Ainda de acordo com ela, as avaliações na Escola Polivalente aconteciam por meio de provas, trabalhos em grupos e individuais, segundo a ex-aluna “os professores eram todos muito bem capacitados naquela época, inclusive muitos deles foram vindos de outras cidades para ministrarem aula nesta escola” (R. B., 2015). Ao se referir sobre sua consideração sobre o ensino integrado ao profissionalizante ofertado nesta escola:

Era excelente, éramos loucos por fazer as disciplinas de ensino técnico profissionalizante... eu acho que para aquela época era um formato que prometia um avanço na educação para as pessoas da rede pública... foi uma pena o projeto das Escolas Polivalente ter acabado... (R. B., 2015)

A ex-aluna E. A. (2015) ao falar sobre o período de sua formação e ao ensino integrado ao vocacional profissionalizante que a escola oferecia, relatou que nesta época,

estudou junto às disciplinas do ensino regular também as áreas de Práticas Comerciais, Educação para o Lar, Práticas Industriais e Práticas Agrícolas, para as quais havia salas específicas.

Sobre suas considerações para as práticas dos professores, E. A. (2015) relatou que estes cobravam o retorno dos alunos quanto aos conteúdos, eram mais exigentes do que hoje, o que ela acredita se referir ao regime da reprovação que tinha na escola. Segundo ela, a matéria da qual mais gostava de estudar era Matemática, já que sempre foi a sua preferida, quanto as avaliações que eram realizadas pelos professores no Polivalente ela diz ter sido trabalhos em grupos, no entanto eram mais provas individuais.

Deste modo observamos que diante dos relatos destes ex-alunos e alunas sobre o ensino regular integrado às áreas do ensino vocacional profissionalizante, temos visões por vezes distintas e semelhantes ao que tange especialmente ao ensino vocacional profissionalizante. Em um contexto geral vimos a opinião de parte de alunos em não considerarem que o ensino profissionalizante vinculado ao regular tenha sido de fato de caráter técnico profissionalizante, mas evidenciam considerar que foram disciplinas estudadas numa perspectiva preparatória vocacional; como percebemos a maioria mencionou considerar as disciplinas profissionalizantes como uma prática motivadora e aberta a novas aprendizagens, o que fazia o diferencial deste ensino, temos ainda o relato da ex-aluna que afirma não ter considerado o ensino profissionalizante significativo, uma vez que estas práticas vistas com o olhar que tem hoje, as compreende que foram ministradas sem uma devida integração ao ensino.

4.6 Dificuldades e apreciações no ensino sob diferentes interpretações

Tendo em vista que durante o tempo da pesquisa, através dos relatos dos ex-alunos e ex-alunas foi possível observar algumas características sobre as dificuldades e preferências por disciplinas que foram estudadas na escola, apresentamos assim trechos de alguns dos relatos que melhor nos demonstram essas considerações.

Iniciamos apresentando o relato do ex-aluno E. A. (2017) o qual nos falou sobre algumas de suas considerações entre o que percebeu no seu processo formativo durante o tempo de estudos na Escola Polivalente. Desse modo, conforme comentou sobre o ensino regular e as disciplinas estudadas nesta área, expôs que gostava mais de Ciências, segundo ele, uma das atividades que achava interessante era a Feira de Ciências que havia na escola,

contudo relatou que nem sempre os alunos apresentavam realmente aquilo que havia sido desenvolvido por eles, a exemplo apresentou uma de suas próprias experiências vividas em uma das Feiras apresentada na Escola Polivalente:

Ciências... confesso que tinha as Feiras de Ciências e a gente gostava muito dessas Feiras... eu acho que era pelo conteúdo mesmo, porque a Ciências me despertou, até hoje inclusive... Na verdade essas Feiras de Ciências por mais que elas eram para a gente interessante, os meus trabalhos mesmo de Ciências eu não me via em condição de fazer, tanto é que eu recorri a um moço que trabalhava com parte de elétrica e ele fez um fogão elétrico para eu apresentar na Feira de Ciências, então para nós naquela época era interessante mas nada que a gente pudesse fazer sozinho, precisava sempre alguém estar fazendo, então eu encontrei isso muito lá, via muitos alunos apresentando o seu trabalho e isso nos deixava com um certo olhar de tristeza porque a gente sabia que aquilo não era um trabalho autêntico da gente. (E. A., 2017)

Como observado pelo relato acima, o ex-aluno não se considerava com o conhecimento suficiente para o desenvolvimento que se propôs a fazer e apresentar na Feira de Ciências, recorrendo assim a uma ajuda fora da instituição para a realização de seu projeto. Contudo, comentou que havia uma certa cobrança por parte dos professores em determinadas atividades e uma das lembranças que considera interessante no processo de aprendizagem se refere às Sabatinas de Matemática:

Existia uma cobrança... mas como em atividades que você ia para a Biblioteca Municipal, fazia pesquisa em livros, lia alguns livros para fazer uma tarefa, lia resumo de capítulo de livro e fazia as provas, uma das coisas que foi interessante para mim, que eu gostava até... e ao mesmo tempo era uma sabatina que era feita pela professora de Matemática, acho que acontecia no sábado, onde era uma sala bem ampla, onde vários alunos da escola eram colocados ali e eram sorteados um de cada turma para resolver uma questão no quadro, na frente de todos os outros, então era uma atividade que motivava a gente a estudar e a tentar ter um bom resultado nessa sabatina... (E. A., 2017).

Deste modo, conforme relatou em seu depoimento, após ter concluído a 8ª série na Escola Polivalente, iniciou o 2º Grau em outra escola estadual e no que se refere às disciplinas de Química e Física sentiu que não havia tido um conteúdo na 8ª série suficientemente mais aprofundado que contemplasse este ensino, pois sentiu dificuldades nestas áreas na nova escola ao adentrar o 2º Grau.

No entanto, ao falar a respeito de algumas aulas e de ex-professores, o ex-aluno comentou sobre aprendizagens que foram significativas e marcaram momentos em sua vida:

Era um ambiente agradável... então tinha a Educação Física, o professor P. S., para nós aquilo, era muito bom estar ali, jogar um futebol e tudo, tinha as interclasses, então tudo aquilo marcava, a Educação Física era bem aproveitada, tinha a pista de atletismo, tinha salto em altura, tinha os campeonatos, então era muito motivador...

Em termos de língua, tinha o professor N., de Inglês, e a gente ouvia falar de colegas que estavam fazendo Francês, mas eu não tive essa aula de Francês não, então isso era muito interessante porque para nós era tudo muito novo... a fanfarra do Polivalente, o desfile de 7 de setembro, as interclasses e os Jogos municipais, naquela época existia uma grande concorrência entre Israel Pinheiro e Municipal, o Polivalente vinha na terceira qualificação e a gente se envolvia bastante nas atividades de Educação Física com o professor P. S., e aí tinha os banheiros onde a gente terminava a Educação Física, todos já tomavam banho e iam para a sala sem o suor de uma aula de Educação Física, então tinha uma estrutura muito boa, tinha uma boa alimentação, te dava condições de entender que era um bom lugar... tinha a pista de atletismo também que nos fascinava... (E. A., 2017)

É perceptível que o ex-aluno tenha lembranças de boa parte de ex-professores e de práticas desenvolvidas durante seu processo formativo, como a Educação Física, a qual segundo ele, era bem aproveitada pelas distintas modalidades de esporte integradas nesta área. Em referência a esse assunto esportivo acima apontado pelo relato do ex-aluno, tivemos o acesso a parte dos troféus que a escola dispõe em seu acervo, o que nos possibilitou verificar alguns que foram ganhos em competições no período de nossa pesquisa.

FIGURA 33- Troféu: Honra ao Mérito. 1º J. E. I. 76. Campeão Futebol de Salão Infante Juvenil.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1976.

Fiscarelli e Souza (2007), ao discutirem sobre a representação dos troféus em escola pública, comentam que estes são instrumentos que nos permitem um estudo histórico e memorativo do contexto em que foram alcançados pela instituição. As autoras pontuam:

Troféus são símbolos de vitórias, conquistas, honras e mérito. A exposição é incapaz de revelar todo o enredo das experiências vividas (o sabor das conquistas e a frustração das derrotas, as emoções e decepções de alunos, professores e outros envolvidos), mas presta-se à evocação de um passado memorável atrelado, muitas vezes, a representações de excelência e qualidade do ensino. (FISCARELLI e SOUZA, 2007, 98)

Nesta perspectiva, na escola foi possível verificar um grande número de troféus ganhos em campeonatos e demais eventos que os alunos participavam. Ao longo do segmento demonstraremos ainda outros troféus relativos a essa época em que as competições esportivas se destacavam na Escola Polivalente e, como podemos observar através da maioria dos relatos, esta área era bem apreciada pelos alunos. Neste sentido, Fiscarelli e Souza (2007, p. 104) afirmam:

Nas instituições escolares os troféus constituem indícios significativos de práticas relacionadas à educação física, especialmente os certames e as competições esportivas. Além dessas práticas, são indicadores de outras atividades de natureza cívico e socioculturais. Eles põem em cena habitus estudantis e os vínculos entre a escola e a sociedade.

Outro relato interessante é o da ex-aluna T. M. (2017) e que, nos leva a perceber semelhanças e ao mesmo uma certa contradição mediante ao relato anterior do ex-aluno E. A. (2017). A semelhança se refere a uma das preferências da aluna também ter sido na área de Ciências e às Feiras que aconteciam na escola, assim, no decorrer do relato veremos a contradição relativa as suas considerações.

Deste modo, em referência às aulas do ensino regular, T. M. (2017) relatou que achava importante o estudo de todas as disciplinas e como mencionado, uma das que mais lhe marcou foi Ciências, no entanto, ao contrário do ex-aluno E. A. anteriormente citado, o qual relatou que apesar de terem sido interessantes não teve uma aprendizagem significativa nessa parte do incentivo às pesquisas para as Feiras de Ciências, a ex-aluna comentou que sempre se envolvia nas pesquisas desenvolvidas nessa área, uma vez que os professores levavam a esse incentivo.

T. M. (2017) relatou sobre uma pesquisa realizada em uma das Feiras de Ciências da Escola Polivalente na qual ela e sua colega foram avaliadas alcançando o primeiro lugar das mostras das pesquisas. Segundo ela a pesquisa foi precedida de muito esforço e dedicação, trata-se do processo relativo às “fases da galinha”:

Ciências por exemplo, tinha até pesquisa que te ajudava, havia até competições, que valiam pontos, lógico, então eu me lembro que eu e uma amiga, uma colega, a S., cada um fazia um grupo, eu e ela, a gente fez e iria apresentar, era num sábado as apresentações, eu lembro que a gente pesquisou muito e nós pesquisamos e fizemos sobre a “galinha”, a gente foi bem fundo mesmo, aí levamos a galinha, levamos os ovos, levamos o ninho, estudamos bastante aquela área, porque não era só falar, nós tínhamos que ter tudo aquilo para demonstrar tudo, cada passo, e aí a gente falava de cada passo dos ovos, de cada passo dos pintinhos, levamos pintinho, foi bem dinâmico, até ganhamos em primeiro lugar, se não me engano isso foi na sexta série... Mas tinha muita coisa, muitas áreas, outros apresentando outras coisas, outras técnicas dentro da Ciências, sobre eletricidades, sobre outras áreas... Mas era muito interessante, eles buscavam a gente a estar pesquisando, e a ter aquele interesse pela matéria, então era muito gostoso, muito interessante... Pesquisamos em livros, na Biblioteca liamos livros, escrevíamos, porque tinha que ter aquela apostila toda plastificada porque a gente apresentava na sala, ali passava não só os alunos, por exemplo, na minha sala eu me lembro que ficou mais de um grupo apresentando, então toda vez que passava alguém “o que vocês estão apresentando?”, então além daqueles que iam dar a nota avaliando, tinha os próprios alunos, pais de alunos, então nós explicávamos tudo aquilo para aquelas pessoas também, mostrávamos tudo dentro da pasta plastificada como que era, como foi pesquisado e o que acontecia com aquele ovo, de cada parte, quantos dias ficava para o pintinho nascer... então era tudo isso, bem detalhado, bem minucioso, bem explicado, foi bem interessante e cada um fazia dessa forma, era gostoso porque estimulava... (T. M., 2017).

Como percebido a contradição está no fato de ambos discordarem sobre o incentivo à pesquisa para o desenvolvimento dos projetos envolvidos nessas Feiras, de um lado o ex-aluno afirma que esse incentivo não acontecia como deveria e do outro a ex-aluna esclarece que a pesquisa era incentivada pelos professores.

Temos aqui, aspectos que podem ter estado ligados mesmo a questões relativas a subjetividade de percepção do processo de ensino e aprendizagem, como a relação professor e aluno, motivação e o compromisso com a pesquisa que compreende uma aproximação e envolvimento dessas partes, dentre outras. Destacamos abaixo a imagem de uma fotografia na qual supomos tratar-se de mostra e apresentação de trabalhos, ou mesmo a exposição destes em Feira de Ciências:

FIGURA 34 - Alunos em apresentação de trabalhos.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1980.

Pela figura 34 podemos observar um grupo de alunos e demais pessoas no ambiente exterior das salas de aula, em observação à exposição e explicação do trabalho pelos alunos, os quais podem ser identificados pelo uniforme, camiseta branca e calça azul.

Nesta perspectiva, neste contexto relativo ao relato acima da ex-aluna sobre as Feiras de Ciências que aconteciam na escola, mediante aos troféus que tivemos acesso foi possível verificar um que se refere a 1ª Feira Regional de Ciências de Ituiutaba do ano de 1978, na qual a escola alcançou o título de 2º lugar. Como pode ser observado pela imagem do referido troféu abaixo:

FIGURA 35 - Troféu: 2º lugar 1ª Feira Micro Regional de Ciências de Ituiutaba.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1978.

Outra área destacada por essa mesma ex-aluna se refere à Educação Física, ela relatou que esta foi também uma das disciplinas mais apreciadas durante o tempo em que estudou na escola, segundo ela, as aulas eram bem diferentes naquela época e os alunos participavam por prazer, era proposto pela professora várias atividades físicas e após as aulas todos os alunos tomavam banho nos banheiros específicos. T. M. (2017) relatou que participou ativamente dos eventos esportivos que aconteciam na escola.

No relato da ex-aluna I.A. (2017) sobre as aulas e atividades propostas na Educação Física, e como comentou não apreciava essas aulas, segundo ela participava, pois, era uma exigência, contudo um dos aspectos que mais lhe desagradava era a questão dos banhos após as aulas já que não havia privacidade nos banheiros. Como relatou sobre isso:

Eu participava mas eu não gostava, porque elas eram, elas partiam de um pressuposto, eu participava porque eu era obrigada, elas partiam de um pressuposto que você já era capaz de alguma coisa, então por exemplo, se estava na quadra só jogava quem já sabia jogar, se você estava correndo, eram só aqueles que corriam mais, quando você estava fazendo salto eram só aqueles que sabiam mais (...), então eu não gostava, eu achava assim, que

era uma invasão de privacidade muito grande, não era produtiva essas aulas porque realmente não era mesmo...(I. A., 2017).

Como pode ser observado pelo relato acima, a ex-aluna não sentiu motivação e entusiasmo pelas aulas de Educação Física e considera que estas não contribuíram para com seu processo de formação na escola.

Já no relato da ex-aluna S. C. (2017) ao contrário da consideração anterior, ela nos falou que a Educação Física foi a área que mais se sobressaiu, uma vez que participou ativamente de várias atividades e jogos olímpicos, alcançando mesmo medalhas, no entanto, ressaltou que nas demais disciplinas não se dedicava tanto:

Na Educação Física a gente fazia algum tipo de exercício antes para aquecer, depois era treinar corrida, a gente aprendia a jogar bola, íamos tomar banho para depois irmos de volta para a sala de aula... eu participava dos campeonatos, tanto que não dedicava tanto para as matérias... Até pouco tempo eu tinha as medalhas de Handebol e corrida e tinha também o certificado, era um certificado de que tinha participado e tinha ganhado, eu fui vice-campeã no Handebol, nós jogamos contra o Municipal na época, o Polivalente era o melhor no Handebol, mas como no Polivalente só tinha até a 8ª série as meninas saíam dali do Polivalente e iam para o Municipal, então as alunas fortes no Handebol iam para o Municipal e depois jogavam um contra o outro, mas aquelas boas eram do Polivalente... (S. C., 2017).

Desse modo, outro ex-aluno a expor sua consideração pelas áreas em que encontrou dificuldades como as de que mais gostava foi A.C. (2017), assim ele comentou que em referência às disciplinas do ensino regular, ele sempre gostou mais da área de Matemática do que das demais, segundo ele, já se deparou com dificuldades no estudo e concursos pelo fato de não gostar do estudo da Língua Portuguesa, ao contrário, se sai bem nas exatas. Como afirmou:

Toda vida eu gostei mais de Matemática, detesto Português. No Polivalente sempre teve umas competições, para avaliar conhecimento, de uma turma contra a outra e tal.... Literatura não gostei, passava com 50, 52, nunca gostei, até hoje o que está me derrubando em concurso público “Português”, Matemática não me derruba, conhecimentos gerais, questões específicas...mas Português, sei ler e escrever normal mas para interpretação de textos, essas coisas assim não vai... mas o ensino foi muito bom, hoje tem meninos com faculdade que não sabe o que eu sei, eu tenho feito concursos públicos e em Matemática com o que eu aprendi lá de 5ª a 8ª, não abro nem um livro de Matemática, e nunca tive menos de 70% em concursos públicos (A. C., 2017).

Em relação a disciplina de Educação Física o ex-aluno comentou que era também uma das suas áreas preferidas, e sempre estava em participação com os jogos e campeonatos esportivos. Conforme trouxe em seu relato:

A Educação Física era boa, o dia que o professor estava meio indagado porque a turma aprontava, não dava bola, dava Educação Física pesada, não é igual hoje, essa mordomia não e tinha que estar uniformizado, se não tivesse ou não fazia ou até ia para a secretaria, tinha que estar 100% uniformizado, de cima em baixo. Tinha de tudo, atletismo, salto em altura, handebol, basquete, futebol de salão e futebol grama, tinha dia que era uma coisa e tinha dia que era outra. Como era um horário só, acho que duas vezes na semana, não tinha jeito de dar tudo, às vezes separava os meninos das meninas, hoje vai ser grama, hoje vai ser basquete e salão, mas era separado. Gostava mais de grama e salão... participei de campeonatos, joguei para escola, quando ela foi campeã de futebol de grama, mas eu era reserva nessa época, devia ter meus 13, 14 anos, mas joguei para o time da escola também... E tinha interclasse também, era excelente, sala contra sala, separava os mais aptos, por exemplo, de manhã 7ª contra as 8ª, que tinha de A até E, umas cinco salas de cada, e dava uma interclasse excelente, handebol, basquete, futebol de salão e futebol de grama, tinha atletismo, tinha de tudo. A professora incentivava, a F. e finado P. S. (A. C. N., 2017).

Nesta perspectiva, outro troféu verificado no acervo da escola supomos que pode tratar-se do campeonato mencionado pelo ex-aluno quando a escola foi campeã no futebol de grama. Assim, demonstramos abaixo o Troféu ganho em 1º lugar em Futebol de Grama em 1979:

FIGURA 36- Troféu: 3º Convívio- 79. Polivalente. Campeão Fut. de Grama. Oferta Casas Pernambucanas.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1979.

Já a ex-aluna E. P. (2015) comentou que referente às disciplinas do ensino regular ela teve algumas dificuldades, segundo ela a de maior foi na área de Matemática, no entanto ela revelou ter se identificado mais com a Educação Física ao estudar nesta escola:

Tínhamos também uma hora boa, que era a hora que eu mais gostava...era a hora da aula de Educação Física, tinha muitas duchas para a gente tomar banho, cada um chegava da Educação Física suado, tinha corrida, tinha voleibol, handebol... a gente jogava, na corrida eu era boa, conseguia medalhas porque eu chegava na frente, esforçava, esforçava muito... porque durante a minha infância eu brinquei muito, corri muito, pulei muito, subi em muitas árvores...então correr para mim não era dificuldade, então eu corria, corria muito e as medalhas vinham para mim... era boa também no Handebol... (E. P., 2015).

A fotografia apresenta os alunos da Escola Polivalente em momentos de práticas esportivas, participando do “Salto em altura”.

FIGURA 37- Alunos na Pista de Atletismo.



Fonte: Arquivo da Escola “Antônio Souza Martins”- Polivalente, (s. d.).

Pela imagem observa-se que esta modalidade esportiva exigia uma boa preparação física dos alunos, uma vez que para saltar a barra ou corda há todo um processo de condicionamento, o que também ocorre nas demais atividades esportivas. Assim o esporte foi ressaltado na maioria dos relatos, é preciso lembrar que a ditadura civil-militar se empenhou no fomento dele buscando envolver a juventude nessas práticas afastando-os de outros campos especialmente, da organização política.

Neste sentido, pudemos observar através dos relatos dos ex-alunos e alunas ao exporem suas considerações sobre as dificuldades e apreciações vivenciadas em meio as práticas pedagógicas na escola, as distintas visões que permeiam entre essas áreas de ensino e de aprendizagem. Em relação à Matemática, o ex-aluno E. A. (2017) achou importante a metodologia que a professora aplicava realizando as “sabatinas”, pois segundo ele, era uma maneira de motivar o aluno a estudar a disciplina, já em relação à Ciências ele expôs que não sentiu o mesmo quanto ao incentivo para os trabalhos que seriam desenvolvidos nas Feiras de Ciências, porém ressaltou que a Educação Física foi bem aproveitada em suas aprendizagens.

Vimos também o relato do ex-aluno A. C. que falou da sua preferência pela Matemática enquanto tinha dificuldades com o estudo da Língua Portuguesa, contudo a Educação Física foi uma das suas áreas mais preferidas. A ex-aluna E. P. relatou ter tido dificuldades em Matemática e demais disciplinas ao passo que alcançou vitórias em modalidades da Educação Física, como também a ex-aluna S. C. que nos relatou ter se sobressaído em Educação Física, a de sua preferência, enquanto apresentava dificuldades em outras disciplinas.

Temos ainda o relato da ex-aluna I. A. (2017) que comentou não ter se motivado pelas aulas de Educação Física, porém como vimos em outros momentos, ela afirmou que o estudo das disciplinas do ensino regular foi bem apreendido por ela, alguns ex-alunos não mencionaram ter enfrentado dificuldades mas relataram apenas boas experiências com o processo de ensino.

Assim, torna-se evidente em face dos relatos dos dez ex-alunos e alunas ao exporem suas considerações sobre as dificuldades e preferências, o fato de que as dificuldades mais apresentadas referentes às disciplinas do ensino regular se mostraram em Matemática e Língua Portuguesa, enquanto a Educação Física, em exceção de uma ex-aluna foi vislumbrada pelos demais. Enfim, considerações que remetem ao cotidiano escolar vivenciado por estes ex-alunos e alunas durante o tempo estudado na Escola Polivalente.

4.6.1 Concepção de ensino: considerações do processo formativo vivenciado no Polivalente

Falar de concepção de ensino não nos parece algo tão tranquilo, pois remete a própria consideração em expressar e ao mesmo tempo conceituar uma determinada ideia. Quando falamos em concepções de ensino podemos pensar em algumas interpretações que estão

articuladas às particularidades de práticas e metodologias que são desenvolvidas nas atividades do âmbito educacional.

Libâneo (2001) ao se referir sobre esta temática, traz que um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos trata-se da ampliação do conceito de educação. Segundo ele, é o caráter pedagógico que introduz o elemento diferencial nos processos educativos manifestados em situações históricas e sociais, uma vez que, pelo fato da prática educativa se desenvolver no centro das relações entre grupos e classes sociais é evidenciada a mediação pedagógica determinantes das finalidades sociopolíticas e organizativas metodológica do processo educativo. A essa questão o autor pontua:

A qualidade é um conceito implícito aos processos formativos e ao ensino, implica educação geral onilateral, voltada para a cidadania, para a formação de valores, para a valorização da vida humana em toda as suas dimensões. Isso não leva a educação escolar a se eximir do seu contexto político e econômico, nem sequer de suas responsabilidades de preparação para o trabalho, mas, também, não pode estar subordinada e a serviço exclusivo do modelo econômico.

Educação de qualidade é aquela em que a escola promove para todos o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas necessários ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania (inclusive como poder de participação), tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A articulação da escola com o mundo do trabalho se torna a possibilidade de realização da cidadania, por meio da internalização de conhecimentos, habilidades técnicas, novas formas de solidariedade social, vinculação entre trabalho pedagógico e lutas sociais pela democratização da sociedade. (LIBÂNEO, 2001, p. 19)

Neste sentido, conforme observamos durante as entrevistas com os ex-alunos e ex-alunas da Escola Polivalente, estes nos falaram também de suas interpretações sobre as experiências vivenciadas em meio as práticas educativas e o que consideram do ensino que foi propiciado na escola durante o período estudado nesta escola. Buscamos apresentar assim o que cada um ressaltou sobre tal posicionamento.

Temos de início o relato do ex-aluno E. A., e ao se referir sobre sua consideração do ensino vivenciado no período de sua formação nesta escola expôs:

Eu não sei se foi um ensino de qualidade, foi um ensino diferente, para aquela época um ensino inovador comparando com outras escolas que não tinham o espaço que o Polivalente tinha... os laboratórios que o Polivalente tinha, apesar de tendo todo aquele aparato nem tudo você tinha possibilidade de usar, tinha as suas limitações... mas é uma escola que tinha alguma coisa diferente de outras... como hoje nós sabemos que tem os Institutos Federais também, que são escolas que são diferentes, mas ainda falta muito para dar uma contribuição plena para o desenvolvimento do indivíduo... a gente sabe

que se não mudar o sistema de ensino, se o aluno não for o autor do seu trabalho, do seu aprendizado, se essa cultura não mudar pode ter a melhor escola, o melhor prédio, a melhor área de ensino, que isso não vai resolver o problema, o que pode mudar o problema do país é mudar a cultura do professor, a cultura do aluno, porque do contrário, a estrutura não vai resolver o problema do aprendizado,... pode o professor falar o tanto que for mas se o aluno não tiver dedicação ele não vai aprender,... (E. A., 2017).

A ex-aluna T. M. (2017) diante das experiências através do ensino, das aprendizagens e da própria vivência na Escola Polivalente mencionou sua consideração:

O ensino do Polivalente tinha muita qualidade, muita, o ensino em si, e engraçado assim, eu senti que não era só os professores, havia uma cobrança também do diretor, você via que o diretor ia na sala, o vice-diretor, e dava um sermãozinho mesmo tipo “oh, olha o futuro, olha que depois vocês irão precisar disso, vão precisar daquilo...”, então não era só os professores que falavam com a gente, os vice-diretores e diretor saíam das suas mesas dentro das suas salas e preocupavam-se com os alunos e iam lá falar muitas coisas entende, conversar com a gente, então assim, era muito gostoso, uma preocupação geral, um amor mesmo, para falar a verdade eu vivi uma época de ouro ali dentro porque era um amor mesmo, você sentia a preocupação daqueles que estavam na área da educação preocupando com aqueles que estavam sendo formados para o mundo, para a aprendizagem, você via o interesse de todos, da supervisora que conversava, que estimulava também, enfim, muito bom (...), aquelas árvores, você estudava olhando aquela paisagem tão linda que tem ali, aquele gramado, então era uma escola, muito bom tudo, desde o funcionário até o diretor eu só tenho lembranças boas, doces e boas. (T. M., 2017)

Apresentamos abaixo o relato da ex-aluna I. A. (2017) ao falar de sua consideração sobre a formação e vivências durante o tempo em que estudou nesta instituição:

O Polivalente foi muito importante para mim, muito, muito, como eu te disse, a questão profissional deixou a desejar, mas a questão assim... quando eu vi o empenho dos professores, eles se empenhavam sim para com o processo de ensino, talvez não tanto com a aprendizagem, mas eles se esmeravam para dar uma aula de qualidade... eu sempre tive eles como o parâmetro de ascensão porque eu não tinha outro meio, (...), meu pai e minha mãe a maior herança que eles deixaram para nós foi a educação. E a educação do Polivalente fez a diferença, tanto que meu pai pôs, todos os meus irmãos vieram para essa escola porque meu pai sentiu assim, que tinha uma qualidade, que era válido a gente ali, e assim, quando eu vi que eu não iria mesmo embora para a roça, eu acabei tomando aqueles professores como referência, já que não eu não vou, vou estudar... e fui, e acabei virando professora também, talvez, eu não sei falar o que me levou, porque eu acabei me graduando tanto na Pedagogia, com a Pedagogia eu tive experiência de ser professora, de um curso profissionalizante porque eu fui professora do Magistério mas eu também tive a experiência de ser Pedagoga, com a Geografia eu fui para a sala de aula, na Geografia eu trabalhei desde o início e sempre lembrando dos meus professores, não que eu trabalhasse num contexto tão tradicional como eu recebi, aquela coisa massificante de avaliar,

mas eles estão sempre na minha memória, enquanto educadores, enquanto referência, enquanto ensino, enquanto escola, eu nunca vou esquecer, nunca vou esquecer aquela escola... (I. A., 2017).

O ex-aluno A. C. (2017) ao comentar sobre sua consideração sobre este aspecto do ensino e da aprendizagem vivenciada neste período na escola, ressaltou que os estudos contemplados no Polivalente contribuíram no seu processo formativo, conforme nos falou, antigamente os professores cobravam mais dos alunos, havia mais compromisso com o estudo em si e atualmente até mesmo devido às medidas organizadas pelo Estado na área educacional, os alunos estão avançando de séries, mas não de fato com uma boa aprendizagem. Segundo o depoimento de A. C. (2017):

Em relação ao ensino do Polivalente naquela época, para mim hoje é excelente, acho que nem escola particular, não sei hoje, (...) mas em termos de ver outras escolas públicas, acho que nenhuma igual o Polivalente hoje tem. Hoje eles estão empurrando o aluno, hoje o Estado está cobrando, antigamente não, era cobrado mesmo na escola, ou você estudava ou você tomava bomba, eles não alisavam não, (...), meio ponto lá te dava bomba... ou sabia ou não sabia, hoje não, hoje empurra, no Polivalente tinha nota tinha, não tinha não tinha. (A. C., 2017)

Ao relatar sobre sua concepção do ensino na escola L. B. (2015) comentou que a aprendizagem aconteceu de modo integrado em sua vida, pois considera que tanto o ensino regular com as disciplinas comuns quanto as integradas ao ensino vocacional profissionalizante contribuíram para o seu processo formativo:

O ensino foi muito bom, foi muito válido porque na época nenhuma outra escola oferecia todos esses cursos profissionalizantes, então assim foi um diferencial que a escola ofereceu para os alunos, foi muito gratificante porque foram vários cursos e em todos a gente aprendeu um pouco, saindo dali tendo concluindo o 1º Grau com um diferencial a mais do das outras escolas... O ensino profissionalizante junto ao ensino regular deveria ter permanecido nesta escola, porque como eu já comentei, apesar de sido em pouco tempo, mas assim, trouxe noções básicas para o aluno, de Práticas Comerciais, Industriais, de tudo um pouco, então, preparava o aluno também para o mercado de trabalho, era muito importante se tivesse continuado,... Com certeza acredito que o Polivalente buscou oferecer um ensino de qualidade no período em que estudei lá, como os cursos profissionalizantes as outras matérias em si foram também de um alto conteúdo, a gente saiu dali bem preparado mesmo, os professores eram assim, bem preparados para cada matéria e saímos de lá, assim bem preparados mesmo... o estudo na verdade é a alavanca para o futuro de qualquer pessoa, se a pessoa não tiver o estudo muito dificilmente irá conseguir uma boa profissão, então quanto mais estudar maior vai ser a chance do futuro profissional. (L. B., 2015)

Ainda apresentamos o relato da ex-aluna E. A. (2015), ao se referir sobre sua concepção do ensino ofertado no Polivalente na época em que lá estudou, mediante aos cursos profissionalizantes que estavam integrados ao ensino regular, traz que:

Naquela época o ensino ajudou bastante, até o final do estudo... ajudou muito no desenvolvimento das profissões, acho que este ensino deveria ter permanecido, pois os alunos poderiam hoje ficar mais atualizados com a aprendizagem, hoje muitos não sabem fazer um troco, hoje poucos dão conta de preencher um cheque... devido a essas práticas de ensino que tiveram no Polivalente, a maioria dos alunos queria estudar lá, considero que foi uma escola importante na minha vida. (E. A., 2015)

As considerações dos ex-alunos e ex-alunas sobre o percurso formativo entre a 5ª e 8ª na Escola Polivalente puderam ser melhor compreendidas a partir de seus relatos ao expressaram suas interpretações sobre o que de fato trazem não apenas na memória, mas como na própria experiência de vida. Vimos nos depoimentos várias questões que nos remetem a importantes reflexões.

Foi possível observar pela maioria dos relatos a consideração de que a escola ofertou um bom ensino, que os professores se empenhavam em vista da aprendizagem dos alunos. No entanto, vimos também a consideração do ex-aluno no primeiro relato deste segmento, que tinha dúvidas sobre a qualidade do ensino da escola, porém, foi inovador em vista de outras escolas. Outra questão levantada por parte de alunos se refere à consideração de que o estudo integrado ao ensino profissionalizante foi importante para a inserção nas atividades profissionais, contribuindo também para o processo de aprendizagem vivenciado na escola.

No intuito de uma reflexão junto aos ex-atores dessa escola, buscaremos na seção seguinte apresentar algumas características pertinentes à contribuição para uma melhor compreensão sobre o processo das práticas formativas ocorridas nesta instituição de ensino.

5 O CONTEXTO ORGANIZACIONAL DA ESCOLA POLIVALENTE: AS INTER-RELAÇÕES ENVOLVIDAS

A relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos: antes, porém, ser uma série de trocas, uma dialética entre informação e interpretação, entre educadores e suas localidades, entre classes e gerações. Haverá espaço para muitas espécies de história oral e isso terá muitas consequências sociais diferentes. No fundo, porém, todas elas se relacionam. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Como procuramos apresentar na seção anterior, através dos relatos do ex-diretor, ex-funcionários, ex-professores, ex-professoras, ex-alunos e ex-alunas sobre suas experiências e vivências formativas na Escola Polivalente, nesta seção buscamos demonstrar parte do que foi constituído na instituição às relações que permearam as práticas educativas no contexto proposto ao estudo de nossa pesquisa.

Neste intuito, algumas questões foram abordadas em três segmentos. No primeiro apresentamos o contexto envolvendo o currículo da escola. No segundo, semelhantemente, fizemos uma abordagem através dos relatos, relativa às considerações sobre a Avaliação e, por fim no terceiro segmento apresentamos parte dos eventos promovidos na escola junto aos alunos e comunidade escolar.

5.1 O Currículo e suas dimensões pedagógicas

Afirmamos que o currículo é algo evidente e que está aí, não importa como o denominamos. É aquilo que um aluno estuda. Por outro lado, quando começamos a desvelar suas origens, suas implicações e os agentes envolvidos, os aspectos que o currículo condiciona e aqueles por ele condicionados, damos-nos conta de que nesse conceito se cruzam muitas dimensões que envolvem dilemas e situações perante os quais somos obrigados a nos posicionar. (SACRISTAN, 2013, p. 16)

Neste segmento apresentamos algumas características relativas ao currículo da Escola Polivalente, contudo, realizamos uma breve reflexão a partir de documentos pelos quais verificamos parte dos conteúdos curriculares propostos na grade curricular, os apontamentos de alguns teóricos acerca da temática e os relatos de entrevistados entre o que significou esse currículo e sua prática no interior da escola.

Sacristán (2013) traz que o conceito de currículo tem sua história, e nela podemos encontrar vestígios do seu uso no passado bem como a origem de seus significados que atualmente possui. O autor coloca:

O termo currículo deriva da palavra latina curriculum (cuja raiz é a mesma de cursus e currere). Na Roma Antiga falava-se dos cursus honorum, a soma das “honras” que o cidadão ia acumulando à medida que desempenhava sucessivos cargos eletivos e judiciais, desde o posto de vereador ao cargo de cônsul. O termo era utilizado para significar a carreira e, por extensão, determinava a ordenação e a representação de seu percurso. Esse conceito, em nosso idioma, bifurca-se e assume dois sentidos: por um lado, refere-se ao percurso ou decorrer da vida profissional e a seus êxitos (ou seja, é aquilo a que denominamos de curriculum vitae, expressão utilizada pela primeira vez por Cícero). Por outro lado, o currículo também tem o sentido de constituir a carreira do estudante e, de maneira mais concreta, os conteúdos deste percurso, sobretudo sua organização, aquilo que o aluno deverá aprender e superar e em que ordem deverá fazê-lo. (SACRISTÁN, 2013, p. 17)

O currículo escolar teria sua origem a partir do planejamento específico de conteúdos elaborados e propostos para serem utilizados nas instituições educacionais no decorrer do processo de ensino e aprendizagem com vista à formação dos estudantes, entendidas aqui como reguladoras da prática didática.

Conforme aponta Goodson (1988) a disciplina escolar é construída socialmente e politicamente por atores que as intencionam a partir de recursos ideológicos e materiais a fim do alcance pretendido, o que segundo ele, por trás desta perspectiva está um conceito alternativo do próprio ensino.

O autor ao fazer uma discussão sobre o estudo da estabilidade curricular, comenta que a disciplina escolar em si faz parte de uma estrutura mais ampla que incorpora e define os objetivos e possibilidades sociais do ensino “porque a definição da disciplina escolar como discurso retórico, conteúdo, forma organizacional e prática institucionalizada faz parte das práticas de distribuição e de reprodução social” (GOODSON, 1988, p.31).

Ressalta que a disciplina escolar como prática institucionalizada propicia uma estrutura para a ação, e neste sentido é preciso olhar para a disciplina como um mosaico cuidadosamente construído durante o longo tempo em que começou a ser delineado nos sistemas educativos. A essa questão Goodson (1988) afirma que:

Estudos históricos da estabilidade e da mudança curriculares fornecem valiosos pontos de vista sobre os parâmetros e os objetivos do ensino. O estudo das disciplinas escolares constitui um prisma particularmente importante para este tipo de investigação. O trabalho histórico alerta-nos em

particular, para o modo como o debate incessante sobre o currículo é por vezes reduzido a um debate sobre a questão e a centralização disciplinares. [...] Ao analisar o papel da “disciplina”, especialmente da disciplina “básica” ou “tradicional”, nos discursos e nas retóricas legitimadoras, compreendemos frequentemente as forças da “estabilidade e persistência”. Além disso, é-nos facultado um ponto de partida para que possamos examinar as possibilidades contemporâneas de acção, desde a reprodução até a transformação. (GOODSON, 1988, p. 40-41)

Moreira e Silva (1994) ao discutirem questões relativas ao currículo, comentam que este, há um tempo considerável deixou de ser uma área apenas técnica voltada a procedimentos e métodos, mas atualmente o currículo se encontra em uma dimensão crítica, acompanhada por questões sociológicas, políticas e epistemológicas.

Todavia, os autores apontam que as questões relativas ao “como” do currículo continuam importantes, mas só apresentam sentido quando perpassadas pela perspectiva que as interroga o “por quê” das formas de organização escolar, e a partir disso o currículo se apresenta como um mecanismo social e cultural “isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual” (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 7).⁴⁴

Assim, o desenvolvimento histórico do currículo, enquanto vasto campo de estudo, é permeado por questões sistêmicas e ideológicas que os constitui. Desse modo configura-se em objeto central nas relações de poder que o envolve na organização do contexto educacional sob a dimensão do conhecimento proposto às distintas classes sociais.

5.1.2 O currículo no Polivalente

A Escola Polivalente, como visto, iniciou suas atividades no ano de 1974 sendo o ensino ofertado aos estudantes da 5ª à 8ª séries do 1º Grau, sendo a partir do ano de 1984 implantado também o ensino de 2º Grau- 1º, 2º e 3º anos.

O ensino assim decorria de um currículo desenvolvido sob planejamento específico, visando à formação integral do aluno com disciplinas regulares, bem como a formação vocacional profissional a partir de conteúdos diversificados e aulas práticas que seriam realizadas em espaços adequadamente organizados, em salas e laboratórios que abrangessem

⁴⁴ Os autores comentam que o currículo não é um elemento inocente e neutro do conhecimento social, mas se apresenta: “[...] implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade da educação (MOREIRA e SILVA, 1994, p.7)”.

o aparato necessário à aprendizagem, como os mobiliários e recursos de materiais usados por alunos e professores.

A essa temática Bittencourt Júnior (2013, p.101) aponta que conforme verificado na Resolução ALMG 925/70, encontra-se a determinação para que o currículo dos Ginásios Polivalentes fosse algo dinâmico e avaliado anualmente com base nos resultados de aprendizagem dos alunos, dessa forma o currículo deveria estar sempre atualizado e ter o real significado para a vida presente e futura do estudante:

As atividades previstas no currículo deveriam ser de alto valor prático para o estudante, dentro e fora da sala de aula, de modo a prepará-lo de maneira adequada, para assumir o papel de um adulto responsável. Durante os dois anos introdutórios, tanto nas regiões de economia agrícola como nas áreas urbanas, os professores das quatro principais artes práticas deveriam trabalhar em estreita cooperação (troca de aulas e demonstrações, ensino por equipe, não duplicação de atividades, etc.) de modo a permitir que o ensino nestas áreas tivesse a maior integração possível. Este aspecto é referente ao caráter dinâmico que o currículo escolar norte-americano adquiriu no início do século XX. Este também foi aspecto enfatizado por Anísio Teixeira em seu relato sobre a educação escolar nos EUA, quando se referiu aos inquéritos escolares (school survey) e as comissões e bureaux de investigações sobre o currículo, que auxiliaram a organização das escolas americanas em 1923. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 101)

Como percebemos, o autor traz evidências de aspectos do currículo norte-americano sob a organização do currículo previsto para o projeto das Escolas Polivalentes. Nessa perspectiva, Bittencourt Júnior (2013, p. 101-102) destaca que no projeto do Ginásio Polivalente, as disciplinas de caráter prático vocacional eram obrigatórias nas duas primeiras séries, que tinham o objetivo de uma sondagem geral de aptidões vocacionais, de modo que a escola oferecia um elenco de matérias opcionais, e com o apoio de uma orientadora educacional a escolha seria feita visando assegurar o atendimento de preferência do indivíduo, segundo o autor essa característica era uma inovação básica no projeto vocacional e uma inspiração direta da pedagogia americana. A esse apontamento o autor traz:

A sondagem vocacional para o trabalho é um aspecto básico da pedagogia norte-americana. Para Dewey, a escola é a vida, e a experiência de viver a escola já é aprendizagem. As disciplinas não devem ser adaptadas à criança, mas buscar adaptá-la ao dinamismo social, levando-se em conta os interesses dos alunos e colaborando para sua inserção social de forma menos coercitiva. Esse é outro aspecto que foi enfatizado por Teixeira como traço distintivo da escola pragmática norte-americana. Trata-se da educação para o trabalho, não no sentido propriamente técnico ou da formação profissional, mas da formação da ética do trabalho, da consciência acerca do valor social do trabalho e da valorização das habilidades manuais. Essa relação entre educação e trabalho é um dos traços distintivos do *modus vivendi*

americano. [...] Nesse sentido, os Ginásios Polivalentes, ao trazerem a oficina e as atividades manuais para dentro da escola, era uma iniciativa de transposição para o Brasil não apenas da educação escolar norte-americana, mas de um traço estruturante do caráter americano. (BITTENCOURT JÚNIOR, 2013, p. 102)

A partir da citação do autor, observamos que há presente a característica no que trata sobre a própria origem da concepção do currículo americano que seria transposto para o Brasil e assim para as Escolas Polivalentes, ou seja, compreendemos que este currículo se referia aos ideais de aprendizagem integrada ao ensino vocacional visando à formação social do indivíduo a partir da formação da ética do trabalho, não se restringido à formação propriamente técnica profissional.

E tratando-se da Escola Polivalente, objeto de nossa pesquisa, qual teria sido a concepção para a efetivação das práticas sob este currículo?

Tivemos o acesso a currículos relativos a partir da década de 1980, assim, mediante o currículo da Escola Polivalente relativo ao ensino de 1º Grau, verificamos que as disciplinas eram organizadas pelas matérias em suas áreas de estudos, estando estas assim prescritas: “**Educação Geral** – disciplinas do ensino regular e **Educação Especial** – disciplinas que integravam o ensino preparatório técnico”.

Consoante a essa questão, ressaltamos que devido ao estado um tanto ilegível do documento destacamos sua transcrição no quadro abaixo, bem como dos indicadores fixos e prescrições pedagógicas da grade curricular que acompanham o verso do documento.

QUADRO 8 - Grade Curricular das disciplinas que compunham o ensino de 1º Grau da Escola Polivalente.

E D U C A Ç Ã O	MATÉRIA	ÁREA DE ESTUDO ATIVIDADES DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA SEMANAL E ANUAL							
			5ª		6ª		7ª		8ª	
	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA EDUCAÇÃO FÍSICA INGLÊS	CR	CHA	CR	CHA	CR	CHA	CR	CHA
G E R A L			6	180	6	180	5	150	5	150
			2	60	2	60	2	60	2	60
			2	60	2	60	2	60	-	-
	CIÊNCIAS	CIÊNCIAS F. B. PROGRAMA DA SAÚDE ECOLOGIA E AMBIENTE	4	120	4	120	4	120	4	120
		MATEMÁTICA GEOMETRIA E DESENHO	5	150	5	150	5	150	5	150
	ESTUDOS SOCIAIS	GEOGRAFIA	2	60	2	60	2	60	2	60
E D U C A Ç Ã O E S P E C I A L		HISTÓRIA E EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	3	90	2	60	2	60	2	60
		EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA O.S.P.B.	-	-	-	-	-	-	1	30
	OUTRAS	ENSINO RELIGIOSO	1	30	1	30	1	30	1	30
	ÁREA ECONOMICA PRIMÁRIA	AGRICULTURA E FITOTECNIA - ZOOTENIA INDTS – PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	-	-	-	-	2	60	2	60
	ÁREA ECONOMICA SECUNDÁRIA	ARTES GRÁFICAS - CERÂMICA – METAL – COURO – MADEIRA - ELETRICIDADE	-	-	-	-	2	60	2	60
	ÁREA ECONOMICA TERCIÁRIA	COMÉRCIO E SERVIÇOS DE EDUCAÇÃO PARA O LAR E SAÚDE	-	-	-	-	2	60	2	60
	TOTAL	GERAL	25	750	25	750	25	750	25	750

ESCOLA ESTADUAL “ANTÔNIO SOUZA MARTINS” – POLIVALENTE. ITUIUTABA – MG
GRADE CURRICULAR 5ª A 8ª SÉRIES DO 1º GRAU. 1983.

Apresentamos abaixo a transcrição do verso do documento referente às observações relativas a grade curricular:

INDICADOR FIXO:

CR: CRÉDITOS SEMANAIS

DIAS LETIVOS SEMANAIS: 05

DIAS LETIVOS ANUAIS: 180

HORAS ANUAIS: 750

HORAS DIÁRIAS: 4: 30'

CHA: CARGA HORÁRIA ANUAL

SEMANAS LETIVAS: 36

DURAÇÃO DO MÓDULO: 50'

HORAS SEMANAIS: 21

DATA: 30/ DEZEMBRO/83

APROVAÇÃO DA DRE.

OBSERVAÇÕES

Na 7ª série o aluno fará a opção por um setor de EDUCAÇÃO ESPECIAL, confirmando-a na 8ª série, sendo-lhe facultado optar por outro setor de maior interesse seu.

As aulas de EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA NAS 6ª e 8ª séries serão ministradas como DISCIPLINA SISTEMATIZADA, DEVENDO seus resultados serem registrados.

O.S.P.B como DISCIPLINA SISTEMATIZADA será ministrada na 8ª série.

Nas demais séries será ministrada como atividade integrada a GEOGRAFIA.

As aulas de CIÊNCIAS F. B – PROGRAMAS DE SAÚDE-ECOLOGIA E AMBIENTE serão ministradas para turmas de 20 (vinte) alunos, sendo que uma hora semanal na 5ª e 6ª séries será ministrada como “TRABALHO DE CAMPO” em ECOLOGIA E AMBIENTE por um professor específico para tal.

As aulas de EDUCAÇÃO ARTÍSTICA serão ministradas em todas as séries, juntamente com ARTES INDUSTRIAIS que a incorporam e a ampliam.

Em LÍNGUA PORTUGUESA uma hora semanal será dedicada à PRÁTICA DA REDAÇÃO, ministrada por professor que terá essa especificidade na 5ª e 6ª séries.

Na carga Horária Semanal de MATEMÁTICA para 5ª e 6ª séries implicará uma hora obrigatória de Desenho e Geometria.

As aulas de EDUCAÇÃO FÍSICA deverão implicar paralela a sua sistematização e especificidade a PRÁTICA ESPORTIVA aplicada em EXTRA TURNO observada a opção dos alunos pelas modalidades diversas que a capacidade física da escola oportuniza. (GRADE CURRICULAR, ESCOLA POLIVALENTE, 1983)

Como pode ser visto, a carga horária referente às disciplinas da Educação Geral e Especial contava com uma diferença considerável, já que dentre a carga horária que perfazia

um total de 750 h anuais, pode ser identificada uma ênfase maior nas disciplinas do ensino regular. Tratando-se das áreas do ensino vocacional profissionalizante o que percebemos é que a carga horária anual de cada disciplina se referia a 60 h. Assim, este currículo como verificado, sofreu alterações a partir do ano de 1984, e como relatado pelo ex-diretor as alterações quanto a sua organização curricular, referem-se às mudanças ocorridas a partir da instituição do ensino de 2º Grau na escola.⁴⁵

Todavia, tratando-se da temática curricular da Escola, o ex-professor V. C. (2015) nos relatou alguns aspectos referentes ao que trata sobre a organização curricular da escola no início de suas atividades; de acordo com ele, a distribuição das vagas era organizada de modo a preencher o número correspondente ao que a escola ofertava: “existiam na época 400 vagas por turno para as quatro áreas de atuação – Agrícolas, Comerciais, Industriais e Educação Para o Lar, havia exame de seleção para todos os alunos” (V. C., 2015).

Assim, referente ao ensino de 1º Grau- 5ª a 8ª séries, ele relatou que a Escola Polivalente contava com a oferta de 800 vagas, sendo estas divididas nos períodos em que a escola atendia- matutino e vespertino – 400 vagas em cada turno, contando assim com 10 turmas de 40 alunos em cada turno, de modo que as áreas do ensino profissionalizante eram distribuídas em quatro, integradas ao ensino regular, assim, no decorrer da 5ª e 6ª séries os alunos perpassavam pelas quatro áreas do ensino profissionalizante, ou seja, a cada semestre os alunos estudavam uma dessas áreas, e ao adentrarem a 7ª série, escolhiam a área com a qual mais se identificavam, dando continuidade na área escolhida sob a 7ª e 8ª séries.

Em entrevista o ex-diretor S. N. (2017) ao falar sobre o currículo, relatou que teve alguns problemas relativos ao que se refere entre o que era prescrito e o que de fato os alunos

⁴⁵ O ensino de 2º Grau foi bastante desejado pela população tijucana, uma vez que os pais alegavam a necessidade de continuidade dos estudos dos filhos, assim a equipe gestora da escola com apoio de pais e outras instâncias, buscaram meios para a conquista deste nível de ensino e o mesmo foi contemplado posteriormente, como mencionado no ano de 1984. Tal busca pela ampliação do ensino teve destaque em notícia de jornal da cidade, como descrito abaixo em parte da publicação: “2º Grau na Escola Polivalente - O Vice Presidente da Câmara Municipal, vereador H. D., procurando traduzir as aspirações da Direção, do seletor Corpo Docente, da Secretaria, de Funcionários e, sobretudo, dos Srs. Pais e dos jovens alunos da tradicional Escola Polivalente de Ituiutaba, no sentido de dotar, o quanto antes e com a máxima urgência aquele modelar estabelecimento de ensino do 2º Grau, solicitou na reunião da edilidade tijucana, fosse enviado ofício ao secretário da Educação de nosso Estado, objetivando a materialização do assunto em tela, tendo o Requerimento daquele edil e que, professor que por longos que é e pai de alunos matriculados no Polivalente, sente na própria carne a falta que está fazendo o curso de 2º Grau naquele estabelecimento de Ensino. [...] Naquela oportunidade o vereador H. D. lembrou à casa Legislativa que, dotando nosso Polivalente de 2º Grau, sua metodologia educacional não sofrerá solução de continuidade, ou seja: os alunos do Polivalente, ao lado de uma esmerada educação recebida e reforçada pela ação atuante e bem atualizada de suas Orientadoras e Supervisoras, também são preparados para uma profissão, cujos parâmetros são as vocações diversificadas e respeitadas de cada um de seus alunos individualmente, devendo-se todo esse sucesso formativo daqueles jovens estudantes à presença amiga, humana, firme, filosófica-moral e sobretudo idealista de seu Diretor, Profº. S. N.” (Acervo Cultural do município. Jornal Cidade de Ituiutaba, 23 de outubro de 1980).

naquele determinado contexto precisavam assimilar, principalmente com as turmas da 5ª série.

A essa temática, nos respaldamos em Goodson (2007), o qual defende a ideia de um currículo que ultrapasse o currículo prescritivo, segundo ele, é preciso haver uma aprendizagem perpassada pelo próprio contexto de vida. O autor afirma:

Quando vemos a aprendizagem como uma resposta para situações reais, o engajamento pode ser dado como certo. Grande parte da literatura sobre a aprendizagem é vista como uma tarefa formal que não se relaciona com as necessidades e interesses dos alunos, uma vez que muito do planejamento curricular se baseia nas definições prescritivas sobre o que se deve aprender, sem nenhuma compreensão da vida dos alunos. Como resultado, um grande número de planejamentos curriculares fracassa, porque o aluno simplesmente não se sente atraído ou engajado. Dessa forma, ver a aprendizagem como algo ligado à história de vida é entender que ela está situada em um contexto, e que também tem uma história [...] (GOODSON, 2007, p. 250).

S. N. (2017) comentou que esta era uma de suas preocupações e que sempre levava o assunto à Pauta em Reuniões com os professores, segundo ele a Língua Inglesa foi uma das disciplinas que de certo modo lhe causou preocupações quanto a assimilação e compreensão da mesma pelos alunos mediante a metodologia aplicada pelos professores:

A gente trabalhava esse currículo, não obstante ele ser, não tinha como, a gente fazia tudo para que ele, por exemplo, aula, o que é aula? Aula é o espaço do professor 50 minutos ficar falando e o aluno não, mas o grande momento é do aluno, os professores tinham que entender que era o momento do aluno, eu tive muitos problemas por exemplo, naquela época com Inglês, o que significava Inglês para os meus meninos em Ituiutaba, com um professor que aprendeu que tem que fazer aquilo e aquilo e se o aluno não fizer tem que mandar para fora e coisa e tal, então tive que trabalhar na cabeça dele que o Inglês era um momento da história de língua dos outros, com os outros, que era bom aprender e que depois ele iria encontrar no vestibular, e assim por diante... (S. N., 2017).

Nesta perspectiva, o ex-diretor comentou que fez o projeto de um currículo buscando trabalhar questões relativas a aprendizagem integrada com a realidade dos alunos. A exemplo, ele falou sobre um aluno da 7ª série que foi encaminhado para trabalhar no Banco Itaú pois segundo ele, tinham um convênio empregatício com este, e assim esse aluno foi dispensado pelo fato de que não conhecia os locais da cidade, uma vez que residia na zona rural. Com isso o ex-diretor conforme relatou, começou a rever juntamente com os professores ações para reverter tal situação.

Diante dessa constatação o ex-diretor comentou que deu início ao trabalho de buscar uma proposta que viesse a mudar esse contexto metodológico entre o ensino e a aprendizagem dos alunos, com esse intuito propôs modificar ações através de um projeto sugerindo novas formas de desenvolver os conteúdos com os alunos, o qual foi levado adiante com o apoio da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Superintendência Regional de Ensino:

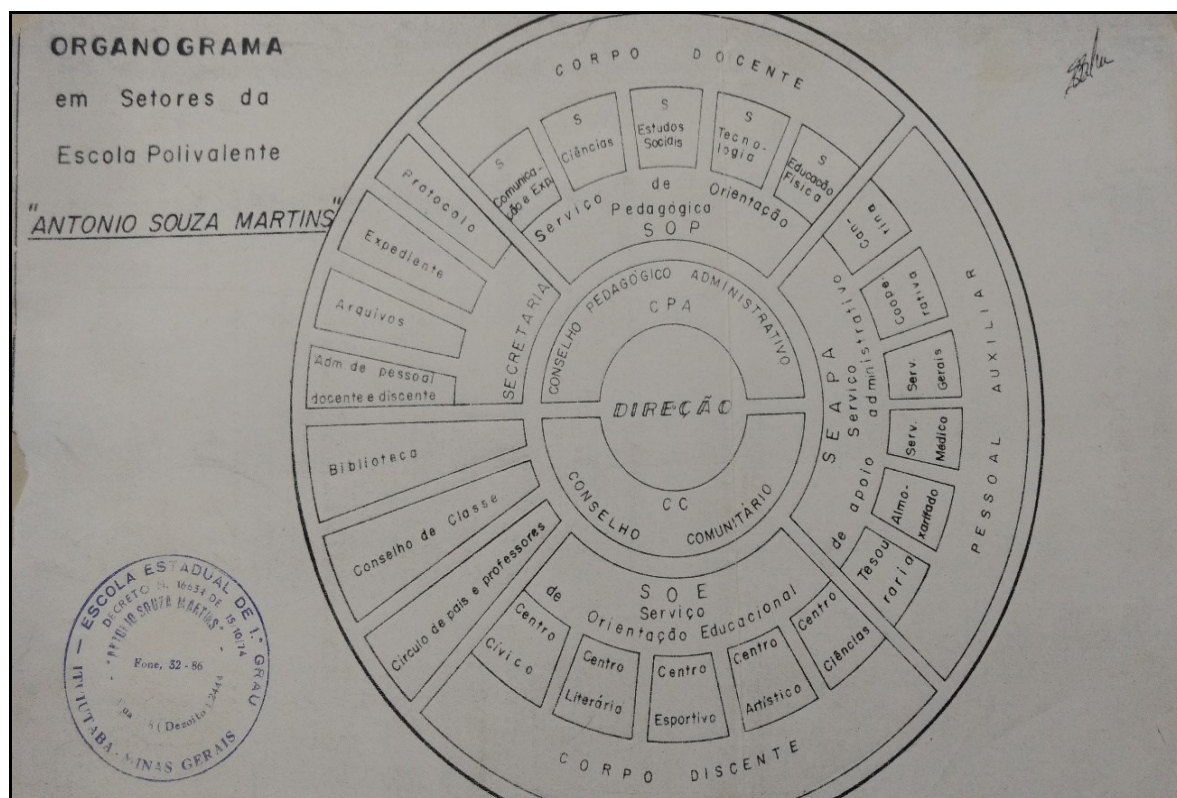
Isto é, a partir dessa consciência que nós professores juntos tivemos, percebíamos que aquela história tinha que ser mudada, que o currículo de Geografia, História...o aluno tinha que conhecer primeiro sua realidade, seu contexto. Primeiro para ele aprender que aqui é o seu contexto, conhecer o mundo dos outros também, para poder também conviver com os outros. Aprender Línguas, Inglês, primeiro tem que saber bem o Português, essa era a nossa preocupação e começamos a questionar, e chegamos a ter condições de reverter o problema de Geografia e História de 5ª série para começar com a base aqui da nossa região, conhecer o São Lourenço, conhecer Aroeira, conhecer Bauzinho, conhecer os nossos limites, para depois ver França, ver os rios da Europa, ver tudo isso...

A realidade deles era aqui, que começasse por aqui. Nós tínhamos condições de questionar isso. Levamos esse problema para a Delegacia de Ensino de Uberlândia na época, levamos o problema para Belo Horizonte quando fui representar a Delegacia Regional de Uberlândia, quando eu fui responsável pela Filosofia e introdução da Filosofia e Sociologia, porque o nosso projeto através da UFU e da Superintendência Regional, ganhamos a causa (...) O que que nós levamos? Que precisávamos primeiro, que antes dos nossos currículos conhecer, saber aquilo que era bom para os outros que veio de cima para baixo, conhecer a si mesmo, conhecer sua própria situação, sua família, seu contexto, sua realidade concreta e atuar nela e nela que deveria interferir pelo trabalho... (S. N., 2017).

Vemos pelo relato acima do ex-diretor, que a partir das questões percebidas no contexto pedagógico da escola, ele buscou estratégias para adequar o ensino curricular à própria vivência dos alunos, no que se refere ao espaço local e o que os cercava para a partir de então conhecerem os demais lugares constitutivos de outros países demonstrados no contexto teórico, e conforme vimos o ex-diretor conseguiu a aprovação do projeto.

Tivemos o acesso ao documento referente ao organograma da Escola Polivalente, no qual se pode observar a organização dos setores de trabalho proposta, como demonstra a imagem abaixo:

FIGURA 38 - Organograma da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, 1974.

Como observado a direção ocupava o lugar central em meio aos setores da escola, os quais eram divididos em áreas específicas dos trabalhos desenvolvidos na escola, como corpo docente, pessoal auxiliar, corpo discente, círculo de pais e professores, conselho de classe, biblioteca, secretaria, dentre outros.

A ex-supervisora C. B. (2017) ao se referir sobre esta temática, comentou que o currículo, apesar de ser específico, quanto aos conteúdos havia, porém, a flexibilidade em trabalhar conforme considerassem conveniente, pois como apontou “havia trabalho em equipe, e foi muito bom o período que eu trabalhei no Polivalente, o diretor liberal dava apoio em tudo que a gente quisesse fazer, assim, que fosse para o bem da escola, ele estava sempre junto dando apoio” (C. B., 2007).

Ao comentar sobre o planejamento curricular e avaliativo da escola, C. B. (2017) relatou que todo esse processo era feito de forma coletiva, inclusive com a participação dos alunos, em sugestões propostas ao início do ano letivo. Conforme relatou a essa questão:

Vinha o planejamento do ano todo, aí em reunião, muitas reuniões no começo do ano, vinham sugestões da secretaria mas ela não obrigava a ordem das matérias nos semestres, a gente podia escolher, em reuniões a gente esquematizava, em fevereiro, por exemplo, época de carnaval, a gente

decidia o que iria trabalhar com os alunos, sobre folclore... assim envolvia o Português, a Matemática, Ciências, tudo, era um conjunto, todos os professores, de todas as disciplinas comentando sobre o mesmo conteúdo, e isso era fantástico... Então a gente tinha liberdade de acrescentar alguma atividade, alguma coisa que às vezes a partir dos próprios alunos... sempre no começo do ano a gente fazia um período de adaptação que ficava às vezes 2 dias, às vezes 3 dias de acolhimento, para acolher aquele aluno na escola. E nesse período a gente demonstrava para as crianças, para os alunos, não só criança que já eram adolescentes, o que a escola iria oferecer, quais os métodos que seriam aplicados, os tipos de avaliações e ao mesmo tempo a gente pedia sugestões para eles, e eles davam, a gente sempre incentivava e desenvolvia alguma coisa naquele sentido, para não ficarem frustrados, era muito gostoso... não tenho queixa nenhuma, me aposentei mesmo porque chegou a hora. (C. B., 2007)

Deste modo, o ex-diretor comentou também que a proposta de um currículo flexível perpassava as demais áreas de ensino, como as aulas de Matemática, nas quais a metodologia aplicada fazia diferença na aprendizagem “a gente questionava, não obstante, a saber que tínhamos que aceitar o currículo enquanto uma obrigação que era coisa imposta pelo sistema, mas ele era discutido como fazer e assim por diante...” (S. N., 2017)

Outro exemplo trazido no depoimento do ex-diretor e que podemos inferir que remete ao modo de como o currículo poderia estar sendo colocado em prática na sala de aula pelo professor, trata-se de uma ação de uma professora. Segundo ele, no início, os professores exigiam muito dos alunos, e isso até mesmo devido ao fato da formação pela qual passaram para atuarem nessas escolas, contudo, como comentou, chegou-lhe ao conhecimento que uma professora da 5ª série estava a exigir um material mais organizado de uma de suas alunas, assim, como ele sabia das reais condições desta aluna e que seu pai estava muito doente, vindo a falecer, convidou os professores, como a referida professora para irem no velório até a casa da menina. Conforme relatou:

Nós tivemos uma situação interessante, quando os professores chegaram, muito idealismo, muita beleza, todo mundo podia exigir tudo, e começaram a exigir, a professora de Português, Redação... tem que ter um caderno com capa e tal, e uma menina chegou com um caderno só com capa de pão, e a professora se sentiu chateada... e depois foi lá e chamou a atenção da menina, e eu sabia que o pai dela estava doente na Vila Natal com câncer, e estava para morrer, e realmente ele morreu, chamei os professores para ir lá no velório na casa da menina, e quando essa professora que reclamou e exigiu o caderno da menina, chegou lá começou a chorar, porque ela viu a pobreza da menina e exigindo aquilo, que tinha que ter capa, um caderno pra isso, caderno para aquilo e a menina não tinha condição de ter um caderno. Então nós começamos a pensar que cada um é um, tem situações que o aluno participava do mesmo jeito, então o caixa escolar dava o material. (S. N., 2017)

Com esse fato, o ex-diretor comentou que a referida professora teve um novo olhar para a aluna, pois conheceu a realidade que ela vivia com a família, conforme relatou não era coerente o professor enxergar o aluno só ali dentro da sala de aula, exigindo o que por vezes se distinguia da realidade de muitos alunos da escola.

Percebemos a partir deste relato acima, algumas implicações relativas à prática da professora no que se referem ao currículo, ou seja, à medida de suas ações ela poderia estar se restringindo ao desenvolvimento dos conteúdos prescritos sem a flexibilidade cabível ao currículo, ou seja, sua prática poderia estar fundamentada ao trabalho com o currículo em si e não considerando a realidade vivida pela aluna, que por vezes podem interferir diretamente no processo de ensino e aprendizagem, em outras palavras, poderia estar agindo sem a sensibilidade necessária à compreensão das condições de vida da aluna, diante da formalidade curricular docente.

Todavia, como exposto pelo ex-diretor, o que a equipe gestora propôs foi o trabalho direcionado em outra perspectiva, no sentido de considerar a realidade dos alunos e desenvolver o trabalho pedagógico considerando tal realidade, o que segundo ele, foi alcançado a partir da sensibilidade da professora mediante o conhecimento real de vida da aluna.

S. N. (2017) comentou também que a escola cobrava uma contribuição dos pais que se dispunham a ajudar, o que era revertido para o caixa escolar a fim do benefício dos próprios alunos “nós tínhamos um trabalho de consciência dos pais em aquilo que eles contribuíam era devolvido, agora quem não tinha condições partilhava do mesmo jeito, da mesma situação” (S. N., 2017).

A ex-supervisora a essa questão, comentou que a escola contava com alunos de distintas classes sociais, no entanto os que demonstravam necessidades, a escola procurava ajudar, conforme apontou:

Nós tínhamos alunos de níveis diferentes, níveis financeiros, nós tínhamos crianças carentes que precisavam de ajuda com material, a gente fornecia o lanche, na escola sempre teve o lanche para os alunos, para todos, não tinha discriminação nenhuma, queria tomar podia chegar na cantina e pegar... quando os pais carentes procuravam, que precisava comprar isso, comprar aquilo, e eu não estou em condições, a gente sempre ajudava, conversava com os professores para ter paciência e esperar até os pais poderem adquirir material, coisas assim... (C. B., 2007).

Assim o ex-diretor comentou que a escola buscava trabalhar o currículo de forma a levar o conhecimento real dos alunos no que se referia às áreas de aprendizagem, segundo ele, sua proposta equivalia à de Paulo Freire, a dos alunos se perceberem no mundo com o mundo:

Então para isso a gente fazia com que aquele currículo obrigatório, imposto, que não tinha como, era do sistema, fosse trabalhado com o aluno para que ele entendesse que a linguagem era possível, com aquilo de Paulo Freire, com o mundo, com os outros, no diálogo... então nisso os professores me ajudavam muito, a maioria, tive pouca resistência de professores que não adotou essa ideia. (S. N., 2017)

Neste sentido, ao se referir sobre este aspecto de buscar mudanças na própria adequação do currículo, visando a proposta do educador Paulo Freire em levar os educandos à transformação a partir da consciência crítica e humana, mediante ao contexto em que o país estava vivendo uma ditadura civil-militar, e ainda frente à escola advinda dessa proposta do governo militarista, o ex-diretor comentou que enfrentou resistências e até perseguição política:

Tive problemas políticos, mas por sorte éramos concursados, então fomos tremendamente respeitados em todas as dificuldades que passamos com políticos, porquanto eles esbarravam naquilo que não podiam mexer que era o concurso, então enquanto isso me deu força, para brigar para que a ideia vingasse, contrariando a meio mundo, mas eu tinha o respaldo da escola ao todo, alunos, professores, pais, a comunidade aderiu, porque eu trabalhava muito a ideia de que eu não era diretor para mim, eu era diretor mas a responsabilidade minha era com meu povo, com quem eu representava, e que os interesses deles é que eu tinha que resguardar e trabalhar... (S. N., 2017)

Porém, é preciso entender que a escola tem limites claros, uma vez que não existe isoladamente e faz parte de um sistema público tendo como responsabilidade dar-lhe sustentação a fim de cumprir sua função “ ‘dar sustentação’ à ação, no entanto, não quer dizer tutelar a ação. A escola só pode cumprir seu papel de forma competente se tiver autonomia” (SETUBAL, 2005, et al., p. 151). De acordo com estas autoras, a autonomia da escola se dá através da participação dos que nela atuam e se beneficiam ao poderem construir o próprio caminho pedagógico da escola, condição fundamental para o comprometimento com a instituição.

Compreendemos que para o processo de democratização da escola, é necessário porém, que haja além das condições infra estruturais de funcionamento e demais ações relativas ao estabelecimento de ações por parte da política educacional, uma organização

visando ao rompimento de ações burocráticas que por vezes impedem o desenvolvimento em prol de uma melhor qualidade na Educação, uma vez que o cumprimento restrito ao estabelecido pelas regras determinadas não levam à construção e à transformação no processo de ensino e formação dos indivíduos. Assim a autonomia da escola está fortemente vinculada ao modo de como ela é colocada em ação entre as partes que a constitui no modo de organização e prática, ou seja, ao modo de pensar e agir do estabelecimento de ensino por parte da gestão, docência, projeto pedagógico, currículo adotado, dentre outras partes.

5.2 Materiais na prática docente

5.2.1 Diários de Classe

Ao se referir sobre a História das disciplinas escolares, Chervel (1990) aponta que o estudo histórico dos conteúdos em determinados níveis de ensino raramente gerou o interesse de pesquisadores, no entanto, o autor suscita algumas indagações acerca do estudo sobre esta temática:

E é no grupo do Serviço de História da Educação que tem se colocado, desde alguns anos, o problema geral: a noção de história de disciplinas escolares tem sentido? A história das diferentes disciplinas apresenta analogias, traços comuns? E, para ir mais longe, a observação histórica permite resgatar as regras de funcionamento, ver um ou vários modelos disciplinares ideais, cujo conhecimento e exploração poderiam ser de alguma utilidade nos debates pedagógicos atuais ou do futuro? (CHERVEL, p. 177, 1990).

Nesta perspectiva, Chervel (1990) comenta que até mesmo a definição para o termo “conteúdo escolares” estava ausente em todos os dicionários do século XIX, uma vez que a história da palavra “disciplina” no contexto escolar, até o fim do referido século, não designou mais do que a vigilância e repressão das condutas contrárias à boa ordem. Ressalta ainda para o fato da relevância do estudo relativo as disciplinas escolares, enquanto objeto de análise para os estudiosos dessa temática.

Deste modo, no intuito de uma reflexão sobre as disciplinas que foram estudadas na Escola Polivalente durante o recorte da nossa pesquisa, foi possível através do acesso aos

Diários de Classe de 5ª a 8ª séries verificar o quadro de disciplinas da escola a partir do ano de 1975, ressaltando que as atividades iniciais ocorreram no 2º semestre de 1974.⁴⁶

QUADRO 9 - Disciplinas de 5ª a 8ª séries da Escola Polivalente.

5ª série/Disciplinas	6ª série/Disciplinas	7ª série/Disciplinas	8ª série/Disciplinas
Português	Português	Português	Português
Matemática	Matemática	Matemática	Matemática
Ciências	Ciências	Ciências	Ciências
Geografia	Geografia	Geografia	Geografia
História	História	História	História
História do Brasil			
Inglês/Francês	Inglês/Francês	Inglês	Inglês
Educação Moral e Cívica	Educação Moral e Cívica	Educação Moral e Cívica	Educação Moral e Cívica
Organização Educacional			O.S.P.B
Biblioteca	Biblioteca		
Religião	Religião	Religião	Religião
Educação Artística	Educação Artística	Educação Artística	Educação Artística
Educação Física	Educação Física	Educação Física	Educação Física
Educação para o Lar	Educação para o Lar	Educação para o Lar	Educação para o Lar
Práticas Agrícolas	Práticas Agrícolas	Práticas Agrícolas	Práticas Agrícolas
Práticas Comerciais	Práticas Comerciais	Práticas Comerciais	Práticas Comerciais
Práticas Industriais	Práticas Industriais	Práticas Industriais	Práticas Industriais

Fonte: Diários de Classe. Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1975 a 1983.

Conforme observado pelo quadro de disciplinas, a grade curricular apresentou uma estrutura disciplinar de 5ª a 8ª séries com poucas modificações; como pode ser visto, na 5ª série havia a presença das disciplinas de “História do Brasil, Organização Educacional e Francês”, esta última também vista na 6ª série, o que não foi observado nos diários das demais séries. A disciplina de Organização Social Política Brasileira (O. S. P. B.) foi identificada apenas nos diários relativos às 8ª séries.

A título de exposição de algumas atividades curriculares verificadas nos referidos diários, apresentaremos parte das anotações feitas pelos professores relativas às disciplinas de

⁴⁶ Devido ao fato de termos tido o acesso a esse material em tempo já restrito, uma vez que a Escola Polivalente durante parte do tempo de nossa pesquisa se encontrava em processo de mudança do local dos arquivos, não foi possível fazer uma análise mais aprofundada das informações relativas ao contexto dos conteúdos prescritos e estudados.

atuação entre a 5ª e 8ª séries. Iniciaremos destacando os conteúdos do Diário de Português de uma turma da 5ª série:

FIGURA 39 - Conteúdos de Português da 5ª série da Escola Polivalente.

Total com este mês		
AVALIAÇÃO	NUM.	MATÉRIA LECIONADA
26 88		Dia 3 - Conversa informal
17 56	4	mal a respeito das aulas
14 46		Dia 5 - Red. I: A Escola Polivalente
155 51		lente
16 53	1	Dia 6 - Comentário das
14 46	1	redações
155 51	3	Dia 7 - Estudo do
21 7	1	texto de Millôr Fernandes
125 41		Incentivação - Expli
105 35	1	cação - Resolução questões
12 4	13	Dia 10 - comentário
13 43		das respostas e de
166 55	7	Red. feita em casa
95 31		Dia 12 - Estudo do
3 1	10	texto "Nasci" - Pergun
15 5		tas orais e individuais
26 88	1	Dia 13 - Exercícios de
24 8		interpretação por escrit
15 5		Exercícios estruturais
25 75		do mesmo texto
9 3		Dia 14 - Estudo dirigido
15 5		do a respeito do
266 8		uso do dicionário
115 38	1	Estudo em grupos
65 21		da apostila
19 63	2	Dia 17 - Exercício de
25 28		verificação e fixação
55 51		Dia 19 - Exercícios m
10 33		neografados - Comen
21 7		tários e explicações
105 35		Dia 20 - Estudo do
18 6	3	texto "Emília na Casa
17 56	1	das Chaves" - Explica
19 63	3	ção
11 36		Dia 21 - Leitura oral
12 4		e individual
135 45	2	Dia 24 - Interpretação
95 31	2	do texto - Resolução
11 36	1	das questões
	3	Dia 26 - Comentário
		e explicação das
		respostas
		Dia 27 - Estudo do
		texto: "Cão / Cão / Cão"
		Incentivação - Leitura
		do texto - Explicação
		do vocabulário
		Dia 28 - Leitura
		Orientada - Estudo
		da composição
		Exercício de compre
		ensão e expressão
		levantamento de
		Aspectos Especiais

Fonte: Acervo da Escola "Antônio Souza Martins" Polivalente, 1975.

É possível observar uma série de atividades propostas para os alunos, destacando-se: “conversa informal, redação, e como visto, com a temática para a Escola Polivalente, leituras e interpretações de textos, exercícios” dentre outras, podemos ver também notas relativas à avaliações e número de faltas dos alunos. Observa-se ainda, o visto da supervisora ou orientadora, demonstrando sua aprovação ao trabalho da professora e o elogio parabenizando-a pela “ordem e capricho”.

Ainda neste mesmo diário observamos pelo número de chamadas, que a turma era composta pelo total de 40 alunos. Como destacamos pela imagem abaixo:

FIGURA 40 - Número de alunos da 5ª série da Escola Polivalente.

Mês de <u>junho</u>		Módulo aula		Total aulas dadas anterior	
Aulas previstas <u>18</u>		Aulas dadas <u>17</u>		Total com este mês	
24	5	6	9	11	12
13	16	18	19	20	23
25	27	30			
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11	F				
12	F				
13					
14					
15	F	F	F	F	F
16					
17	F	F	F	F	F
18					
19	F				
20					
21	F				
22					
23	F				
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					
36					
37	F				
38					
39					
40					
41					
42					
43					

Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1975.

Neste sentido, apresentamos abaixo o conteúdo anotado pelo professor de Artes Industriais de uma turma da 6ª série, relativo ao mês de março de 1978.

FIGURA 41 - Conteúdos da disciplina de Artes Industriais da 6ª série da Escola Polivalente.

Total de folhas	MATÉRIA LECIONADA
3	comemoração do aniversário do Diretor - feriado -
10	Explicação dos modos de usar máquinas e ferramentas, segurança no trabalho.
17	Divisão dos grupos de trabalho e início da aula prática. cerâmica - peças decorativas gráfica - Bloco p/ escritórios madeira - fluteria metal - confecção e uso e fixação no corpo Elet. Inst. de circuitos e li- Folha
31	- continuação na confecção dos trabalhos iniciados na aula anterior.

Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1978.

Na anotação acima feita pelo professor de Artes Industriais observamos que foi destacada a comemoração referente ao aniversário do diretor e a especificação do dia ser feriado, em relação às aulas destaca-se “a explicação sobre a segurança no trabalho, em como manusear as máquinas e ferramentas, a divisão dos grupos de alunos para as áreas práticas a serem trabalhadas em cerâmica, gráfica, madeira, metal e eletricidade”.

Observamos que os conteúdos anotados pelo professor em seu diário remetem ao relatado pelos ex-alunos quanto ao que desenvolviam no decorrer das séries na escola, ou seja, o trabalho em atividades com cerâmica, gráfica, madeira, metal e madeira.

Assim, destacamos outra imagem da fotografia do diário com o fechamento do diário do professor, no qual observamos ser regime semestral, ainda podemos ver através do número de chamadas que a disciplina foi trabalhada com a metade da turma, do 21º ao 39º, 19 alunos:

[illegible]

Conforme anotado pelo professor, os trabalhos haviam sido finalizados e foram apresentados na Feira interna da escola, o professor destacou também o fato sobre a Avaliação final e a conversa informal com os alunos, como também especificou a limpeza geral realizada na Oficina. Outro aspecto a ser observado trata-se dos conceitos utilizados na Avaliação do 1º e 2º Bimestres “B, O e R” os quais por certo se referem a “Bom, Ótimo e Regular”.

225

FIGURA 43 - Conteúdos e números de alunos da disciplina de Ciências da 7ª série da Escola Polivalente.

Matr. de	Aluno	MATÉRIA LECIONADA
10		1- Mudanças de posição de corpos.
1		6- Repouso e movimento
1		13- Problemas: $V = \frac{e}{t}$
1		14- Problemas $t = \frac{e}{V}$
2		15- Problemas $e = V \cdot t$
		20- Mudanças de posição dos corpos no espaço.
		21- Energia, trabalho e potência.
		22- Análises
		27- Trabalho e potência
		27- Problemas: $T = \frac{P}{t}$
		29- Energia Potencial

Mês de Agosto		Aulas previstas 14														Aulas dadas 14															
Nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1																															
2																															
3																															
4																															
5																															
6																															
7																															
8																															
9																															
10																															
11																															
12																															
13																															
14																															

Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1978.

Como observado, os conteúdos se referem ao estudo envolvendo temáticas do estudo da Física, como “posição de corpos, repouso e movimento, Energia, Trabalho, Potência, exercícios” dentre outros. No diário observamos também que do total de 23 alunos, este professor contava com 11 discentes na sua turma, o que nos demonstra a divisão das turmas nas aulas de Ciências como relatado pelos entrevistados.

Destacamos ainda, a anotação referente a parte de conteúdos da disciplina de Matemática no diário da 8ª série do ano de 1978:

FIGURA 44 - Conteúdos da disciplina de Matemática da 8ª série da Escola Polivalente.

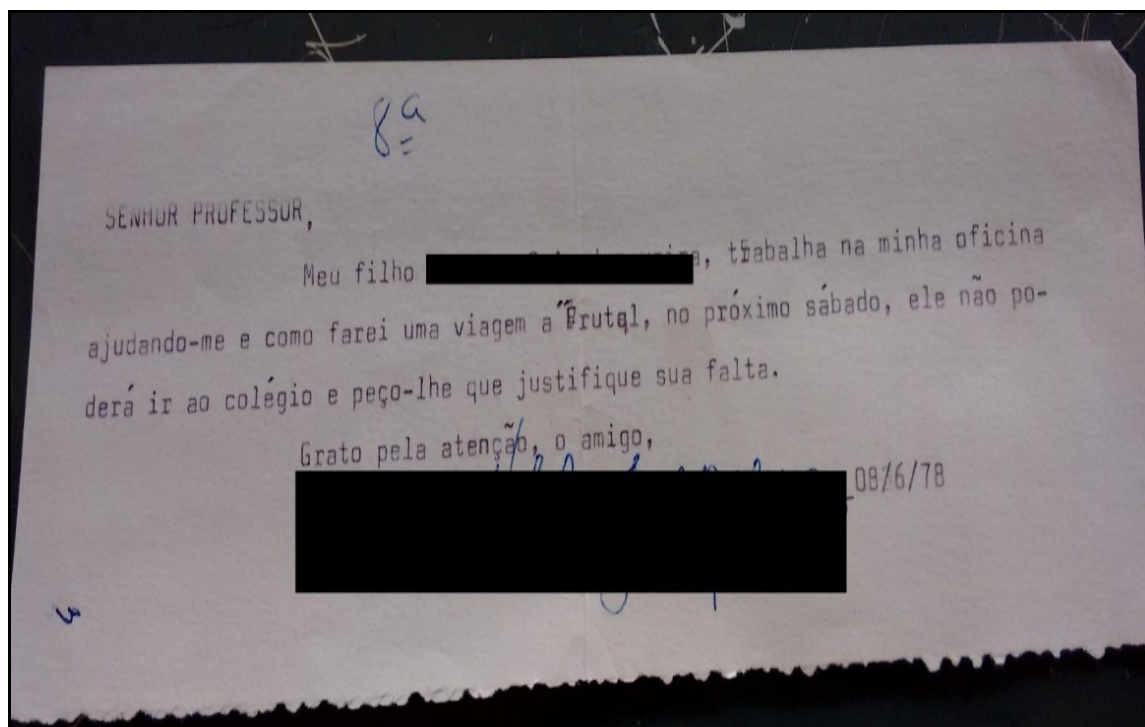
Ordem de leitura	MATÉRIA LECIONADA
01 -	Emendas e produtos cartesianos
02 -	Estabelecer relações entre conjuntos.
03 -	Exercícios
07 -	Idem.
08 -	Conceituar e representar graficamente as funções e aplicações.
09 -	Representar funções definidas por eq.
10 -	Exercícios
14 -	Representar geométricamente pontos no plano
16 -	Exercícios
17 -	Idem
21 -	Representar graficamente funções dadas.
22 -	Exercícios
23 -	Identificar e representar graficamente funções quadráticas
24 -	Exercícios
28 -	Conceituar ineq. do 2º Grau.
29 -	Resolver e representar graficamente inequação do 2º G.
30 -	Conceituar medida de um segmento.
31 -	Calcular razão da medida de dois segmentos.

Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1978.

Dentre as atividades pontuadas pelo ex-professor destacam-se “produtos cartesianos, relações entre conjuntos, funções, equações, inequação do 2º Grau, segmento, razão” dentre outras. Assim, durante o manuseio no referido diário, encontramos o bilhete de um pai ao professor de Matemática expondo o motivo e justificando a ausência que seu filho teria na aula.

Tal fato pode ser entendido como uma preocupação do pai na falta do filho à aula, como indica também a comunicação existente entre família e escola. Como podemos observar:

FIGURA 45 - Bilhete de pai de aluno da 8ª série da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1978.

A partir do diário da disciplina de Educação para o Lar de uma turma da 5ª série, foi possível verificar que essas aulas contavam com um número de 20 alunos, e como observado eram 10 alunos e 10 alunas, o que nos demonstra que não havia delimitação quanto ao sexo nessas aulas de educação doméstica. Ao relatar sobre essa área de ensino, o ex-diretor apontou que havia também aulas de costura, segundo ele os meninos também participavam como das demais áreas nesta parte da Educação para o Lar.

Nas aulas de Educação para o Lar os meninos participavam muito mais que as meninas, os professores e o diretor também... tudo que eu sei hoje de culinária, uma das coisas que mais gosto de fazer, pudim, tudo isso era feito nas aulas e aprendi com eles, a gente ia para lá e os meninos gostavam, Educação para o Lar não era só meninas que aprendiam costura... só para você ter uma ideia, o C. foi um aluno nosso na 5ª, e como tinha que ter o uniforme, exigido, um avental verde... o C. chegou lá e não conseguiu fazer o uniforme porque não tinha o dinheiro suficiente para comprar o material, nós compramos o material e descobrimos que ele costurava na casa dele, compramos o material e ele fez o uniforme dele e ganhou dinheiro fazendo para outros alunos que não tinham feito porque não tinham conseguido costureiros, então trabalhou na escola e na Educação para o Lar ele foi modelo para tirar o preconceito de que homem não podia costurar, então não tinha problema no que você aprendia, por exemplo, como situar os móveis na sua casa, tudo do lar, não era só cozinha... Tinha costura, as máquinas, a parte culinária, a parte de arranjos, decoração, manicure, tinha as mesinhas,

tudo para a complementação do lar, a puericultura, o cuidado com os bebês, aprendíamos tudo isso, como fazer, era tudo alegre e não tinha preconceito nessas aulas. (S. N., 2017)

Destacamos abaixo a imagem de uma fotografia que supomos ser de uma aula de Educação para o Lar, uma vez que o ambiente nos leva a essa ideia.

FIGURA 46 - Professora em ambiente de aula com alunos da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola “Antônio Souza Martins” Polivalente, (s. d.).

Como pode ser visto, o grupo de alunos encontravam-se sentados em atividade orientada pela professora, observamos que neste espaço há um fogão, pia com azulejo ao redor, geladeira e mesa com as cadeiras.

Outra parte comentada pelo ex-diretor e também pelo ex-professor D. C. de Ciências, e que verificamos no diário de Educação para o Lar nos conteúdos trabalhados, trata-se da parte da culinária com a soja, segundo ele as professoras trabalharam bem alguns pratos com a “soja”, a exemplo ele fala sobre o “bife de soja” que para ele era novidade:

Plantamos soja, colhemos e fazíamos receitas de soja, bife de soja, comidas com soja, leite de soja, tanto a M. e a E. trabalhavam muito bem isso, inclusive nós professores aprendemos muita coisa na sala de aula com eles,

eu mesmo, foi a primeira vez que vi falar em “bife de soja”... aprendi e comi com eles lá, porque todas as vezes que faziam aqueles pratos os alunos chamavam alguém da escola ou um professor especial que eles queriam para experimentar, eu tinha sorte, quase sempre me chamavam... (risos) (S. N. S., 2017).

Essa informação referente ao “bife de soja”, como antes comentado, pôde ser vista no Diário de Classe da 5ª série, onde a professora especificou o prato feito na aula de nutrição da parte prática:

FIGURA 47 - Anotações da professora no Diário de Classe de Educação para o Lar.

Total com este					MATERIA LECIONADA	
DATA	IN PRAT	DISC FREQ	NOTA	CONCE	TRAB DE	TRAB DE
26 5			37 9 0	-	2. Habitacão	
26 5			37 9 0	-	Escola - planta de	
26 5			37 9 0	-	uma casa, com to	
26 5			37 9 0	-	das as areas de	
26 5			37 9 0	-	servico recreação e	
24 5			34 8 B	-	repositio	
20 5			30 7 B	-	9. Avaliacao bimestral	
22 5			32 8 B	-		
26 5			37 9 B	-		
21 5			30 7 B	-	11. Pratica -	
21 5			30 7 B	-	1º rodizio.	
20 5			28 7 B	-	nut. Bife de soja	
20 5			28 7 B	-	vest. Selecao do ves	
26 5			37 9 0	-	tuario - confeccao	
26 4			36 9 0	1	de um album	
26 5			37 9 0	-	Saude - papa de	
26 4			36 9 0	1	banana	
26 5			37 9 0	-	Esterilizacao de ma	
26 5			37 9 0	-	madura pelo me	
26 4			36 9 0	1	todos asseptico	
					Habitacao - areas da	
					casa	

Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1975.

Percebemos que as aulas práticas fossem trabalhadas mediante temas abordados pelo estudo teórico em sala de aula.

5.2.1.2 Materiais didáticos recebidos pelo convênio MEC/PREMEN

Tratando-se dos materiais utilizados pelos professores da Escola Polivalente, foi possível verificar no acervo da escola o documento “Inventário de Bens Patrimoniais Móveis” datada a conferência destes em seu estado de uso, no ano de 1984, relativa à lista de materiais recebidos pelo convênio MEC/PREMEN em 23 de setembro de 1974.

Essa informação sobre o recebimento dos materiais na escola foi confirmada pelo ex-diretor, segundo ele, nesse dia todos ajudaram na retirada e carregamento dos materiais trazidos pelos caminhões na escola. E diante deste fato, na data da entrega, 23 de setembro ele introduziu o feriado na escola para comemorar o dia dos funcionários, uma vez que havia ficado marcado esse dia de muito trabalho em suas vidas:

E sempre eu fiz isso, porque eu tinha para mim, se a escola era grande, bonita, maravilhosa, limpa e tudo isso, era com a cooperação do meu pessoal, a cantina então era fantástica. Era um relacionamento muito amigável, tanto é verdade que eu criei o dia do Polivalente que é dia 23 de setembro, dia do zelador, porque naquele dia em 1974 nós recebíamos os caminhões que vieram do PREMEN para escola, com todos os materiais, nós os professores todos, na maior festa, na maior alegria é que fomos os “chapas”, todo mundo pegando para valer, maior festa... então criei no dia 23 de setembro, era o dia do zelador na escola, e nesse dia nós que íamos para cantina e eles tinham a folga, para a cantina, para os serviços e tudo isso... (S. N., 2017)

Nesta perspectiva, foi possível verificar no referido documento uma extensa lista dos materiais recebidos pela escola nesta data, contudo neste segmento apresentaremos o que remete a nossa temática aqui delineada, os materiais didáticos. Embora extensa, destacamos aqui a listagem com a referência desses materiais recebidos por este convênio, uma vez que estes nos permite ter uma noção dos conteúdos de ensino propostos para o trabalho com os alunos nesta escola. Abaixo a transcrição dos materiais, conforme descrito no Inventário:

- Atlas Mirados. Mirian Emilliabi Abio e outros. Enciclopédia Britânica. 1976.
- Atlas Contemporâneo. Bernardes Nilo. 1976.
- Atlas Nacional do Brasil. IBGE. 1966.
- Atlas Histórico Esc. Manuel Maurício de Albuquerque e outros. MEC, FENAME. 1966.
- Atlas Geográfico Escolar. MEC, FENAME. 1955.
- Atlas Cultural do Brasil Ariano. Suassuna e outros. MEC, FENAME. 1972.
- Atlas Geográfico. Melhoramentos Pauwels p/ Geraldo José Melhoramentos. 1972.
- Atlas de Anatomia. Melhoramentos. 1972.
- Anuário Delta. Larousse Bened Salomon da Costa e Silva e outros. 1973.

- Arte nos séculos. Abril. 1972.
- Artesanato. Sandra M. Valle Machado e outros. Lisa Livros Irradiantes, 02 vol.
- Aves, Anfíbios e Peixes. Linceu. 1976.
- Bom Apetite. Abril Cultural. 1973
- Ciência. Abril. Civita Victor. Copringht. 1978, 01 vol.
- Ciência Ilustrada. História dos Três Reinos. Abril Cultural. 1973, 02 vol.
- Coleção Life. José Olympio Editora. 1964, 43 vol.
- Coleção Tempo do Saber. Machado, Maria Claro. Linceu. 1973, 08 vol.
- O Corpo Humano: ouvido, cérebro e sistema nervoso. Waro Brian R., 03 vol.
- Dicionário de Artes Gráficas – Porta Frederico. Globo. 1925, 02 vol.
- Dicionário Barsa Inglês Português – Português. Appleton Century Glofts. 1974, 02 vol.
- Dicionário Barsa Português Inglês. Appleton Century Grofts. 1974, 02 vol.
- Dicionário Caldas Aulete Gareia de Delta. 1975, 04 vol.
- Dicionário Cultural da Língua Portuguesa. El Ratibfaissal. Educacional Brasil. 1971.
- Dicionário Enciclopédico e o conhecer. Abril Cultural. 1973, 02 vol.
- Dicionário Ilustrado. Michaelles Melhoramentos. 1974, 03 vol.
- Dicionário da Língua Portuguesa. Fernando de Azevedo e outros. 1976, 05 vol.
- Enciclopédia Século XX. Alex André de Paula e outros. José Olympio. 1973, 13 vol.
- Enciclopédia Delta de História do Brasil. 1969, 06 vol.
- Enciclopédia Médica do Larfischer Duckelmann Anna. Editora Melhor. 06 vol.
- Enciclopédia de Educacional Moral e Cívica Política. Michalany Douglas. 03 vol.
- Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura. Fernando Mariam e outros. 1963, 14 vol.
- Enciclopédia da Mulher e da família. Alex Viviane. 1973. Delta Ltda., 15 vol.
- Enciclopédia Familiar da Medicina e Saúde. Fishbem Morris. Enciclopédia Britânica.
- Enciclopédia Mirados Emmilli Ab e outros. Britânica. 1976, 18 vol.
- Galeria Delta da Pintura Universal AS. 1972, 02 vol.
- Grande Enciclopédia Delta. Larousse Adonias e outros. 1974, 13 vol.
- Grande Enciclopédia Geográfica Mundial. Dibo Dulcidu. Liba Empresa. 1968, 03 vol.
- Grandes Personagens da História Universal. Abril Cultural. 1973, 04 vol.
- Geomundo. Grolier. 1966, 04 vol.
- Guide France. Michaud Gux Classiqueis H.
- História do Brasil. Viana Hélio. Melhoramentos. 1972, 06 vol.
- Invertebrados, Moriux. 1967, 02 vol.
- Medicina e Saúde. Agostinho Bettarelho e outros. Abril Cultural, 08 vol.
- Mundo da Arte. Kdson Peter. Editora Expressão Cultural. 1966, 08 vol.
- Nova Enciclopédia Ilustrada para o Ensino Fundamental I Graus. Filho José. Avila Educacional Brasileira, 02 vol.
- Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo. Avila PE. Fernando Bastos. 1970, 02 vol.

- Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. Ferreira Aurélio Buarque de Holanda. 1972.
- Tecnirama. Lester e Ablout e outros. Grolier, 08 vol.
- Trevo de Quatro Folhas. Constantino Valero e outros. José Olympio. 1970, 08 vol.
- Trópico História Geral. Claudio Maltese. 1976, DR – R – ID.
- A vida do Bebê. Lanare Inaldo de Edicores Broch, 02 vol.

Conforme observamos, os materiais recebidos pelo convênio MEC/PREMEN, verificados nesta listagem, referem-se em maior parte a Atlas, Dicionários e Enciclopédias. Em relação às autorias bibliográficas observa-se referência de autores brasileiros e estrangeiros, e na maioria datam do período da década de 1970. Destacamos abaixo a imagem com parte dos referidos materiais descritos no Inventário da escola:

FIGURA 48 - Listagem de conteúdos de materiais MEC/PREMEN.

OUTROS BENS									
Nº ORÇ	Nº DE PATRIMÔNIO	DESCRIÇÃO DO BEM	EST. CONS.	USO	AQUISIÇÃO			F3	F3
					FORMA F1	DATA F2	VALOR F3		
430		Jornal							
431		Jornal							
432		ARTESANATO SANDRA M VALLÉ M							
		ARCA DO E OUTROS LIVROS	R	S	Mec/Pu	23.09.74			
433		JORNAL ANTARES 102 VIOLE							
		AVES ANFIBIOS E PEIXES LICE	R	S	Mec/Pu	23.09.74			
434		1976							
435		Jornal							
		BIOLOGIA E SAUDE MOREIRA HA	R	S	Mec/Pu	23.09.74			
436		YTONI GRAY 1970 VIOLE							
		BIOGRAFIA DE ABRIEL CULTRAL	R	S	Mec/Pu	23.09.74			
437		1973							
438		Jornal							
439		Jornal							
440		Jornal							
441		CIENCIA ABRIEL CIVILTA VICTOR	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
		COPIRINT 1978 01 VIOLE							
442		CIENCIA ILUSTRAÇÃO ABRIEL CIVIL	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
443		CIENCIA ILUSTRAÇÃO ABRIEL CIVIL							
		OS TRES REINOS ABRIEL CIVIL	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
444		AL 1973 02 VIOLE							
		COLEÇÃO CUFIE JOSE OLIMPIO E	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
445		DITÓRIA 1964 13 VIOLE							
		COLEÇÃO TEMPILO DO SABER MAICH	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
		ADONARIA CILARIA LICEU 1973							
		OS VIOLE							
446		O CORPO HUMANO OUVI DO CERG B							
		RO E SISTEMA NERVOUSO WARIO B	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
		RIAN A OS VIOLE							
447		DICIONÁRIO DE ARTES GRAFICA							
		SPIRITA FREDERICO GILBIO 1972	B	S	Mec/Pu	23.09.74			
448		SIOR VIOLE							
		DICIONÁRIO BARSIA INIGIEIS POIR							

Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1974.

A essa questão do recebimento dos materiais, o ex-diretor em seu depoimento apontou que todos os materiais pedagógicos ao início da escola foram recebidos pelo convênio PREMEN, e tal fato perdurou até o fim do acordo entre o Estado, MEC e USAID, o que

consequentemente levou ao encerramento e a toda a distinção financeira - como os próprios materiais que eram recebidos, salários e outras prioridades - que a escola até então apresentava. Conforme comentou em seu depoimento sobre o declínio do Projeto das Escolas Polivalentes:

Os materiais eram contemplados pelo PREMEM, todos vieram da Secretaria de Educação que era já um Programa do PREMEM, era muito rico, a gente recebia coisas fantásticas, mas depois acabou, aboliram as Escolas Polivalentes, ficaram todas oficiais do Estado, incorporaram o sistema do Estado, os professores perderam aquele incentivo, com o PREMEM prevalecendo até a queda, vamos dizer assim, a oficialização delas como escolas oficiais do sistema; até 1978, 1979, prevalecia o sistema PREMEM, com Rondon Pacheco, o governador do Estado, ele incorporou as Escolas Polivalentes como escolas do Estado, então passou tudo para o sistema... Os professores que tinham dois cargos, nós trabalhávamos 40 h na escola, tínhamos alimentação na escola, tudo, tudo... foi acabando, o professor tinha que fazer a opção para trabalhar em um segundo cargo em outras escolas e foi perdendo a identificação, o salário foi reduzido, passou para o sistema oficial, uma série de ruindades para nós... a proposta, o declínio das Escolas Polivalentes se deve ao fato da desativação dos acordos entre a USAID, o Governo do Estado e o Governo Federal, MEC, foi a desativação, haja visto que, por exemplo, as reformas, tudo aquilo que significava a beleza dos Polivalentes, o que você precisava, conversava e era na hora, depois com o sistema foi criando aqueles problemas burocráticos que até hoje ainda perduram e dificulta a Educação... (S. N., 2017).

De acordo com o relato do ex-diretor, a partir da desativação dos contratos relativos aos profissionais com formação específica para as Escolas Polivalentes, alguns aspectos foram cruciais para a perda da identificação da escola e, como percebemos interferiram diretamente na vida dos profissionais, uma vez que a estabilidade que tinham sob a jornada de trabalho somente nesta escola foi afetada e consequentemente precisaram atuar em outras escolas.

Contudo, o ex-diretor ressaltou que o ambiente das salas de aula era favorável ao trabalho, com boas condições, conforme trouxe em seu relato, estas eram específicas para cada área das disciplinas, o que permaneceu até ao início do ensino de 2º Grau na escola:

O professor tinha seu material e a sua sala de aula apropriada para o conteúdo, então a Geografia, a História, a Matemática, então todas as salas e alunos conforme os horários, mudavam, por exemplo, hora de Matemática, eles já sabiam onde ficava a sala, saíam da sala de Geografia e iam para a de Matemática, e era rápido, automático, tinha menos trabalho, as aulas rendiam mais e eles mudavam de ambiente, as salas eram todas apropriadas, eram aglutinadas, simples mas com cada material lá, então era muito satisfatório, isso até determinado período, até quando se tornou escola técnica científica, aí ficou difícil porque não tinha mais aquele apoio para a gente trabalhar dessa forma. Com o ensino de 2º Grau essa situação já não

dava mais porque, a não ser os laboratórios que eram específicos, os laboratórios de Ciências ficaram para as áreas mais específicas que era Ciências, não tinham mais as oficinas, então não havia mais aquela oportunidade de fazer salas apropriadas para linguagens, para isso e tal. (S. N., 2017)

Mediante ao exposto neste segmento, observamos que a escola contou ao início com um vasto material pedagógico para o desenvolvimento das práticas educativas, o que a vista de nossa consideração se diferenciava da maioria escolas da rede pública do município, uma vez que como comentado anteriormente, algumas das escolas públicas perpassavam por precárias condições de estruturas físicas e econômicas, o que nos leva a compreender que ao aspecto de materiais pedagógicos poderia ocorrer o mesmo fato. Buscamos no próximo segmento apresentar algumas considerações relativas ao processo avaliativo destacado em parte dos relatos no decorrer da pesquisa.

5.3 Avaliação

A prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado. (LUCKESI, 1988, p. 80)

Neste segmento apresentamos um contexto sobre as práticas de Avaliação efetivadas na Escola Polivalente e assim relatadas pelos sujeitos entrevistados. Ressaltamos que não temos aqui a pretensão de aprofundar a abordagem desta temática, no entanto, a consideramos como elemento crucial nos processos relativos ao ensino e a aprendizagem, e corroboramos com o autor acima citado no sentido de que a prática avaliativa da plena aprendizagem somente se apresentará quando perpassada por tal intenção do educador ao educando, qual seja a de que o educando aprenda o que está sendo ensinado pelo educador.

Ao falar sobre a Avaliação, o ex-diretor relatou que esta sempre foi uma das temáticas que estiveram em discussão durante sua atuação na Escola Polivalente, segundo ele, a avaliação sempre foi e é o ponto de partida para o avanço ou para o fracasso do aluno. Conforme apontou sobre essa questão:

A Avaliação era discutida nas reuniões, era colocada na pauta “hoje nós vamos discutir Avaliação, sobre Avaliação formal, todos os sistemas de Avaliação, para que existe Avaliação? Para quem? É para você punir, para você libertar ou para o aluno situar-se e você conhecê-lo e saber o ponto de

partida?...” tudo isso era discutido, então Avaliação formal, tinha a Avaliação informal também que era aceita e os professores trabalhavam muito bem isso, tive professores sensacionais que criaram coisas maravilhosas, aproveitavam as riquezas que eles produziam, por exemplo, em Práticas Agrícolas, em Educação para o Lar, em Português, Batalhas de linguagens, Batalhas de Matemática, tinham muitas formas de você trabalhar informal e ao mesmo tempo sistêmica, tive alunos que davam show, falávamos que seriam doutores, advogados, políticos, tudo isso, tínhamos o M. que tocava e cantava o tempo todo, hoje ele trabalha aqui com o Juizado de Menores... então quer dizer, meninos que não aceitavam aquela forma de avaliar, não aceitava aquilo, saía daquela mesmice... (S. N., 2015)

Neste sentido, S. N. (2017) relatou que as formas de se avaliar um aluno pelo professor podem trazer consequências positivas quanto negativas, segundo ele, passou por uma experiência negativa como um ex-professor de Matemática, que o achava incapaz de seguir adiante com o curso que desejava fazer, tal fato conforme apontou, o despertou para fazer Filosofia. Assim, o ex-diretor mencionou um ex-professor da Escola Polivalente que segundo ele, trabalhava a disciplina de Matemática e avaliava os alunos de uma forma interessante e extrovertida:

O V. por exemplo, professor de Matemática, passou a ser o maior encanto no ensino de Matemática e de Avaliação, ele fazia Avaliação cantando músicas de Vandrê, trabalhando com isso, era impressionante, eu tive riquezas demais com esse professorado, o V. é um dos maiores exemplos que eu tenho, a Matemática, até eu me interessei porque eu tive problemas, eu sempre sonhava em fazer Agronomia, e como eu tive um professor de Matemática e eu era da roça, roceiro, tinha medo de ir para o quadro e fazer exercícios, tinha muito medo, um dia ele pegou um giz, me jogou o giz e disse que eu não poderia fazer Agronomia nunca porque eu não sabia Matemática, tudo bem, aí fui para o Seminário, passei no Vestibular em Ribeirão Preto, e passei em Química, Física, Matemática, Geografia, tudo com banca examinadora oral e escrita, e descobri que eu sabia e por conta disso é que eu fui fazer Filosofia, para descobrir o porquê entende... então por isso eu trabalhava isso “nunca diminua um aluno, em Inglês, em nada”, eu tive professor de Inglês que mandava o aluno para fora de aula e ele ia conversar comigo, eu falava “tudo bem, então, eu tinha que mandar embora era o professor mas eu não posso...”, porque era burrice reprovar o aluno em Inglês com essa babaquice que eles aprendiam na escola em Inglês... (S. N., 2015).

Contudo, ao ser interrogado sobre os índices de reprovações que aconteciam na escola - como já mencionado em seção anterior, tais reprovações sobressaíram em maior número nas 5ª séries – o ex-diretor relatou que esse fato estaria envolvido principalmente à própria questão da Avaliação, uma vez que mediante o currículo prescrito e aos professores que de

certo modo não trabalhavam até então, com o contexto real dos alunos, muitos advindos de famílias carentes e não estavam acostumados com a cobrança com que se depararam na 5ª série. A essa discussão o ex-diretor relatou que:

Reprovação em alto índice, por que isso ocorreu? No início dos Polivalentes foram trazidos alunos evadidos, alunos que não conseguiram estudar, não conseguiram escolas, então nós fomos assim, em um trabalho louco de todos os professores, de toda a escola junto com as comunidades escolares que estavam lá para nos indicar alunos que foram evadidos, para buscá-los e trazê-los de volta para a escola, a primeira turma do Polivalente foi uma turma toda de alunos evadidos, de alunos que não estavam estudando, então não houve um processo seletivo e nós fomos trabalhar com aquela turma que saíram da escola desinteressados, uma turma fragilizada... essa turma começou no segundo semestre de 1974, em 1975 veio uma turma nova e essa estava um semestre na frente e terminaram a 8ª primeiro. Como a gente tinha exigências, porque é igual eu falei para você, que nós trabalhávamos com rigor no aprendizado para que eles entendessem que iriam na frente competir com alguém, então eles tinham que ir muito bem na Linguagem, muito bem na Matemática, muito bem na História, porque os outros eram exigentes e nós tínhamos que ser, e como não estavam acostumados com professores cobrando com aquela exigência, com aquele tipo de trabalho, nos deparamos com uma deficiência com as escolas fundamentais em preparar o aluno para a 5ª a 8ª série, então muito frágeis, tivemos que fazer um trabalho de reforço, fizemos um reforço para o aluno retornar na escola o horário que ele quisesse, nos finais de semana, mas enquanto isso nós tivemos reprovações pois os professores vieram com aquele espírito de exigência, saber bem e passar bem, era viável diante da formação que tiveram na Universidade Federal de Minas Gerais através do PREMEX, então a cobrança era muito forte e nós tivemos que trabalhar isso em termos de realidade contextual de Ituiutaba, eles tiveram que sair da escola e começaram a conhecer o aluno no seu contexto real, que aluno era esse, pois as exigências as vezes tinham incoerências, aprendeu na Universidade lá em Belo Horizonte mas chegando em Ituiutaba, o aluno as vezes não tinha condições de ter três pastas na Linguagem, três pastas na Redação e tudo isso... então até que eles foram entender que tinha que trabalhar com o contexto real e com o concreto, há uma diferença muito grande com aquilo que aprendeu lá na Universidade... (S. N., 2017)

Ao se referir sobre essa questão da Avaliação, a ex-supervisora comentou que a equipe, como um todo da escola se juntavam para discutir propostas de ensino e avaliação dos alunos. Segundo ela, a escola buscava promover atividades avaliativas para além das formais:

Era uma soma esse processo do ensino, a secretaria mandava os currículos, e nos reuníamos com os professores, área por área, discutia como aplicar isso, como aplicar aquilo, e como avaliar, a avaliação não era só escrita, aquilo de o aluno ter que decorar, não, a gente fazia trabalhos, pesquisas, teatros, apresentações, tudo em cima daquele conteúdo e que valia nota. Aquele aluno que envolvia, podia ser até um aluno que na escrita, na redação, na avaliação mesmo escrita de prova ele saía mal, mas na hora de uma

apresentação, ele já tinha mais facilidade de expor do que de escrever. Então a gente sempre levava isso em conta. Sempre tinha uma nota reservada para esse tipo de atividade. (C. B., 2007)

Em seção anterior, a ex-supervisora expôs suas considerações sobre as reprovações que verificamos em maior número nas turmas das 5ª séries, atribuindo a dificuldades dos alunos quanto a própria adaptação com a escola, uma vez que estavam tendo novas experiências de aprendizagens, um número maior de professores, como também apontou a questão da defasagem do ensino anterior, até mesmo de alfabetização que por vezes estaria “aquém”.

Assim, a ex-supervisora relatou que embora mediante a todo o aparato de materiais, esse foi um fato evidente na escola, e diante da situação, muitos pais de alunos no momento que recebiam a notícia da reprovação, procuravam a escola, contudo, ela ressaltou ainda para a questão da família que por vezes, devido às condições materiais, não acompanhava a vida escolar dos filhos, o que também levou a esse fato das reprovações. Ela comentou que casos graves de indisciplina ela não se lembra de ter vivenciado na escola:

O que a gente enfrentava na época, eu acho que até hoje existe muito, é que alguns pais que trabalham muito e não tem tempo para dar assistência para os filhos... aí os filhos chegavam em casa com vermelho, os pais corriam na escola, e queriam uma explicação, aí a gente explicava, esclarecia tudo e contornava, aí os pais que iam cuidar de pôr o filho para estudar mais, as vezes alguma aula de reforço, mas coisas mais graves eu não me lembro não. (C. B., 2007)

A essa questão relativa ao ensino e aprendizagem dos alunos e as ações que a equipe pedagógica exercia, a ex-secretária S. G. (2017) que posteriormente atuou como professora de Ensino Religioso, comentou que a escola ao início trabalhava de um modo diferenciado com os alunos, havia toda uma assistência, entusiasmo, porém ela ressaltava para o fato de que tal experiência acabou caindo na rotina e não perdurou por muito tempo. Conforme relatou:

Nós tínhamos lá orientadora educacional, a supervisora e a inspetora que olhava mais a parte dos alunos, porque estavam fora da sala, o que estava acontecendo... acompanhava mais os alunos, e tinha as sessões de orientação educacional, na sala também, para estar orientando os alunos, tinha o trabalho com os pais, com a família, era realmente diferenciado. É uma pena que tudo que é bom dura pouco. Aí depois caiu na rotina, os professores também por causa do salário, a escola foi voltando as suas origens, mas os professores eram realmente bons.

A Biblioteca também, os meninos liam muito, tinha concursos dentro da biblioteca, naquela época tinha a coleção Jabuti, os meninos ficavam entusiasmados, eles liam, tinha os contos, apresentavam poesias, muito

integrado, foi uma parte muito boa. O conceito da escola era muito bom, escola boa, desenvolvimento muito bom, tanto que a gente percebia os alunos que saiam de lá no comércio, trabalhando, o desenvolvimento do aluno era diferenciado. Havia também uma interação com os outros Polivalentes, das outras cidades, recebíamos visita, a gente passava o dia com brincadeiras, jogos, com interação, sempre Uberlândia, Uberaba, Araxá, e depois retribuíamos essa interação pelas cidades que a gente recebeu. Uma boa interação com os professores, colegas de outras cidades. (S. G., 2017)

Como observado pelo relato da ex-secretária, após a descontinuidade do convênio que mantinha os Polivalentes, a escola foi perdendo sua característica e se tornando como as demais, a questão salarial mostrou-se um fator que segundo ela foi sentida pelos professores, uma vez que recebiam com um diferencial dos demais professores de outras redes de ensino. Todavia, ela ressaltou que havia um processo de ensino e aprendizagem que levou a escola a um bom conceito.

Outro aspecto destacado no relato desta ex-secretária refere-se a interação comunicativa que existiu com as demais Escolas Polivalentes no decorrer do período que o projeto perdurou. Como destacado por ela, a visita recebida em uma Escola Polivalente era retribuída com a mesma ação. Segundo ela, nessas viagens os funcionários das escolas utilizavam um ônibus para o deslocamento.

Ainda sobre a avaliação a ex-aluna I. A. (2017) jamais se esqueceu de um professor que utilizou uma metodologia avaliativa que até então desconhecia:

Bom, todos professores me marcaram profundamente, mas assim, quem mais me marcou foi o professor V. ... professor de História, juntamente com a professora T, e. ele marcou muito, ambos eram professores de História e V. que dava aula para mim, isso deve ter sido assim, na 6ª série mais ou menos, e me marcou muito porque foi a primeira vez na vida que eu consegui obter um bom rendimento com um professor e aprender um conteúdo com um professor que utilizou uma metodologia de avaliação diferente, foi a primeira vez que eu participei de uma prova oral, eu me sai muito bem naquela prova, a gente estava estudando a questão do homem da idade da pedra, neandertal, foi passando aquilo que ele ia dando pra gente em História, ele chamava de arguição e eu não sabia o que era aquilo porque eu vim da zona rural, eu tinha um caderno de prova, eu nunca tinha recebido uma prova mimeografada, na zona rural a gente tinha um caderninho, encapado com capa de pão e ali a gente copiava a prova... eu cheguei aqui e pensei que iria acontecer esse mesmo contexto... e aí eu recebi as provas do mimeógrafo, e nesse dia o V. me marcou muito com essa prova e eu consegui sobressair muito bem... (I. A., 2017).

O relato da ex-aluna demonstra seu ponto de vista positivo sobre a metodologia do ex-professor no sentido de ter conseguido se sair bem mediante a prova oral aplicada pelo professor.

Já para a ex-aluna E. P. (2015) como observamos em seu depoimento na seção anterior, houve dificuldades no seu processo de ensino e aprendizagem com uma das disciplinas do ensino regular, a saber, Matemática. Segundo ela, não conseguia assimilar o conteúdo da disciplina mediante a metodologia aplicada pela professora, ela relembra o fato de um dia em que ficou de castigo escrevendo o prescrito pela professora. Conforme apontou:

[...] tinha uma professora de Matemática no começo do curso, era mais de 40 alunos dentro dessa sala de aula e a Matemática era difícil, a metodologia dela não ajudava em nada, não fazia com que eu aprendesse, e tinha mania de deixar a gente de castigo escrevendo “eu não vou mais deixar de fazer tarefa, eu não vou chegar atrasado”, teve um dia que eu fiquei até 18h escrevendo uma linha atrás da outra “eu não vou mais chegar atrasada”, e meu pai preocupou comigo e teve que ir até lá na escola saber o que tinha acontecido comigo, porque eu tinha sumido e não tinha chegado em casa, e eu estava de castigo e com a mão doendo, a gente tinha que submeter àquilo que eles achavam que estava certo e que era bom para a gente, a gente não podia abrir a boca para responder... tinha professores bastante conservadores... (E. P., 2015).

Já em relação à disciplina de Português a ex-aluna relatou que a metodologia de ensino foi melhor assimilada, ao contrário também da Língua Inglesa, uma vez ter dito que encontrou dificuldades com a mesma:

[...] tinha também um professor de Português bastante sério, só que esse tinha uma metodologia que dava para a gente aprender os conteúdos, tinha o N. também, professor de Inglês, o Inglês também naquela época era difícil demais de entender, a metodologia era difícil de entrar na cabeça e a gente não sabia qual a função daquele Inglês mas a gente fazia porque senão a gente ficaria com nota vermelha e iria bombar, e naquela época era coisa feia para as mães o filho bombar, e tinha reprovação e tinha nota vermelha mesmo... (E. P., 2015).

O aluno A. C. (2017) ao comentar sobre o processo de Avaliações na escola, expôs que estas aconteciam normalmente, por meio de provas mensais e bimestrais, contudo eram rigorosas. Como relatou:

Tinha trabalhos, antigamente você pesquisava era em Barsa, Delta, Larousse, não era em computador igual hoje, e tinha as provas, se não me engano, duas normais e uma bimestral. Mas sempre rigoroso. Sempre que chegava a prova bimestral a matéria era mais puxada que o bimestre inteiro. As provas eram bem elaboradas mesmo, de acordo com o MEC, não tinha uma coisa e cobrava outra, era dentro da matéria mesmo... Era exigente na época, mas

não como hoje, pois hoje virou bagunça, antigamente os professores exigiam muito da gente, tinha cobrança em casa e os professores eram uma extensão de casa... professores excelentes... (A. C., 2017).

Vimos assim a consideração das ex-alunas e aluno ao exporem suas dificuldades e formas avaliativas que foram desenvolvidas pelos professores, bem como expor também a consideração de que a aprendizagem e avaliação estavam diretamente ligadas à metodologia aplicada pelos professores ao ministrarem as aulas.

Portanto, considerando as discussões levantadas a partir dos relatos dos sujeitos, temos a percepção de que havia uma intenção por parte da equipe pedagógica em propor medidas avaliativas que atingissem os alunos de modo geral, uma vez que, como vimos no segmento anterior a respeito do currículo, houve assim buscas por parte da direção a favor de mudanças no modo de propor metodologias de conhecimentos aos alunos, com o intuito de não se limitarem ao que estava sendo proposto pelos conteúdos curriculares.

Sendo assim, essa é uma discussão que nos leva a percepção de que o processo avaliativo nessa escola foi perpassado por distintas metodologias, práticas e processos avaliativos, contudo, constituíram as relações vivenciadas neste processo de ensino, e nos ajudam a refletir sobre o contexto pedagógico e educacional ocorrido no seu interior.

5.4 Eventos

Neste segmento propomos uma exposição sobre os Eventos que foram realizados na Escola Polivalente durante o delineamento de nossa pesquisa. Ao longo das discussões apresentadas no texto, através dos depoimentos dos sujeitos foi possível refletir sobre algumas das atividades que a escola desenvolvia neste aspecto, entendidas aqui como atividades socioculturais, uma vez que os eventos escolares se situam em dimensões participativas envolvendo família, comunidade e sociedade como um todo.

Assim, compreendemos que os eventos escolares em um sentido geral perpassam pela formação humana dos sujeitos no decorrer do tempo vivido na instituição escolar. Como observamos pela voz dos entrevistados e ainda mais pela voz dos próprios alunos, a maior parte dos eventos na Escola Polivalente ocorreu por meio das práticas esportivas.⁴⁷ Deste modo, dentre as atividades verificadas, as de grande destaque remetem às desenvolvidas na área de Educação Física através de competições em jogos e modalidades olímpicas. Dentre

⁴⁷ Na presente pesquisa não tivemos a oportunidade de um diálogo com os ex-professores de Educação Física, um dos ex-professores mencionados pelos entrevistados, é falecido, quanto à professora, a qual não reside mais no município, embora com contatos para a entrevista, por motivos maiores não foi possível a realização.

estas podemos destacar “Jogos de Futebol de Grama, Futebol de Salão, Handebol, Vôlei, Basquete, Saltos em Altura e Distância, Corrida, Ginástica” dentre outras.

Neste sentido Reverdito et al. (2006) apontam que as práticas esportivas manifestam-se com mais ênfase na escola, contudo, comentam que a competição nem sempre é considerada como uma prática educativa pela própria escola, segundo os autores esta é uma questão que precisa ainda ser desenvolvida no interior da escola e, não apenas pela área da Educação Física mas por todos os professores e gestores a fim de que seja encarada e trabalhada como um processo educativo como ação e função sociocultural.

Deste modo, como mencionado, a partir dos relatos, das fotografias e objetos tivemos a oportunidade de conhecer um pouco do representou essas práticas esportivas nesta escola. Ao longo da discussão realizada pelos alunos na seção anterior, destacamos imagens relativas aos esportes ressaltados por eles, ainda assim, apresentamos abaixo algumas imagens de fotografias de momentos de alguns destes eventos vivenciados na Escola Polivalente:

FIGURA 49 - Evento esportivo na quadra da Escola Polivalente.



Fonte: Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, (s. d.).

Na figura 49 observa-se um bom número de pessoas na quadra da escola, o que demonstra o envolvimento da escola, alunos e comunidade nessas atividades esportivas. O ex-

diretor em seu depoimento, comentou que sempre apoiou as atividades esportivas da escola, segundo ele apesar do grande envolvimento que essas atividades promoviam na vida e no tempo dos alunos, a escola trabalhava de modo a leva-los à conscientização da responsabilidade em ambas partes do estudo na escola. Ele destacou que a escola promovia eventos não apenas esportivos, mas em várias outras áreas culturais. Conforme relatou:

Eventos era o que mais tinha na escola, era muita festa porque era uma forma de atrair, chamávamos “atrações da escola”, tornar a escola atraente, simpática e agradável tanto aos pais, alunos... festas juninas, dia das mães era tremendamente comemorado, muitas festas maravilhosas com as meninas se projetando em danças, musicalidade e assim por diante, e além disso nós tínhamos os Convívios, uma vez por semestre junto com os pais, onde você jogava baralho, sem hipocrisia, bebia-se ali com os professores e com os pais, sem mentiras, esporte, nós tínhamos comemorações, participávamos de esportes na cidade, então ganhamos título... vamos comemorar na escola... (S. N., 2017).

O ex-diretor relatou que diante de títulos alcançados nas competições esportivas, ele promovia a comemoração na escola com alunos, famílias, professores no dia em que receberiam o troféu. Comentou que o esporte ocupou um lugar de destaque na escola como um todo, segundo ele até chegaram a criar um próprio clube de futebol, o que deu lugar a algumas oposições por parte de outras ligas esportivas:

Era uma escola comunitária, tanto é verdade que tivemos alunos e criamos um clube de esporte que incomodou a cidade, os clubes de amadores, o Boa, vamos dizer assim, a Associação Esportiva, e outros clubes da cidade, porque o “São Francisco” saiu de dentro da escola com bons alunos, e o aluno que treinávamos era na escola... (S. N., 2017).

Consoante a isso, pudemos verificar diversos troféus relativos ao período de nossa pesquisa sobre essa instituição, abaixo destacamos a imagem da fotografia de um troféu conquistado pela escola com o título de 1º lugar, no entanto, não temos o conhecimento se trata do mesmo relatado pelo ex-diretor.

FIGURA 50 - Troféu: 1º FEETOLI 1º lugar.



Fonte: Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1977.

Temos ainda o relato do ex-professor H. F. (2015) o qual ao falar sobre a relação da escola com a comunidade, ressaltou que a escola sempre procurava estabelecer uma relação participativa junto a esta e aos pais dos alunos:

Na escola havia confraternizações e eventos, ela promovia esses encontros com pais e com os filhos, fazíamos campeonatos. Os pais participavam, fazíamos torneios com participação, tinha festa junina com dança de quadrilha, os pais participavam e se interagiam com a escola. (H. F., 2015)

Abaixo destacamos a fotografia na qual podemos observar alunos e familiares participando da Festa Junina na escola. Os alunos estão caracterizados com roupas típicas, camisas e calça jeans e vestidos, como também a presença de chapéus na cabeça dos meninos e de algumas meninas durante a dança da quadrilha. Remete à um dos momentos festivos de convívio proporcionados pela Escola Polivalente.

FIGURA 51 - Festa Junina na Escola Polivalente.



Fonte: Acervo Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, (s. d.).

Outro evento destacado sobre à escola refere-se aos desfiles que esta participava, a fanfarra assim foi bem destacada pelos entrevistados, conforme os relatos, o número de instrumentos e participantes era considerável, bem como o empenho dos alunos em participarem destes eventos. Abaixo, a imagem de uma fotografia no momento que alunos da escola participavam de desfile:

FIGURA 52 - Alunos em Desfile da Escola Polivalente.



Fonte: Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, (s. d.).

Em seu depoimento, o ex-diretor ao ressaltar algumas dessas atividades que a Escola Polivalente promovia junto aos alunos e comunidade, comentou que não é raro em vários lugares sempre encontrar ex-alunos que relembrem alguma passagem vivenciada na escola, ele relatou sobre um evento relativo ao “Festival de pipas” no qual a família participativa, assim uma aluna esperava por seu pai que devido ao trabalho chegou atrasado e havia levado papel de pão para fazer a pipa, diante do fato o ex-diretor comentou que o pai recebeu um prêmio de consideração, pois a pipa não iria sobressair na altura como as demais, no entanto, ficaram emocionados de verem o esforço daquele pai em sair da zona rural e ir lá participar:

Na fanfarra tinha que fazer seleção, todo mundo queria ir para a fanfarra. No futebol, no esporte, no vôlei, nós tínhamos que ser os melhores. Tínhamos professores excelentes, tínhamos quadra, tínhamos toda uma possibilidade, então tudo aquilo que era possível nós fizemos. Por exemplo, criamos uma unidade “o festival das pipas”, onde os pais vinham com os filhos para soltar as pipas (...). São coisas que traduzem aquele esforço que a gente fazia para que a comunidade acreditasse no que era proposto. (S. N., 2017)

Conforme podemos ver na imagem abaixo, os alunos da escola participando da fanfarra, apesar da fotografia não ser apercebida de uma boa nitidez, é possível observar os instrumentos com aparência de novos e o uniforme padrão para os estudantes, camisa branca de manga longa, calça e colete verde e tênis branco.

FIGURA 53- Alunos em Fanfarra da Escola Polivalente.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” – Polivalente, (s. d.).

Observamos que os eventos eram presentes na Escola Polivalente, as atividades esportivas como percebido, eram realmente atrativas para os alunos, havia uma série de jogos e competições que envolviam os alunos nesta área educativa da escola. Consoante a isso o ex-diretor afirmou sua consideração:

É claro que eu tive muita satisfação de ver esse trabalho em que a Escola Polivalente fosse uma referência, primeiro porque os alunos sabiam que lá era um negócio diferente, que a escola era lugar de estudar, que a aula era o grande momento do aluno, que a Avaliação era para eles situarem-se e o professor rever, refazer e repensar, para fazer eles avançarem ou assimilarem melhor, então a gente trabalhava tudo isso, tudo pensando na proposta, volto a falar, em ser mais, repensava, repassava, voltava, tinha antipatias, tinha gente que detestava mas era todo um trabalho que era feito sem agressão, era um trabalho simpático para que a escola fosse mais atraente, mais expressiva e diferente, lá não era boate, não era, mas o esporte prevalecia, a alegria deles prevalecia, a fanfarra ajudava... e a aula era um negócio sério. (S. N., 2017)

Mediante o relato do ex-diretor foi possível refletir sobre as práticas vividas na instituição e que ainda ocupam um lugar na memória de cada um dos entrevistados, cada história contada nos remete a um passado que ainda se faz presente nas lembranças dos atores

que vivenciaram experiências na escola, assim, acreditamos que também parte da comunidade local, nesta perspectiva, inseria-se na escola em participação a esses eventos, uma vez que o esporte como mencionado teve lugar de destaque neste período vivido na instituição, como demais eventos que a escola promovia, como festas e outros, e assim também partilham de lembranças desse tempo em que o Polivalente se destacou como uma escola diferente nesse município.

Trabalhar com essa dimensão subjetiva na qual a instituição se produz, implica em aceitar múltiplas formas de caracterizá-la, ligada àqueles que nela atuaram seus papéis, visões de mundo e relacionamentos. Assim, não há uma, mas múltiplas histórias da instituição, de acordo com os grupos que a contam e com a época em que vivenciaram a instituição. Desentranhar estas memórias e histórias da instituição contribui para torná-la mais viva, evita o esclerosamento e a hipertrofia do instituído. Dar fala a seus diferentes atores que, em diversas posições e em diferentes tempos viveram a instituição, revela suas múltiplas estratégias de construção e as variadas e muitas vezes conflitantes identidades institucionais e os processos de rejeição e aproximação que em seu interior se construíram. (WERLE, 2004, p.112)

Corroboramos com a autora acima citada, no sentido de considerar as instituições escolares em suas particularidades, do que a instituiu desde sua implementação estrutural até os atores que vivenciaram experiências em seu interior e que recorrem à memória elaborando novos significados dessas vivências, o que implica a busca pela compreensão de sua historicidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesta dissertação, parte da história da Escola Polivalente de Ituiutaba-MG, e como vimos, veio a ser criada em meados da década de 1970 em meio a características inerentes à sua própria filosofia de ensino, ou seja, sob um projeto específico de educação. É importante ressaltar que ao início da pesquisa, quando partíamos no intuito do estudo sobre essa referida instituição de ensino, não tínhamos o conhecimento de tal complexidade relativa à gênese constitutiva deste modelo educativo proposto no país e colocado em prática em alguns estados brasileiros.

Assim, a partir das primeiras leituras suscitadas à temática que envolve o processo constitutivo das Escolas Polivalentes, surgiram indagações e buscas no sentido de uma compreensão que por vezes se desdobravam em um intrincado emaranhado de ideias, contudo, nos levou a luz de teorias que dimensionaram o desenvolvimento deste estudo. Buscamos deste modo, um entrelaçamento entre as fontes pesquisadas, como as bibliografias, documentos do acervo da instituição e do acervo cultural do município, entrevistas com os colaboradores, as quais foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa e ainda contamos com a contribuição por meio de documentos relativos à temática que nos foram disponibilizados por estudiosos do meio acadêmico.

Nesta perspectiva, em vista de uma reflexão ao que envolvia os aspectos da criação da escola no município e, ao mesmo tempo às influências que deram origem a implantação desse modelo no país, aos poucos fomos nos adentrando e aprofundando no estudo de tais fontes que permitiam-nos uma melhor compreensão de questões envolvidas neste processo constitutivo de tais escolas.

O presente estudo sobre a Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente de Ituiutaba-MG e aos processos perpassados pelo modelo constitutivo dessas escolas no contexto de sua criação no Brasil, nos levou assim ao alargamento da visão sobre a dimensão de estudos cabíveis à relevância da compreensão sobre os impactos que tais escolas possam ter ocupado na educação brasileira.

Vimos que o Projeto oriundo às Escolas Polivalentes é perpassado por críticas sobre as intenções de sua implantação no estado brasileiro, Arapiraca (1979) nos demonstra sua oposição a tal modelo, uma vez que segundo ele, este privilegiava as formas de ensino profissionalizante para atendimento das necessidades de mão de obra especializada ao mercado econômico, bem como relaciona o projeto de ajuda da USAID junto ao sistema de

ensino brasileiro, como uma das fórmulas de utilização da educação para fins econômicos do capitalismo norte-americano.

Bittencourt Júnior (2013) nos demonstra que o Projeto previsto para os Ginásios Polivalentes sob os princípios americanistas de Jonh Dewey, apresentados assim mediante a organização do conhecimento dentro da teoria dos interesses não foram de fato colocados em prática, mas reduziram-se aos interesses de ordem política entre as partes envolvidas, neste sentido os princípios de Dewey estiveram apenas nos discursos e leis, uma vez que não havia referências no que se refere ao proposto e ao praticado, ou seja, a educação nos princípios americanos do referido autor, visava a formação humanística e ética do trabalho, contudo a educação brasileira restringiu-a a práticas voltadas para a vida do trabalho valorizando o capital.

Logo, compreendemos ainda que este Projeto de modelo de escola contribuiu para o reforço das relações capitalistas dentro dos Acordos MEC-USAID, tendo em vista que sua intenção era de que fosse dimensionado para as demais escolas, o que no entanto, não veio a se concluir em vista do abandono destes acordos envolvendo o Projeto ainda na década de 1970, sendo totalmente desconfigurado nos anos de 1980.

Resende (2015) mediante sua pesquisa relativa às Escolas Polivalentes do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba ressalta para o fato de que se a Escola Polivalente não tivesse sido significativa para a comunidade, não seria ainda conhecida por Polivalente, o que foi evidenciado por ela em todas as escolas de sua pesquisa, tal característica segundo ela, seria o legado positivo dessas escolas, aspecto visível a quem procurar se ater ao tema. Contudo, a autora aponta para o legado desfavorável relativo a essas escolas, o qual trata-se da dívida contraída pelos empréstimos entre MEC e USAID que ainda se faz presente anos após a extinção do projeto; segundo ela tal descontinuidade nos projetos brasileiros, como essa apresentada no projeto das Escolas Polivalentes não prejudica apenas o setor educacional, mas também o social e econômico.

Esta autora pontua que diante de 40 anos decorridos das Escolas Polivalentes no Brasil, materialmente restam-nos os prédios e as dívidas, e no que se refere ao imaterial restam-nos a memória do que foram essas escolas e as especulações do que poderiam ainda ser na atualidade. Nesta perspectiva, Resende (2015, p. 221) destacou que os problemas em relação ao programa de modo geral não se apresentam apenas na operacionalização dos responsáveis brasileiros, uma vez que há referências de aspectos a serem reavaliados quanto à

forma que teria sido conduzida a assistência prestada pelos Estados Unidos e os órgãos específicos de execução.

Resende (2015, p. 223) afirma ainda que a Escola Polivalente enquanto elemento do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino, tinha uma proposta muito bem articulada mediante seus elementos constitutivos, assim apresentou-se como um ambicioso projeto que vislumbrou atingir toda a cadeia educacional, visto que abarcou uma série de aspectos, desde o planejamento educacional, a construção de escolas e equipamentos adequados à proposta de ensino até a formação de professores, e como pontua, a conjugação desses elementos demonstra ser o que muitas vezes falta nas reformas educacionais brasileiras, diante do fato de que não é suficiente a construção de escolas e aumento do número de vagas ao atendimento de alunos se os elementos pedagógicos e humanos não são adequados ou não estão preparados para o exercício da profissão.

Mediante as análises dos referidos autores compreendemos que o Projeto proposto para as Escolas Polivalentes esteve permeado entre as intenções ideológicas e filosóficas que foram dimensionadas em ações para serem efetivadas no âmbito educacional e assim ao modo em que tais ações foram conduzidas no estado brasileiro frente as relações de ordem e intenções políticas que estiveram presentes na organização do referido projeto sob os órgãos nacionais e internacionais envolvidos neste processo.

Tais impactos, como vimos, trataram-se do próprio período em que tais escolas foram implantadas no contexto educacional brasileiro, sob a ditadura civil-militar e aos interesses de crescimento econômico, mediante a tendência da pedagogia tecnicista com vistas à formação propriamente técnica profissional a partir de mão de obra especializada para atender a demanda do mercado capitalista, uma vez que o aumento do número de indústrias necessitava de trabalhadores aptos.

Sendo assim, levamos a reflexão para os desdobramentos sobre às práticas de ensino e aprendizagem ocorridas na instituição objeto de nossa pesquisa, buscando compreendê-la em sua singularidade, ou seja, o que esta instituição instituiu enquanto provedora de ensino no município.

Mediante a essa soma de aspectos, e no intuito do alcance ao objetivo proposto em compreender o processo de criação das Escolas Polivalentes no Brasil e no município de nossa pesquisa, neste trabalho consideramos que, apesar do contexto político educacional mediante a ênfase no Ensino Técnico Profissionalizante no período em questão, bem como na intenção das Escolas Polivalentes no Brasil decorrente do processo de crescimento industrial e

à necessidade de mão de obra especializada para o mercado de trabalho, a Escola Polivalente deste município buscou efetivar, desde sua criação, práticas que visavam uma formação pautada na qualidade do ensino ofertada aos seus alunos, desenvolvendo um trabalho com vínculo entre o ensino regular e vocacional técnico, considerando as especificidades das áreas do conhecimento.

Assim, foi possível também refletir sobre as práticas permeadas entre os atores envolvidos nesta instituição, bem como das concepções pedagógicas presentes na Gestão Escolar no período do recorte da pesquisa. Usamos concepções pedagógicas no plural pois havia aquela prescrita – a Pedagogia Tecnicista, contudo, pelas falas dos colaboradores, percebemos a circulação de outras ideias entre os educadores, como a Pedagogia Histórico-Crítica mencionada pelo ex-diretor.

Como compreendido, a Escola Polivalente foi visivelmente destacada nas reportagens jornalísticas desde o processo inicial de construção do seu prédio até sua implantação, o que também coincidia com o momento emancipatório de progresso do município destacado nas referidas reportagens. Como observamos esta escola recebeu alunos de diversas classes sociais, foi possível, através dos relatos dos entrevistados, identificar que, mesmo apesar de dificuldades econômicas vividas por parte de alguns, a maioria deu continuidade aos estudos e avaliam positivamente a formação obtida na escola, como também os demais entrevistados ao se referirem com entusiasmo sobre as práticas formativas vividas na instituição.

Quanto ao ensino, observamos a escola - embora mediante a contradição entre a circulação de ideias relativas ao contexto perpassado sob a tendência tecnicista e a intenção do ex-diretor em uma concepção de educação humanística e transformadora - com traços conteudistas, apesar das distintas práticas pedagógicas efetivadas por parte de profissionais, uma vez que não se diferenciou sobremodo das demais escolas no que tange a própria didática rígida disciplinar através das aulas ministradas até as formas avaliativas. Ainda observamos que a meritocracia foi outra característica presente na escola, pois como vimos os prêmios alcançados através de várias atividades pedagógicas e esportivas foram algo destacado pelos entrevistados. No entanto, como mencionado, através dos relatos dos ex-alunos e alunas foi perceptível a consideração do ensino e atividades pedagógicas desenvolvidas na escola como fator positivo que contribuiu para com o processo formativo e humano em suas vidas.

Consideramos que, ao mesmo tempo em que o país passava pelo período da ditadura civil-militar, no qual a educação sofreu, como já descrito antes, grandes interferências oriundas das medidas que buscaram vincular estreitamente a escola e a economia capitalista, a

fim de atender as demandas e interesses do mercado de trabalho, a exemplo da criação das Escolas Polivalentes, contudo, na escola pesquisada, foi perceptível a intenção da equipe gestora e docente na proposta de promover um ensino voltado para uma formação integrada e não apenas focada na profissionalização, fato observado pelas atividades desenvolvidas no interior da instituição, fomentando a participação de alunos, pais, funcionários e comunidade nos eventos como em festas comemorativas, dias de convívio na escola, reuniões, desfiles, torneios esportivos, dentre outros.

Tal questão remete para a importância do trabalho mediante a coletividade das partes constituintes, o qual demonstrou ter sido incorporado às práticas educativas que estiveram presentes no planejamento desenvolvido nesta instituição; estas, por sua vez, foram vividas e assimiladas pelos atores envolvidos no compromisso com a qualidade da educação dos seus educandos, não se restringindo a formação técnica profissional, mas envolvendo também a formação intelectual, social e humana.

É visível a importância do trabalho desenvolvido nesta instituição, bem como no que se refere à subjetividade relatada pelos sujeitos envolvidos nessa pesquisa histórica, a qual nos possibilitou a reflexão de que os alunos consideram o Polivalente como uma escola que promoveu não apenas o ensino formal acadêmico, como também a construção da história pessoal e humana vivida nessa instituição.

Contudo, ao término da pesquisa, temos a convicção de que muitos questionamentos foram surgindo ao longo dos estudos relativos a essa temática, percebemos que a cada categoria que procurávamos compreender e analisar, nos levavam a outras que por vezes estavam estritamente ligadas entre si, o que entendemos ter dimensionado a extensão do trabalho aqui descrito e assim, possa vir a ser interpretado até como excessivo, contudo nossa pretensão foi a de demonstrar parte da história da Escola Polivalente mediante alguns dos aspectos constituintes de sua criação - e como mencionado, mostram-se interligados - como também priorizando as memórias dos atores que nos evidenciaram vivências nesta instituição pesquisada.

Ressaltamos que ao procurar a busca pela realização deste trabalho, nos deparamos com uma rica experiência proporcionada ao processo formativo acadêmico e sobretudo ao humano, pois acreditamos que ao estarmos diante de conhecimentos instigadores às relações perpassados em distintas sociedades pelos grupos sociais, estamos diante do alargamento sobre a compreensão da constituição histórica como um todo.

Assim, tais aspectos relativos ao que se tratou o modelo de excelência proposto às Escolas Polivalente, bem como à escola de nossa pesquisa nos levaram ainda a muitas outras indagações que poderiam vir a ser melhor compreendidas: “Desse modo essas escolas teriam sido apenas um modelo apresentado no contexto educacional brasileiro pela ditadura? Mas e a consideração dos alunos que na maioria remetem apenas elogios a essa escola, bem como a equipe escolar? O consenso em torno da boa qualidade advinha do que exatamente? Da sua bela infraestrutura? Ou do trabalho coletivo implementado pelo diretor freireano? Ou da precariedade das outras escolas da cidade? Ou das práticas tradicionais e rígidas de parte dos professores? Ou um pouco de tudo isso fez o conceito da Escola Polivalente?”.

Portanto, ao buscar enfatizar a história desta escola, foi possível refletir sobre a origem de sua criação, sua rica estrutura física e arquitetônica (que se diferenciava do histórico de criação de outras instituições públicas de ensino locais), os atores envolvidos, as práticas vivenciadas, o modelo e as concepções do ensino ofertado e, sobretudo os significados que se fazem ainda presentes na vida dos sujeitos que perpassaram por esta instituição escolar. Fato este que consideramos relevante para a História da Educação ao contemplarmos parte dos processos constituintes das práticas educativas de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. Fontes orais. In: PINSKY, C. B. et al. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALBUQUERQUE, Ana Elizabeth M. de. **As lutas em torno da institucionalização do princípio da gestão democrática da educação**. 2007. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/20.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2018.

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. A fotografia como fonte. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 297-305, jul./set. 1987.

ANDRADES, Thiago Oliveira de; GANIMI, Rosângela Nasser. **Revolução verde e a apropriação capitalista**. 2007. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

ARAGÃO, M.; TIMM, J. W.; KREUTZ, L. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013.

ARAPIRACA, José Oliveira. **A Usaid e a educação brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica da teoria do capital humano**. 1979. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1979. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9356>>. Acesso em: 10 maio 2017.

ARAÚJO, José Alfredo. **A Usaid, o regime militar e a implantação das escolas polivalentes no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/51>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BARROS, José D'Assunção. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da Pesquisa. **Instrumento** – Revista de estudo e pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/1179/956>>. Acesso em: 24 out. 2017.

BELLO, Isabel Melero. **Formação, profissionalidade e prática docente: relatos de vida de professores**. São Paulo: AC Arte & Ciência, 1996.

BESSA, Kelly Cristine F. O.; SOARES, Beatriz Ribeiro. Considerações sobre a dinâmica demográfica na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 6, jun. 2002. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/15293/8592>>.
Acesso em: 14 jan. 2018.

BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. Americanismo e educação para o trabalho no Brasil: um estudo sobre os ginásios polivalentes (1971-1974), **Trabalho e educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7798/5958>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales 1929-1989. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAVALIERE, Gláucia de Cássia Magalhães da Silva. **Inter-relação entre espaço escolar e currículo**. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc07_3.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & educação**, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229. 1990. Disponível em: <https://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/122510/mod_resource/content/0/Leituras/Chervel01.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2017.

COSTA, Talita Alves. O Grupo Escolar Cônego Ângelo: de volta aos pardieiros? (Ituiutaba-MG-1964-1985). In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL, 2., 2013, Uberlândia. **Anais...** Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2013. Disponível em: <www.facip.ufu.br/sites/facip.ufu.br/files/Anexos/.../Talita%20Costa%20Alves.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2017.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. **A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n49/a10n49.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

DOSSE, François. **A história**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003.

DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Disponível em: <<https://comunicacaoeidentidades.files.wordpress.com/2014/04/rene-armand-dreifuss.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2017.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto. **Da centralidade da infância da criança na modernidade e sua escolarização**: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG) 1908-1988. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FERREIRA, Caio Vinícius de Carvalho. **Memórias da repressão**: o golpe civil-militar em Ituiutaba-MG (1964). 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de Ciências Integradas, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira; SOUZA, Rosa Fátima de. Símbolos da excelência escolar: história e memória da escola pública inscrita em troféus. **Revista**

brasileira de história da educação, Maringá, n. 14, p. 97-115, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/131/141>>. Acesso em 2 jan. 2018.

FRANCO, Isaura Melo. **Estudantes tijucanos em cena: história de suas organizações políticas e culturais** (Ituiutaba-MG, 1952–1968). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13952/1/EstudantesTijucanosCena.pdf>> Acesso em: 2 jan. 2018.

_____.; SOUZA, Sauloéber Tarsio de. **Memórias da cultura estudantil tijucana: Ituiutaba-MG** (décadas de 1950 e 1960). 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/06%20HISTORIA%20DAS%20CULTURAS%20E%20DISCIPLINAS%20ESCOLARES/MEMORIAS%20DA%20CULTURA%20ESTUDANTIL%20TIJUCANA.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

_____. Movimento estudantil no Triângulo Mineiro e a imprensa tijucana em meados do século XX. In: SEMANA DE HISTÓRIA DO PONTAL, 3., 2015, Ituiutaba. **Anais...** Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://www.semanahistoria.facip.ufu.br/sites/semanahistoria.facip.ufu.br/files/isauramelofranco.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. Posturas do Administrador Escolar diante das tendências e práticas pedagógicas. In: FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A administração escolar: analisada no processo histórico**. Campinas: Alínea, 2006. p. 73-92.

FRATTARI NETO, Nicola José; CARVALHO, Carlos Henrique. **O Professor Paulo dos Santos: aulas de moral espírita entre a inovação das práticas e o conservadorismo social**. Ituiutaba, Minas Gerais (1960-1973). 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/J3WXEyMY.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 1990. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

GOODSON, Ivor F. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista brasileira de educação**, Maringá, v. 12 n. 35 maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a05v1235.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

_____. **Disciplinas escolares: padrões de estabilidade**. 1988. Disponível em: <<http://www.ivorgoodson.com/files/15%20Disciplinas%20escolares-A%20construcao%20Social-Educa-Goodson.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

HARPER, Babette et al. **Cuidado, escola!:** desigualdade, domesticação e algumas saídas. 35. ed. São Paulo: Editora Brasiliense: São Paulo, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Verificação ou avaliação:** o que pratica a escola?. 1998. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p071-080_c.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2018.

MAGALHÃES, J. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo. (Org.). **História da educação em perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2005. p. 91-103.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MELLO, Guiomar Namó de. **Escola nova, tecnicismo e educação compensatória.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MELO, Demian Bezerra de. Ditadura “Civil-Militar”: controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Espaço plural**, ano XIII, n. 27, p. 39-53, jul./dez. 2012. Disponível em: <[e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8574](http://revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8574)>. Acesso em: 5 set. 2017.

MIRA, Marília Marques; ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Tecnicismo, Neotecnicismo e as práticas pedagógicas no cotidiano escolar.** 2009. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2671_1108.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1994. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F178644%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2F13.%20Curr%C3%94culo%20C%20Cultura%20e%20Sociedade.pdf>. Acesso em 22 dez. 2017.

NORONHA, Maria Izabel Azevedo. Diretrizes de carreira e área 21: história e perspectivas. **Revista retratos da escola**, Brasília/DF, v. 3, n. 5, p. 303-518, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_05_2009.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2015.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico.** 2005. Disponível em: <www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/463PaoloNosella_EsterBuffa.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. **História e memória educacional: o papel do Colégio Santa Tereza no processo escolar de Ituiutaba, Triângulo Mineiro – MG (1939-1942).** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

OLIVEIRA, Rosangela Silva; BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. **A fotografia como fonte de pesquisa em história da educação: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise.** Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

PACHECO, Simone Beatriz Neves. **Colégio São José: gênese e funcionamento da escola dos Estigmatinos em Ituiutaba – MG (1940-1971).** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Educação Brasileira, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13898/1/d.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil.** 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PEREIRA, Eliana Alves et al. A contribuição de Jonh Dewey para a educação. **Revista eletrônica de educação**, São Carlos, v. 3, n. 1, maio 2009. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/38/37>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. **Questões sobre a organização do trabalho na escola.** 1993. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_16_p078-083_c.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2018.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto história**, São Paulo, v. 15, abr. 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Ditadura militar e revolução socialista no Brasil. **Tempos acadêmicos: Revista do curso de História, Criciúma**, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/historia/article/viewFile/213/213>>. Acesso em: 10 set. 2017.

RESENDE, Luciana Araujo Valle de. **As escolas polivalentes do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (MG): sondagem vocacional no projeto desenvolvimentista civil-militar (1965-1976).** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

_____. **Ensino profissionalizante e estado militar:** (Re) articulação por meio dos Polivalentes (Uberlândia, MG, 1971-1980). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

_____. **Reorganização educacional:** as escolas polivalentes como uma das vias para a profissionalização do ensino. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL: O ESTADO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO TEMPO PRESENTE. 5., 2009. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009. Disponível em: <www.simpósioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EC57.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

REVERDITO, Riller Silva et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 37-45, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/1207/3279>>. Acesso em: 9 jan. 2018.

RODRÍGUEZ, Margarita Victória. História e memória: contribuições dos estudos das instituições escolares para a história da educação. **Série estudos:** periódico do Programa de Pós-Graucação em Educação da UCDB, Campo Grande, n. 25, p. 21-29, jan./jun. 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa o currículo?. In: _____ (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Penso Editora, 2013. p. 16-35. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1844439/mod_resource/content/1/Saberes%20e%20Incertezas%20sobre%20o%20Curr%C3%ADculo%20-%20Cap%201.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

_____; PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1754941/mod_resource/content/1/Compreender%20e%20Transformar%20o%20Ensino.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2018.

SANFELICE, José L. A história das instituições escolares: desafios teóricos. **Revista série estudos**, Campo Grande, n. 25, p. 11-17, jan./jun. 2008.

_____. História, instituições escolares e gestores educacionais. **Revista HISTEDBR** online, Campinas, n. especial, p. 20-27, ago. 2006.

_____; JACOMELI, Mara Regina Martins; PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. **História de instituições escolares:** teoria e prática. Bragança Paulista: Margem da Palavra, 2016.

SANTOS, Elisabeth Ângela dos. **Profissão docente:** uma questão de gênero?. 2008. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/.../Elisabeth_Angela_dos_Santos_08.p> Acesso em: 14 abr. 2015.

SATER, Almir; TEIXEIRA, José. **Tocando em frente**. 1992. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/almir-sater/44082/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SETUBAL, Maria Alice; SAMPAIO, Maria das Mercês F.; GROSBaum, Marta Wolak. **Currículo e autonomia da escola**. Disponível em: <http://memoria.cenpec.org.br/uploads/F205_045-05-00003%20currículo%20e%20autonomia%20da%20escola.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória: lembrança e esquecimento – trabalhadores nordestinos no Pontal do triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SILVA, Jóbio Balduino da. **Colégio Comercial Oficial de Ituiutaba: reflexões sobre a história da educação profissional pública no Pontal do Triângulo Mineiro (1965-1979)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://www.bdtu.ufu.br/tde_arquivos/9/TDE-2012-12-21T161338Z-3352/Publico/d.pdf>. Acesso em: 5 maio 2015.

SILVA, Josias Benevides da. Um olhar histórico sobre a gestão escolar. **Educação em revista**, Marília, v. 8, n. 1, p. 21-34, 2007. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/616>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

SILVEIRA, Daiane de Lima Soares. **Migrantes nordestinas e escolarização no pontal mineiro (1950 e 1960): desafios, resistências, embates e conquistas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13954/1/MigrantesNordestinasEscolarizacao.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

SOUZA, Gizele de. Cultura escolar material na história da instrução pública primária no Paraná: anotações de uma trajetória de pesquisa. **Revista brasileira de história da educação**, Maringá, v. 7, n. 14, p. 38-68, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/129>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

SOUZA, Rosa Fátima. Vestígios da cultura material escolar. **Revista brasileira de história da educação**, Maringá, v. 7, n. 14, p. 11-14, maio/ago. 2007.

SOUZA, Sauloéber Tarsio. O universo escolar nas páginas da Imprensa Tijucana (Ituiutaba-MG – anos de 1950 e 1960). **Cadernos de história da educação**, Uberlândia, v. 9, n. 2, 2010.

_____; CASTANHO, Sérgio Eduardo Montes. Instituições escolares e história da educação no Brasil. In: _____; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza (Org.). **Do público ao privado, do confessional ao laico: a história das instituições escolares na Ituiutaba do século XX.** Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p. 23-44.

_____; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. Ensino de história da educação no Brasil: reflexões sobre o perfil de professores e suas metodologias. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de História, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308086761_ARQUIVO_art-saulo-beta-EHE.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

THOMPSON, Paul. **Vozes do passado: história oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em: <https://www.academia.edu/29277730/A_Voz_do_Passado_Hist%C3%B3ria_Oral_Paul_Thompson>. Acesso em: 20 jan. 2018.

_____. História oral e contemporaneidade. **Revista história oral**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 9-21. 2002. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47&path%5B%5D=39>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

VILELA, Cláudia Oliveira Cury. **Escola noturna Machado de Assis: primeira instituição municipal de ensino primário noturno da cidade de Ituiutaba, MG (1941 1960).** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13839>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar. **Cadernos de história da educação**, Uberlândia, n. 3, p. 109-119, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/369/357>>. Acesso em: 2 jan. 2018.

ZOCCOLI, José Benedito. **Mineiríssimo – História de Ituiutaba-Fundação.** 2013. Disponível em: <<http://ituiutaba-mineirissimo.blogspot.com.br/2013/02/historia-de-ituiutaba-fundacao.html>>. Acesso em: 7 maio 2015.

FONTES DOCUMENTAIS/ARQUIVOS

Entrevistas (depoimentos orais)

A. C. N. Ituiutaba, 20 junho 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

C. B. G. A. Polivalente, Ituiutaba, 29 junho 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

C. S. A. Ituiutaba, 20 maio 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

D. C. B. Ituiutaba, 29 junho 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

E. A. S. Ituiutaba, 14 novembro 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

E. P. S. R. Ituiutaba, 10 janeiro 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

E. S. A. Ituiutaba, 28 maio 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

F. J. D. Ituiutaba, 29 abril 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

H. F. S. Ituiutaba, 27 maio 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

I. A. M. S. Ituiutaba, 13 fevereiro 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

J. M. F. Ituiutaba, 5 julho 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

L. B. P. L. Ituiutaba, 5 março 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

M. C. L. Ituiutaba, 2 março 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

M. R. B. N. C. Ituiutaba, 27 junho 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

M. T. M. Ituiutaba, 5 julho 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

R. B. R. C. Ituiutaba, 25 maio 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

S. C. O. R. Ituiutaba, 18 maio 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

S. G. B. Ituiutaba, 29 abril 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

S. H. M. Ituiutaba, 4 dezembro 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

S. N. S. Uberlândia, 3 julho 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

_____. Ituiutaba, 27 janeiro 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

_____. Uberlândia, 3 julho 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

T. M. M. G. Ituiutaba, 11 fevereiro 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

V. C. S. Ituiutaba, 13 fevereiro 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

_____. Ituiutaba, 17 fevereiro 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

_____. Ituiutaba, 24 fevereiro 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

_____. Ituiutaba, 12 dezembro 2017. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

V. M. R. Ituiutaba, 18 maio 2015. Entrevista concedida à Genis Alves Pereira de Lima.

Documentos de arquivo

ÁLBUM de fotografias. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, [entre 1976 e 1980].

BRASIL. Inventário MEC-USAID. **Acervo de Nilton Bittencourt Júnior.** Rio de Janeiro, [1968?].

BRASIL. Lei nº 5.692, de 12 de agosto de 1971. **Acervo de Nilton Bittencourt Júnior.** Brasília, 1971.

ESCOLA ESTADUAL “ANTÔNIO SOUZA MARTINS” POLIVALENTE. Currículo escolar/grade curricular 5ª a 8ª séries do 1º Grau. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, 1984.

LIVRO de ata de resultado final. Ata do resultado final de aproveitamento 1975 a 1979. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, [1980?].

MINAS GERAIS. Decreto nº 16.654, de 15 de outubro de 1974. Cria escolas estaduais de 1º grau. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, 1974.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Manual de mobiliário das escolas polivalentes. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, 1974.

PLANTA baixa arquitetônica. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, [entre 1970 e 1980].

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Livro de termo de abertura: posse e exercício de profissionais. **Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente.** Ituiutaba, 1976.

Notícias do jornal “Cidade de Ituiutaba”

ATIVIDADES preliminares do Polivalente. **Cidade de Ituiutaba**, 25 set. 1974.

CONJUNTO de prédios da “Escola Polivalente” – (concluído). **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 27 e 28 jul. 1974.

CONSTRUÇÃO de 5 prédios escolares. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 19 dez. 1971.

ESCOLA Polivalente abre matrículas. **Cidade de Ituiutaba**, 16 out. 1974.

ESCOLA Polivalente: inauguração no próximo dia 9. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 4 set. 1974.

INAUGURAÇÃO da Escola Polivalente. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 11 ago. 1974.

INAUGURAÇÃO da Escola Polivalente. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 21 ago. 1974.

INAUGURAÇÃO do Polivalente. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 1 ago. 1974.

INSCRIÇÕES. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 21 ago. 1974.

INSCRIÇÕES. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 22 ago. 1974.

INSCRIÇÕES. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 23 ago. 1974.

INSCRIÇÕES. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 24 e 25 ago. 1974.

ITUIUTABA: 74 anos de progresso. **Cidade de Ituiutaba**, 16 set. 1975.

POLIVALENTE de Ituiutaba funcionará em agosto. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 17 jul. 1974.

PROFESSOR tempo integral CR\$ 1.600,00. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 10 jan. 1971.

REIVINDICAÇÕES da prefeitura. **Cidade de Ituiutaba**, Ituiutaba, 1 abr. 1971.

2º GRAU na Escola Polivalente. **Cidade de Ituiutaba**, 23 out. 1980.

**APÊNDICE A – Tabela geral do número de alunos,
aprovação/reprovação/desistentes/transferidos (1975-1981) da Escola Polivalente**

ANO/SÉRIE	ALUNOS TOTAL	PERCENTUAL		NÚMERO DE APROVADOS			NÚMERO DE REPROVADOS			NÚMERO DE DESISTENTES(D) /TRANSFERIDOS (T)	
		H	M	TOTAL	H	M	TOTAL	H	M	H	M
1975- 5ª	714	397	317	430	227	203	234	138	96	1T 31D	18D
1975- 6ª	*	*	*	*	*		*	*		*	*
1975- 7ª	79	29	50	36	10	26	38	17	21	2D	3D
1975- 8ª	*	*	*	*	*		*	*		*	*
1976- 5ª	371	205	166	277	153	124	63	37	26	4T 11D	2T 11D 3RA
1976- 6ª	250	137	113	216	115	101	5	5		3T 14D	1T 11D
1976- 7ª	*	*	*	*	*		*	*		*	*
1976- 8ª	*	*	*	*	*		*	*		*	*
1977- 5ª	246	132	114	165	84	81	66	38	28	5T 5D	2T 2D 1(sem explicação)
1977-6ª	199	102	97	153	76	77	33	20	13	4T 2D	1T 6D
1977- 7ª	*	*	*	*	*		*	*		*	*
1977- 8ª	*	*	*	*	*		*	*		*	*
1978- 5ª	243	122	121	156	77	79	50	29	21	3T 13D	4T 17D
1978- 6ª	197	103	94	152	81	71	25	10	15	5T 7D	4T 4D
1978- 7ª	389	210	179	251	128	123	99	61	38	11T 10D	10T 8D
1978- 8ª	100	47	53	97	47	50	-	-		-	2T 1D
1979- 5ª	243	127	116	163	82	81	52	27	25	3T 15D	5T 5D
1979- 6ª	196	96	100	138	62	76	30	17	13	9T 8D	3T 8D
1979- 7ª	181	96	85	144	75	69	19	10	9	7T 3D 1FALECID	5T 2D
1979- 8ª	129	62	67	115	55	60	1		1	5T 2D	4T 2D
1981- 5ª	116	54	62	69	32	37	40	19	21	3	4

Fonte: Adaptado da “Ata do resultado final de aproveitamento 1975 a 1979”.

(*) Ausência de dados nas fontes pesquisadas.

APÊNDICE B– Notas sobre a vida dos colaboradores entrevistados

O ex-diretor S. N. S. nasceu no ano de 1942 em Ituiutaba-MG. Viveu junto a sua mãe e os três irmãos, já que seu pai veio a falecer quando ele tinha dois anos de idade. Segundo ele, na sua infância nem tanto brincava, mas trabalhava com seus irmãos ajudando sua mãe em casa com plantações de hortaliças. Nos relatou que em Ituiutaba estudou nas Escolas João Pinheiro, Professor Ildefonso Mascarenhas da Silva e Colégio São José; aos 12 anos foi para Rio Claro e posteriormente à Ribeirão Preto estudar em Seminário, onde concluiu o 2º Grau. Segundo ele, após o ano de 1969 dedicou sua formação à Educação, ao Magistério. Assim, após fez o Curso Superior de Filosofia e Teologia em Campinas- São Paulo no Instituto Filosófico e Teológico, fez Pós-Graduação em Filosofia na Universidade de São Paulo- USP. Segundo ele, após concluir a Pós-Graduação, fez especialização em Metodologia Científica em Goiânia, como o Curso de Administração Escolar- PREMEX em Belo Horizonte na Universidade Federal de Minas Gerais e posteriormente Mestrado em Filosofia da Educação na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Conforme relatou possui formação nas línguas italiana, inglesa, francesa, grega e latim. Casou-se e tem 6 filhos, dentre os quais possuem as seguintes formações no momento: Agrônomo, Decoradora, Pedagoga, Contabilista. Atuou no Polivalente de 1974 até se aposentar no ano de 1988.

O ex-professor V. C. nasceu no ano de 1953 na cidade de Santa Vitória - MG, onde viveu sua infância no sítio de propriedade da família, junto aos pais e aos seus 10 irmãos. Ao falar sobre seu percurso formativo, relatou que iniciou seus estudos no Grupo Escolar São José em Santa Vitória, concluindo nesta cidade até a 8ª série, após concluiu o 2º Grau na Escola Técnica Federal na cidade de Uberlândia, especializando em Técnicas Agrícolas. Posteriormente fez o Curso Superior de Curta Duração na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, nomeado “Curso de Artes Práticas”, no qual concluiu Licenciatura em Técnicas Agrícolas, sendo este o Curso de Formação de Professores promovido pela SEE, MEC e PREMEX; esse Curso de acordo com o ex-professor visou formar profissionais para atuarem nas Escolas Polivalentes. Posteriormente graduou-se nas áreas de Ciências e Biologia. Antes de iniciar seu trabalho em Ituiutaba, o ex-professor relatou que lecionou nas Escolas Polivalentes das cidades de Caxambu, no Sul de Minas e Frutal, posteriormente veio para o município de Ituiutaba, onde exerceu sua profissão docente na Escola Polivalente até se aposentar, no período de 1977 até 2007. Casou-se e teve um filho, o qual está no momento em formação no Curso de Mestrado em outro país.

O ex-professor H. F. nasceu no ano de 1941 na cidade de Ituiutaba – MG, sendo que a sua família residia na zona rural, onde passou a sua infância junto aos pais e aos quatro irmãos - no entanto, ele perdeu dois, estando no presente momento em um número total de três irmãos. Estudou em uma Escola Rural concluindo nesta até a 2ª série, após mudou-se para a cidade de Ituiutaba para estudar no Instituto Marden onde concluiu a 3ª e 4ª séries. Posteriormente mudou-se com os irmãos para a cidade de Araguari para estudarem em admissão internos no Colégio “Regina Pacis” (Rainha da Paz), no qual estudou cinco anos, voltando a Ituiutaba para fazer o Tiro de Guerra e estudar. Em 1960 os pais mudaram para a cidade e passou a morar com eles. Em 1961 começou a trabalhar no Banco Mineiro da Produção e após passou a trabalhar no Banco de Crédito Real, quando também estudava a noite fazendo o Curso de Contabilidade no Instituto Marden. Quando terminou o Curso de Contabilidade em 1970 iniciou a Faculdade de História na Faculdade do Triângulo Mineiro – FTM e continuou a trabalhar no Banco. Ao referir-se sobre sua carreira como docente, relatou que começou a lecionar no Colégio São José, onde trabalhou por aproximadamente três anos. Após, no ano de 1974 começou a trabalhar como Professor na Escola Polivalente, exercendo deste modo suas atividades nesta escola até o ano de 1993. Conforme relatou H. F. (2015) quanto a sua contratação profissional no Polivalente, segundo ele, ocorreu através de vestibular, mediante a graduação obtida pelo Curso Superior de Formação de Professores realizado na UFMG, no qual sua área de formação foi em Práticas Comerciais. Casou-se e seus filhos tiveram as seguintes formações profissionais: Médico, Advogado e Bióloga.

O ex-professor D. C. nasceu no ano de 1945 em Ituiutaba, sua família na época residia na área rural. Tem três irmãos, sendo o mais novo destes. Viveu com seus pais e os irmãos na fazenda até os 10 anos de idade, quando se mudou para a cidade de Ituiutaba para estudar. Assim, iniciou seus estudos em regime interno no Instituto Marden, no qual concluiu o 1º Grau – 1ª a 8ª séries, após fez o 2º Grau na Escola Estadual “Governador Israel Pinheiro” – o Estadual. Em seu depoimento ele relatou que durante sua trajetória escolar sempre teve o apoio da família e, após ter concluído o 2º Grau, fez dois anos de cursinho no Colégio Objetivo na cidade de São Paulo. Ao seu retorno a Ituiutaba, ele fez Faculdade de Filosofia e posteriormente o Curso de Curta Duração em Belo Horizonte, o qual foi promovido para a Formação de Professores dos Colégios Polivalentes, na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido Ciências a sua área de formação neste curso. Segundo o ex-professor, alguns anos mais tarde, ao ter início o 2º Grau no Polivalente, ele fez também o Curso de Química em Guaxupé, no Sul de Minas, em Universidade Privada. Desse modo, D. C. (2015) relatou que começou a exercer sua

atividade profissional trabalhando no comércio da cidade. Ao falar sobre sua carreira docente, ele relatou que iniciou esta por volta dos 25 anos de idade, ministrando aulas no Instituto Marden, Escola Israel Pinheiro, Colégio Santa Tereza e SESI. Casou-se e têm três filhas, a mais velha é formada em Ciências da Computação e Inglês e reside no Canadá, a do meio é formada em Física e a mais nova é Nutricionista.

O ex-professor J. M. nasceu no ano de 1947 em Santa Vitória-MG, a família residiu em Goiás e posteriormente vieram para Ituiutaba, tem cinco irmãos, destes é o mais novo, no entanto perdeu dois. Relatou que iniciou seu processo de alfabetização aos 10 anos, quando teve essa oportunidade, assim, deixando a família foi estudar no Colégio interno de Padres em Goiás; após estudar um ano e meio neste Colégio retornou para junto de sua família na cidade de Ituiutaba, mas por pouco tempo, pois foi para o Seminário na cidade de Ribeirão Preto, onde estudou durante oito anos. Após concluir os estudos no Seminário, fez o vestibular e iniciou o Curso de Ciências Sociais na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras em Rio Claro. Lá conheceu sua futura esposa M. T., a qual também fez o mesmo curso na referida faculdade e foi também uma das professoras aqui entrevistadas, uma vez que atuou na Escola Polivalente. Posteriormente à conclusão do curso em 1975 o casal de ex-professores veio para Ituiutaba, onde iniciaram o trabalho no Magistério, após seis meses casaram-se, e continuam residindo nesta cidade. Desse modo, J. M e M. T tem em comum o processo de início do trabalho na Escola Polivalente, em 1981 mediante concurso público do Estado. O ex-professor ainda em Ituiutaba fez o Curso de Pedagogia e de Extensão na área da Educação Na área da Educação atuou também na Faculdade do Triângulo Mineiro (FEIT) e na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) como professor de Filosofia e Sociologia, em demais escolas estaduais atuou na gestão como vice-diretor e diretor. Desse modo, o professor nos relatou que atuou na Educação durante 30 anos, 26 anos no cargo de docente e quatro anos como diretor de uma Escola Estadual, aposentando-se na Escola Polivalente. Tem três filhos que já concluíram graduação. Aposentado, dedica-se a leitura e já tem um livro publicado.

A ex-professora M. T. nasceu no ano de 1952, é natural de Rio Claro- SP, mudou-se para Ituiutaba após ter concluído a graduação no Curso de Ciências Sociais na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras em Rio Claro, pelo motivo de seu matrimônio, já que a família de seu noivo residia nesta cidade. Tem três filhos, o mais velho está no Curso de Mestrado na área de Informática e atua na Universidade Federal de Uberlândia (FACIP), o do meio é Advogado e o mais novo atua no Instituto Federal do Triângulo Mineiro de Uberaba.

A ex-professora S. H. nasceu no ano de 1953 em Ituiutaba-MG, tem oito irmãos, três mulheres e cinco homens, dos nove irmãos é a mais nova. Ao falar sobre sua formação inicial relatou que frequentou a Escola Rural e posteriormente estudou no Colégio Marden em Ituiutaba. Após o preparo para o vestibular ingressou no ensino superior no Curso de Ciências - Licenciatura Curta e Plena em Biologia e Matemática, sendo esta a 1ª turma do Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba – ISEPI em 1975. A ex-professora assim iniciou suas atividades profissionais trabalhando de vendedora em uma livraria da cidade e sua carreira docente com 22 anos de idade na Escola Estadual Governador Clóvis Salgado. Atuou na Escola Polivalente por 32 anos, do ano de 1978 até 2010 quando se aposentou, contudo foram 33 anos em exercício no Estado. S. H. (2017) comentou que ainda possui contato com vários ex-alunos da Escola Polivalente, como tem o conhecimento de ex-alunos que atuam na área de Veterinária, Educação, Medicina, Engenharia dentre outras, segundo ela, a maioria dos alunos que iniciavam na 5ª série terminavam a 8ª na escola. Não constitui família. Atualmente é aposentada.

A ex-professora M. C. nasceu no ano de 1952 na cidade de Ituiutaba- MG, onde viveu sua infância junto aos pais e seus 10 irmãos, já que perdeu três quando crianças, totalizando deste modo 14 irmãos, assim ela relatou que brincava e ajudava a cuidar dos irmãos mais novos. Estudou no Colégio Santa Tereza até a 4ª série, o qual se localizava bem próximo à sua casa, indo morar posteriormente na cidade de “São Sebastião do Paraíso”, estudar interna em um Colégio de Freiras, concluindo neste, parte da 8ª série, quando o internato fechou, regressando deste modo a Ituiutaba e voltando a estudar no Colégio Santa Tereza, onde fez o Curso Normal. Após, foi para Uberlândia fazer Faculdade de Artes - Curso de Desenho e Artes. Posteriormente retornou a Ituiutaba e graduou-se em Complementação Pedagógica, Pós-Graduação em Supervisão, Inspeção, Gestão Escolar e Orientação. Atuou no Polivalente de 1983 até o ano de 1985 quando saiu e tirou o LIP – Licença para Tratar de Interesses Particulares - para ir para fora do país. Casou-se e não teve filhos.

A ex-professora M. R. nasceu no ano de 1959 em Ituiutaba-MG, dos cinco irmãos é a mais velha. Coursou o ensino de 1ª a 4ª série na Escola Estadual “Senador Camilo Chaves”, após, mediante o esforço do pai para pagar a o ensino particular foi estudar no Colégio Santa Tereza, onde conclui o Curso de Magistério e, logo ao final deste prestou vestibular e adentrou a Faculdade do município no Curso de Letras. Iniciou sua carreira docente com 17 anos de idade, segundo ela, foi presidente do Centro Cívico do Colégio Santa Tereza na época de seus estudos nesta instituição. Segundo ela, dedicou-se completamente aos estudos e os pais sempre restringiram a cobrar apenas o seu tempo a essa dedicação. Desse modo, antes mesmo de terminar o Curso de Magistério no

Colégio Santa Tereza, foi lhe oferecida pela diretora a vaga para ministrar uma sala de aula neste Colégio, o que segundo ela, foi marcante em sua vida, já que amava o estágio docente que estava realizando na instituição. Posteriormente, em decorrência de ter ido atuar na Secretária Regional de Ensino deixou a escola, o que segundo ela, causou-lhe arrependimento já que o que gostava mesmo era de ministrar aulas, no entanto, algum tempo depois deixou o cargo na Secretária e retornou ao exercício do Magistério, contudo, em uma outra escola estadual, retornando ao Polivalente quando lhe surgiu oportunidade e assim atuou nesta até se aposentar. Atualmente aposentada, atuou na área da Educação por 33 anos, é proprietária de uma Empresa de Treinamento Empresarial, na qual é palestrante sobre relações no Desenvolvimento Humano. É casada e tem três filhos.

O ex-aluno E. A. S. nasceu no ano de 1966, é natural de Ituiutaba-MG, dos cinco irmãos é o segundo mais velho. Reside em Uberlândia e trabalha no município de Ituiutaba-MG. Fez graduação em Biologia e em Física, Pós-graduação em Física em Ouro Preto-MG, Mestrado na linha de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e atualmente encontra-se no curso de Doutorado na mesma linha de pesquisa na referida universidade. Atua como professor de Física no Curso Técnico do Ensino Médio no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) do município. É casado e tem um casal de filhos, o filho é graduado em Administração e está residindo em Portugal, a filha fez Design Gráfico e atualmente faz Artes na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O ex-aluno A. C. N. nasceu no ano de 1967, é natural de Ituiutaba-MG, dos quatro irmãos homens e uma mulher é o do meio, sempre residiu com sua família no município. Tem graduação em Administração. É proprietário de marcenaria no município e Marceneiro há mais de 30 anos. É casado e tem um filho, o qual está finalizando a faculdade de Engenharia Elétrica.

A ex-aluna T. M. M. G. nasceu no ano de 1967, é natural de Ituiutaba, tem três irmãos homens e é a mais nova dos quatro e sempre residiu no município. A ex-aluna concluiu o 1º Grau na Escola Polivalente e não deu continuidade aos estudos até o momento. Trabalha como manicure. É casada, tem dois filhos, terminaram o Ensino Médio e até o momento fizeram Curso Técnico e trabalham em empresas do município.

A ex-aluna I. A. M. S. nasceu no ano de 1966, é natural de Campina Verde-MG, dos quatro irmãos é a mais velha, filha de lavradores, viveu na zona rural até 1978 quando veio para o município de Ituiutaba estudar. Possui Graduação em Pedagogia e em Geografia. Atualmente atua como Pedagoga no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) no Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio no município de Ituiutaba, fez o Curso de Mestrado em Portugal, referente a um projeto Brasil-Portugal na área de Gestão das Organizações Educativas. É casada e tem um casal de filhos, a filha estuda no IFTM no Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio e o filho está no 9º ano do Ensino Fundamental.

A ex-aluna S. C. O. R. nasceu no ano de 1965, é natural de Ituiutaba-MG, dos sete irmãos é a do meio, sempre viveu com a família no município. A ex-aluna não concluiu o ensino de 1º Grau até o momento. É artesã no município de Ituiutaba. Casou-se e tem duas filhas, ambas formadas em Fisioterapia e Odontologia.

A ex-aluna E. P. S. R. é natural de Ituiutaba-MG, a terceira dos seis irmãos. Tem graduação na área de Assistência Social e de Pedagogia, como também proprietária de Salão de Beleza e possui Curso em Pós-Graduação em Educação. É casada e tem uma filha, a qual está em formação cursando Medicina.

A ex-aluna L. B. P. L. é natural de Ituiutaba, dos cinco irmãos é a segunda mais velha, nasceu no ano de 1968 e sempre residiu no município. Concluiu o ensino de 2º Grau. Profissionalmente atua na área comercial do município como proprietária de uma “Boutique”. É casada e têm três filhos, dois estão cursando Faculdade de Direito e a filha está se preparando para adentrar a faculdade.

A ex-aluna V. M. R. é natural de Ituiutaba-MG, dos sete irmãos é a segunda filha, nasceu no ano de 1964 e sempre residiu no município junto a sua família. É Doutora em Educação e Professora na Universidade Federal de Uberlândia - UFU Campus do Pontal. Não tem filhos.

A ex-aluna R. B. R. C. nasceu no ano de 1966, é natural de Ituiutaba-MG, sempre residiu no município. Os pais, fazendeiros, durante a semana permaneciam na fazenda da família e nos finais de semana vinham para a cidade e assim ficavam juntos nesses dias. A ex-aluna é formada em Ciências Biológicas, com especialização em Gestão e Auditoria Ambiental e Mestre em Microbiologia Agropecuária. Atua como Professora da Educação Básica da rede municipal e Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). É casada e teve três filhos, no entanto perdeu uma filha; o filho mais velho se encontra fazendo Residência Médica no Estado de São Paulo e o mais novo cursando o 9º ano do ensino fundamental.

A ex-aluna E. A. S. A. é natural de Ituiutaba-MG, nasceu no ano de 1968, sendo a quarta dos cinco irmãos e sempre residiu no município de Ituiutaba junto a sua família. A ex-aluna é Graduada em Matemática e atua como Professora na rede estadual do município e como Professora de Música em cidade próxima ao município. É casada e tem dois filhos, a filha estudante no Ensino Médio e o filho estudante no Ensino Fundamental.

A ex-funcionária C. S. nasceu no ano de 1950 na cidade de Canápolis – MG; após a família mudou-se para Centralina, cidade onde morou com seus pais e os sete irmãos, sendo a mais velha dos oito filhos. A senhora C. S. relatou que ao iniciar sua atividade profissional na Escola Polivalente a sua adaptação foi tranquila porque era um ambiente muito bom, de acordo com ela o desenvolvimento do seu trabalho era dinâmico. Conforme nos relatou possui formação no Ensino Médio. Começou a trabalhar na Escola Polivalente no ano de 1980, onde exerceu a função por 27 anos até se aposentar. É casada e têm quatro (4) filhas, a mais velha é formada em Letras e duas estão estudando.

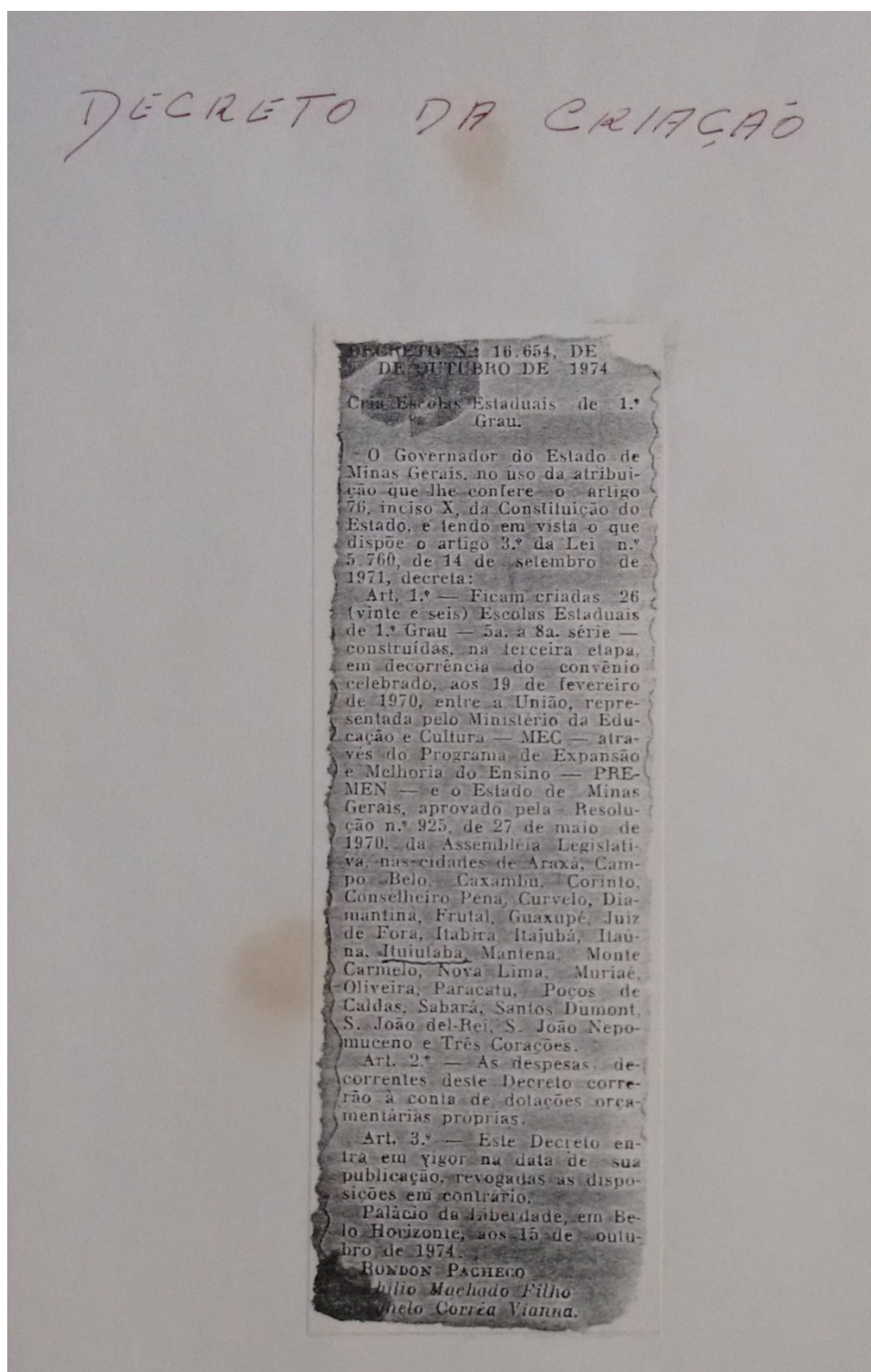
A ex-supervisora C. B. G. A. nasceu em Ituiutaba-MG no ano de 1944, viveu junto aos pais e aos 15 irmãos. A formação de 1ª a 4ª série concluiu na Escola Estadual “Ildefonso Mascarenhas da Silva”, posteriormente fez a 5ª série no Instituto Marden e após concluiu até o Magistério no Colégio Santa Tereza. É graduada em Pedagogia e Inspeção Escolar. Casou-se e tem três filhos, atualmente é aposentada.

A ex-secretária S.G. nasceu no ano de 1951 em Santa Vitória-MG, viveu sua infância junto aos pais e seus quatro irmãos, residiu na área rural até os nove anos de idade. Após mudou-se para Ituiutaba, onde concluiu o 1º e 2º Graus. Graduou-se em Pedagogia. Não casou-se e não tem filhos. Atualmente é aposentada e presta serviço a uma Instituição Comunitária.

O ex-prefeito F. J. D. nasceu no ano de 1929, natural do município de Ituiutaba estudou no Grupo Escolar João Pinheiro onde cursou até a 4ª série, após estudou no Instituto Marden e concluiu o Ginásio em Uberlândia no Instituto Mineiro. Posteriormente mudou-se para a cidade de São Paulo e fez o Científico no Colégio Anglo-Latino, após prestar o vestibular fez o Curso de Arquitetura na Universidade Mackenzie. Trabalhou como arquiteto por mais de dois anos em São Paulo e após retornou a Ituiutaba, onde pouco depois iniciou sua política. Esteve a frente da administração pública no período de 1973-1976.

Fonte: Relato dos entrevistados, 2015- 2017.

ANEXO A – Decreto nº 16.654, de outubro de 1974, de criação da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Antônio Souza Martins” Polivalente, 1974.

ANEXO B – Roteiro de Entrevista- ex-professores

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
EX-PROFESSORES (AS) DA ESCOLA ESTADUAL “ANTÔNIO SOUZA MARTINS”
– POLIVALENTE – ITUIUTABA-MG
ORIENTADOR: Dr. SAULOÉBER TÁRSIO DE SOUZA
MESTRANDA: GENIS ALVES PEREIRA DE LIMA

PERÍODO COMPREENDIDO PELA PESQUISA: 1974 a 1983

1.) DADOS PESSOAIS

- a) Qual seu nome completo, sua data de nascimento? Naturalidade?
- b) Viveu sua infância junto com sua família? Têm irmãos, quantos?
- c) Como foi sua infância? (brincava, trabalhava, cuidava dos irmãos etc.)
- d) Havia alguma escola perto da sua casa? Você frequentou quais escolas?
- e) Houve alguma professora ou professor que marcou a sua vida e lhe inspirou, por quê?
- f) Como foi sua trajetória até chegar a formação acadêmica? Teve apoio da família? Ocorreu algum obstáculo? (ex: casamento, filhos etc.)
- g) Onde morou? Onde trabalhou? Com quantos anos começou a trabalhar? Que atividade desenvolvia?
- h) Com que idade começou a lecionar?
- i) Constituiu família? Com que idade casou? Teve filhos? Eles estudaram ou estudam?

2. QUESTÕES ESPECÍFICAS

- a) Quando começou a lecionar na Escola Polivalente você encontrou alguma dificuldade naquele contexto escolar?
- b) Como era o processo de seleção de professores na escola? Qual era a formação exigida para trabalhar na escola?
- c) Qual o perfil dos alunos que estudavam no Polivalente na época de sua atuação? Geralmente eram moradores da região urbana ou rural? Lembra-se de alunos migrantes de outras regiões?
- d) Havia muita demanda, falta de vagas?
- e) E quanto ao desempenho dos alunos, havia permanência contínua dos mesmos?

- f) E casos de evasão e reprovação, eram comuns? Quais os maiores motivos, das transferências, abandono e reprovações?
- g) Como era a atuação da gestão na sua escola?
- h) Qual era a relação com os colegas de trabalho e a gestão?
- i) Lembra-se das disciplinas que compunham o currículo do Polivalente na neste período? Quais eram os cursos vinculados ao ensino profissionalizante?
- j) Qual (is) era a sua área de atuação? Como era sua jornada de trabalho semanal? Atuava apenas em um período ou mais? Quais?
- k) Tem contato com algum ex-aluno ainda? Sabe de alguém que tenha cadernos, documentos ou fotos desse período?
- l) Tem notícias se algum aluno deu sequência aos estudos?
- m) E mantém ainda contatos com ex-colegas de trabalho?
- n) Havia merenda na escola? E outros serviços como médico, dentista etc.?
- o) Havia muitas confraternizações, desfiles e outros eventos que a escola participava?
- p) Qual era a situação física do Polivalente quanto a sua estrutura naquela época? A escola contava com quadra, banheiros, sala de professores, sala de artes, laboratório? Havia alguma dificuldade com a estrutura física? Qual (is)?
- q) Quanto a inspeção escolar estadual, havia a presença desta na escola? Você sabe sobre como o estado apoiava a escola?
- r) Qual era a relação da escola com a comunidade? Os pais eram presentes, participavam nas reuniões?
- s) E os funcionários, serventes, merendeiras, lembra-se de algum que se destacava na escola?
- t) Como era a rotina da sala de aula? De qual disciplina você mais gostava de lecionar?
- u) Lembra do número de alunos que havia por sala?
- v) Quanto tempo atuou na Escola Polivalente?

3. CONTEXTO DA ÉPOCA

- a) Lembra-se dos presidentes da época entre 1964 a 1985? Do prefeito da cidade e do Governador do Estado?
- b) Você acha que a política da época influenciava na escola? De que maneira?
- c) Lembra-se de algum acontecimento na política da época que interferiu na educação?
- d) Neste período de 1964 a 1985 representou um dos momentos de repressão política, isso afetou sua escola? Se sim, de que forma?

e) Gostaria de acrescentar algo que considera importante na sua vida em relação ao tempo que trabalhou na docência nesta escola?

ANEXO C – Roteiro de Entrevista- ex-alunos (as)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
EX-ALUNOS (AS) DA ESCOLA ESTADUAL “ANTÔNIO SOUZA MARTINS” –
POLIVALENTE – ITUIUTABA-MG
ORIENTADOR: Dr. SAULOÉBER TÁRSIO DE SOUZA
MESTRANDA: GENIS ALVES PEREIRA DE LIMA

PERÍODO COMPREENDIDO PELA PESQUISA: 1974 a 1983

INFÂNCIA

1. Qual o seu nome completo, sua data de nascimento? Naturalidade?
2. Sua família é de Ituiutaba ou de outra região? Onde nasceu?
3. Como foi sua infância? Onde morou neste período?
4. Como era sua família? Quantos irmãos? Você é a (o) mais nova (o) ou a (o) mais velho dos irmãos?
5. Na sua casa morava apenas você e sua família? (parente, amigos)
6. Como eram seus pais? (rígidos, amorosos, etc.)
7. Na sua infância você apenas brincava ou teve que desenvolver alguma atividade remunerada para contribuir com o sustento da família? Se desenvolveu, qual atividade?

ADOLESCÊNCIA

8. Em qual série você começou a estudar na Escola Polivalente? Se lembra que ano (data)?
9. Qual o período que você estudava? Matutino ou Vespertino?
10. Quanto tempo você estudou na Escola Polivalente? Quais séries você concluiu nesta escola?
11. No período de sua formação no Polivalente, participou dos cursos profissionalizantes que integravam o ensino regular? Lembra-se de qual (is)?
12. Lembra-se das disciplinas estudadas (ensino regular) que faziam parte do estudo técnico profissionalizante? Qual (is)?

13. Como eram essas aulas (curso profissionalizante)? Havia salas específicas ou era mesmo na sala de aula comum?
14. Possui algum caderno, documento ou objeto desse período?
15. Como você considera que era a prática dos professores ao ministrarem as aulas? Eles cobravam muito dos alunos?
16. Houve algum (a) professor (a) do Polivalente que deixou marcas em sua vida? Por quê?
17. E a relação com os colegas, como era? Ainda possui contatos com algum deles?
18. Qual era a disciplina de que mais gostava de estudar? Por quê?
19. Qual sua opinião do ensino propiciado no Polivalente na época de seu processo de formação naquela escola?
20. Como eram as avaliações? Provas, trabalhos em grupos?
21. Teve alguma reprovação durante o tempo em que estudou no Polivalente?
22. Lembra-se de como era a aula de Educação Física? Quais atividades o (a) professor (a) costumava propor nessa aula? Você participativa?
23. Qual a sua consideração do ensino técnico profissionalizante oferecido no Polivalente referente à aprendizagem constituída?
24. Durante o tempo em que estudava no Polivalente você trabalhou fora? Se sim, em qual atividade?
25. Você acha que esse o ensino profissionalizante deveria ter permanecido junto ao ensino regular nessa escola? Comente.
26. Considera que o Polivalente no contexto deste período, procurou oferecer um ensino de qualidade?

ADULTO

27. Na sua vida adulta continuou morando em Ituiutaba? Qual a sua escolaridade? Em que profissão atuou e atua?
28. É casada (o)? Qual é a idade que se casou? Tem filhos? Quantos? Eles estudam?
29. Você incentiva os seus filhos a continuarem os estudos? Por quê?
30. Considera que foi uma escola importante na época em que vivenciou uma parte da sua vida escolar junto às pessoas que ali conviveu?